U.PORTO

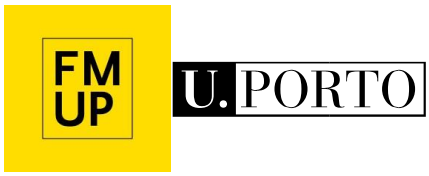
MESTRADO EM CIÊNCIAS FORENSES
ESPECIALIZAÇÃO EM PSIQUIATRIA E PSICOLOGIA FORENSES

Proposta de diretrizes para a reabilitação de jovens em acolhimento residencial com comportamentos desviantes

Jéssica de Pais Cardoso

M

2024



ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA DIANA RIBEIRO DA SILVA
COORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA TERESA MARIA SALGADO DE MAGALHÃES

JÉSSICA DE PAIS CARDOSO
DISSERTAÇÃO DE CANDIDATURA AO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS FORENSES
APRESENTADA À FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

PORTO, JULHO 2024

FACULDADE DE **MEDICINA**

Agradecimentos

Depois de alguns anos a trabalhar no acolhimento residencial com crianças e jovens do sexo masculino e feminino, deparei-me com uma problemática cada vez mais acentuada: os comportamentos desviantes.

Tinha o sonho de frequentar o Mestrado em Ciências Forenses na Faculdade de Medicina do Porto e após conseguir uma vaga pensei juntar o útil ao agradável desenvolvendo um estudo sobre os comportamentos desviantes no acolhimento residencial, visto que é uma área pouco estudada e consequentemente, contribuir para esta problemática.

Ao longo desta minha decisão e percurso, muitas pessoas apoiaram-me e contribuíram todas à sua maneira para que este estudo fosse realizado.

Agradeço à *Espiritualidade* por sempre ter-me protegido, guiado e orientado, principalmente depois do acidente de trabalho grave que tive e que felizmente consegui superar.

Agradeço à minha *Mãe* por sempre ter estado ao meu lado e acreditar em mim.

Agradeço à *Doutora Diana Ribeiro da Silva* e à *Doutora Teresa Maria Salgado de Magalhães* por todas as correções e orientações, sempre demonstraram extrema disponibilidade e comprometimento, denotando grande profissionalismo, sabedoria e experiência profissional. Sem dúvida, as melhores orientadoras que poderia ter tido!

Agradeço ao *Doutor Jorge Negreiros* pela sua disponibilidade e bondade em me ter oferecido um livro da sua autoria, que tanto me ajudou a desenvolver este estudo.

Agradeço a todas as *Casas de Acolhimento, Profissionais e Jovens* que aceitaram participar neste estudo e que sempre evidenciaram imensa disponibilidade, honestidade e sinceridade. Tenho plena consciência que sem os vossos preciosos contributos este trabalho seria completamente impossível!

Resumo

A elevada prevalência de comportamentos desviantes e de perturbações mentais dos jovens nas instituições dos sistemas de proteção são internacionalmente reconhecidas. Os jovens que vivem no acolhimento residencial têm uma maior prevalência de perturbações mentais se comparados com a população que vive em contextos normativos de vida, verificando-se, igualmente, elevados problemas de comportamento e emocionais. Os problemas comportamentais e emocionais advêm maioritariamente de experiências adversas e traumáticas que marcaram os seus percursos de vida, incluindo o *stress* induzido pela própria condição de acolhimento residencial. Dados oficiais mostram que a delinquência juvenil tem vindo a aumentar em Portugal, com uma elevada expressão no acolhimento residencial. A delinquência juvenil está sobretudo associada a quadros psicopatológicos externalizantes, os quais podem mesmo conduzir ao próprio acolhimento, com implicações no clima das instituições, nas relações interpessoais e em todos os contextos de vida dos jovens. Apesar de a literatura científica sugerir algumas estratégias de intervenção, terapias, modelos, programas e estudos de sucesso que poderão oferecer pistas para colmatar esta problemática, não existem estudos que sistematizem uma proposta de diretrizes para a reabilitação de jovens em acolhimento residencial com comportamentos desviantes. Adicionalmente, importa que esta proposta incorpore as visões, vivências, problemas e necessidades dos próprios jovens e profissionais do acolhimento residencial. Para colmatar estas lacunas, este estudo, com um desenho qualitativo, contou com a participação de casas de acolhimento da área metropolitana do Porto (*n*=5). Em concreto, foram entrevistados, com recurso a entrevistas semiestruturadas, jovens do sexo masculino e feminino *(n*=20; 40% feminino e 60% masculino), assim como profissionais da equipa educativa e da equipa técnica (*n*=20; 50% equipa educativa e 50% equipa técnica), com o intuito de dar voz e escutar as visões e vivências dos atores sociais envolvidos nesta problemática. Sintetizou-se: os motivos que levam os jovens a ter comportamentos desviantes; os problemas e as necessidades dos jovens; os problemas e as necessidades que os profissionais sentem ao trabalhar com

jovens com comportamentos desviantes no acolhimento residencial e, ainda, as principais estratégias de intervenção que os profissionais utilizam no terreno e que, na sua visão e na visão dos jovens, trazem resultados positivos na diminuição dos comportamentos desviantes. Por fim, elencou-se um conjunto de estratégias de intervenção psicossociais e educativas que podem ajudar a diminuir os comportamentos desviantes destes jovens e que podem, futuramente, ser implementadas ou adaptadas por parte dos profissionais do acolhimento residencial. É fundamental que os profissionais do acolhimento residencial tenham ao seu dispor estratégias de atuação que mitiguem a escalada para a delinquência e criminalidade. Pretende-se que a proposta de diretrizes apresentada neste estudo possa ser implementada ou adaptada por parte das casas de acolhimento, servindo como guia orientadora de intervenção dos profissionais do acolhimento residencial, revelando-se um suporte às suas práticas no quotidiano. Tenciona-se ainda que este estudo possa ajudar a diminuir os comportamentos desviantes dos jovens, aumentando assim a sua qualidade de vida e bem-estar, não apenas a curto-médio prazo, mas, sobretudo, ao longo do seu processo de autonomia.

Palavras-chave: Acolhimento residencial; Jovens com comportamentos desviantes; Reabilitação; Problemas e necessidades; Estratégias de intervenção psicossociais e educativas.

Abstract

The high prevalence of deviant behavior and mental disorders among youth placed at residential care facilities is internationally recognized. Youth living in residential care facilities have a higher prevalence of mental disorders compared to the population living in normative life contexts, in addition to high behavioral and emotional problems. Behavioral and emotional problems stem mostly from adverse and traumatic experiences that marked their life paths, including the stress induced by the placement at residential care facilities. Official data show that juvenile delinquency has been increasing in Portugal, with a high expression in residential care. Juvenile delinquency is mainly associated with externalizing psychopathological disorders, which can even lead to residential care placement, with implications for the climate of institutions, interpersonal relationships, and all live contexts of youth. Although the scientific literature suggests some intervention strategies, therapies, models, programs and successful studies that may offer clues to overcome this problem, there are no studies that systematize a proposal for guidelines for the rehabilitation of young people in residential care with deviant behavior. Additionally, it is important that this proposal incorporates the views, experiences, problems and needs of young people and residential care professionals themselves. To fill these gaps, this study, with a qualitative design, had the participation of residential care facilities in the metropolitan area of Oporto (n=5). Specifically, young men and women (n=20; 40% female and 60% male) were interviewed, using semi-structured interviews, as well as professionals from the educational team and technical team (n=20; 50% team educational and 50% technical team), with the aim of giving voice and listening to the views and experiences of the social actors involved in this issue. It was summarized: the reasons that lead young people to behave deviantly; the problems and needs of young people; the problems and needs that professionals feel when working with young people with deviant behavior in residential care and, also, the main intervention strategies that professionals use in the field and which, in their view and in the view of young people, bring positive results in reduction of deviant behaviors. Finally, a set of psychosocial and educational intervention strategies were listed that can help reduce the deviant behaviors of these young people and

that can, in the future, be implemented or adapted by residential care professionals. It is essential that residential care professionals have strategies at their disposal to mitigate the escalation of delinquency and criminality. It is intended that the proposal for guidelines presented in this study can be implemented or adapted by residential care facilities, serving as a guiding for the intervention of residential care professionals, proving support to their practices in everyday life. It is also intended that this study may help to reduce the deviant behavior of youth, thus increasing their quality of life and well-being, not only in the short-medium term, but above all throughout their process of autonomy.

Keywords: Residential care; Young people with deviant behavior; Rehabilitation; Problems and needs; Psychosocial and educational intervention strategies.

Índice

Introdução 1
CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO 3
1- O acolhimento residencial e os comportamentos desviantes 3
2- Prevenção da delinquência juvenil 10
3 - Intervenções cognitivocomportamentais na delinquência juvenil 13
3.1- Anger Coping Program 13
3.2- Aggression Replacement Training (ART) 15
3.3 - PSYCHOPATHY.COMP 16
3.4- CMT- Care Homes 17
4- Intervenções familiares e multissistémicas na delinquência juvenil 19
4.1- Programa Os Anos Incríveis 20
4.2- Strengthening Families Program 22
4.3- Terapia Multissistémica 23
CAPÍTULO II- ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO . 26
5- Meta 26
5.1- Objetivo geral 26
5.2- Objetivos específicos 26
5.3- Participantes 27
5.4- Instrumentos de avaliação 27
5.5- Procedimentos 28
5.6- Análise de dados 29
CAPÍTULO III- RESULTADOS 30
6- Motivos que levam os jovens em acolhimento residencial a ter comportamentos desviantes na visão dos próprios jovens e profissionais ... 30

7- Problemas e necessidades no acolhimento residencial que os jovens consideram que interferem negativamente no seu comportamento 37

8- Problemas e necessidades que os profissionais sentem ao trabalhar com jovens com comportamentos desviantes no acolhimento residencial..... 42

9- Estratégias psicossociais e educativas que ajudam na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens em acolhimento residencial na visão dos próprios jovens e profissionais 46

CAPÍTULO IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS 72

10- Discussão 72

11- Conclusão 77

Bibliografia..... 79

Anexos 91

Anexo A - Transcrições das entrevistas gravadas em áudio aos Jovens..... 91

Anexo B - Transcrições das entrevistas gravadas em áudio aos Profissionais 376

Índice de Quadros

Quadro 1. Motivos que levam os jovens em acolhimento residencial a ter comportamentos desviantes na visão dos próprios jovens e profissionais 30

Quadro 2. Problemas e necessidades no acolhimento residencial que os jovens consideram que interferem negativamente no seu comportamento 37

Quadro 3. Problemas e necessidades que os profissionais sentem ao trabalhar com jovens com comportamentos desviantes no acolhimento residencial 42

Quadro 4. As estratégias psicossociais e educativas estão agrupadas em 3 Secções: Secção A- Foco nos Profissionais; Secção B- Foco nos Jovens; Secção C- Foco nas Famílias 46

Quadro 5. Secção A- Foco nos Profissionais e as suas respetivas Subsecções 48

Quadro 6. Secção B- Foco nos Jovens e as suas respetivas Subsecções 58

Quadro 7. Secção C- Foco nas Famílias e as suas respetivas Subsecções... 69

Introdução

O estudo “Proposta de diretrizes para a reabilitação de jovens em acolhimento residencial com comportamentos desviantes” pretende colmatar determinados problemas e necessidades que os jovens e os profissionais sentem diariamente nas casas de acolhimento. O objetivo foi desenvolver uma proposta de um conjunto de estratégias psicossociais e educativas que diminuam os comportamentos desviantes dos jovens em acolhimento e que possam, futuramente, ser implementadas ou adaptadas por parte dos profissionais do acolhimento residencial. Para isso, o estudo contou com a participação de casas de acolhimento da área metropolitana do Porto (*n*=5). Em específico, foram entrevistados com recurso a entrevistas semiestruturadas jovens em acolhimento (*n*=20; 40% feminino e 60% masculino) e profissionais da equipa educativa e da equipa técnica (*n*=20; 50% equipa educativa e 50% equipa técnica) de modo a dar voz e escutar as visões e vivências destes atores sociais.

O trabalho está organizado segundo a seguinte estrutura: CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO TÉORICO: 1- O acolhimento residencial e os comportamentos desviantes; 2- Prevenção da delinquência juvenil; 3- Intervenções cognitivo-comportamentais na delinquência juvenil, com especial referência a quatro programas com evidência empírica da sua eficácia, sendo estes o 3.1- Anger Coping Program; 3.2- Aggression Replacement Training (ART); 3.3- PSYCHOPATHY.COMP e o 3.4- CMT-Care Homes; e 4- Intervenções familiares e multissistémicas na delinquência juvenil, com especial foco em três programas reconhecidos pela sua eficácia, sendo estes o 4.1- Programa Os Anos Incríveis; 4.2- Strengthening Families Program e o 4.3- Terapia Multissistémica.

O CAPÍTULO II- ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO abordará: 5- Meta; 5.1- Objetivo geral; 5.2- Objetivos específicos; 5.3- Participantes; 5.4- Instrumentos de avaliação; 5.5- Procedimentos e 5.6- Análise de dados.

Em seguida, O CAPÍTULO III- RESULTADOS abordará: 6- Motivos que levam os jovens em acolhimento residencial a ter comportamentos desviantes na visão dos próprios jovens e profissionais; 7- Problemas e necessidades no

acolhimento residencial que os jovens consideram que interferem negativamente no seu comportamento; 8- Problemas e necessidades que os profissionais sentem ao trabalhar com jovens com comportamentos desviantes no acolhimento residencial e 9- Estratégias psicossociais e educativas que ajudam na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens em acolhimento residencial na visão dos próprios jovens e profissionais.

O último capítulo, o CAPÍTULO IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS abordará: 10- Discussão e 11- Conclusão.

Por último, nos Anexos estão contempladas as transcrições das entrevistas semiestruturadas realizadas aos jovens e profissionais do acolhimento residencial: Anexo A- Transcrições das entrevistas gravadas em áudio aos Jovens e Anexo B- Transcrições das entrevistas gravadas em áudio aos Profissionais.

CAPÍTULO I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1- O acolhimento residencial e os comportamentos desviantes

Dados oficiais mostram que a delinquência juvenil tem vindo a aumentar em Portugal, com uma elevada expressão no acolhimento residencial, sendo que os números da delinquência juvenil no ano de 2023 atingiram os valores mais elevados desde 2015 (1-5).

A delinquência juvenil é um fenómeno social multicausal, no qual fatores económicos, familiares e individuais estão inter-relacionados (e.g., pobreza; histórico familiar de violência, crime e conflito; álcool e drogas; negligência, maus-tratos e abuso; práticas inadequadas de supervisão e monitorização; estratégias educativas pobres; deficiente apoio social; pares delinquentes e ainda, caraterísticas individuais do próprio sujeito como é o caso de atitudes negativas, impulsividade, problemas de controlo da raiva e traços psicopáticos). Deste modo, a intervenção psicossocial e educativa é crucial, principalmente para grupos que apresentam fatores de risco para a delinquência juvenil ou que já apresentam comportamentos desviantes (6-12).

Para que a reabilitação destes jovens tenha eficácia é prioritário utilizar estratégias psicossociais e educativas que diminuam o impacto dos fatores de risco pelo reforço de fatores de proteção (e.g., envolvimento em atividades prossociais; forte apoio social; vinculações fortes; atitude positiva em relação à autoridade; forte envolvimento em relação à escola; traços de personalidade resilientes) (9-10; 13-14).

A Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (Lei n.º 147/99, de 1 de setembro) (15) visa promover os direitos e a proteção das crianças e jovens em perigo, a fim de garantir o seu bem-estar e desenvolvimento integral. Uma criança ou jovem é considerado em perigo, particularmente se estiver em alguma das subsequentes situações (e.g. sofra maus-tratos ou abusos físicos, psicológicos e/ou sexuais). A presente lei abrange a criança ou jovem menor de 18 anos ou o menor de 21 anos que solicite a continuação de uma intervenção iniciada antes dos 18 anos, bem como a pessoa até aos de 25 anos sempre que existam processos de aprendizagem educativa ou profissional e somente enquanto estas perdurarem. A lei estabelece ainda que a medida de acolhimento

residencial se baseia na colocação de uma criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que possua instalações, equipamentos e recursos humanos de modo permanente e dimensionados bem como qualificados, concedendo-lhes assim, cuidados apropriados. O acolhimento residencial pretende contribuir para a criação de condições que garantam a apropriada satisfação das necessidades físicas, psicológicas, emocionais e sociais das crianças e jovens e o exercício concreto dos seus direitos, apoiar a sua integração num ambiente sociofamiliar seguro, a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral (10; 15).

A Lei Tutelar Educativa (Lei n.º 166/99, de 14 de setembro) (16) aplica-se a todo o jovem com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, que pratique um ato qualificado pela lei como crime e possua necessidades de educação para o direito. Apesar do regime jurídico distinguir crianças em perigo de jovens autores da prática de factos qualificados pela lei penal como crime, há ligações entre a Lei Tutelar Educativa e a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo. O Ministério Público salvaguarda esta ligação tendo a responsabilidade de, em qualquer fase do processo tutelar educativo, comunicar às entidades competentes a situação do jovem que necessite de proteção social e pedir a aplicação de medidas de proteção. Esta lei tem como objetivo a educação para o direito e a inserção de modo digno e responsável da criança e do jovem em comunidade (10; 16). Como se pode verificar, uma criança ou jovem em acolhimento residencial pode ter um processo de promoção e proteção, um processo tutelar educativo ou ainda, os dois em simultâneo.

O Decreto n.º 164/2019 estipula que os recursos humanos no acolhimento residencial sejam permanentes, qualificados e que concedam cuidados adequados (17). O acolhimento residencial não se deve basear somente em fornecer cama, comida e roupa limpa sendo que as suas funções basilares são de cuidar e proteger todas as crianças e jovens que acolhem, promover os Direitos da Criança no seu acompanhamento e educação e auxiliar na definição das suas trajetórias de vida. O acolhimento residencial exige um processo de análise crítica contínua, atualização de conhecimentos, reorganização de práticas e reflexão de políticas públicas. Os profissionais das equipas técnica e educativa devem desenvolver e estimular as competências pessoais, sociais e emocionais, bem como a autonomia das crianças e jovens em acolhimento.

Estes profissionais e as suas redes de parcerias deverão ser ainda, de forma contínua, capacitados e formados, contribuindo consequentemente, para a produção de conhecimento científico e inovação que apoiem transformações no sistema nacional de acolhimento através de melhores e mais eficazes práticas de intervenção (18).

No início da década de 2020, o relatório Casa destacou como principais motivos de perigo e que levaram à institucionalização em Portugal os seguintes fatores: aproximadamente um em cada três jovens entrou no acolhimento devido à falta de supervisão e acompanhamento familiar; aproximadamente um em cada quatro jovens entrou no acolhimento devido aos seus comportamentos de risco; aproximadamente um em cada quatro jovens entrou no acolhimento devido a negligência ao nível da educação; aproximadamente um em cada cinco jovens entrou no acolhimento devido a comportamentos desviantes (4).

Como se pode constatar, o acolhimento residencial terá que ser capaz de responder aos problemas e necessidades dos jovens, em particular aos jovens com comportamentos desviantes. Os profissionais, ao longo da sua intervenção, enfrentam diversos desafios em que se exige forte capacidade técnica e educativa para auxiliar os jovens com comportamentos desviantes a identificar e interpretar o significado dos seus sentimentos, emoções e comportamentos. Esta leitura é importante para a inversão de ciclos que regra geral, vão aumentando numa espiral de desproteção para os próprios jovens, terceiros e sociedade em geral. Os profissionais deverão focar-se essencialmente nas dificuldades emocionais dos jovens, sendo esta uma das estratégias primordiais para que se consigam modificar os seus comportamentos, indo além de intervenções que preconizem o exercício de uma autoridade que não os envolva na construção de uma relação de proximidade e confiança (4; 18-19).

Embora diversas crianças e jovens pareçam melhorar o seu comportamento durante o acolhimento residencial, ainda há pouco conhecimento sobre quais os fatores responsáveis por essas mudanças (20). Todavia, existem alguns fatores comuns de sucesso na reabilitação, dos quais a motivação do jovem para o tratamento e a qualidade da relação terapêutica e confiança estabelecida na casa de acolhimento entre estes sujeitos e os profissionais (21).

É fulcral construir respostas adequadas às necessidades e características particulares das crianças e jovens em acolhimento, sendo este um dos grandes desafios de todo o sistema de proteção (4; 22). A literatura preconiza a necessidade de proporcionar cuidados individualizados, abordagens multidisciplinares e, incessantemente, a mobilização de recursos e estratégias adicionais (4; 22). O acolhimento residencial deve desempenhar uma função terapêutica na reparação dos traumas e danos emocionais, com foco na melhoria da capacidade de vinculação e de relacionamento interpessoal (4; 22).

De acordo com o relatório Casa, no acolhimento residencial, os comportamentos desviantes foram observados em 1.825 crianças e jovens, o que corresponde a 27% do total de acolhidos, sendo os rapazes (60%) aqueles que apresentam maior incidência desta problemática relativamente às raparigas (40%). Os comportamentos desviantes identificam-se em maior relevo na faixa etária entre os 15 e os 17 anos, independentemente do sexo, apesar de também serem identificados em crianças e jovens mais novos e/ou mais velhos. Ao analisar o grau de gravidade dos comportamentos desviantes, verifica-se que 72% dos comportamentos apresentados são do tipo ligeiro e referem-se, por exemplo, ao desrespeito pelas regras, a mentir com frequência, a intimidar com frequência e a fugas breves. Este tipo de comportamento é relativamente comum no período desenvolvimental da adolescência, em particular no que se refere à impulsividade e a atitudes de desafio e oposição. Os problemas de gravidade moderada surgem com uma incidência de 24%, os quais são caracterizados por agressões físicas, fugas prolongadas, pequenos furtos e destruição de propriedade sem grandes prejuízos. Já os problemas graves, com uma expressão de 3%, correspondem a situações como roubos, utilização de armas brancas, destruição de propriedade com prejuízos consideráveis e atividade sexual forçada (4).

Os problemas de saúde mental em crianças e jovens em acolhimento residencial são identificados e reconhecidos em todo o mundo (23). As crianças e jovens que vivem no acolhimento residencial têm uma maior prevalência de problemas de saúde mental se comparados com a população que vive em contextos normativos de vida, com elevadas taxas de psicopatologia internalizante, como quadros ansiosos e depressivos, e externalizantes, como

problemas de comportamento (Perturbação de Comportamento) e de oposição (Perturbação de Oposição e Desafio). Estes quadros psicopatológicos advêm maioritariamente de experiências adversas e traumáticas que marcaram os percursos de vida destas crianças e jovens e são muitas vezes exacerbados pelo *stress* associado à própria condição de acolhimento residencial e, consequente separação da família e rutura dos laços parentais (13-14; 23-26).

Um estudo norte-americano constatou que 59% de jovens e crianças em regime de acolhimento (*n*= 128), têm algum tipo de perturbação/problema de saúde mental. Os problemas de saúde mental mais frequentemente identificados neste estudo foram a perturbação de hiperatividade e défice de atenção, a perturbação de oposição e desafio, a depressão, a ansiedade e a perturbação de *stress* pós-traumático (27).

Outro estudo israelense revelou que de 4.061 crianças e jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 20 anos, institucionalizados em acolhimento residencial, 62%, apresentava comportamentos desviantes e, principalmente, académicos/escolares. Dentro destes 62%, cada criança ou jovem apresentou pelo menos um problema no funcionamento escolar, baixo desempenho na escola e níveis mais altos de violência entre os colegas (28).

Espanha, desenvolveu um estudo que contou com a participação de 151 jovens em acolhimento residencial. Este estudo corrobora a elevada prevalência de quadros psicopatológicos nestes jovens e destaca ainda alguns dados sobre a perceção das suas vivências, nomeadamente: insatisfação relativamente a várias áreas da sua vida; insegurança e visão pessimista em relação ao seu futuro e à concretização dos seus objetivos. Este estudo salienta ainda que quanto maiores forem os problemas emocionais, comportamentais ou com terceiros, menor é a perceção dos jovens relativamente ao seu bem-estar pessoal (14). Os profissionais do acolhimento residencial deverão ter um foco em intervenções que visem como referido anteriormente, promover o bem-estar psicológico dos jovens bem como ajudá-los a controlar os seus impulsos e a gerir as suas emoções, apoiando-os na compreensão das causas que lhes provocam a perceção de insatisfação. Deverá ser desenvolvido um trabalho educativo sobre os vínculos afetivos dos jovens e as suas relações interpessoais, levando-os no quotidiano a analisar e refletir sobre soluções alternativas para problemas

que poderão surgir em situações reais e contextos naturais em que estão regra geral, envolvidos. Auxiliando-os assim, a controlar as suas emoções, comportamentos e a tomar decisões conscientes e prossociais (14).

A nível nacional, um estudo português foi ao encontro dos estudos anteriores e demonstrou que quando se pergunta aos profissionais do acolhimento residencial se as crianças e jovens acolhidos têm problemas comportamentais e/ou emocionais, 45.4% (*n*=5) afirmam que todos têm este tipo de problemas; 36.4% (*n*=4) afirmam que é a maioria e 18.2% (*n*=2) afirmam que apenas alguns têm estes problemas. Para 90.9% (*n*=10) dos profissionais, os problemas comportamentais e/ou emocionais já eram identificados à data de entrada no acolhimento residencial em todos ou, pelo menos, na maioria. Os profissionais do acolhimento residencial referem ainda que das crianças e jovens acolhidos, alguns (72.7%), a maioria (9.1%) ou todos (18.2%) vieram a manifestar outro tipo de problemas após a entrada no acolhimento residencial que até ao momento não manifestavam (23). Este estudo que contou com a participação de 149 crianças e jovens acolhidos em onze casas de acolhimento no concelho de Lisboa, identificou como principais problemas nas crianças e jovens em acolhimento: baixa tolerância à frustração (61,7%); impulsividade (55%); alterações do humor (47,7%); dificuldades em relação à aprendizagem e rendimento escolar (45,6%) e dificuldades de concentração (40,9%) (23). Outros problemas identificados com relevante expressão em crianças e jovens em acolhimento foram o incumprimento de regras (35,6%); as dificuldades de relacionamento interpessoal e de integração social no grupo de pares (34,9%) e os comportamentos de oposição e desafio (32,9%). Como problemas menos expressivos são destacados os problemas relacionados com o consumo de bebidas alcoólicas (1,3%); o vandalismo (3,4%); o consumo de estupefacientes (5,4%) e as fugas (6%) (23). Na realidade, o facto de muitas crianças e jovens apresentarem problemas emocionais e/ou comportamentais não significa que tenham alguma perturbação de saúde mental. O estudo constatou que 24.2% (*n*=36) com estes problemas não possui diagnóstico psiquiátrico. Das 149 crianças e jovens acolhidos, 33.6% (*n*=50) têm diagnostico de pelo menos uma perturbação mental; destes 50, 68% (*n*=34) estão diagnosticados com uma perturbação mental, 24% (*n*=12) com duas perturbações mentais e 8% (*n*=4) com mais do que duas perturbações mentais (23). As perturbações mentais

diagnosticadas com maior frequência nas crianças e jovens em acolhimento residencial neste estudo são: perturbação de hiperatividade e défice de atenção (40%); perturbação do comportamento (28%); perturbação de oposição e desafio (16%) e ainda com expressão significativa (12%) as perturbações de humor e de ansiedade bem como outras perturbações indicadas pelos profissionais, como é o caso da perturbação de personalidade, perturbação do espectro do autismo, perturbação do vínculo, perturbação do controlo dos impulsos e perturbação do comportamento sexual (23).

É fundamental que os profissionais ensinem aos jovens em acolhimento comportamentos prossociais e estratégias para enfrentar a vida em sociedade, estimulando as suas potencialidades e auxiliando-os na transição para a vida adulta. O acolhimento residencial deverá possuir um conjunto de regras e rotinas nitidamente pré-estabelecidas, com o objetivo de proporcionar aos jovens sensação de segurança e previsibilidade na casa de acolhimento, devendo haver igualmente, flexibilidade por parte dos profissionais (14).

Como podemos verificar, uma das problemáticas de saúde mental mais frequentes em crianças e jovens em acolhimento são os quadros externalizantes (e.g., perturbação de comportamento; perturbação de oposição e desafio), as quais são, muitas vezes, um dos fatores que conduzem ao acolhimento residencial. No entanto, a manifestação reiterada de comportamentos desviantes não costuma cessar com o acolhimento residencial, sendo comum que esta se perpetue ou agrave no acolhimento residencial e em todos os contextos onde estes jovens se inserem. Além disso, algumas crianças e jovens, apesar de não manifestarem comportamentos desviantes antes de serem acolhidos, começam a manifestar alterações comportamentais após o acolhimento residencial (4; 13-14; 23; 27; 29-31). Apesar de a literatura científica sugerir algumas estratégias de intervenção, terapias, modelos, programas e estudos de sucesso que poderão oferecer pistas para colmatar esta problemática (e.g., prevenção da delinquência juvenil; programas seletivos, universais e indicados; terapias comportamental, cognitiva, familiar, psicanalítica e psicofarmacológica) (10; 13-14; 32), não existem estudos que sistematizem uma proposta de diretrizes para a reabilitação de jovens em acolhimento residencial com comportamentos desviantes.

2- Prevenção da delinquência juvenil

A prevenção da delinquência juvenil tem evoluído ao longo dos anos devido essencialmente à investigação e consequentemente à identificação de fatores de risco e de proteção associados a esta problemática (10).

O conceito de prevenção da delinquência juvenil é alvo de variadas definições. Podemos agrupar a prevenção da delinquência juvenil em três abordagens básicas: prevenção primária, prevenção secundária e prevenção terciária. A prevenção primária inclui atividades orientadas para melhorar o bem-estar geral dos sujeitos através de medidas como favorecer o acesso à educação ou alterar certas condições físicas do ambiente que podem propiciar os comportamentos desviantes. A prevenção secundária engloba atividades dirigidas a crianças e jovens em risco de se envolverem em atos delinquentes. Por fim, a prevenção terciária dirige-se a intervenções junto de crianças e jovens que já apresentam comportamentos delinquentes (10).

Tonry e Farrington (33) classificam mais detalhadamente este conceito propondo quatro categorias de atividades de prevenção: 1) prevenção da justiça criminal; 2) prevenção situacional; 3) prevenção comunitária; 4) prevenção desenvolvimental. A prevenção da justiça criminal refere-se ao conjunto de medidas desenvolvidas no âmbito do sistema de justiça juvenil; a prevenção comunitária e situacional inclui as intervenções destinadas a alterar condições sociais e/ou organizações; a prevenção desenvolvimental inclui as intervenções destinadas a inibir o desenvolvimento do comportamento antissocial, atuando sobre fatores de risco e de proteção que influenciam o desenvolvimento humano (10; 33).

Já Greenwood (34), descreve quatro tipo de abordagens para a prevenção/intervenção na delinquência juvenil: 1) intervenções centradas diretamente no jovem; 2) intervenções centradas na família; 3) intervenções desenvolvidas em contextos escolares; 4) intervenções centradas na comunidade. As intervenções centradas diretamente no jovem consistem em estratégias que, independentemente do contexto onde são desenvolvidas, têm como objetivo alterar o comportamento, atitudes, crenças e processos de pensamento do jovem e dotá-lo de competências capazes de exercer um efeito preventivo dos comportamentos desviantes. As intervenções centradas na

família incluem estratégias como a aquisição de competências parentais relacionadas com fatores de risco familiar da delinquência. As intervenções desenvolvidas em contextos escolares, regra geral, têm como foco problemas que seriam melhor abordados em contexto escolar como é o caso do *bullying* e do consumo de substâncias. Por fim, as intervenções centradas na comunidade incluem o desenvolvimento de programas orientados para fornecer serviços de apoio a nível social e de saúde, aumentar as oportunidades de emprego e reforçar o envolvimento dos pais na supervisão e monitorização dos filhos (10; 34).

A eficácia dos programas de prevenção da delinquência juvenil tem vindo a assumir grande importância principalmente no que concerne à identificação das caraterísticas que os programas mais eficazes possuem (10). Bond e Hauf (2004) designam por “melhores práticas” as caraterísticas que estão associadas aos programas mais eficazes de prevenção da delinquência juvenil (35). Elaborar programas cujos objetivos sejam definidos com base na identificação de necessidades criminogénicas passa a constituir uma premissa essencial dos programas eficazes de prevenção da delinquência juvenil (10). Tendo em consideração esta premissa, Andrews e Bonta (2010) referem um conjunto de objetivos das intervenções na delinquência: 1) alterar atitudes e sentimentos antissociais; 2) reduzir a probabilidade de associação a pares delinquentes; 3) promover a comunicação na família; 4) promover práticas de supervisão familiar; 5) favorecer a aprendizagem de competências de autocontrolo e de resolução de problemas; 6) prevenir o consumo de drogas; 7) auxiliar o jovem a identificar situações de risco (10; 36).

Nation e col., em 2003, ao desenvolverem uma análise dos programas de prevenção em quatro áreas distintas, prevenção-consumo de substâncias, delinquência, violência juvenil e comportamentos sexuais de risco, identificaram nove caraterísticas que apareciam consistentemente associadas aos programas eficazes de prevenção: 1) os programas eram compreensivos; 2) recorriam a métodos de aprendizagem ativos; 3) tinham uma intensidade suficiente; 4) estavam baseados numa abordagem teórica; 5) forneciam oportunidades aos participantes para desenvolver relações fortes e positivas com outros significativos; 6) eram aplicados no estádio de desenvolvimento da criança mais

adequado; 7) eram socialmente relevantes; 8) incluíam uma avaliação dos resultados; 9) eram desenvolvidos e implementados por técnicos devidamente formados (10; 37).

Weissberg, Kumpfer e Seligman (2003) justificam a necessidade de definir princípios que estejam associados a programas de prevenção eficazes devido ao previsível aumento dos problemas de saúde mental e dos comportamentos de risco nas crianças e jovens. Os autores elencam seis caraterísticas que estão associadas aos programas eficazes de prevenção da delinquência juvenil: 1) adotar um quadro teórico baseado nos fatores de risco e nos fatores de proteção que envolva a família, o grupo de pares, a escola e a comunidade; 2) ter uma duração adequada, estarem ajustados à idade dos participantes e serem apropriados em termos culturais; 3) favorecerem o desenvolvimento de indivíduos saudáveis através da aprendizagem de competências sociais e emocionais e de um comportamento ético na vida quotidiana; 4) incorporar práticas institucionais e estratégias suscetíveis de favorecer um desenvolvimento pessoal adequado; 5) selecionar e assegurar formação e apoio aos técnicos que venham a ser responsáveis pela implementação do programa, certificando-se que os mesmos desenvolveram determinadas competências interpessoais; 6) incorporar e adaptar programas baseados na evidência de forma a que possam suprir as necessidades locais, através de um planeamento estratégico, avaliação e aperfeiçoamento contínuo da intervenção (10; 38).

Em suma, independentemente das diferentes classificações relativamente ao tipo de programas de prevenção da delinquência juvenil, alguns autores sugerem que estes se centram essencialmente em reduzir/eliminar fatores de risco ou aumentar e promover fatores de proteção (39). Por fim, apesar de existirem diferentes perspetivas relativamente ao que caracteriza programas eficazes de prevenção da delinquência juvenil, existe unanimidade na eficácia dos seguintes programas: *Anger Coping Program*; *Aggression Replacement Training* (ART); *PSYCHOPATHY.COMP*; *CMT- Care Homes*; Programa Os Anos Incríveis; *Strengthening Families Program* e Terapia Multissistémica.

3 - Intervenções cognitivocomportamentais na delinquência juvenil

Segundo Beck, Rush, Shaw e Emery (1979) as abordagens cognitivocomportamentais podem ser definidas como uma combinação de estratégias terapêuticas cognitivas e comportamentais destinadas a modificar pensamentos e comportamentos inadequados. A designação cognitivo-comportamental abrange uma variedade de abordagens de intervenção que partilham o principal objetivo de promover a aprendizagem de competências suscetíveis de exercer uma função na adaptação e na promoção de comportamentos prossociais (40).

As abordagens cognitivo-comportamentais na delinquência juvenil destacam a importância dos processos cognitivos para a compreensão e resolução de conflitos interpessoais, considerando o comportamento antissocial como sendo ativado não única e exclusivamente por fatores externos, mas também pelo modo em como os acontecimentos são percecionados e cognitivamente processados pelo sujeito (10). Deste modo, as intervenções cognitivo-comportamentais abrangem um espetro bastante diversificado de estratégias, tais como modificar cognições distorcidas ou disfuncionais, promover a aprendizagem de novas competências e facilitar o desenvolvimento moral (10).

Diferentes programas de natureza cognitivo-comportamental foram desenvolvidos para tratar a problemática da delinquência juvenil. Os programas apresentados de seguida, reúnem evidência empírica da sua eficácia e podem ser aplicados no acolhimento residencial sendo estes: *Anger Coping Program*; *Aggression Replacement Training*; *PSYCHOPATHY.COMP* e o *CMT-Care Homes*.

3.1- Anger Coping Program

Lochman, Boxmeyer, Powell, Barry e Pardini (2010) referem que o *Anger Coping Program*, tal como o nome indica, é um programa de intervenção para crianças e jovens agressivos, sendo que os seus pressupostos se baseiam no modelo de processamento social da informação (10; 41).

Segundo o modelo de processamento social da informação (42), o processamento cognitivo de resposta a uma situação de conflito interpessoal nas crianças e jovens agressivos pode ser caraterizado por um conjunto de distorções cognitivas que reforçam a reação de raiva. Sendo assim, as crianças e jovens agressivos apresentam distorções cognitivas nos estádios iniciais do processamento de informação (e.g., lembram-se com mais facilidade de sinais sociais hostis do que de sinais sociais não hostis) e atribuem, com maior frequência, intenções hostis a pares e adultos, e, ainda, parecem escolher maioritariamente respostas agressivas por acreditarem que o seu comportamento agressivo irá findar o comportamento aversivo dos outros (10; 42).

Este programa é desenvolvido em grupos de (5-7) crianças/jovens, apesar de também poder ser desenvolvido em sessões individuais. No entanto, os autores consideram que a abordagem grupal traz mais benefícios, pois ajuda a criança/jovem a resolver os seus problemas de um modo mais eficaz, permitindo ainda a utilização de técnicas de modelagem, *role-play* e estratégias de resolução de problemas. As sessões de grupo proporcionam ainda o *feedback* e o reforço do comportamento social da criança/jovem através dos seus pares e líderes adultos do grupo (10; 41).

O programa pode ser desenvolvido em vários contextos, principalmente escolares e clínicos, e está organizado em 18 sessões de 60-90 minutos. Cada grupo de intervenção tem dois colíderes que intercalam entre implementar atividades com as crianças/jovens ou monitorizar e supervisionar os comportamentos destes. Tendo em consideração as experiências e vivências dos autores, os grupos mais bem-sucedidos integram crianças/jovens que têm alguma consciência de que o seu comportamento agressivo é problemático e que possuem alguma motivação para a mudança (10; 41).

Vários estudos constatam a eficácia do *Anger Coping Program,* sendo que alguns programas recentes foram, inclusivamente, inspirados neste. A título de exemplo, de seguida, serão abordados dois estudos que comprovam a eficácia deste programa, ilustrando que o mesmo parece ser eficaz em vários contextos culturais.

Avci e Kelleci (2016) realizaram um ensaio clínico aleatorizado numa amostra de 385 crianças que frequentavam o nono ano em escolas da Turquia. Este estudo tinha como objetivo determinar os efeitos do *Anger Coping Program*, principalmente no que diz respeito a técnicas cognitivo-comportamentais sobre a raiva, agressividade e sintomas psicológicos em contexto escolar. O programa foi eficaz na redução dos níveis de raiva e agressividade e de vários sintomas psicológicos nos alunos (43).

Mushtaq, Lochman, Tariq e Sabih (2017) realizaram um ensaio clínico aleatorizado que visou testar a eficácia de um programa baseado no *Anger Coping Program*, o *Coping Power Program.* Participaram neste estudo 112 crianças que frequentavam o quarto ano nas escolas do Paquistão. O objetivo deste estudo foi avaliar se o programa teria impacto na diminuição do comportamento agressivo das crianças. As crianças que participaram neste estudo, apresentaram melhorias no seu comportamento, nas habilidades sociais, nos processos cognitivos sociais, aprenderam a controlar melhor a sua raiva e a utilizar estratégias de resolução de problemas (44).

3.2- Aggression Replacement Training (ART)

O programa *Aggression Replacement Training* (ART) é uma abordagem de intervenção pautada pela evidência científica. Este é um programa psicoeducativo e multimodal, que tem o objetivo de modificar o comportamento de jovens considerados cronicamente agressivos (45). Goldstein, Glick e Gibbs (1998) referem que o ART está organizado em três componentes: 1) Componente de treino do controlo da raiva; 2) Componente do raciocínio moral; 3) Componente comportamental (45).

Diversos estudos a nível internacional comprovam a eficácia do programa ART junto de crianças e jovens com comportamento agressivo. A título de exemplo, de seguida, serão apresentados dois desses estudos.

Gundersen e Svartdal (2006) realizaram um ensaio clínico aleatorizado com uma amostra de 65 crianças e jovens com problemas comportamentais que estudavam em escolas do oeste e leste da Noruega. Os estudantes participaram em pelo menos 24 sessões baseadas no ART. Após o estudo, as crianças e

jovens apresentaram melhoria nas competências sociais e diminuição dos problemas de comportamento, sendo que os efeitos positivos também se revelaram no contexto familiar (46).

Já outro estudo de desenho quasi-experimental de Kaya e Buzlu (2016) teve como objetivo determinar a eficácia do ART na resolução de problemas, raiva e comportamento agressivo em jovens que cometeram crimes na Turquia. Participaram no estudo 65 jovens, divididos pelo grupo de tratamento (*n*=32; i.e., beneficiaram do ART) e pelo grupo de controlo (*n*=33). Verificou-se que o grupo de jovens que beneficiou do ART apresentou diminuição significativa dos níveis de traço de raiva, agressão física, e hostilidade, assim como um aumento do controlo da raiva e de resolução de problemas sociais. Os resultados demonstram que o ART é eficaz na resolução de problemas, raiva e comportamento agressivo e pode ser utilizado para estimular comportamentos prossociais em jovens com comportamentos desviantes (47).

3.3 - PSYCHOPATHY.COMP

Ribeiro da Silva et al. (2021; 2023) desenvolveram o programa *PSYCHOPATHY.COMP*, que consiste numa intervenção individual estruturada baseada na Terapia Focada na Compaixão para jovens detidos em centros educativos. O programa é altamente experimental e adaptado para questões específicas e experiências de vida destes. Este foi especificamente criado com o principal objetivo de reduzir os traços psicopáticos e o comportamento antissocial dos jovens por meio do desenvolvimento de uma motivação compassiva (i.e., sensibilidade ao sofrimento do próprio e do outro associado a um desejo e ações que diminuam esse mesmo sofrimento) (48-49).

De acordo com o modelo conceptual da Terapia Focada na Compaixão, os padrões de comportamento antissociais e os traços psicopáticos são estratégias evolutivamente arraigadas para lidar com cenários desenvolvimentais hostis, marcados por experiências traumáticas (e.g., imprevisibilidade; maus tratos e abuso infantil) e/ou por ausência de experiências de cuidado e afeto (e.g., ausência de sinais de afiliação e segurança; negligência) (48-49).

O *PSYCHOPATHY.COMP* consiste em 20 sessões individuais, cada uma com cerca de 60 minutos, que ocorrem semanalmente. As sessões devem ser realizadas por terapeutas com formação especializada na Terapia Focada na Compaixão e no próprio programa. A estrutura do programa segue uma estratégia progressiva de mudança sendo que as sessões são agrupadas em quatro módulos: Módulo 1) Fundamentos da nossa mente; Módulo 2) A nossa mente de acordo com a Terapia Focada na Compaixão; Módulo 3) Treino da Mente Compassiva e Módulo 4) Recuperação, prevenção de recaída e finalização (48-49). Em relação à eficácia do programa *PSYCHOPATHY.COMP* este tem demonstrado resultados muito positivos na redução dos traços psicopáticos nos jovens detidos em centros educativos e no aumento da sua motivação compassiva (48-49).

Com o objetivo de avaliar a eficácia deste programa, Ribeiro da Silva et al. (2021; 2023) desenvolveram um ensaio clínico com jovens detidos em centro educativo. O grupo de tratamento (*n*= 58) beneficiou do *PSYCHOPATHY.COMP* e o grupo de controlo (*n*= 61) recebeu o *Treatment As Usual* (TAU). O grupo de jovens que beneficiou do *PSYCHOPATHY.COMP* aumentou a sua autocompaixão e, em alguns casos, houve a diminuição do medo de receber compaixão quando comparados com o grupo de controlo, sendo que estes fatores foram cruciais para a diminuição dos traços psicopáticos. Desta forma, os resultados sugerem que o *PSYCHOPATHY.COMP* é uma abordagem promissora para promover uma motivação compassiva nestes jovens, o que aumenta a probabilidade da sua reabilitação (48-49).

3.4- CMT- Care Homes

Santos, Pinheiro e Rijo (2022) desenvolveram o programa *CMT-Care Homes,* este é um programa de treino da mente compassiva criado especificamente para profissionais do acolhimento residencial de crianças e jovens. O principal objetivo do programa é cultivar uma mente compassiva nos profissionais do acolhimento residencial na relação consigo próprios e com os outros, principalmente com as crianças e jovens, de forma, a criar um ambiente seguro e protegido nas casas de acolhimento. O *CMT- Care Homes* baseia-se

principalmente na Terapia Focada na Compaixão, nomeadamente nas práticas do treino da mente compassiva. As sessões são ainda adaptadas e inspiradas em exercícios da Terapia de Aceitação e Compromisso, *Mindfulness* e Autocompaixão Consciente (22).

Segundo os autores, o afeto, relacionamentos sensíveis e empáticos entre profissionais e jovens e um ambiente positivo são muito importantes para se atingir os resultados pretendidos no acolhimento residencial. Os problemas emocionais e comportamentais dos jovens são colmatados, em grande parte, devido ao bom ambiente relacional nas casas de acolhimento e ao apoio dos profissionais (22). No entanto, os profissionais do acolhimento residencial enfrentam desafios laborais quotidianamente, deixando-os mais vulneráveis, emocionalmente distantes e menos eficazes comprometendo a qualidade da sua intervenção e consequente, estabilidade necessária para criar um ambiente seguro e saudável nas casas de acolhimento (22).

Devido a estes desafios no acolhimento residencial, surgiu o *CMT-Care Homes*, o programa está estruturado e organizado em 12 sessões de formato de grupo e em 3 módulos sequenciais: Módulo 1) A nossa mente de acordo com a abordagem baseada na compaixão; Módulo 2) Treino da mente compassiva; Módulo 3) Sessão final (22).

Santos, Pinheiro e Rijo (2022),com o objetivo de avaliar a eficácia do *CMT-Care Homes*, desenvolveram um ensaio clínico aleatorizado por *clusters*. Participaram neste estudo 85 profissionais de 11 casas de acolhimento portuguesas de crianças e jovens, 5 casas receberam o *CMT-Care Homes* (grupo de tratamento; *n*= 41) e 6 casas ficaram em *waiting list* (grupo de controlo; *n*= 44). Os resultados indicam que os profissionais que participaram no programa aumentaram a sua autocompaixão, a compaixão pelas crianças e jovens e diminuíram o seu medo de dar e receber compaixão, criando um ambiente mais calmo e seguro no quotidiano das casas de acolhimento. O programa tem potencial para aumentar a mente compassiva dos profissionais do acolhimento residencial e melhorar consequentemente, as práticas educativas e a intervenção com as crianças e jovens (22).

4- Intervenções familiares e multissistémicas na delinquência juvenil

O contexto familiar na infância é fundamental no desenvolvimento emocional e social. Quando o contexto familiar das crianças é adequado e as relações são seguras, desenvolverão um forte sentimento de pertença, propiciando o alcance da maturidade, estabilidade emocional e o desenvolvimento social. Todavia, quando o contexto familiar e os relacionamentos são conflituosos e inadequados e as experiências são adversas, isso refletir-se-á negativamente no bem-estar e saúde mental das crianças e jovens, podendo culminar em problemas emocionais e comportamentais (14).

Diversos autores afirmam que as intervenções familiares são consideradas hoje em dia uma das abordagens mais eficazes de prevenção e tratamento da delinquência juvenil (50-53). Reid, Webster-Stratton e Baydar (2004) referem ainda que existem igualmente evidências de que os programas multimodais, que recorrem a uma multiplicidade de intervenções com o intuito de contrariar vários fatores de risco da delinquência juvenil, têm mostrado resultados mais eficazes (54). Kiriakidis, (2010) sublinha que a família é reconhecida como um fator de proteção crucial na delinquência juvenil, necessário, apesar de não exclusivo, ao normal desenvolvimento socioemocional da criança e do jovem (55).

Savignac (2009), refere que os principais fatores de proteção familiar incluem relações pais-criança/jovem positivas, métodos de disciplina positivos e uma supervisão e comunicação familiares adequadas. Os fatores de risco têm efeitos cumulativos e interativos, exercendo uma influência que varia em função da idade da criança e do jovem. Savignac (2009) afirma que existem três tipos de fatores de risco familiares na delinquência juvenil: 1) os associados ao funcionamento e dinâmicas familiares; 2) os associados às caraterísticas das famílias; 3) os associados à área de residência (10; 56).

O modelo da coerção de Patterson (1982, 1986), explica o comportamento antissocial de acordo com a perspetiva socio-interacional. Este afirma que a agressividade nos jovens advém maioritariamente na adoção de práticas de disciplina ineficazes. Os pais/cuidadores de crianças e jovens com

comportamentos desviantes adotam menos comportamentos positivos, usam técnicas de disciplina mais violentas, são mais críticos ou negativos, mais permissivos, menos capazes de supervisionar e monitorizar os comportamentos dos filhos e mais propensos a reforçar comportamentos inadequados (e.g., ignoram ou castigam comportamentos prossociais) (10; 57-58). Patterson (1982) afirma que os protocolos-padrão de treino de competências parentais procuram melhorar as competências de controlo e de monitorização dos pais/cuidadores e a qualidade da relação pais-criança/jovem, através do desenvolvimento de quatro tarefas essenciais para os pais/cuidadores: 1) estabelecer normas e regras; 2) aplicar contingências comportamentais; 3) monitorizar e fazer a supervisão das atividades da criança/jovem e 4) utilizar estratégias de resolução de problemas (10; 58).

Existem vários programas que se focam em intervenções familiares e multissistémicas na delinquência juvenil, dos quais destacamos o Programa Os Anos Incríveis; *Strengthening Families Program* e o Terapia Multissistémica pela sua eficácia comprovada em diferentes contextos e países.

4.1- Programa Os Anos Incríveis

O programa Os Anos Incríveis pauta-se na ideia de que as competências educativas parentais inadequadas são o fator de risco mais importante no desenvolvimento de comportamentos desviantes nas crianças e jovens. Este tem como alicerces teóricos a teoria da aprendizagem social de Bandura (1973), a teoria da vinculação de Bowlby (1984), assim como os estudos de Patterson (1982) e de Reid, Patterson e Snyder (2002) (10; 58-62).

Este programa atua nos fatores de risco que estão associados aos problemas comportamentais. Foram desenvolvidos três currículos diferentes, dirigidos a pais/cuidadores (familiar), professores e crianças (0-13 anos). Em seguida, será apresentado o currículo familiar devido ao destaque dos resultados positivos demonstrados nos últimos anos (10; 62-63).

Webster-Stratton e Reid (2010) referem que as sessões são apoiadas em vídeos, sendo este o principal recurso para que sejam compreendidos os

princípios sobre a aprendizagem social e o desenvolvimento da criança e do jovem, incitando discussões focadas em temas particulares, resolução de problemas e aprendizagem colaborativa. Os métodos utilizados incluem ainda o *role-play*, atividades práticas e *feedback* do terapeuta e dos outros membros do grupo (10, 63).

O programa Os Anos Incríveis tem dois formatos: o básico e o avançado (10; 63). O programa básico começa com atividades destinadas a desenvolver relações pais-filho positivas. Os pais começam por aprender a utilizar o jogo/envolvimento, o elogio e os incentivos para, posteriormente, aprenderem a definir rotinas e regras básicas em casa bem como a utilização de técnicas não violentas, incluindo a monitorização e supervisão, a extinção operante, ignorar comportamentos desviantes de pequena gravidade e utilizar o *time-out* para acalmar a criança e o jovem. No fim, os pais são ensinados a estimular na criança e jovem competências de resolução de problemas (10; 63).

Já o formato avançado consiste em outro conjunto de sessões, sendo realizado depois do término do programa básico. O programa avançado abrange 5 componentes: 1) Autocontrolo pessoal, visando principalmente desenvolver técnicas de controlo da raiva nos pais; 2) Competências de comunicação, orientadas para identificar bloqueios à comunicação e a aprendizagem de competências de comunicação eficazes para lidar com os conflitos; 3) Competências de resolução de problemas para adultos, procurando ensinar aos pais estratégias para lidar com situações de conflitos com os adultos; 4) Ensinar à criança e jovem competências de resolução de problemas; 5) Reforçar o suporte social e a autoajuda (10; 63).

Diversos estudos a nível internacional comprovam a eficácia do programa Os Anos Incríveis, a título de exemplo serão apresentados de seguida dois desses estudos.

Reid, Webster-Stratton e Baydar (2004) realizaram um ensaio clínico aleatorizado que contou com a participação de 882 crianças e suas mães/pais (*n*= 607 participaram como grupo de intervenção e beneficiaram do programa Os Anos Incríveis; *n*= 275 participaram como grupo de controlo e receberam o tratamento usual *Head Start*). O estudo focou-se em populações socioeconomicamente desfavorecidas com crianças com problemas

comportamentais. Verificou-se que houve uma diminuição dos problemas comportamentais por parte das crianças do grupo de tratamento se comparadas com o grupo de controlo. Esta mudança comportamental deveu-se essencialmente ao envolvimento das mães na intervenção e na diminuição dos comportamentos parentais de critica em relação à criança (54).

Letarte, Normandeau e Allard (2010) realizaram um ensaio clínico aleatorizado onde participaram 35 pais acompanhados por um serviço de proteção à infância devido a negligência infantil, (*n*= 26) beneficiou do programa Os Anos Incríveis, já (*n*= 9) participaram como grupo de controlo. Os resultados revelaram que o programa teve um impacto positivo nas práticas parentais e perceção dos pais em relação ao comportamento dos seus filhos se comparados com o grupo de controlo (64).

4.2- Strengthening Families Program

O *Strengthening Families Program* é uma intervenção familiar centrada na aquisição de competências. No início dos anos 90 do século XX o programa sofreu uma profunda reformulação tendo resultado na elaboração de um programa universal baseado no modelo de resiliência (65) e nos resultados da investigação sobre os fatores de risco e de proteção familiares (10; 65-66). Outros referenciais teóricos deste programa incluem ainda a teoria cognitivo-comportamental, a teoria social cognitiva e a teoria familiar sistémica (10; 67).

Hoje em dia, o *Strengthening Families Program* pode ser descrito como um programa familiar de treino de competências destinado a pais e filhos. A intervenção está organizada num currículo de 14 sessões de grupo, aplicado durante 7 semanas. A intervenção tem como principal objetivo aumentar a resiliência e reduzir os fatores de risco do abuso de drogas, delinquência juvenil e outros comportamentos desviantes nos jovens (10).

Algumas sessões do programa são desenvolvidas em conjunto com os pais e os filhos, tendo a oportunidade de treinar em conjunto as competências que foram aprendidas. Esta é uma caraterística do programa que tem sido considerada como tendo contribuído profundamente para a sua eficácia (10).

Diversos estudos a nível internacional comprovam a eficácia do *Strengthening Families Program*, a título de exemplo, de seguida, serão apresentados dois desses estudos.

Kumpfer e Brown (2019) desenvolveram um ensaio clínico com o objetivo de avaliar a eficácia do *Strengthening Families Program* quando aplicado de um modo inovador (*n*= 55 famílias). Alguns DVD de uso doméstico foram criados com o objetivo de pais e filhos assistirem juntos em casa, sendo o seu conteúdo igual ao do programa presencial fornecido em formato de grupo. O programa em formato de DVD reduz os custos da implementação do *Strengthening Families Program* para as instituições e os encargos logísticos para as famílias. Os DVD para uso doméstico mostram que é possível oferecer com eficiência uma intervenção familiar acessível usando tecnologia alternativa fora do formato tradicional de grupo presencial. Os DVD superaram as expectativas, demonstrando que os DVD de baixo custo ou a exibição de vídeos na *Web*, podem oferecer um substituto útil para formatos de intervenção dispendiosos baseados em formato de grupo presencial (68).

Stefanek, Bleis, Schwab e Spiel (2022) testaram a eficácia do *Strengthening Families Program* numa organização não governamental de base comunitária na Áustria. Participaram no estudo 62 famílias, sendo que o principal objetivo foi avaliar os resultados e a eficácia do programa nessa comunidade. Os resultados demonstraram um aumento na coesão familiar, comportamento parental positivo, comportamento prossocial, concentração e diminuição dos comportamentos desviantes por parte dos filhos. Apesar de não ter sido possível realizar o estudo com um grupo de controlo por questões éticas e financeiras, os resultados confirmam a validade do programa (69).

4.3- Terapia Multissistémica

A Terapia Multissistémica (70-72), como o nome indica, é uma abordagem de intervenção multissistémica (i.e., intervenção com a criança/jovem, família, comunidade escolar e comunidade local) dirigida a jovens que apresentam comportamentos antissociais graves e às suas famílias (10; 70-72). Esta baseia-se no modelo socio-ecológico (73), defendendo que os problemas de

comportamento devem ser concetualizados no âmbito de uma rede de sistemas sociais, incluindo a família, a escola, o grupo de pares e a comunidade. Sendo assim, os comportamentos antissociais resultam ou são mantidos devido às interações com ou entre algum destes sistemas (10; 73).

As estratégias de intervenção da Terapia Multissistémica estão associadas à terapia familiar e à terapia comportamental e são utilizadas para intervir diretamente nos sistemas e processos relacionados com os comportamentos antissociais graves (e.g., práticas de disciplina parental, interações familiares, associação com pares desviantes, ligação à escola) (10; 72). Os objetivos do tratamento são definidos aos níveis do sujeito, grupo de pares, família e redes sociais. É importante frisar que os comportamentos problema são descritos a partir das perspetivas dos elementos que atuam no universo social da criança/jovem (e.g., membros da família, professores, autoridades da justiça juvenil, pares), sendo posteriormente, identificados e organizados num quadro concetual coerente os variados fatores ecológicos que originam os diferentes problemas (10; 72).

O tratamento dura em média entre 3 a 5 meses, sendo considerado relativamente breve, todavia, o processo de intervenção é intensivo, envolvendo 60 horas ou mais de contacto direto entre o terapeuta, a família e os outros elementos significativos do universo social do jovem. Ademais, trata-se de uma abordagem individualizada, adequada ao nível de desenvolvimento do sujeito e centrada no presente e na ação (10; 72).

Diversos estudos a nível internacional comprovam a eficácia da Terapia Multissistémica, a título de exemplo, de seguida, serão apresentados dois desses estudos.

Hefti, Pérez, Fürstenau, Rhiner, Swenson e Schmid (2020) realizaram um ensaio clínico que pretendeu testar a eficácia da Terapia Multissistémica numa amostra de famílias que praticaram maus-tratos, abuso e negligência (*n*= 117). Após a participação na Terapia Multissistémica, os pais relataram sofrimento psicológico significativamente menor do que antes do início do programa. Seis meses após o tratamento, essa diminuição ainda era evidente, todavia, os pais não relataram nenhuma redução significativa do *stress* parental. O estudo comprovou a eficácia do programa demonstrando que não é somente eficaz no

que concerne ao combate dos maus-tratos, abuso e negligência contra crianças e jovens, mas que também possui potencial para aliviar o sofrimento psicológico dos pais (74).

Sheerin, Borduin, Brown e Letourneau (2021) realizaram um estudo de *follow-up* (10,2 anos), com um grupo de participantes que beneficiaram de uma intervenção baseada na Terapia Multissistémica (*n*= 50, todos nesse momento em idade adulta). O objetivo foi avaliar a eficácia do programa a longo-prazo e verificar se os participantes se envolveram no crime na idade adulta. Os resultados mostraram que houve melhoria nas relações familiares após o programa, melhor desempenho académico e desenvolvimento de comportamentos prossociais, o que reduziu a probabilidade de os participantes cometerem crimes na idade adulta. Os resultados demonstram que o programa tem impacto a longo-prazo e que a família é essencial para manter a diminuição de comportamentos antissociais (75).

CAPÍTULO II- ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO

5- Meta

O presente estudo tem como meta: Criar uma proposta de diretrizes para a reabilitação de jovens em acolhimento residencial com comportamentos desviantes.

5.1- Objetivo geral

Este estudo tem como objetivo geral: Desenvolver um conjunto de estratégias de intervenção psicossociais e educativas que ajudem a diminuir os comportamentos desviantes de jovens em acolhimento residencial.

5.2- Objetivos específicos

Os objetivos específicos deste estudo são:

a) Compreender os motivos que levam os jovens em acolhimento a ter comportamentos desviantes na visão dos jovens e profissionais;
b) Compreender os problemas e as necessidades na visão dos jovens em acolhimento;
c) Compreender os problemas e as necessidades na visão dos profissionais do acolhimento residencial;
d) Delinear estratégias de intervenção psicossociais e educativas eficazes na diminuição dos comportamentos desviantes no acolhimento residencial na visão dos jovens e profissionais.

5.3- Participantes

O estudo contou com a participação de casas de acolhimento da área metropolitana do Porto (*n*= 5), sendo uma feminina, duas masculinas e duas mistas.

Participaram no estudo jovens do sexo masculino e do sexo feminino com comportamentos desviantes (*n*= 20), sendo a média 4 jovens por casa de acolhimento. Cerca de 60% dos participantes jovens foram rapazes (*n*= 12) e 40% raparigas (*n*= 8).

A média de idades dos jovens foi de 15,7 anos, sendo que foram entrevistados jovens entre os 12 e os 19 anos.

Participaram ainda no estudo profissionais do acolhimento residencial (*n*= 20), em média 4 por casa de acolhimento; 50% pertencentes à equipa educativa (*n*= 10) e outros 50% pertencentes à equipa técnica (*n*= 10).

5.4- Instrumentos de avaliação

A metodologia utilizada foi qualitativa de investigação-ação participativa, a investigadora inseriu-se em algumas rotinas do quotidiano dos jovens com comportamentos desviantes e dos profissionais nas casas de acolhimento, mantendo com estes conversas informais e intencionais com o objetivo de se conhecerem mutuamente e de estabelecerem uma relação de proximidade e confiança para que se sentissem suficientemente seguros para partilharem determinadas visões e vivências nas entrevistas semiestruturadas.

O método utilizado foram as entrevistas semiestruturadas que foram gravadas em formato de áudio com a autorização das instituições e dos respetivos participantes, garantindo-se todos os procedimentos e pressupostos éticos salvaguardados na Declaração de Helsínquia e no Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses, nomeadamente o caráter voluntário da participação no estudo, o anonimato e a confidencialidade.

As entrevistas semiestruturadas aos jovens eram compostas por três perguntas base: 1ª Porque razão tens mau comportamento (motivos)?; 2ª Quais

são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento?; e, 3ª Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa de acolhimento?. As entrevistas semiestruturadas aos jovens tiveram a duração total de 218 minutos, o que perfaz uma duração média de 11 minutos por entrevista.

As entrevistas semiestruturadas aos profissionais eram também compostas por três perguntas base: 1ª Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes (motivos)?; 2ª Quais são as maiores dificuldades sentidas por si ao trabalhar com estes jovens (problemas e necessidades)?; e, 3ª Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens em acolhimento?. As entrevistas semiestruturadas aos profissionais tiveram a duração total de 276 minutos, o que perfaz uma duração média de 14 minutos por entrevista.

5.5- Procedimentos

Foi solicitada autorização para desenvolver este estudo à Comissão de Ética do Centro Hospitalar Universitário de São João/Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, tendo sido autorizado.

As casas de acolhimento de crianças e jovens da área metropolitana do Porto foram contactadas por chamada telefónica e *e-mail*. Num primeiro momento, a investigadora inseriu-se em algumas rotinas do quotidiano das casas de acolhimento (e.g., momento das refeições, apoio ao estudo, supervisão e monitorização aos jovens) com o objetivo de criar uma relação de proximidade e confiança com os participantes para que estes se sentissem suficientemente seguros ao partilhar as suas visões e vivências nas entrevistas semiestruturadas. Posteriormente, os potenciais participantes (i.e., profissionais e jovens) foram questionados sobre o seu interesse em participar no estudo e realizar a entrevista. Os participantes e os seus representantes legais (no caso dos jovens) assinaram um consentimento informado que explicava o estudo e frisava o caráter voluntário da participação, o anonimato e a confidencialidade.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas nas casas de acolhimento em locais onde a investigadora e os participantes se encontravam sozinhos (e.g., sala de estudo; sala de visitas; quarto) e gravadas em formato de áudio com a autorização dos participantes.

5.6- Análise de dados

As entrevistas semiestruturadas, gravadas em formato de áudio, foram transcritas com o auxílio da plataforma online *Reshape*, de modo a desenvolver uma análise de dados mais fidedigna. Estas foram transcritas *verbatim* pela investigadora, a fim de serem submetidas a uma análise de conteúdo e codificadas. As transcrições foram lidas variadas vezes, com o intuito de favorecer a familiarização com os dados e a identificação de ideias gerais salientadas pelos participantes. Posteriormente, procedeu-se à categorização e codificação dos dados obtidos em temas e categorias e que foram em seguida, confrontados com a literatura científica já existente. Seguidamente, sucedeu-se a criação de quadros inerentes aos resultados do estudo para maior e melhor simplificação e compreensão.

CAPÍTULO III- RESULTADOS

6- Motivos que levam os jovens em acolhimento residencial a ter comportamentos desviantes na visão dos próprios jovens e profissionais

Quadro 1. Motivos que levam os jovens em acolhimento residencial a ter comportamentos desviantes na visão dos próprios jovens e profissionais

Motivos que levam os jovens em acolhimento residencial a ter comportamentos desviantes
1º- *Stress* induzido pela própria condição de acolhimento residencial
2º- Tristeza, revolta, frustração e raiva devido a viverem no acolhimento residencial e consequente, distância familiar
3º- Pares delinquentes dentro e fora da casa de acolhimento
4º- Experiências adversas e traumáticas que marcaram os seus percursos de vida
5º- Famílias multidesafiadas, disfuncionais, negligentes e maltratantes, sendo que muitas delas também apresentam comportamentos desviantes
6º- Normalização e reprodução de determinados comportamentos desviantes
7º- Falta de retaguarda, apoio e acompanhamento
8º- Falta de regras, limites, normas e rotinas
9º- Viveram em autogestão
10º- Chamadas de atenção
11º- Diversão, adrenalina e fuga à realidade
12º- Sentimento de impunidade e de que tudo lhes é permitido
13º- Falta ou ausência de empatia
14º- Perturbações de saúde mental, algumas delas não diagnosticadas

Em seguida, os resultados relativos aos motivos que levam os jovens em acolhimento residencial a ter comportamentos desviantes na visão dos próprios jovens e profissionais, serão ilustrados com alguns exemplos de verbalizações que os participantes referiram nas entrevistas.

Motivo 1: *Stress induzido pela própria condição de acolhimento residencial*- Os jovens e profissionais identificam o *stress* induzido pela própria

condição de acolhimento residencial como um dos motivos que levam os próprios jovens a ter comportamentos desviantes.

> "Sinto *stress* e irritação" (Jovem 13, Casa de Acolhimento D)

> "Às vezes estou *stressado* com os funcionários, às vezes é com a doutora daqui de casa. Com os funcionários é quando tipo eles estão chateados, quando brigam comigo ou me mandam fazer coisas que eu não gosto" (Jovem 16, Casa de Acolhimento E)

> "Não é fácil viver numa casa de acolhimento e viver com outras crianças, porque às vezes as pessoas pensam, ah, estás com outras crianças, ah, isto é, como se fosse a tua casa, mas não é bem assim, não é como se fosse a tua casa" (Jovem 19, Casa de Acolhimento E)

Motivo 2: ***Tristeza, revolta, frustração e raiva devido a viverem no acolhimento residencial e consequente, distância familiar-*** Os jovens e profissionais identificam a tristeza, revolta, frustração e raiva devido a viverem no acolhimento residencial e consequente, distância familiar, como um dos motivos que levam os próprios jovens a ter comportamentos desviantes.

> "Acho que devia estar à beira da minha mãe e é isso que me deixa mais frustrado, não poder estar à beira dela. É isso que me leva de vez em quando a ter um comportamento menos adequado" (Jovem 4, Casa de Acolhimento B)

> "Só estar aqui já magoa porque estou longe da minha mãe, longe da minha avó, das pessoas que eu mais amo" (Jovem 6, Casa de Acolhimento B)

> "Eu portava-me mal. Devia ser a revolta de estar aqui, estar aqui fechado. Estar sem a família. Uma pessoa fica triste e depois comecei a ver que não valia a pena chorar, comecei a ganhar raiva" (Jovem 7, Casa de Acolhimento B)

> "Sentem saudades dos pais, saudades da vida que tinham, muita dificuldade em fazer um projeto de vida, de ter regras." (Profissional 16, Casa de Acolhimento E).

Motivo 3: ***Pares delinquentes dentro e fora da casa de acolhimento-*** Os jovens e profissionais identificam pares delinquentes dentro e fora da casa de acolhimento, como um dos motivos que levam os próprios jovens a ter comportamentos desviantes.

> “Tive más companhias, habituei-me a fazer o que os meus colegas queriam que eu fizesse e eles levaram-me a fazer as porcarias. Lá na outra instituição eu fazia tudo certinho e portava-me bem, até que os meus outros colegas foram acolhidos na instituição e aí comecei-me a portar muito mal. Porque depois também se eu não fizesse as porcarias, eles tiravam-me do grupo. Depois eu não tinha ninguém para andar” (Jovem 1, Casa de Acolhimento A)

> “As más companhias, porque eles fumam ganza e etc. É tipo mais isso, porque eu também já fumei. E às vezes eles chamam e eu digo que não, mas eles continuam a insistir e tal.”; (Jovem 6, Casa de Acolhimento B)

> “Há aqueles que são mais influenciáveis, mais permeáveis ao grupo de partes, vão pelos outros irem, para se tentarem também integrar de certa forma no grupo.” (Profissional 6, Casa de Acolhimento B)

Motivo 4: *Experiências adversas e traumáticas que marcaram os seus percursos de vida-* Os jovens e profissionais identificam experiências adversas e traumáticas que marcaram os seus percursos de vida, como um dos motivos que levam os próprios jovens a ter comportamentos desviantes.

> “Tenho mau comportamento por aquilo que passei na vida. Não estou a dar como desculpa, mas sim pelo que passei. Sinto que preciso de ajuda em questões de psicologia. Porque foram muitas coisas que foram para a minha cabeça que não deviam e isso torna-me muito frustrado.”; (Jovem 4, Casa de Acolhimento B)

> **“**Muitas vezes eles já trazem traumas de casa e revoltam-se.” (Profissional 2, Casa de Acolhimento A)

Motivo 5: Famílias multidesafiadas, disfuncionais, negligentes e maltratantes, sendo que muitas delas também apresentam comportamentos desviantes- Os jovens e profissionais identificam famílias multidesafiadas, disfuncionais, negligentes e maltratantes, sendo que muitas delas também apresentam comportamentos desviantes, como um dos motivos que levam os próprios jovens a ter comportamentos desviantes.

> “O meu irmão mais velho esteve preso dez anos. Então, eu, tipo, ia aprendendo as coisas que ele fazia tudo de mal. E depois o meu irmão do meio ensinava-me a roubar. E é por isso que eu às vezes sou assim... Foi assim a minha lição de vida... E depois ia roubar com ele e tal. Eu disse que não quero isto mais para a minha vida e, pá, mudei. Não queria ser

um drogado como o meu irmão, um bêbedo como o meu pai. O meu pai também já esteve preso em Custóias." (Jovem 6, Casa de Acolhimento B)

"A minha experiência, vai-me dizendo que os jovens que apresentam maiores desvios no comportamento são oriundos de famílias tendencialmente maltratantes e quando eu digo maltratantes também digo negligentes. Muitas vezes o que encontramos é isto, é ausência de limites, ausência de regras, pais que permitem tudo, pais que nunca supervisionaram." (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

Motivo 6: *Normalização e reprodução de determinados comportamentos desviantes-* Os jovens e profissionais identificam a normalização e reprodução de determinados comportamentos desviantes, como um dos motivos que levam os próprios jovens a ter comportamentos desviantes.

"Para mim era normal os comportamentos desviantes porque tanto os meus irmãos como o meu pai tinham, porque o meu pai é alcoólico. Tudo aquilo que fui aprendendo foi com o meu pai e com os meus irmãos. E eu desde pequeno que sempre fiz isso. O meu pai dizia para eu faltar à escola, eu faltava... E aí levava-me a beber." (Jovem 6, Casa de Acolhimento B)

"A minha família basicamente é rodeada de violência, drogas e pronto. Não me sentia bem e sentia-me revoltada, então também me meti nas drogas à pala disso."; (Jovem 11, Casa de Acolhimento C)

"Ao normalizarem esses comportamentos e ao terem vivido durante muitos anos e terem presenciado esse tipo de comportamentos, vão normalizar e, portanto, vão reproduzir. Aquilo é o normal." (Profissional 6, Casa de Acolhimento B)

Motivo 7: *Falta de retaguarda, apoio e acompanhamento-* Os jovens e profissionais identificam a falta de retaguarda, apoio e acompanhamento, como um dos motivos que levam os próprios jovens a ter comportamentos desviantes.

"Sinto-me mais sozinha quando não tenho o apoio dos adultos." (Jovem 2, Casa de Acolhimento A)

"Depois vim parar aqui, deram-me muita ajuda, muito apoio, porque eu precisava, porque nunca tive apoio na vida. Eu era um daqueles que pensava, não preciso de ajuda de ninguém, vou fazer tudo sozinho." (Jovem 7, Casa de Acolhimento B)

> “Eu acho que é a falta de apoio em casa, de acompanhamento em casa.” (Profissional 3, Casa de Acolhimento A)

> “Se eles não tiveram retaguarda nessa idade precoce é natural que depois não saibam onde é que estão os limites. Foram tão negligenciados que à falta de outra referência encontraram nos comportamentos desviantes uma forma de ter voz e de encontrar a sua voz e depois não tiveram o apoio necessário para amadurecer.” (Profissional 8, Casa de Acolhimento C)

Motivo 8: ***Falta de regras, limites, normas e rotinas-*** Os jovens e profissionais identificam a falta de regras, limites, normas e rotinas, como um dos motivos que levam os próprios jovens a ter comportamentos desviantes.

> “Quando começaram a impor-me regras e normas já era muito tarde.” (Jovem 3, Casa de Acolhimento A)

> “Nós viemos lá de fora, cá para dentro, não gostamos que mandem em nós. Fiz a minha vida sem regras e limites” (Jovem 11, Casa de Acolhimento C)

> “Famílias que nunca supervisionaram o comportamento destes miúdos, que nunca lhes estabeleceram regras, que nunca lhes estabeleceram limites” (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

Motivo 9: ***Viveram em autogestão-*** Os jovens e profissionais identificam terem vivido em autogestão, como um dos motivos que levam os próprios jovens a ter comportamentos desviantes.

> “Sentia-me sozinho. Pensava que eu é que tinha de cuidar de mim próprio, não era ninguém” (Jovem 7, Casa de Acolhimento B)

> “Eu faltava às aulas, fugia de minha casa. Ia para casa dos meus amigos” (Jovem 12, Casa de Acolhimento C)

> “Temos aqui jovens que toda a vida viveram em autogestão” (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

Motivo 10: Chamadas de atenção- Os jovens e profissionais identificam chamadas de atenção, como um dos motivos que levam os próprios jovens a ter comportamentos desviantes.

> “Acho que é só para dar nas vistas, para se reafirmarem. Pronto, chamadas de atenção.” (Profissional 15, Casa de Acolhimento D)

> “Estes comportamentos desviantes surgem também como uma chamada de atenção para algo interno ou algo externo que está a acontecer. E precisam de muitas vezes de ser sanados em tempo útil enquanto temos jovens disponíveis para essa mudança.” (Profissional 14, Casa de Acolhimento D)

Motivo 11: ***Diversão, adrenalina e fuga à realidade-*** Os jovens e profissionais identificam diversão, adrenalina e fuga à realidade, como um dos motivos que levam os próprios jovens a ter comportamentos desviantes.

> “Eu era viciado, fui deixando aos poucos e consegui deixar. Era mais por diversão. Eu ia porque queria, mais por diversão e para curtir.” (Jovem 6, Casa de Acolhimento B)

> “Para eles conhecerem uma realidade que não é aquela que vêm habituados, que é do bairro ou daqueles grupos de delinquentes, mostrar-lhes que também podem-se divertir de uma forma diferente.” (Profissional 5, Casa de Acolhimento B)

> “Os jovens o que referem mais é fuga à realidade e aos problemas, portanto uma distração, uma tentativa de se abstraírem um bocadinho da realidade deles.” (Profissional 6, Casa de Acolhimento B).

Motivo 12: ***Sentimento de impunidade e de que tudo lhes é permitido-*** Os jovens e profissionais identificam o sentimento de impunidade e de que tudo lhes é permitido, como um dos motivos que levam os próprios jovens a ter comportamentos desviantes.

> “Há um sentimento de impunidade muito grande. Eu acho que a própria sociedade, atualmente, lhes passa essa informação.” (Profissional 5, Casa de Acolhimento B)

> “Temos jovens que foram aprendendo com as famílias que os comportamentos desviantes não são puníveis, não causam mossa a ninguém. Às vezes há aqui na perceção deles a ideia de que eles podem fazer tudo, tudo sempre lhes foi permitido e, portanto, embora eles saibam que estão a prejudicar alguém, na primeira instância eles estão a satisfazer uma necessidade deles.” (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

Motivo 13: ***Falta ou ausência de empatia-*** Os jovens e profissionais identificam a falta ou ausência de empatia, como um dos motivos que levam os próprios jovens a ter comportamentos desviantes.

> "Tivemos um grupo de jovens que ia sempre furtar coisas a uma mercearia aqui da zona, eles sabiam que estavam a furtar a uma mercearia pequena, a um negócio pequeno, com uma senhora já de certa idade, e eles sabiam que estavam a prejudicar a senhora, mas eles queriam as coisas e, portanto, a vontade de ter as coisas era mais alta, não é? O valor para eles era muito mais alto do que estar a prejudicar a senhora e o seu pequeno negócio." (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

Motivo 14: ***Perturbações de saúde mental, algumas delas não diagnosticadas-*** Os jovens e profissionais identificam perturbações de saúde mental, algumas elas não diagnosticadas, como um dos motivos que levam os próprios jovens a ter comportamentos desviantes.

> *"*Agora há um mês cortei-me no braço... Estava muito irritada porque eu corto-me. Estava muito irritada, abri o braço e tive que ir ao hospital levar três pontos." (Jovem 11, Casa de Acolhimento C)

> "Também temos os jovens com problemas de saúde mental. E nós temos muitos e cada vez mais graves. Depois também nem sempre são devidamente diagnosticados." (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

7- Problemas e necessidades no acolhimento residencial que os jovens consideram que interferem negativamente no seu comportamento

Quadro 2. Problemas e necessidades no acolhimento residencial que os jovens consideram que interferem negativamente no seu comportamento

Problemas sentidos pelos jovens em acolhimento residencial	Necessidades sentidas pelos jovens em acolhimento residencial
1º- Distância familiar	**1º-** Maior proximidade e contacto com os familiares
2º- Tendência a não compreender, aceitar nem respeitar a autoridade	**2º-** Compreender, aceitar e respeitar a autoridade
3º- Dificuldade em compreender e aceitar regras, limites, normas e rotinas	**3º-** Compreender e aceitar regras, limites, normas e rotinas
4º- Dificuldade em gerir as emoções e controlar os impulsos	**4º-** Saber gerir as emoções e controlar os impulsos
5º- Falta ou ausência de empatia	**5º-** Desenvolver e agir com empatia
6º- Pouca comunicação e atenção individualizadas por parte dos profissionais	**6º-** Maior comunicação e atenção individualizadas por parte dos profissionais
7º- Pouca liberdade e sentimento de que estão sempre fechados na casa de acolhimento	**7º-** Maior liberdade
8º- *Bullying* e conflitos entre os jovens na casa de acolhimento	**8º-** Ambiente e relacionamentos interpessoais harmoniosos entre os jovens na casa de acolhimento

Em seguida, os resultados relativos aos problemas e necessidades no acolhimento residencial que os jovens consideram que interferem negativamente no seu comportamento, serão ilustrados com alguns exemplos de verbalizações que os participantes referiram nas entrevistas.

Problema 1: *Distância familiar* / Necessidade 1: *Maior proximidade e contacto com os familiares*- Os jovens identificam como problema a distância familiar, sentindo como necessidade maior proximidade e contacto com os familiares.

> “Olha, a situação que eu não podia ir para casa nos inícios, não fui para casa durante um ano, também a minha frustração, controlar a minha cabeça, eu acho que era um bocado isso, e fazia as coisas sem pensar, e falava sem pensar também e isso levava-me a fazer asneiras. Magoava as meninas, e mandava-me para as técnicas e para as educadoras, e fugia também.” (Jovem 9, Casa de Acolhimento C)

Problema 2: ***Tendência a não compreender, aceitar nem respeitar a autoridade*** **/ Necessidade 2:** ***Compreender, aceitar e respeitar a autoridade-*** Os jovens identificam como problema a tendência a não compreender, aceitar nem respeitar a autoridade, sentindo como necessidade compreender, aceitar e respeitar a autoridade.

> “Se não gosto de um determinado monitor, não vou ter o mesmo perfil que tenho com o que gosto. Há pessoas que não, não respeito, se calhar não lhes faço todas as vontades. Se eu contrariar, se me recusar a fazer alguma coisa, há um castigo, portanto, tenho de fazer. Mas agora, há coisas que eu vou fazer com um monitor e com outro não vou fazer ou se fizer vou fazer contrariado.” (Jovem 3, casa de acolhimento A)

> “Às vezes, quando não tenho muita paciência falo torto para os funcionários. Muitas vezes não é faltar ao respeito, mas da forma que eu falo, parece que estou a falar de uma forma... Porque às vezes não tenho paciência para aturar os funcionários.” (Jovem 18, Casa de Acolhimento E)

> “Fazer aquilo que eu quero e não fazer aquilo que os outros querem, que é mandar em mim. Basicamente, nas instituições gostam de mandar em nós. E nós viemos lá de fora, cá para dentro, não gostamos que mandem em nós.” (Jovem 11, Casa de Acolhimento C)

Problema 3: ***Dificuldade em compreender e aceitar regras, limites, normas e rotinas*** **/ Necessidade 3:** ***Compreender e aceitar regras, limites, normas e rotinas-*** Os jovens identificam como problema a dificuldade em compreender e aceitar regras, limites, normas e rotinas, sentindo como necessidade compreender e aceitar regras, limites, normas e rotinas.

> “Era uma miúda muito revoltada, eu partia tudo, eu tratava mal os educadores, eu insultava, eu fazia tudo” (Jovem 11, Casa de Acolhimento C)

> “Não cumpria as regras. Ficava raivoso, não via nada, não via que ia magoar uma pessoa. Eu nem pensava que lhe ia fazer mal. Só pensava em mim próprio (Jovem 7, Casa de Acolhimento B)

Problema 4: ***Dificuldade em gerir as emoções e controlar os impulsos*** **/ Necessidade 4:** ***Saber gerir as emoções e controlar os impulsos***- Os jovens identificam como problema a dificuldade em gerir as emoções e controlar os impulsos, sentindo como necessidade saber gerir as emoções e controlar os impulsos.

> “Acho que quando me *stressam*, dizem alguma coisa ou me provocam. Não consigo gerir as minhas emoções, no momento, explodo. Se tiver que explodir, explodo. No momento, ajo por impulso.” (Jovem 3, Casa de Acolhimento A)

Problema 5: ***Falta ou ausência de empatia*** **/ Necessidade 5:** ***Desenvolver e agir com empatia*****-** Os jovens identificam como problema falta ou ausência de empatia, sentindo como necessidade desenvolver e agir com empatia.

> *“*Cometi um crime dentro da escola, andei à porrada na escola e fiz algumas fraturas num rapaz. Na cabeça e nas costelas. Para entrar no grupo, gostava de mostrar que era mandão e que fazia as coisas e as coisas aconteciam. O rei... Para me sentir o rei.” (Jovem 8, Casa de Acolhimento B)

Problema 6***: Pouca comunicação e atenção individualizadas por parte dos profissionais*** **/ Necessidade 6:** ***Maior comunicação e atenção individualizadas por parte dos profissionais*****-** Os jovens identificam como problema a pouca comunicação e atenção individualizadas por partes dos profissionais, sentindo como necessidade maior comunicação e atenção individualizadas por parte dos profissionais.

> “Deviam-nos dar mais atenção! Pelo menos aqui não nos dão muita atenção. Os profissionais estão sempre ou a escrever nos papéis ou a conversar ou no PC dentro da sala educativa e da sala técnica e não nos dão tanta atenção. Sinto falta que falem, que façam atividades connosco. Relembrar da parte de darem mais atenção aos jovens. Porque às vezes os jovens também se sentem um pouco excluídos. Tipo, falarem, não

como profissionais, mas como amigos. Tipo, darem conselhos e perguntarem sempre como é que nos estamos a sentir." (Jovem 10, Casa de Acolhimento C)

"Devia haver também um cuidado mais individualizado." (Jovem 19, Casa de Acolhimento E)

Problema 7: *Pouca liberdade e sentimento de que estão sempre fechados na casa de acolhimento* / Necessidade 7: *Maior liberdade*- Os jovens identificam como problema a pouca liberdade e sentimento de que estão sempre fechados na casa de acolhimento, sentindo como necessidade maior liberdade.

"Porque me sinto muito fechada e gostava de ter mais liberdade. Poder sair com amigos e também ir dar umas voltas sozinha sem estar sempre aqui trancada." (Jovem 10, Casa de Acolhimento C)

"Estarmos aqui sempre fechados… É muito mau, sim. Porque uma coisa que falam aqui é... Nós estamos a preparar-vos para uma vida lá fora. Mas nós nem temos contacto com as outras pessoas, às vezes. Só temos tipo na escola e quem pratica desportos acabam por ter um pouquinho mais só. E às vezes nem temos muita noção da vida lá fora. Porque aqui dentro é uma coisa e também já estamos acostumados às mesmas pessoas e tal. Mas lá fora é totalmente diferente. Só que muita gente não tem noção disso." (Jovem 20, Casa de Acolhimento E)

Problema 8: *Bullying e conflitos entre os jovens na casa de acolhimento* / Necessidade 8: *Ambiente e relacionamentos interpessoais harmoniosos entre os jovens na casa de acolhimento*- Os jovens identificam como problema o *bullying* e conflitos entre os jovens na casa de acolhimento, sentindo como necessidade um ambiente e relacionamentos interpessoais harmoniosos entre os jovens na casa de acolhimento.

"Sofri *bullying* e... Pronto, depois fui fazer *bullying* aos outros. Consegui parar porque refleti que não gostava que me fizessem *bullying* por isso compreendi que não vou estar a fazer aos outros algo que eu também não gosto. Fui burro, por estar a fazer aos outros algo que eu também não gostava... Antigamente, os rapazes faziam-me mal, abusavam... Eu já estava em baixo, depois eles gozavam comigo, ficava ainda mais… Porque eu não sou o único que está triste! Ninguém está no colégio porque quer, toda a gente quer ficar com a família, uma boa

parte deles. Eu acho que se não tivesse isso, o colégio era algo perfeito.” (Jovem 7, Casa de Acolhimento B)

“Aqui não temos união quase nenhuma. Não somos muito unidas. É só conflito por lá e por cá.” (Jovem 9, Casa de Acolhimento C)

“Sabe, são muitas discussões entre as crianças, jovens, nós... Muitas, entre aspas. Tem várias discussões. Isso acaba por ser um pouco problemático.” (Jovem 20, Casa de Acolhimento E)

8- Problemas e necessidades que os profissionais sentem ao trabalhar com jovens com comportamentos desviantes no acolhimento residencial

Quadro 3. Problemas e necessidades que os profissionais sentem ao trabalhar com jovens com comportamentos desviantes no acolhimento residencial

Problemas sentidos pelos profissionais no acolhimento residencial	Necessidades sentidas pelos profissionais no acolhimento residencial
1º- Acolhimento cada vez mais tardio, e consequentes comportamentos desviantes mais cristalizados e menos tempo para intervir. Isto gera dificuldades em saber que intervenção utilizar	**1º-** Desenho de uma intervenção mais pertinente, baseada em conhecimento científico e constantemente avaliada
2º- Os jovens sentirem a institucionalização no acolhimento residencial como algo negativo	**2º-** Os jovens compreenderem e aceitarem a sua institucionalização no acolhimento residencial
3º- Dificuldade em criar uma relação de confiança e proximidade com os jovens	**3º-** Criação de uma relação de confiança e proximidade com os jovens
4º- Sentimentos de insegurança, medo, frustração e desgaste	**4º-** Sentimentos de segurança e esperança
5º- Pouco tempo e recursos por parte das casas de acolhimento para trabalhar com as famílias dos jovens	**5º-** Maior intervenção familiar por parte das casas de acolhimento

Em seguida, os resultados relativos aos problemas e necessidades que os profissionais sentem ao trabalhar com jovens com comportamentos desviantes no acolhimento residencial, serão ilustrados com alguns exemplos de verbalizações que os participantes referiram nas entrevistas.

Problema 1: ***Acolhimento cada vez mais tardio, e consequentes comportamentos desviantes mais cristalizados e menos tempo para intervir. Isto gera dificuldades em saber que intervenção utilizar*** **/ Necessidade 1:** ***Desenho de uma intervenção mais pertinente, baseada em conhecimento científico e constantemente avaliada*****-** Os profissionais

identificam como problema o acolhimento cada vez mais tardio, e consequentes comportamentos desviantes mais cristalizados e menos tempo para intervir, sentindo como necessidade o desenho de uma intervenção mais pertinente, baseada em conhecimento científico e constantemente avaliada.

> "A maior dificuldade é realmente não percebermos muito bem que intervenção desenvolver com o jovem. Porque eles muitas vezes já nos chegam cada vez mais tarde ao acolhimento. Nós vamos sentindo que os jovens já chegam cá com comportamentos muito cristalizados. E é uma grande frustração, da minha parte e por parte da equipa, por onde é que nós vamos começar?" (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

> "Tendo em conta que a idade do acolhimento cada vez é mais tardia, os jovens já normalizaram, em alguma altura da vida deles, determinados comportamentos. Portanto, o incumprimento de regras, o desafio à autoridade são coisas que eles já normalizaram. Portanto, é muito difícil depois reverter essa normalização que foi feita." (Profissional 6, Casa de Acolhimento B)

> "A principal dificuldade é o tempo que temos para trabalhar com estes jovens, que cada vez nos têm chegado mais tarde e, portanto, já estão muitas coisas enraizadas e o tempo que estão aqui não lhes permite a efetiva mudança. Portanto, podemos tocar em determinados pontos, mas não conseguimos trabalhar como gostaríamos." (Profissional 9, Casa de Acolhimento C).

Problema 2: ***Os jovens sentirem a institucionalização no acolhimento residencial como algo negativo*** **/ Necessidade 2:** ***Os jovens compreenderem e aceitarem a sua institucionalização no acolhimento residencial-*** Os profissionais identificam como problema os jovens sentirem a institucionalização no acolhimento residencial como algo negativo, sentindo como necessidade os jovens compreenderem e aceitarem a sua institucionalização no acolhimento residencial.

> "Sentem saudades dos pais, saudades da vida que tinham, muita dificuldade em fazer um projeto de vida, de ter regras. E muitas vezes existem conflitos aqui e ali porque eles têm muita dificuldade em aceitar as regras que sejam mais assertivas na sociedade." (Profissional 16, Casa de Acolhimento E)

> "Eu sinto que é a revolta que eles têm. Acho que por não estarem com a família e tudo, eles querem descontar nos funcionários, nas pessoas. E demonstram isso fazendo malcriação. A revolta que eles têm

de terem sido retirados à família...” (Profissional 20, Casa de Acolhimento E)

“Eu acho que uma das maiores dificuldades é o facto de os jovens sentirem a casa de acolhimento como um castigo. Acaba por se colocar muita responsabilidade no comportamento dos jovens neles próprios, quando eles são quem têm de ser protegidos.” (Profissional 10, Casa de acolhimento C)

Problema 3*: Dificuldade em criar uma relação de confiança e proximidade com os jovens* / Necessidade 3: *Criação de uma relação de confiança e proximidade com os jovens*- Os profissionais identificam como problema a dificuldade em criar uma relação de confiança e proximidade com os jovens, sentindo como necessidade a criação de uma relação de confiança e proximidade com os jovens.

“Tentamos realmente estabelecer uma relação segura, de confiança com estes jovens, o que nem sempre é fácil, porque eles tendencialmente são desconfiados, tendencialmente não confiam no adulto, muito menos no adulto que representa o sistema de promoção e proteção, que é um sistema que contraria aquilo que são as vontades deles, uma figura de autoridade, que muitos deles nunca tiveram, e, portanto, às vezes, essa própria relação que deveria ser o ponto de partida para a intervenção, é uma relação que demora muito a construir.” (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

“A minha maior dificuldade é chegar a eles, criar uma relação com eles. Eles vêm tão revoltados. É isso que é a dificuldade, é o fechamento dos jovens.” (Profissional 18, Casa de Acolhimento E)

Problema 4: *Sentimentos de insegurança, medo, frustração e desgaste* / Necessidade 4: *Sentimentos de segurança e esperança*- Os profissionais identificam como problema sentimentos de insegurança, medo, frustração e desgaste, sentindo como necessidade sentimentos de segurança e esperança.

“Sinto frustração e medo. Já tive um grupo aí muito complicado. Muito violento mesmo. E já senti realmente muito medo. Houve aí uma altura que eu só de pensar que vinha trabalhar, parecia que ficava doente.” (Profissional 2, Casa de Acolhimento A)

> “O facto das jovens agredirem... E eu acredito que por vezes isso vem acompanhado por sentimentos de medo, de frustração. Porque muitas vezes estamos a investir muito numa jovem e de repente há recaídas que são normais no processo, mas que para os adultos, às vezes, acaba por ser uma frustração sentir que fizemos este caminho e agora a jovem voltou para o outro oposto, não é?” (Profissional 10, Casa de acolhimento C)

> “Estes tipos de situações causam-nos frustração, ao fim de meio ano, um ano, estamos a trabalhar com um jovem. Eu sinto isto e há colegas que sentem mais depressa do que eu, estamos com um jovem com comportamentos desviantes, que repete esse padrão de comportamento e faz e continua a fazer e andamos nisto, isto gera-nos frustração, gera-nos desgaste.” (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

Problema 5: ***Pouco tempo e recursos por parte das casas de acolhimento para trabalhar com as famílias dos jovens*** **/ Necessidade 5:** ***Maior intervenção familiar por parte das casas de acolhimento*****-** Os profissionais identificam como problema pouco tempo e recursos por parte das casas de acolhimento para trabalhar com as famílias dos jovens, sentindo como necessidade maior intervenção familiar por parte das casas de acolhimento.

> “Assumimos que muitas das vezes, a intervenção familiar é mesmo muito pouca. Não é só pela nossa vontade, pela nossa vontade nós gostávamos muito, mas porque é difícil, os recursos são insuficientes. E de facto sentimos que é mesmo aqui algo que se tem de trabalhar. E eu acho que é mesmo muito importante este trabalho com a família. Acho mesmo que grande parte da responsabilidade é das casas de acolhimento no geral.” (Profissional 10, Casa de Acolhimento C)

> “Mesmo nós trabalhando com as famílias, teria que haver um trabalho muito grande com as famílias também por trás, o que não acontece. E as jovens voltam para um meio onde está tudo igual de quando elas saíram. Teria que haver um trabalho muito mais efetivo com os pais.” (Profissional 9, Casa de Acolhimento C)

9- Estratégias psicossociais e educativas que ajudam na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens em acolhimento residencial na visão dos próprios jovens e profissionais

Tendo em consideração as visões e vivencias dos jovens em acolhimento residencial e dos profissionais das equipas técnica e educativa, e indo ao encontro dos seus problemas e necessidades, foram elencadas um conjunto de estratégias psicossociais e educativas que ajudam na diminuição dos comportamentos desviantes por parte dos jovens.

Quadro 4. As estratégias psicossociais e educativas estão agrupadas em 3 Secções: Secção A- Foco nos Profissionais; Secção B- Foco nos Jovens; Secção C- Foco nas Famílias

Secção A- Foco nos Profissionais	Secção B- Foco nos Jovens	Secção C- Foco nas Famílias

Cada Secção (A, B ou C) tem uma panóplia de Subsecções onde estão descritas detalhadamente algumas estratégias de intervenção úteis na diminuição dos comportamentos desviantes por parte dos jovens em acolhimento, contendo ainda, alguns exemplos práticos que podem ser implementados ou adaptados por parte das casas de acolhimento.

Antes de abordarmos as diversas secções e respetivas subsecções, é fundamental frisar algumas notas que os jovens e os profissionais consideram importantes: 1ª- As estratégias psicossociais e educativas terão a intenção que os profissionais e os jovens colocarem nelas (e.g., a terapia assistida por animais poderá ter como intenções desenvolver a autonomia, a responsabilidade, a empatia, a capacidade de dar e receber afeto, combater a solidão, entre outras); 2ª- Não existem estratégias psicossociais e educativas certas ou erradas pois cada casa de acolhimento possui um ambiente diferente, profissionais diferentes e jovens diferentes. Deste modo, as casas de acolhimento possuem autonomia e liberdade de implementar ou adaptar as estratégias que na sua visão e na visão dos jovens são mais eficazes; 3ª- Existem programas reconhecidos internacionalmente pela sua eficácia que poderão servir de inspiração para a

intervenção ou ser aplicados no acolhimento residencial por profissionais qualificados para o efeito.

Quadro 5. Secção A- Foco nos Profissionais e as suas respetivas Subsecções

Secção A- Foco nos Profissionais
1) Perfil dos profissionais- **a)** Estilo educativo democrático; **b)** Formação profissional adequada e contínua; **c)** Trabalho em equipa; **d)** Trabalho multidisciplinar e em rede
2) Competências intra e interpessoais dos profissionais- **a)** Empatia; **b)** Disponibilidade e escuta ativa; **c)** Paciência e autocontrolo; **d)** Flexibilidade; **e)** Consistência, estabilidade e previsibilidade
3) Papel dos profissionais- **a)** Intervenção com cariz terapêutico; **b)** Estabelecer vínculos afetivos; **c)** Proporcionar um ambiente acolhedor e seguro; **d)** Prover cuidados pessoais; **e)** Estimular o desenvolvimento integral; **f)** Orientação e aconselhamento; **g)** Ressignificação; **h)** Reeducação e reestruturação de valores; **i)** Autonomia e inserção social
4) Apoio aos profissionais

Em seguida, os resultados relativos às estratégias psicossociais e educativas que ajudam na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens em acolhimento residencial na visão dos próprios jovens e profissionais, que estão contemplados no Quadro 5. Secção A- Foco nos Profissionais e as suas respetivas Subsecções, serão ilustrados com alguns exemplos de verbalizações que os participantes referiram nas entrevistas.

1) Perfil dos profissionais

a) *Estilo educativo democrático*: Os profissionais e jovens consideram, que os próprios profissionais devem utilizar um estilo educativo democrático, demonstrando autoridade, mas igualmente afeto. Estes afirmam que intervenções que preconizam uma extrema autoridade e baixa afetividade, aumentam o sentimento de revolta nos jovens e a dificuldade em compreenderem a intervenção, o que interfere no sucesso da mesma. Segundo as suas visões, a intervenção é mais eficaz quando efetivamente há autoridade (e.g., repreendem; chamam a atenção; dão consequências negativas; estabelecem regras, limites e rotinas) mas que haja igualmente o estabelecimento de uma relação de proximidade e confiança onde os jovens se sintam acolhidos e capazes de expressar os seus sentimentos e emoções,

sentindo que têm um “ombro amigo” em quem podem confiar e contar sempre que precisarem.

> “Das vezes que trataram bem, todo mundo levando na boa, trataram mal, todo mundo ficava puto. Imagina, eu tô aqui, aí o educador começa a tripar com o puto. O puto vai ficar revoltado, óbvio, sabe? Mas, tipo, chama atenção na boa, tipo, ah, para com isso, tipo, acho que é mais compreensível. As pessoas gostam de ser bem tratadas, sabe?” (Jovem 5, Casa de Acolhimento B)

> “Tem que haver regras, essa pessoa tem que saber impor regras. Mas ao mesmo tempo ter um lado em que se dê ao miúdo, não é? Que mostre o seu lado mais carinhoso. Tem que haver um equilíbrio.” (Jovem 19, Casa de Acolhimento E)

> “Podia acontecer que estivessem aqui só a tomar conta de nós, isso para mim não é nada porque não são amigos, não são nada. Mas aqui não. Eles aqui são amigos, somos amigos também, eles mandam em nós, mas também são amigos e sabem-nos ajudar.” (Jovem 7, Casa de Acolhimento B)

b) *Formação profissional adequada e contínua*: Os profissionais e jovens consideram, que os próprios profissionais devem ser cuidadosamente selecionados e possuir formação profissional adequada. Todavia, estes recomendam que a formação seja contínua, gerando maior probabilidade de adaptação e evolução (e.g., existir um programa de treino inicial e contínuo). Segundo as suas visões, a formação contínua faz com que as equipas estejam mais preparadas pois traz mais conhecimentos e transmite maior esperança e confiança; uniformizem a intervenção; e ainda, melhorem a sua saúde mental pois poderão retirar desses momentos apoio e aconselhamento, o que aumentará o seu bem-estar.

> “Primeiro, os profissionais não são devidamente preparados para o que vêm. Um adolescente é desafiante, um jovem, quando vem para o acolhimento, é um jovem que por si só é em dobro desafiante. Formar, sim. Prepará-los. Prepará-los mesmo ao nível da gestão das emoções, ao nível desta mediação que é tão importante, é fulcral até diria. A formação deve ser contínua. Sempre. Mas principalmente antes de começarem a trabalhar com os jovens. Antes de exercer. Até para saberem para aquilo que vêm.” (Profissional 6, Casa de Acolhimento B)

> “Acho que estas formações deviam ser repetidas até anualmente ou de dois em dois anos, porquê? Esse padrão de comportamento gera-

nos frustração, gera-nos desgaste. Eu acho que equipas com mais conhecimento, à partida também se sentem mais preparadas para lidar. E mais confiantes para trabalhar com este tipo de jovens, para lidar com os desafios deles." (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

c) *Trabalho em equipa*: Os profissionais e jovens consideram, que os próprios profissionais deverão trabalhar em equipa pautando-se pela entreajuda, cooperação e uniformização da intervenção.

"Às vezes, uma pessoa sente-se insegura. Para jovens do tamanho que eles são, o que fazer? E é uma dificuldade... Às vezes, peço ajuda quando não consigo sozinha porque tem que ser. Temos de ter um trabalho em equipa para nos alinharmos e com a equipa decidirmos métodos a utilizar." (Profissional 12, Casa de Acolhimento D)

"Trabalhar de uma forma coesa e uniforme, ou seja, é uma só voz, um só comando e as regras serem universais para todos." (Profissional 13, Casa de Acolhimento D)

"A maior dificuldade muitas vezes é não ter uma equipa coesa, que todos pensem juntos. Suponhamos que uma deita nove e meia e outras às dez, o que vai haver? Vai haver conflitos. Os miúdos vão se revoltar com aquela educadora que quer cumprir as regras. Desestabiliza tudo, desestabiliza todo o programa da casa." (Profissional 19, Casa de Acolhimento E)

d) *Trabalho multidisciplinar e em rede*: Os profissionais e jovens, consideram que os próprios profissionais deverão desenvolver um trabalho multidisciplinar e em rede. A multidisciplinariedade envolve profissionais de diferentes áreas e soma por isso mesmo, diversos conhecimentos, o que melhora consequentemente, a intervenção. Já o trabalho em rede, reforça a ideia de que os jovens não são das casas de acolhimento, mas sim, de toda uma comunidade e que todos temos um papel importante no seu processo desenvolvimental (e.g., escola, clube desportivo, centro de saúde, família).

"Eles estão aqui acolhidos, nós somos a entidade responsável por gerir este processo, mas no fundo estes jovens são da comunidade, são da escola onde estão integrados, são do grupo de jovens que frequentam, do clube que frequentam, porque efetivamente são estas as pessoas de retaguarda que têm que trabalhar com eles." (Profissional 14, Casa de Acolhimento D)

> “Aqui é um trabalho que tem de ser multidisciplinar, não é um trabalho só comigo, mas tem de ser também com uma psicóloga, tem de ser com uma pedopsiquiatra, e é um trabalho em conjunto em que temos de conversar várias vezes para entender aquele comportamento. E cada uma das entidades vai dar o contributo para ajudar na diminuição deste comportamento desviante.” (Profissional 17, Casa de Acolhimento E)

2) Competências intra e interpessoais dos profissionais

a) *Empatia*: Os profissionais e jovens, consideram que é crucial que os próprios profissionais se guiem através da empatia, permitindo-lhes colocarem-se no lugar dos jovens e compreender as suas emoções, sentimentos, problemas e necessidades. Segundo as suas visões, a empatia auxilia no estabelecimento de uma relação de proximidade e confiança o que, consequentemente, facilitará a intervenção.

> “Estabelecer uma relação de confiança e empatia.” (Profissional 2, Casa de Acolhimento A)

> “Aqui com as nossas jovens, eu acho que a grande diferença é o trabalho relacional que nós temos com elas. Portanto, a empatia, a relação que conseguimos criar com elas, que depois lhes conseguimos transmitir muitas coisas.” (Profissional 9, Casa de Acolhimento C)

b) Disponibilidade e escuta ativa: Os profissionais e jovens consideram, que os próprios profissionais devem guiar-se pela disponibilidade e escuta ativa, adaptando-se a cada jovem, pois todos são diferentes. Isto faz com que os jovens se sintam compreendidos e apoiados. Segundo as suas visões, a escuta ativa implica ouvir atentamente, questionar e orientar; já a disponibilidade implica estar presente, demonstrando disponibilidade tanto física como emocional.

> “Estar muito presente e fazer uma intervenção individualizada. Cada miúdo é um miúdo e não podemos falar com eles de toda a maneira.” (Profissional 12, Casa de Acolhimento D)

> “Ouvindo-os, que é muito importante, ouvindo os principais problemas que têm, quais são os seus fantasmas, ir percebendo aos poucos o que é que os faz ser mais úteis, mais felizes.” (Profissional 16, Casa de Acolhimento E)

> “Ajuda na diminuição destes comportamentos o facto de a equipa estar muito próxima delas. Não é simplesmente dizer que tens de ir fazer a cama, é acompanhar a fazer, é ensinar a fazer. Faz toda a diferença estar lá nos bons e nos maus momentos.” (Profissional 10, Casa de Acolhimento C)

c) Paciência e autocontrolo: Os profissionais e jovens, consideram que os próprios profissionais devem guiar-se pela paciência e autocontrolo. Segundo as suas visões, a paciência implica saber esperar e lidar com tranquilidade mesmo em situações desafiantes; já o autocontrolo implica que os profissionais tenham consciência de que também necessitam de saber gerir as suas emoções e controlar os seus impulsos, policiando, igualmente, os seus pensamentos e comportamentos.

> “É desafiante no sentido em que, se eles não adotarem uma postura colaborante à intervenção, é muito difícil chegar a eles, portanto exige muita paciência.” (Profissional 6, Casa de Acolhimento B)

> “A parte mais difícil, é quando o adulto também percebe que tem de gerir as emoções numa situação complicada e nem toda a gente consegue. Aliás, até há colegas que entendem que isso nem é importante, se tiverem de explodir com os jovens, explodem...” (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

> “Às vezes nós também temos que nos controlar um bocadinho. Porque se fosse em outros ambientes, nós às vezes dizemos, se calhar não reagiríamos assim. Mas aqui nós temos que nos conter muito, não é? São momentos muito complicados e de tensão também para nós.” (Profissional 11, Casa de Acolhimento C)

d) Flexibilidade: Os jovens e profissionais consideram, que os próprios profissionais devem guiar-se pela flexibilidade, tendo a consciência de que devem haver regras estabelecidas, mas igualmente, haver flexibilidade, principalmente de adaptar sempre que seja necessário.

> “Sobretudo ter esta flexibilidade de adaptar.” (Profissional 10, Casa de Acolhimento C)

> “Tem que haver regras, mas ao mesmo tempo também tem que ter um lado flexível.” (Jovem 19, Casa de Acolhimento E)

e) *Consistência, estabilidade e previsibilidade*: Os profissionais e jovens, consideram que os próprios profissionais devem guiar-se pela consistência, estabilidade e previsibilidade. Proporcionando consequentemente, um ambiente seguro, estruturado e afetivamente estável.

> "Consistência, estabilidade, previsibilidade. Eu acho que as boas relações terapêuticas constroem-se no quotidiano e nas pequenas coisas." (Profissional 8, Casa de Acolhimento C)

3) Papel dos profissionais

a) *Intervenção com cariz terapêutico*: Os profissionais e jovens consideram, que os próprios profissionais deverão desenvolver uma intervenção com cariz terapêutico no quotidiano. Segundo as suas visões, intervenção terapêutica neste contexto, não é sinónimo de terapia, significando antes que é uma intervenção que é capaz de reparar e transformar.

> "Nós temos que ter uma intervenção com cariz terapêutico, ainda que não sejamos terapeutas, mas que seja uma relação que possa transformar. Tentamos fazer um trabalho de quotidiano que se baseie nesta intervenção terapêutica. Ok, é muito importante ir à psicologia, mas as outras 23 horas do dia são muito importantes. Essas 23 horas do dia têm que ser terapêuticas para o jovem, no sentido em que ele percebe que as regras são claras, o afeto é uma coisa que ele não precisa estar desconfiado, que o adulto vai dar respostas responsivas às necessidades dele…" (Profissional 14, Casa de Acolhimento D)

b) *Estabelecer vínculos afetivos*: Os profissionais e jovens consideram que, os próprios profissionais deverão estabelecer com os jovens vínculos afetivos, desenvolvendo entre si relacionamentos saudáveis e afetivos.

> "Eu gosto dos monitores, gosto dos técnicos, e espero que eles gostem de mim. Gosto muito que as pessoas conversem, que eles joguem connosco, que nos façam sentir... Que há tipo uma ligação, e há ligações entre os educadores e as crianças. Eles aqui são amigos, eles mandam em nós, mas também são amigos e sabem nos ajudar." (Jovem 7, Casa de Acolhimento B)

> “Nota-se que têm ausência de carinho. Tem um menino que está cá connosco, que está há 2 ou 3 aninhos. Nos primeiros dias, ele todos os dias falava comigo à noite, já estou na cama, vou dormir. Porque eles não tiveram uma mãe, não tiveram alguém que lhes desse atenção. Porque às vezes parece que são todos rebeldes, mas o outro lado eles têm também e precisam daquele carinho.” (Profissional 5, Casa de Acolhimento B)

c) *Proporcionar um ambiente acolhedor e seguro*: Os profissionais e jovens consideram que, os próprios profissionais devem proporcionar um ambiente acolhedor e seguro; criando um ambiente físico e emocional seguro, onde os jovens se sintam confortáveis, protegidos e respeitados.

> “Nós funcionamos muito com base nos alicerces deles, ou seja, nós estabelecemos as tais regras, os limites, o ambiente familiar, as condições em casa e fora de casa.” (Profissional 13, Casa de Acolhimento D)

> “Os jovens chegam aqui e a primeira coisa que fazem é ter um espaço agradável, onde se sintam bem, em primeiro lugar, tento fazer isso, chegarem da escola, boa tarde, bom dia, o que é que fizeste.” (Profissional 16, Casa de Acolhimento E)

> “Fazer com que os putos acreditem que têm alguém ali para eles, sabe? Que estão aqui para ajudar... Tiram o teu chão, mas também dão o chão para tu cair, sabe? Quando entrei aqui, imagina, tipo, caiu-me tudo, sabe? Caiu-me o chão... Mas eles aqui deram-me um novo chão.” (Jovem 5, Casa de Acolhimento B)

d) *Prover cuidados pessoais*: Os profissionais e jovens consideram que, os próprios profissionais devem prover cuidados pessoais aos jovens (e.g., atender às necessidades mais básicas como alimentação adequada, higiene pessoal, cuidados médicos).

> “Assegurar que os bens básicos estão em dia, comida, refeições a tempo e horas, dormir a horas necessárias, ter um espaço, uma rotina de estudo.” (Profissional 13, Casa de Acolhimento D)

> “Há outros que uma coisa tão básica como ir lavar os dentes temos que estar todos os dias a dizer.” (Profissional 2, Casa de Acolhimento A)

e) *Estimular o desenvolvimento integral*: Os profissionais e jovens consideram que, os próprios profissionais devem estimular o desenvolvimento integral dos jovens; fornecendo por isso mesmo, estímulos adequados e

promovendo oportunidades de aprendizagem para o desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social.

> "Olha, uma das estratégias é fazer muitas atividades com os miúdos. E também trabalhar com eles o cognitivo, intelectual, psicomotor, fazer desenhos..." (Profissional 19, Casa de Acolhimento E)

> "Mostrar novas realidades à saúde mental, à saúde física, ao emocional. Fico muito contente por ver esse desenvolvimento dos miúdos." (Profissional 16, Casa de Acolhimento E)

f) *Orientação e aconselhamento*: Os profissionais e jovens, consideram que, os próprios profissionais deverão guiar-se pela orientação e aconselhamento; mostrando aos jovens outros caminhos e realidades possíveis a seguir, oferecendo conselhos e fornecendo suporte na tomada de decisões.

> "Mostrar novos caminhos, novas curiosidades. Mostrar que também podem ter sucesso. Que eles possam conhecer uma nova realidade e perceber que conseguem alcançar as coisas sem ter necessidade de ir por aqueles caminhos." (Profissional 15, Casa de Acolhimento B)

> "Quem anda num curso, se recebe dinheiro, dão conselhos como, por exemplo, poupar o dinheiro para tirar a carta de condução no futuro, algumas coisas deste género. As pessoas ficam a pensar, ok, tenho que começar a fazer as coisas direito, e se quero ver a minha mãe com orgulho de mim e o resto das pessoas que me estão a ajudar. E isso faz com que as pessoas fiquem motivadas a fazer as coisas certas." (Jovem 4, Casa de Acolhimento B)

> "Tipo, falarem. Não como profissionais, mas como amigos. Tipo, darem conselhos e perguntarem sempre como é que nos estamos a sentir e isso tudo." (Jovem 10, Casa de Acolhimento C)

g) *Ressignificação*: Os profissionais e jovens consideram que, os próprios profissionais devem ajudar os jovens a ressignificar, isto é, dar um novo significado ou interpretação a situações e experiências que lhes aconteceram na vida.

> "É importante que estes jovens também tenham aqui um trabalho de ressignificação das experiências que tiveram, das relações afetivas que têm, e que esse trabalho, efetivamente, pode trazer muitas mudanças." (Profissional 14, Casa de Acolhimento D)

h) *Reeducação e reestruturação de valores*: Os profissionais e jovens consideram que, os próprios profissionais devem reeducar e estimular uma reestruturação de valores nos jovens; auxiliando-os a substituir comportamentos desviantes por comportamentos prossociais através de diferentes guias orientadores de pensamento e comportamento (e.g., estimular quotidianamente os jovens a refletirem sobre o seu comportamento, emoções e sentimentos e dar *feedback*).

> "Nós temos o modelo terapêutico. O modelo terapêutico tem essa intencionalidade até de reeducação e de reestruturação da maneira como elas vivem o mundo e lidam com o mundo." (Profissional 8, Casa de Acolhimento C)

> "Tem de ser feito um trabalho de formação de valores ou de reconstrução dos valores." (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

> "E sabe tipo, apanha os valores, sabe, que é mesmo assim. Aqui aprende outro tipo de valores! Eu tipo, quando cheguei aqui, eu já era habituado a fazer merda. Mas depois que eu vi o pessoal tipo, que andava aqui, fui vendo como eles se comportavam..." (Jovem 5, Casa de Acolhimento B)

> "Nós queremos substituir comportamentos desviantes por outro tipo de comportamentos. Nós não podemos só aniquilar os comportamentos maus sem introduzir, sem acarinhar, sem regar muito bem um comportamento prossocial." (Profissional 8, Casa de Acolhimento C)

i) *Autonomia e inserção social*: Os profissionais e jovens consideram que, os próprios profissionais devem auxiliar os jovens na sua autonomia e inserção social; estimulando e ajudando-os a desenvolverem competências necessárias para a autonomia e inserção social, preparando-os consequentemente, para a vida fora do acolhimento residencial.

> "Era essencial eles saírem daqui uns homens e umas mulheres a saber cozinhar, a saber lidar uma casa, a saber gerir o dinheiro. Educá-los para o direito. Para uma sociedade futura que vai ser deles e vai ser nossa. Para eles serem autónomos e não caírem no erro que os pais fizeram." (Profissional 18, Casa de Acolhimento E)

> "Se nunca aprendermos a fazer as coisas sozinhos.... Eles têm que saber ajudar, mas tem que haver um limite de ajuda, que eles e nós

sabemos... Mas a autonomia é muito importante, bastante importante." (Jovem 7, Casa de Acolhimento B)

"Quando fizer 16 anos vou fazer um *part-time* para ganhar já algum dinheiro. Eles já estão a ajudar-me a tentar fazer isso. E vou fazer um curso de auxiliar de saúde e vou fazer faculdade." (Jovem 9, Casa de Acolhimento C)

4) *Apoio aos profissionais*

Os profissionais afirmam que não são somente os jovens no acolhimento residencial a necessitar de apoio, mas que também os próprios profissionais necessitam de apoio. Estes referem que o trabalho no acolhimento residencial pode ser muito exigente e desafiante, sentindo a necessidade de serem apoiados com o objetivo de melhorarem a sua saúde mental e bem-estar, o que consequentemente, melhorará também as suas práticas profissionais (e.g., promover e criar espaços de discussão, supervisão, formação e aconselhamento).

"Tudo o que se passa aqui nós também temos que saber gerir de maneira a não levar para casa. Ou seja, quando aquela porta é fechada, nós temos que deixar tudo aqui dentro. Porque senão, para nós também é muito complicado na nossa vida." (Profissional 11, Casa de Acolhimento C)

"Eu penso que deveria haver uma reunião mensalmente. Este é o mínimo para uma casa funcionar corretamente. Porque é na reunião que nós falamos das nossas dificuldades todas, expomos todos os nossos problemas. Então, se houver um *feedback*, teremos mais estratégias de *coping* para dar resposta ao comportamento desses miúdos." (Profissional 19, Casa de Acolhimento E)

"Se a equipa não estiver preparada, se não houver momentos de formação, até momentos de supervisão, momentos em que a equipa pode falar sobre estas dificuldades e pode ter alguém assim, mas vocês tentem isto ou tentem aquilo, ou façam desta maneira. Ou seja, as equipas precisam de alguém que dê esperança e a formação pode dar esperança, a supervisão pode dar esperança." (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

Quadro 6. Secção B- Foco nos Jovens e as suas respetivas Subsecções

Secção B- Foco nos Jovens
1) Estabelecimento de uma relação de proximidade e confiança
2) Supervisão
3) Regras
4) Consequências negativas
5) Consequências positivas
6) Avaliação do comportamento
7) Gestão das emoções e controlo dos impulsos
8) Autonomia
9) Apoio escolar permanente na casa de acolhimento
10) Ocupação dos tempos livres
11) Animais
12) *Bullying* e conflitos entre os jovens

Em seguida, os resultados relativos às estratégias psicossociais e educativas que ajudam na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens em acolhimento residencial na visão dos próprios jovens e profissionais, que estão contemplados no Quadro 6. Secção B- Foco nos Jovens e as suas respetivas Subsecções, serão ilustrados com alguns exemplos de verbalizações que os participantes referiram nas entrevistas.

1) ***Estabelecimento de uma relação de proximidade e confiança-*** Os profissionais e jovens, consideram que o estabelecimento de uma relação de proximidade e confiança é o alicerce de qualquer intervenção; referindo que esta se estabelece no quotidiano, através do diálogo e demonstrando presença não só física, mas também emocional.

> "É criar uma relação. Aqui a relação é a base toda para mim, é a relação que se consegue criar com eles. Tenho que procurar, tenho que o conhecer, falar, conversar." (Profissional 5, Casa de Acolhimento B)

> "Tem que ser uma rotina. E a relação é criada nesse dia a dia. Os miúdos, uns levam menos tempo, outros levam anos, outros levam dias. Depende da abertura que os miúdos têm para connosco." (Profissional 16, Casa de Acolhimento E)

> “Quanto melhor a relação com eles mais fácil para nós o trabalho no terreno também com eles. A confiança que eles têm também connosco é muito melhor.” (Profissional 4, Casa de Acolhimento B)

> “Uma relação sólida, de confiança, também tem que ser afetiva e emocional.” (Profissional 6, Casa de Acolhimento B)

2) *Supervisão-* Os profissionais e jovens, consideram que a supervisão deverá ser diária, referindo que alguns dos problemas que acontecem no acolhimento residencial diariamente, surgem quando há falhas na supervisão por parte dos próprios profissionais (e.g., observação das suas relações intra e interpessoais, verificação do cumprimento das regras e normas sociais).

> “Principalmente haver mais supervisão.” (Jovem 9, Casa de Acolhimento C)

> “É estar próxima delas. Supervisionar, mais nesse sentido. Porque assim estamos mais em cima delas, do acontecimento e elas não têm tanta manobra para estar a combinar fugas e essas coisas assim.” (Profissional 11, Casa de Acolhimento C)

3) *Regras-* Os profissionais e jovens, consideram que as regras são fundamentais pois transmitem segurança e ajudam a estabelecer uma estrutura e organização no ambiente, promovendo a disciplina e a convivência saudável entre todos. Porém, estes referem que, as regras no acolhimento residencial tendem a ser muito rígidas, não havendo flexibilidade e nem adaptação. Deste modo, os jovens e profissionais recomendam que as regras sejam claras, flexíveis e adaptadas quando necessário, bem como sempre que possível, discutidas e decididas entre todos (e.g., reuniões individuais, assembleias).

> “Ok, a minha mãe tem regras, tem, não são tantas como no colégio, se calhar dá mais liberdade que os colégios, mas mesmo assim são regras. Nos colégios as regras são muito rígidas.” (Jovem 4, Casa de Acolhimento B)

> “A doutora tinha que falar connosco das regras e não só com os funcionários. A doutora nem nenhum funcionário se deu ao trabalho de falar e reunir, fazer uma assembleia, uma reunião para falar sobre as regras.” (Jovem 16, Casa de Acolhimento E)

> “Eu acho que num ambiente de uma casa de acolhimento, tem de existir mesmo regras concretas. Os jovens têm de saber e têm de ser ouvidos sobre tudo isso. Ou seja, se eles não forem ouvidos, não vão conseguir perceber porque é que esta regra é assim e não é de outra forma. É adaptar as regras muitas das vezes. É ir conversando muito em grupo também sobre o que está a correr bem, o que está a correr menos bem. E também muito individualmente. Mas sobretudo ter esta flexibilidade de adaptar.” (Profissional 10, Casa de Acolhimento C)

4) *Consequências negativas-* Os profissionais e jovens, consideram que as consequências negativas ajudam os próprios jovens a refletir sobre o seu comportamento desviante e em relação áquilo que deverá ser modificado, levando consequentemente, a uma maior probabilidade de mudança comportamental. Estes referem, que quando as consequências negativas são aplicadas, os profissionais deverão desenvolver com os jovens um processo de consciencialização e reflexão em relação aos seus comportamentos desviantes identificando as causas e possíveis consequências (e.g., abordar e discutir mecanismos de defesa; sugerir a substituição de comportamentos desviantes por comportamentos prossociais). Por outro lado, as consequências negativas no acolhimento residencial, regra geral, também são pautadas na punição (e.g., retirar o telemóvel, proibir saídas com os amigos); no entanto, tanto jovens como profissionais apesar de reconhecerem a sua eficácia em alguns jovens, consideram que estas deverão ser proporcionais áquilo que o jovem fez e aplicadas de forma equilibrada.

> “Eles têm telemóvel hoje em dia e a gente tirando o telemóvel é o pior castigo que a gente lhes pode dar. Sim, resulta. Ele sabe que depois de ser atribuído o telemóvel, se voltar a errar ali, ou outras coisas, a consequência vai ser ficar sem telemóvel. Ou seja, raramente acontece outra vez o mesmo problema.” (Profissional 3, Casa de Acolhimento A)

> “Resulta melhor comigo ficar uma semana sem telemóvel, ficar uma semana sem ver televisão, ficar uma semana no quarto, não sair com os amigos... Não é qualquer castigo, por exemplo, mandarem-me fazer uma tarefa e isso...” (Jovem 2, Casa de Acolhimento A)

> “Agora no colégio que eu estou atualmente, se me disserem, ok, a tua punição é não teres saídas ou ficares sem telemóvel, compreendo completamente. Começo a refletir no que fiz mal para depois melhorar para não voltar a fazer isso. E para não ter outra vez o mesmo castigo.” (Jovem 4, Casa de Acolhimento B)

> “E, portanto, ao estarmos a restringi-los ainda mais, ao estarmos a puni-los de uma forma extrema, seja em que circunstância for, acho que vai ter exatamente o efeito contrário, que é vai chegar a revolta, repreender sim, mas com conta, peso e medida, portanto deve haver um equilíbrio. Portanto mediar muito bem o castigo àquilo que efetivamente o jovem fez, também não podemos descurar e menosprezar de facto de que são adolescentes e a adolescência é por si só uma fase desafiante.” (Profissional 6, Casa de Acolhimento B)

5) *Consequências positivas-* Os profissionais e jovens, consideram que as consequências positivas deveriam ser tão utilizadas como são as consequências negativas. Estes referem que, no acolhimento residencial há um maior foco no negativo do que no positivo. Os profissionais e jovens, acreditam que os próprios jovens ao serem alvo de consequências positivas há uma maior probabilidade de sentimento de reconhecimento e bem-estar, incentivando assim, comportamentos prossociais e a sua repetição. Nas suas visões, as consequências positivas poderão ser utilizadas na forma de reforços, estímulos ou recompensas que são oferecidos quando um comportamento desejado é apresentado (e.g., reconhecimento verbal ou material, como elogios, aplausos, prémios, presentes ou atividades especiais).

> “Às vezes o esforço não é muito bem valorizado. Há coisas boas, quando a pessoa faz coisas boas, deve ser valorizada. Às vezes nem que seja com palavras, porque às vezes nem isso se faz.” (Jovem 19, Casa de Acolhimento E)

> “Penso que haveria de haver um maior foco nas consequências positivas. Porque se calhar há um grande foco nas consequências negativas. Por exemplo, no final do ano o jovem passou de ano, claro que houve altos e baixos, mas conseguiu passar, dizer ao jovem olha vais almoçar com os teus amigos. É uma boa forma deles olharem para trás e dizerem, olha, valeu a pena.” (Profissional 4, Casa de Acolhimento B)

> “É preciso investir muito na criação e na consolidação de comportamentos prossociais. E isso faz também com privilégios. Vamos reforçar isso positivamente. E reforçar verbalmente é muito importante, mas também é reforçar com alguma ação. E a ação pode ser... Vamos ali tomar um café às piscinas. Pode ser um passeio, pode ser uma saída extra, pode ser uma chamada extra. É uma série de pequenas coisas que se podem fazer para assinalar positivamente esse comportamento. Em vez de dar coisas, preferimos dar momentos e dar tempo de qualidade.” (Profissional 8, Casa de Acolhimento C)

6) *Avaliação do comportamento-* Os profissionais e jovens, referem que a avaliação do comportamento dos próprios jovens deverá ser desenvolvida com regularidade, podendo definir-se diferentes periodicidades para o efeito (e.g., diária, semanal, mensal). Esta envolve a observação e análise crítica do comportamento dos jovens em diversos parâmetros (e.g., relacionamentos intra e interpessoais, tarefas de autonomia, investimento escolar). As casas de acolhimento referem que utilizam diferentes estratégias e atividades na avaliação do comportamento dos jovens (e.g., os profissionais de cada turno desenvolverem diariamente uma avaliação comportamental dos jovens, isto poderá ser feito através de pontos, cores, *smiles* e escalas; promover semanalmente e/ou mensalmente reuniões individuais e/ou assembleias criando um espaço onde se possa refletir, promover a participação e discussão e ainda, dar e receber *feedback* em relação à avaliação comportamental dessa semana/mês).

> "A avaliação que nós fazemos dos comportamentos deles nessa semana. Nós temos uma tabela que inclui as tarefas domésticas, a agenda pessoal, as atitudes e a relação com os outros, o investimento na escola... Portanto, todos os dias, os educadores que estão com eles verificam se eles cumpriram ou não cumpriram um determinado comportamento. Depois, normalmente na semana seguinte, reúno individualmente com cada jovem e digo, como é que achas que correu a semana anterior? Tens aqui alguns zeros? O que é que aconteceu? Em que é que tu achas que podes melhorar? Pronto, é feito sempre essa reflexão com eles." (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

> "Nós temos assembleias por causa do nosso comportamento semanal. E dão-nos uma nota de 0 a 5. Tipo, imagina, respeitar as intenções dos profissionais, temos o cumprir, o não cumprir e o cumprir parcialmente. Temos os pontos fortes que é o que correu melhor esta semana e os pontos a melhorar que são aqueles que correram menos bem e que temos que melhorar. E depois temos a avaliação. E dão-nos privilégios para as meninas que merecem, consequências para as meninas que portam-se mal." (Jovem 9, Casa de Acolhimento C)

7) *Gestão das emoções e controlo dos impulsos-* Os profissionais e jovens, consideram que os próprios profissionais devem auxiliar e ensinar os jovens a saber gerir as suas emoções e a controlar os seus impulsos. Todavia, reconhecem que isso, normalmente, é um grande desafio para os profissionais do acolhimento residencial. Porém, estes utilizam e reconhecem a utilidade de

algumas estratégias (e.g., oferecer enquanto profissionais um modelo positivo aos jovens, demonstrando como gerem as suas próprias emoções e controlam os seus impulsos quotidianamente, para isso, é necessário, que os profissionais estejam conscientes do seu papel como modelos e referências para os jovens, vigiando e policiando os seus próprios pensamentos e comportamentos; ajudar os jovens a identificar e nomear as suas emoções e sentimentos bem como os dos outros e ensinar estratégias de como lidar melhor com isso, como por exemplo, saber o que são e quais são os mecanismos de defesa; conversar com alguém de confiança, fazer exercício físico, ouvir música).

> "A frustração é um grande gatilho, não é o problema em si, mas é o grande gatilho dos episódios mais negativos e das coisas mais significativas cá na casa. Nunca me deram suporte para lidar com a frustração. Já nem digo ensinar a lidar com a frustração, porque isso pode ser difícil. Mas nunca me deram a segurança de que não ia ser abandonado, que não ia ser maltratado e, portanto, perante a frustração, desorganizo-me facilmente e adoto comportamentos ditos desviantes." (Profissional 8, Casa de Acolhimento C)

> "Tentá-los acalmar, e isso é uma tarefa difícil, para depois tentar conversar com os mesmos e acalmá-los, compreender essa situação, fazê-los ver que realmente não é o modo de agir certo, e isso é uma dificuldade muito grande ao lidar com estes jovens. Porque eles estão muito nervosos, só conseguem ver aquela forma de agir, e nós temos de tentar dar-lhes a entender qual é a forma correta, porque claramente não é aquele comportamento desviante que eles tiveram." (Profissional 17, Casa de Acolhimento E)

> "Não posso entrar logo a matar porque vai despoletar nos miúdos a mesma reação. Até porque se nós queremos que os jovens não sejam autoritários e agressivos, não tenham este tipo de comportamento, também não podemos dar o exemplo." (Profissional 2, Casa de Acolhimento A)

> "Adultos muito conscientes, até um bocadinho híper vigilantes do seu papel como modelos e como referências para as miúdas." (Profissional 8, Casa de Acolhimento C)

8) *Autonomia-* Os profissionais e jovens, consideram que os próprios profissionais devem estimular e auxiliar a desenvolver a autonomia dos jovens, propondo atividades e tarefas nesse sentido. Estes consideram que a promoção da autonomia no acolhimento residencial é essencial para que os jovens possam desenvolver-se plenamente e alcançar uma transição bem-sucedida para a vida

adulta. Para isso, é importante que os profissionais acompanhem e orientem os jovens diariamente e desenvolvam com estes algumas competências necessárias em sociedade (e.g., tarefas domésticas: aprender a cozinhar, limpar os espaços, tratar das suas roupas e organizar o seu próprio ambiente; gestão das finanças pessoais: aprender a gerir o seu dinheiro de forma responsável; autonomia emocional: desenvolver a sua inteligência emocional, saber lidar com as suas emoções e encontrar estratégias para enfrentar dificuldades emocionais; projeto de vida: traçar metas e alcançar objetivos pessoais).

> "Acho bastante importante a autonomia, porque eles estão aqui para nos ajudar, eles não estão aqui para fazer tudo por nós. Porque se eles estão sempre a fazer as coisas por nós, nós vamos sair daqui e vamos ser o quê? Vamos ser nada, se nunca aprendermos a fazer as coisas sozinhos." (Jovem 7, Casa de Acolhimento B)

> "No piso de autonomia temos mais saídas, fazemos mais tarefas, para sermos mais autónomos, para quando sairmos de aqui sermos autónomos. Ajudam-nos, marcamos consultas para nós e cozinhamos e passamos a ferro, lavamos a roupa…" (Jovem 9, Casa de Acolhimento C)

> "Na prática as tarefas também vêm com um grande sentimento de autossuficiência, que é muito importante nestes meios. Normalmente o educador faz essas tarefas com elas, para elas próprias aprenderem e fazerem depois sozinhas. Dá-lhes uma sensação de controlo e de pró-ação nas suas rotinas." (Profissional 8, Casa de Acolhimento C)

> "Elas associam muitas vezes a autonomia às tarefas domésticas. A parte das tarefas muitas das vezes é o que menos me preocupa. Muitas das vezes tem sobretudo a ver com esta questão da autonomia tanto funcional como organizacional. Então é começar a preparar esta transição, independentemente de viverem ou não sozinhas no futuro. Porque se os adultos anteriormente lhes falharam, não quer dizer que ao irem para uma reunificação familiar, não lhes vai falhar outra vez. E por isso, elas precisam de ter estas competências antes de saírem, sobretudo." (Profissional 10, Casa de Acolhimento C)

9) ***Apoio escolar permanente na casa de acolhimento-*** Os profissionais e jovens, consideram que os próprios profissionais devem prover apoio escolar permanentemente na casa de acolhimento. Estes referem que regra geral, os jovens em acolhimento costumam ter problemas escolares, nomeadamente, absentismo escolar, retenções e baixas avaliações. Deste modo, os profissionais podem oferecer suporte educacional contínuo, auxiliando-os nas suas

dificuldades académicas e estimulando as suas potencialidades (e.g., os profissionais poderão criar um espaço na casa de acolhimento exclusivo para apoio ao estudo, como por exemplo, uma sala de estudo, tornando-se parte da rotina diária dos jovens a sua frequência; na sala de estudo, os jovens poderão receber por parte dos profissionais suporte em atividades educacionais e orientação vocacional).

> "A maior parte destes miúdos chega cá com absentismo escolar, não é? Existe uma resistência grande para ir à escola, para fazer os trabalhos de casa, muitas vezes só vão porque são mesmo obrigados. Neste momento, aqui diante das nossas possibilidades, vamos fazendo o apoio aos estudos." (Profissional 2, Casa de Acolhimento A)

> "Há da nossa parte, enquanto casa de acolhimento, também este trabalho muito no sentido de vais para a escola, tens dificuldades, vamos-te colocar no centro de explicações. Eles começam a perceber que pertencem a alguma coisa e que há expectativas positivas em relação a eles." (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

> "Nós damos apoio ao estudo, mas fazemos outras coisas. Fazemos atividades de acordo com o gosto de cada um, saímos... Para isso é que existe um plano educativo da sala de estudo. A sala de estudo funciona como um apoio extra escola, portanto, os jovens fazem as tarefas escolares, trabalhos, sempre com o apoio daqui, orientação de estudo, têm essa rotina, fazem a pasta…Também para a parte escolar, para eles terem algum apoio e para terem uma ferramenta mais tarde que se possam servir para ter um emprego, pelo menos para fazer parte do projeto de vida." (Profissional 16, Casa de Acolhimento E)

10) ***Ocupação dos tempos livres-*** Os profissionais e jovens, consideram que os próprios profissionais devem promover a ocupação dos tempos livres de uma forma divertida, útil e diversificada. Estes referem que a ocupação dos tempos livres ajuda os jovens a canalizar a sua energia de forma positiva. É importante que esta promova o desenvolvimento pessoal, social e educacional e que sempre que possível, vá ao encontro dos gostos e interesses dos jovens (e.g., atividades desportivas: fazer caminhadas ao ar livre, futebol, natação; atividades recreativas: fazer jogos, ir à praia, fazer piqueniques; atividades artísticas: criar oficinas de música, dança, teatro, desenho, pintura, fotografia; atividades de voluntariado: com animais, pessoas em situação de sem-abrigo, crianças, idosos; tarefas de autonomia: cozinha, pastelaria, eletricidade, carpintaria).

> “Às vezes é preciso termos alguma coisa com que nos ocupar e algo fora da escola, não é? Que nos possamos divertir e descontrair um bocado, que isso também é importante. Porque estamos aqui sempre fechados.” (Jovem 19, Casa de Acolhimento E)

> “A ocupação dos tempos livres é muito bom para eles. Porque senão o jovem fica livre. Não gasta energias. Neste momento, estamos a ocupá-los, num projeto. Se calhar até um dia acabam por encontrar a vocação deles naquelas áreas que estão a aprender nas atividades. Estão em eletricidade, carpintaria, cozinha, pastelaria...” (Profissional 12, Casa de Acolhimento D)

> “Ocupar o meu tempo de forma útil e diversificada. Nós fazemos voluntariado nos cavalos, no gatil, nos sem abrigo, nas crianças, nos animais, nos idosos também...É fixe! Nós gostamos! As meninas que participam gostam de ajudar as pessoas. Fazendo as pessoas sentirem-se melhor, eu acho, ao ajudarmos. Empatia pelos outros, ajudar os outros. Isto faz-me bem, sabe-me bem, a sério. Adoro ajudar os outros. Sou muito empática com os outros.” (Jovem 9, Casa de Acolhimento C)

> “Devem ocupar-nos, porque a maior parte dos problemas é porque não está ninguém a fazer nada e começam a mandar vir.” (Jovem 7, Casa de Acolhimento B)

11) *Animais-* Os profissionais e jovens, referem que o recurso a animais, apesar de ainda não ser tão utilizado por parte das casas de acolhimento, poderá trazer efeitos positivos principalmente ao nível das suas relações intra e interpessoais (e.g., aumento da capacidade de dar e receber afeto, desenvolvimento de empatia, aumento da responsabilidade, diminuição do sentimento de solidão e *stress*, aumento da sensação de bem-estar). Estes consideram importante e demonstram interesse em algumas atividades e projetos com animais (e.g., terapia assistida por animais no interior e exterior das casas de acolhimento com por exemplo, cavalos e cães; adoção de animais por parte das casas de acolhimento podendo aproximar os jovens dos animais e responsabilizá-los por estes, todavia, sempre com a supervisão dos profissionais).

> “Eu acho que os animais são terapêuticos e isso está provado. Eu acho que é muito bom ter um animal e é uma pena não se poder ter cá em casa.” (Jovem 19, Casa de Acolhimento E)

> “O nosso diretor fez questão de ter o seu cão cá. E nós temos aqui uma rotina com os jovens de passeá-lo duas ou três vezes por dia, de ser o jovem a alimentá-lo, a dar a água e a fazer o passeio. Estas tarefas são divididas pelos jovens e normalmente é um momento em que se alguém vai passear o cão, junta-se automaticamente muita gente à volta. É um momento muito divertido para eles, eles estão a ser responsabilizados pelo animal. Desenvolvem empatia, em momentos de crise o cão acaba por apaziguar muito estas questões dos traumas e é um momento de redução de tensão.” (Profissional 13, Casa de Acolhimento D)

> “Eu acho que ter um animal na casa seria fundamental. Mas fundamental a 100%, porque, por exemplo, um miúdo se tiver um animal não se vai sentir tão sozinho. Se um animal de estimação for tratado com carinho e assim, ele só vai dar o que recebe, ou seja, isso para os miúdos seria uma coisa fundamental.” (Jovem 18, Casa de Acolhimento E)

> “Eu já trabalho nisto há mais de 30 anos, em tempos nós tínhamos animais em que nós notávamos que os miúdos se relacionavam mais com os animais, eram mais dóceis e o animal em si ajuda também a desenvolver empatia. A empatia, tanto com o adulto como com o animal.” (Profissional 18, Casa de Acolhimento E)

> “Terapia com cães. Vinham cá, brincávamos com os cães, falávamos com os profissionais e basicamente sempre estávamos um bocado mais entretidas. Foram meiguinhos e tipo ajudavam-nos a espairecer um bocado e pensar noutras coisas que não nos problemas.” (Jovem 10, Casa de Acolhimento C)

12) *Bullying e conflitos entre os jovens-* Os profissionais e jovens, consideram que os próprios profissionais devem estar atentos a situações de *bullying* e conflitos entre os jovens, intervindo sempre que necessário e propiciando um ambiente e relações interpessoais harmoniosas entre todos. Estes descrevem algumas estratégias úteis no combate ao *bullying* e conflitos entre os jovens (e.g., supervisão: os profissionais devem estar atentos a estas situações no quotidiano, intervindo sempre que necessário, fazendo mediação e focando-se na resolução de conflitos; sensibilização e consciencialização: os profissionais devem explicar os efeitos negativos do *bullying* e ensinar aos jovens outras formas de resolver os conflitos; estabelecimento de limites e regras: é importante que os jovens saibam os comportamentos aceitáveis e inaceitáveis, alertando-os para possíveis consequências; aproximar os jovens: os jovens apesar de terem conflitos entre si num determinado momento, podem tornar-se amigos ou simplesmente conseguir manter um relacionamento interpessoal harmonioso, sendo que os profissionais podem envolver os jovens em atividades

comuns com o objetivo de se conhecerem melhor e de estabelecer uma relação saudável).

> "Quem faz *bullying* precisa de apoio. E eu acho que o que vocês poderiam fazer era mostrar-lhes que se deveriam esforçar mais um bocadinho. Dizer-lhes que compreendem que ele sofreu, é triste, mas tem que se esforçar. Eu acho que é preciso que vocês mostrem que estão sempre lá para eles a segurá-los. O que eu acho que faz sentido é que se nós estivermos sempre com aquela pessoa e convivermos com ela, podemos sempre ligarmo-nos uma à outra, e assim há menos risco de andarmos à pancada, há menos risco de abuso verbal." (Jovem 7, Casa de Acolhimento B)

> "Discussões, bullying, conflitos. Às vezes são comportamentos recorrentes e parece que nada é feito." (Jovem 19, Casa de Acolhimento E)

> "Nos conflitos, os profissionais deviam interferir, ter uma conversa com a pessoa e se a pessoa continuar com a mesma coisa e ignorar a conversa que teve, aí devia de ser aplicado algum castigo." (Jovem 20, Casa de Acolhimento E)

> "Nós aqui temos atividades, também ajudam-nos a darmo-nos melhor umas com as outras. Melhorar a união entre nós, porque aqui não temos união quase nenhuma." (Jovem 9, Casa de Acolhimento C)

Quadro 7. Secção C- Foco nas Famílias e as suas respetivas Subsecções

Secção C- Foco nas Famílias
1) Famílias próximas dos jovens e envolvidas no seu processo de mudança
2) Relação de ajuda
3) Desenvolvimento de competências parentais

Em seguida, os resultados relativos às estratégias psicossociais e educativas que ajudam na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens em acolhimento residencial na visão dos próprios jovens e profissionais, que estão contemplados no Quadro 7. Secção C- Foco nas Famílias e as suas respetivas Subsecções, serão ilustrados com alguns exemplos de verbalizações que os participantes referiram nas entrevistas.

1) ***Famílias próximas dos jovens e envolvidas no seu processo de mudança-*** Os profissionais e jovens, consideram que, as famílias dos próprios jovens quando funcionais e reguladas deverão estar próximas dos jovens e envolvidas no seu processo de mudança, pois segundo as suas visões, auxilia-os na diminuição dos seus comportamentos desviantes pois sentem-se apoiados, seguros e mais motivados.

> "A intervenção com as famílias no nosso caso, é sempre feita, ou pelo menos é tentada. E passa muito lá está, por esta sensibilização, por esta tomada de consciência do comportamento dos filhos. E quando conseguimos, e os pais se começam a envolver, percebemos que a mudança dos filhos acontece. Quando são os pais finalmente a pontuar o comportamento deles, quando são os pais a chamá-los à atenção, eles muito mais depressa tendem a mudar os comportamentos. Embora inicialmente também reajam, não é? Então nunca me chamaste a atenção e agora estás a reagir? Mas nós notamos que quando os pais começam a ser consistentes, aí sim, aí há mudança." (Profissional 1, Casa de Acolhimento A)

> "Eu acho que a questão de manter as famílias próximas, as pessoas que para elas são importantes. Também achamos que isso pode diminuir muito os comportamentos desviantes. Porque enquanto elas têm uma família que investe, elas vão sentindo que há sempre ali um porto seguro." (Profissional 10, Casa de Acolhimento C)

> "Se a minha família não me apoiar, como são as pessoas mais importantes para mim, eu acho que vou estar nisto sozinha, praticamente. E não vou ter ninguém para contar as coisas e não vou ficar tão motivada.

Porque se não estão envolvidos no processo, vai ser diferente." (Jovem 20, Casa de Acolhimento E)

2) *Relação de ajuda*- Os profissionais e jovens consideram que, para além de entidades externas também as casas de acolhimento sempre que possível, devem manter com as famílias dos próprios jovens uma relação de ajuda que vá ao encontro de uma reeducação e reinserção social. Pois regra geral, não são só os jovens que necessitam de apoio e intervenção, mas também os seus familiares, podendo os profissionais auxiliá-los na superação de dificuldades e a alcançarem mudanças pessoais e objetivos almejados (e.g., identificação dos seus problemas e necessidades; identificação dos seus objetivos; estabelecimento de metas realistas e definição de um plano de ação apoiado em estratégias para alcançar os objetivos pretendidos).

"Se depois elas voltarem para um meio em que nada mudou, vai ser muito mais difícil elas manterem as mudanças que conseguiram realizar. E muitas das vezes, nós estamos a trabalhar para um lado e a família para o outro. E acho que o principal objetivo tem de ser sempre trabalharmos em conjunto, trabalharmos as famílias, ajudarmos as famílias a perceber o que falhou, o que pode ser alterado." (Profissional 10, Casa de Acolhimento C)

"Sim, é muito importante ajudarem os meus pais numa melhoria. Eu acho que se faz bem em ajudar os meus pais, os meus pais precisam de muita ajuda e muito apoio." (Jovem 9, Casa de Acolhimento C)

"A casa podia ajudar a família, acompanhamento mesmo, reeducar, que é muito importante. Reeducação e reinserção, porque há pais que também não têm trabalho. Sabe-se lá como é que essas pessoas vivem. Precisam de apoio, não só financeiro, social e também psicológico. Empoderamento… Os familiares também precisam de ajuda. Porque há pais que às vezes rejeitam levar os seus filhos por falta de condições." (Profissional 19, Casa de Acolhimento E)

3) *Desenvolvimento de competências parentais*: Os profissionais e jovens consideram que, as casas de acolhimento sempre que possível, devem auxiliar as famílias dos próprios jovens no desenvolvimento de competências parentais que vão ao encontro de uma parentalidade saudável e positiva (e.g., aprenderem a estabelecer limites e regras, a aplicar contingências comportamentais, a supervisionar as atividades dos jovens). Os profissionais

poderão auxiliar as famílias no desenvolvimento de competências parentais através de reuniões regulares, pautando-se por uma comunicação aberta; criar grupos de apoio na casa de acolhimento compostos por familiares; e fornecer programas de educação parental, oferecendo orientação e suporte às famílias.

> "Um pai que não sabe dar limites aos seus filhos, não tem como o filho ter um comportamento adequado, porque os filhos são o espelho daquilo que os pais transmitem, não é? Então, a falta ou o défice desse comportamento, que nós podemos constatar da parte dos pais, afeta os filhos. E por isso é que nós temos muitos miúdos que não tem limite, não tem educação nenhuma, não sabem falar, não é? Há pais que são muito agressivos, por simples coisas que os miúdos fazem. Portanto, é difícil tu trabalhares só o filho e não o pai também." (Profissional 19, Casa de Acolhimento E)

> "Teria que haver um trabalho muito mais efetivo com os pais. Nós vamos fazendo grupos de pais, mas não chega... Nós às vezes a brincar dizemos que elas entram, mas os pais também deveriam entrar aqui. Porque a jovem até conseguimos moldar, até conseguimos ver algumas mudanças, mas do outro lado está tudo igual. E não é um grupo de pais que nós vamos fazendo, não é nas visitas, não chega. Portanto, teria que haver um trabalho…" (Profissional 9, Casa de Acolhimento C)

CAPÍTULO IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS

10- Discussão

O estudo “Proposta de diretrizes para a reabilitação de jovens em acolhimento residencial com comportamentos desviantes”, pretende colmatar determinados problemas e necessidades que os jovens e os profissionais sentem diariamente nas casas de acolhimento. O objetivo foi desenvolver uma proposta de um conjunto de estratégias psicossociais e educativas que ajudem a diminuir os comportamentos desviantes dos jovens em acolhimento e que possam, futuramente, ser implementadas ou adaptadas por parte dos profissionais do acolhimento residencial. Para isso, o estudo contou com a participação de jovens e profissionais de casas de acolhimento da área metropolitana do Porto, de modo a dar voz e escutar as visões e vivências destes atores sociais.

Os participantes (tanto jovens como profissionais), através de entrevistas semiestruturadas, responderam a um conjunto de questões que pretendiam auscultar as suas visões relativamente a três pontos fundamentais: 1) motivos que levam os jovens em acolhimento residencial a ter comportamentos desviantes; 2) problemas e necessidades sentidos pelos jovens em acolhimento residencial que interferem negativamente no seu comportamento / problemas e necessidades sentidos pelos profissionais que trabalham com jovens em acolhimento residencial com comportamentos desviantes; e 3) estratégias psicossociais e educativas úteis na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens em acolhimento residencial.

No que se refere aos resultados relativos a***os motivos que levam os jovens em acolhimento residencial a ter comportamentos desviantes na visão dos próprios jovens e profissionais***, existiu uma elevada concordância. Os motivos são bastante gerais e vão ao encontro do que a literatura já preconiza, sendo destacados maioritariamente fatores ambientais, principalmente ao nível familiar. Os problemas comportamentais e emocionais advêm maioritariamente de experiências adversas e traumáticas que marcaram os percursos de vida destes jovens e são muitas vezes exacerbados pelo *stress* associado à própria condição de acolhimento residencial e, pela consequente

separação da família e rutura dos laços parentais, o que lhes causa tristeza, revolta, frustração e raiva (13-14; 23-26). Estes motivos abrangem ainda, pares delinquentes dentro e fora da casa de acolhimento; famílias multidesafiadas, disfuncionais, negligentes e maltratantes, sendo que muitas delas também apresentam comportamentos desviantes; falta de retaguarda apoio e acompanhamento; falta de regras, normas e rotinas; viveram em autogestão; chamadas de atenção; diversão adrenalina e fuga à realidade; sentimento de impunidade e de que tudo lhes é permitido; falta ou ausência de empatia e ainda, perturbações de saúde mental, algumas delas não diagnosticadas (6-12).

Em relação aos resultados sobre os ***problemas e necessidades no acolhimento residencial que os jovens consideram que interferem negativamente no seu comportamento***, estes vão ao encontro dos motivos abordados anteriormente. A maioria dos jovens em acolhimento, considera a sua família muito importante, interpretando a distância familiar como um problema, sentindo a necessidade de maior proximidade e contacto com os familiares; identificam como problema a tendência a não compreender, aceitar nem respeitar a autoridade, e sentem a necessidade de compreender, aceitar e respeitar a autoridade; outro problema identificado é a dificuldade em compreender e aceitar regras, limites, normas e rotinas, sentindo a necessidade de compreender e aceitar regras, limites, normas e rotinas; admitem como outro problema a dificuldade em gerir as emoções e controlar os impulsos, sentindo a necessidade de saber gerir as emoções e controlar os impulsos; reconhecem a falta ou ausência de empatia como um problema, e sentem necessidade de desenvolver e agir com empatia; os jovens referem como outro problema a pouca comunicação e atenção individualizadas por parte dos profissionais, e sentem a necessidade de maior comunicação e atenção individualizadas por parte dos profissionais; consideram que a casa de acolhimento lhes proporciona pouca liberdade, isto gera sentimento de que estão sempre fechados na casa de acolhimento, sentindo a necessidade de maior liberdade; e por último, o *bullying* e conflitos entre os jovens na casa de acolhimento é um outro problema identificado, sendo que os jovens sentem a necessidade de um ambiente e relacionamentos interpessoais harmoniosos entre si na casa de acolhimento (4; 10; 14; 18-19; 22; 34; 76).

Já no que diz respeito aos resultados no que concerne aos ***problemas e necessidades que os profissionais sentem ao trabalhar com jovens com comportamentos desviantes no acolhimento residencial***, estes são bastante gerais. Os profissionais consideram como problema basilar que o acolhimento está cada vez mais tardio, levando consequentemente, a comportamentos desviantes mais cristalizados e menos tempo para intervir, gerando dificuldades em saber que intervenção utilizar, deste modo, sentem a necessidade do desenho de uma intervenção mais pertinente, baseada em conhecimento científico e constantemente avaliada; outro problema identificado pelos profissionais é os jovens sentirem a institucionalização no acolhimento residencial como algo negativo, sendo assim, os profissionais sentem a necessidade dos jovens compreenderem e aceitarem a sua institucionalização no acolhimento residencial; a dificuldade em criar uma relação de confiança e proximidade com os jovens é interpretada como outro problema, sentindo a necessidade da criação de uma relação de confiança e proximidade com os jovens; os profissionais identificam que têm sentimentos de insegurança, medo, frustração e desgaste no seu quotidiano laboral, sentindo a necessidade destes sentimentos negativos darem lugar a sentimentos de segurança e esperança; e por último, os profissionais reconhecem como problema o pouco tempo e recurso por parte das casas de acolhimento para trabalhar com as famílias dos jovens, sentindo a necessidade de maior intervenção familiar por parte das casas de acolhimento (22; 77-84).

Indo ao encontro dos problemas e necessidades sentidos pelos jovens e profissionais, o presente estudo, elencou um conjunto de ***estratégias psicossociais e educativas que ajudam na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens em acolhimento residencial na visão dos próprios jovens e profissionais***. Os resultados inerentes às estratégias psicossociais e educativas foram agrupados em 3 Secções: Secção A- Foco nos Profissionais; Secção B- Foco nos Jovens e Secção C- Foco nas Famílias. Cada Secção tem uma panóplia de Subsecções onde estão descritas detalhadamente algumas estratégias de intervenção que podem ser úteis na diminuição dos comportamentos desviantes por parte dos jovens em acolhimento, contendo ainda, alguns exemplos práticos que podem ser implementados ou adaptados por parte das casas de acolhimento.

Os resultados da ***Secção A- Foco nos Profissionais***, apontam que é recomendável que os profissionais tenham um perfil baseado no estilo educativo democrático, possuam formação adequada e contínua, tenham capacidade de trabalho em equipa, bem como capacidade de trabalho multidisciplinar e em rede; em relação às competências intra e interpessoais dos profissionais, é recomendável que estes se guiem pela empatia, disponibilidade e escuta ativa, paciência e autocontrolo, flexibilidade, e ainda, consistência, estabilidade e previsibilidade; no que diz respeito ao papel dos profissionais, este é fundamentalmente desenvolver uma intervenção com cariz terapêutico, estabelecer vínculos afetivos, proporcionar um ambiente acolhedor e seguro, prover cuidados pessoais, estimular o desenvolvimento integral, orientar e aconselhar, ressignificar, reeducar e reestruturar valores e ainda, estimular a autonomia e a inserção social; por último, ainda nesta Secção, os resultados apontam que os profissionais também necessitam de apoio, sendo aconselhável que as casas de acolhimento criem espaços para que os próprios profissionais recebam apoio, melhorando assim, a sua saúde mental o que culminará consequentemente, em melhores práticas profissionais (4; 10; 14-19; 21; 77-84).

Os resultados da ***Secção B- Foco nos Jovens***, apontam algumas estratégias, em primeiro lugar, o estabelecimento de uma relação de proximidade e confiança entre os profissionais e os jovens, que é considerado por parte destes, o alicerce de qualquer intervenção; supervisionar diariamente; estabelecer regras claras, flexíveis e adaptadas que poderão ser discutidas e decididas entre os profissionais e os jovens; utilizar estratégias disciplinares para além das consequências negativas, recorrendo igualmente, a consequências positivas; avaliar o comportamento dos jovens regularmente, promovendo a participação através de reflexões, discussões e *feedback*; auxiliar e ensinar os jovens a saber gerir as suas emoções e a controlar os seus impulsos; estimular e auxiliar a desenvolver a autonomia dos jovens, propondo atividades e tarefas nesse sentido; prover apoio escolar permanentemente na casa de acolhimento; promover a ocupação dos tempos livres de uma forma divertida, útil e diversificada; o recurso a animais, apesar de ainda não ser tão utilizado por parte das casas de acolhimento, poderá trazer efeitos positivos segundo os profissionais e os jovens, principalmente ao nível das suas relações intra e interpessoais; e por último, os profissionais deverão estar atentos a situações de

bullying e conflitos entre os jovens, intervindo sempre que necessário e propiciando um ambiente e relações interpessoais harmoniosas entre todos (4; 9-10; 13-14; 18-19; 22; 32; 76; 85-88).

No que concerne à última secção, ***Secção C- Foco nas Famílias*** os resultados demonstram que sempre que possível, as famílias quando funcionais e reguladas deverão estar próximas dos jovens e envolvidas no seu processo de mudança, o que segundo os próprios jovens e profissionais, auxilia-os na diminuição dos seus comportamentos desviantes pois sentem-se apoiados, seguros e mais motivados; os profissionais e os jovens consideram ainda crucial, que as casas de acolhimento mantenham com as famílias dos jovens uma relação de ajuda que vá ao encontro de uma reeducação e reinserção social, pois regra geral, não são só os jovens que necessitam de apoio e intervenção, mas também os seus familiares; e por último, os resultados apontam que as casas de acolhimento poderão ajudar as famílias no desenvolvimento de competências parentais que vão ao encontro de uma parentalidade saudável e positiva (10; 34; 54; 56-64; 68-69; 72; 74-75; 89).

Como principais limitações a este estudo, referimos que as entrevistas semiestruturadas continham algumas questões que poderiam ser reformuladas no sentido de as tornar mais abertas e não conterem palavras que induzissem julgamento; outra limitação deste estudo é o facto de todas as casas de acolhimento que participaram neste estudo serem da zona metropolitana do Porto. Neste sentido, como futuras direções na investigação, que de certa forma colmatam as limitações apontadas, próximos estudos deverão englobar uma amostra representativa do território nacional e ainda, utilizar um guião de entrevista com perguntas mais abertas e que não contenham palavras que induzam julgamento.

Pretende-se que a proposta de diretrizes apresentada neste estudo possa ser implementada ou adaptada por parte das casas de acolhimento, servindo como guia orientadora de intervenção dos profissionais do acolhimento residencial, revelando-se um suporte às suas práticas no quotidiano. Tenciona-se ainda que este estudo possa ajudar a diminuir os comportamentos desviantes dos jovens, aumentando assim a sua qualidade de vida e bem-estar, não apenas a curto-médio prazo, mas, sobretudo, ao longo do seu processo de autonomia.

11- Conclusão

Dados oficiais mostram que a delinquência juvenil tem vindo a aumentar em Portugal, com uma elevada expressão no acolhimento residencial. Sendo assim, neste momento, os comportamentos desviantes no acolhimento residencial por parte dos jovens são uma problemática que deverá ser combatida. Para tal é fundamental ir ao encontro dos problemas e necessidades dos mesmos, criando ainda estratégias de atuação que mitiguem estes comportamentos desviantes e, consequentemente, a escalada para a delinquência e criminalidade.

Este estudo demonstrou a necessidade de ir ao encontro dos problemas e necessidades dos jovens no acolhimento residencial. Porém, os profissionais do acolhimento também possuem problemas e necessidades que deverão ser igualmente atendidos e colmatados, no sentido de promover o seu bem-estar, pois não é possível a existência de uma intervenção de qualidade e saudável se os profissionais não estiverem bem do ponto de vista da sua saúde mental. O estudo constatou ainda que é imperativo que as casas de acolhimento intervencionem as famílias dos jovens, pois estas constituem, quando funcionais e reguladas, uma fonte de apoio e motivação para a mudança.

São várias as estratégias psicossociais e educativas que, segundo as visões e vivências dos jovens com comportamentos desviantes e dos profissionais, são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes. Estas foram agrupadas em 3 Secções: Secção A- Foco nos Profissionais; Secção B- Foco nos Jovens; Secção C- Foco nas Famílias, cada uma com uma panóplia de Subsecções onde estão descritas detalhadamente algumas estratégias que podem ser úteis na diminuição dos comportamentos desviantes por parte dos jovens em acolhimento.

Pretende-se que a proposta de diretrizes apresentada neste estudo possa ser implementada ou adaptada por parte das casas de acolhimento, servindo como guia orientador de intervenção dos profissionais do acolhimento residencial, revelando-se um suporte às suas práticas no quotidiano. Além de se tencionar que este estudo possa ajudar a diminuir os comportamentos desviantes dos jovens no acolhimento residencial é imperativo aumentar o seu

bem-estar, não apenas a curto-médio prazo, mas, sobretudo, ao longo do seu processo de autonomia.

Bibliografia

1. Sic Notícias [Internet]. Criminalidade juvenil: cada vez mais novos e mais violentos; 5 abr 2023. Disponível em: https://sicnoticias.pt/pais/2023-04-04-Criminalidadejuvenil-cada-vez-mais-novos-e-mais-violentos-605dc1e4

2. Pereira I. CNN Portugal [Internet]. Criminalidade juvenil aumentou 50% em 2022. recorde os casos mais marcantes.; 3 abr 2023. Disponível em: https://cnnportugal.iol.pt/videos/criminalidade-juvenil-aumentou-50-em-2022-recorde-os-casos-mais-marcantes/642b1c840cf2665294dd4c69

3. Cordeiro AD. Público [Internet]. No pós-pandemia, são cada vez mais novos os que embarcam na criminalidade juvenil; 7 nov 2022. Disponível em: https://www.publico.pt/2022/11/07/sociedade/noticia/pospandemia-saonovos-embarcam-criminalidade-juvenil-2026850

4. Cabral AS, Macedo D, Banhudo S. Segurança Social [Internet]. CASA 2020 - relatório de caracterização anual da situação de acolhimento das crianças e jovens; 2021. Disponível em: https://www.seg-social.pt/documents/10152/13200/CASA+2020.pdf/b7f02f58-2569-4165a5ab-bed9efdb2653

5. Lusa. Jornal Público [Internet]. PSP e GNR identificaram 64 menores de 12 anos envolvidos em grupos criminosos em 2023; 3 abr 2024. Disponível em: https://www.publico.pt/2024/04/03/sociedade/noticia/psp-gnr-identificaram-64-menores-12-anos-envolvidos-grupos-criminosos-2023-2085794

6. Javdani S. Critical issues for youth involved in the juvenile justice system: innovations in prevention, intervention, and policy. J Prev Amp Interv Community [Internet]. 17 mar 2019 [citado 24 jul 2024];47(2):67-75. Disponível em: https://doi.org/10.1080/10852352.2019.1575564

7. May J, Osmond K, Billick S. Juvenile delinquency treatment and prevention: a literature review. Psychiatr Q [Internet]. 9 mar 2014 [citado 24 jul 2024];85(3):295-301. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s11126-014-9296-4

8. Molinedo-Quílez M. Psychosocial risk factors in young offenders. Rev Espanola Sanid Penit [Internet]. 22 out 2020 [citado 24 jul 2024];22(3):104-11. Disponível em: https://doi.org/10.18176/resp.00019

9. Farrington DP, Coid JW, Harnett LM, Jolliffe D, Soteriou N, Turner RE, West DJ. Criminal careers up to age 50 and life success up to age 48: new findings from the cambridge study in delinquent development. [local desconhecido]: Home Office Research, Development and Statistics Directorate; 2006.

10. Negreiros J. Intervenção na delinquência juvenil: perspectivas psico-forenses [Internet]. [local desconhecido]: Editora CRV; 2015 [citado 24 jul 2024]. Disponível em: https://doi.org/10.24824/978854440333.4

11. Schweinhart LJ, Montie J, Xiang Z, Barnett WS, Belfield CR, Nores M. The high/scope perry preschool study through age 40: summary, conclusions, and frequently asked questions. [local desconhecido]: High/Scope Press; 2005. 239 p.

12. Borum R, Bartel P, Forth A. Structured assessment of violence risk in youth (SAVRY). In: Grisso T, Vincent G, Seagrave D, editores. Mental health screening and assessment in juvenile justice. [local desconhecido]: Guilford; 2005. p. 311-23.

13. Moreno-Manso JM, García-Baamonde ME, Guerrero-Barona E, Godoy-Merino MJ, Bueso-Izquierdo N, Guerrero-Molina M. Emotional, behavioural and executive functioning problems in children in residential care. Int J Environ Res Public Health [Internet]. 20 maio 2020 [citado 24 jul 2024];17(10):3596. Disponível em: https://doi.org/10.3390/ijerph17103596

14. Soriano-Díaz C, Moreno-Manso JM, García-Baamonde ME, Guerrero-Molina M, Cantillo-Cordero P. Behavioral and emotional difficulties and personal wellbeing of adolescents in residential care. Int J Environ Res Public Health [Internet]. 24 dez 2022 [citado 24 jul 2024];20(1):256. Disponível em: https://doi.org/10.3390/ijerph20010256

15. Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, Diário da República n.º 204/1999, Série I-A [Internet], 1 set 1999 (Portugal). Disponível em: https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/147-1999-581619

16. Lei Tutelar Educativa, Lei n.º 166/99, de 14 de Setembro, Diário da República n.º 215/1999, Série I-A [Internet], 14 set 1999 (Portugal). Disponível em: https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/166-1999-570567

17. Decreto-Lei n.º 164/2019, de 25 de Outubro, Diário da República n.º 206/2019, Série I [Internet], 25 out 2019 (Portugal). Disponível em: https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?artigo_id=3213A%200031&nid=3213&tabela=leis&pagina=1&ficha=1&so_miolo=S&nversao

18. Carvalho M, Salgueiro A. Pensar o acolhimento de crianças e jovens: sumário executivo. [local desconhecido]: F. C. Gulbenkian; 2019.

19. Pérez-García S, Águila-Otero A, González-García C, Santos I, Del Valle JF. No one ever asked us. Young people's evaluation of their residential child care facilities in three different programs. Psicothema [Internet]. 2019;31(3):319-26. Disponível em: https://doi.org/10.7334/psicothema2019.129

20. Harder AT, Knorth EJ, Kalverboer ME. The inside out? Views of young people, parents, and professionals regarding successful secure residential care. Child Adolesc Soc Work J [Internet]. 2017 [citado 25 jul 2024];34(5):431-41. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s10560-016-0473-1

21. Harder AT, Knorth EJ, Kalverboer ME. Securing the downside up: client and care factors associated with outcomes of secure residential youth care. Child Amp Youth Care Forum [Internet]. 2012 [citado 25 jul 2024];41(3):259-76. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s10566-011-9159-1

22. Santos L, do Rosário Pinheiro M, Rijo D. Compassionate mind training for caregivers of residential youth care: early findings of a cluster randomized trial. Child Abus Amp Negl [Internet]. Jan 2022 [citado 25 jul 2024];123:105429. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2021.105429

23. Pires J, Martins PC. Saúde mental e utilização de psicofármacos em crianças e jovens em regime de acolhimento residencial em Portugal – um estudo exploratório. Configuracoes [Internet]. 21 jun 2019 [citado 25 jul 2024];(23):123-37. Disponível em: https://doi.org/10.4000/configuracoes.7165

24. González-García C, Lázaro-Visa S, Santos I, del Valle JF, Bravo A. School functioning of a particularly vulnerable group: children and young people in residential child care. Front Psychol [Internet]. 4 jul 2017 [citado 25 jul 2024];8. Disponível em: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01116

25. Darnell D, Flaster A, Hendricks K, Kerbrat A, Comtois KA. Adolescent clinical populations and associations between trauma and behavioral and emotional problems. Psychol Trauma [Internet]. Mar 2019 [citado 25 jul 2024];11(3):266-73. Disponível em: https://doi.org/10.1037/tra0000371

26. Kleinrahm R, Keller F, Lutz K, Kölch M, Fegert JM. Assessing change in the behavior of children and adolescents in youth welfare institutions using goal attainment scaling. Child Adolesc Psychiatry Ment Health [Internet]. 2013 [citado 25 jul 2024];7(1):33. Disponível em: https://doi.org/10.1186/1753-2000-7-33

27. Washington T, Wrenn A, Kaye H, Priester MA, Colombo G, Carter K, Shadreck I, Hargett BA, Williams JA, Coakley T. Psychosocial factors and behavioral health outcomes among children in Foster and Kinship care: a systematic review. Child Youth Serv Rev [Internet]. Jul 2018 [citado 25 jul 2024];90:118-33. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2018.04.030

28. Attar-Schwartz S. School functioning of children in residential care: the contributions of multilevel correlates. Child Abus Amp Negl [Internet]. Jul 2009 [citado 25 jul 2024];33(7):429-40. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.12.010

29. Calheiros MM, Silva CS, Patrício JN, Carvalho H. Youth in residential care: a cross-sectional mediation analysis of youth's perceptions of their social images, self-representations, and adjustment outcomes. Front Psychol [Internet]. 24 nov 2021 [citado 25 jul 2024];12. Disponível em: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.744088

30. Leloux-Opmeer H, Kuiper C, Swaab H, Scholte E. Characteristics of children in foster care, family-style group care, and residential care: a scoping review. J Child Fam Stud [Internet]. 4 abr 2016 [citado 25 jul 2024];25(8):2357-71. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s10826-016-0418-5

31. Neely-Barnes S, Whitted K. Examining the social, emotional and behavioral needs of youth involved in the child welfare and juvenile justice systems. J Health Hum Serv Adm [Internet]. Jun 2011 [citado 25 jul 2024];34(2):206-37. Disponível em: https://doi.org/10.1177/107937391103400204

32. Amaral IC. Os problemas de comportamento das crianças nos centros de acolhimento temporário: um contributo para a compreensão da realidade portuguesa [Dissertação de mestrado na Internet]. Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa; 2010 [citado 25 jul 2024]. Disponível em: http://hdl.handle.net/10071/4477

33. Tonry M, Farrington DP. Building a safer society: strategic approaches to crime prevention. [local desconhecido]: University of Chicago Press; 1995. Strategic approaches to crime prevention; p. 1-20.

34. Greenwood P. Prevention and intervention programs for juvenile offenders. Future Child [Internet]. 2008 [citado 25 jul 2024];18(2):185-210. Disponível em: https://doi.org/10.1353/foc.0.0018

35. Bond LA, Hauf AM. Taking stock and putting stock in primary prevention: characteristics of effective programs. J Prim Prev [Internet]. 2004 [citado 25 jul 2024];24(3):199-221. Disponível em: https://doi.org/10.1023/b:jopp.0000018051.90165.65

36. Bonta J, Andrews DA. Psychology of criminal conduct. 6ª ed. [local desconhecido]: Routledge; 2017. 674 p.

37. Nation M, Crusto C, Wandersman A, Kumpfer KL, Seybolt D, Morrissey-Kane E, Davino K. What works in prevention: principles of effective prevention programs. Am Psychol [Internet]. 2003 [citado 25 jul 2024];58(6-7):449-56. Disponível em: https://doi.org/10.1037/0003-066x.58.6-7.449

38. Weissberg RP, Kumpfer KL, Seligman ME. Prevention that works for children and youth: an introduction. Am Psychol [Internet]. Jun 2003 [citado 25 jul 2024];58(6-7):425-32. Disponível em: https://doi.org/10.1037/0003-066x.58.6-7.425

39. Small S, Memmo M. Contemporary models of youth development and problem prevention: toward an integration of terms, concepts, and models.

Fam Relat [Internet]. Jan 2004 [citado 25 jul 2024];53(1):3-11. Disponível em: https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2004.00002.x

40. Beck AT, Rush J, Shaw B, Emery G. Cognitive therapy of depression. [local desconhecido]: Guilford; 1979. 438 p.

41. Lochman JE, Boxmeyer CL, Powell NP, Barry TD, Pardini D. Anger control training for aggressive youths. In: Weisz JR, Kazdin AE, editores. Evidence-based psychotherapies for children and adolescents. 2ª ed. [local desconhecido]: The Guilford Press; 2010. p. 227-42.

42. Lochman J, Fitzgerald D, Whidby J. Anger management with aggressive children. In: Shaefer C, editor. Short-term psychotherapy groups for children. [local desconhecido]: Jason Aronson; 1999. p. 301-49.

43. Avci D, Kelleci M. Effects of the Anger Coping Programme based on cognitive behavioural techniques on adolescents' anger, aggression and psychological symptoms. Int J Nurs Pract [Internet]. 2016 [citado 25 jul 2024];22(2):189-96. Disponível em: https://doi.org/10.1111/ijn.12410

44. Mushtaq A, Lochman JE, Tariq PN, Sabih F. Preliminary effectiveness study of coping power program for aggressive children in pakistan. Prev Sci [Internet]. 2017 [citado 25 jul 2024];18(7):762-71. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s11121-016-0721-9

45. Goldstein AP, Glick B, Gibbs J. Aggression replacement training: a comprehensive intervention for aggressive youth. Champaign, Ill: Research Press; 1998. 356 p.

46. Gundersen K, Svartdal F. Aggression replacement training in norway: outcome evaluation of 11 norwegian student projects. Scand J Educ Res [Internet]. Fev 2006 [citado 25 jul 2024];50(1):63-81. Disponível em: https://doi.org/10.1080/00313830500372059

47. Kaya F, Buzlu S. Effects of aggression replacement training on problem solving, anger and aggressive behaviour among adolescents with criminal attempts in turkey: a quasi-experimental study. Arch Psychiatr Nurs [Internet]. Dez 2016 [citado 25 jul 2024];30(6):729-35. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.apnu.2016.07.001

48. Rijo D, Silva rD, Brazão N, Paulo M, Miguel Rr, Castilho P, Vagos P, Gilbert P. Promoting a compassionate motivation in detained youth: A secondary analysis of a controlled trial with the PSYCHOPATHY.COMP program. Personal Disord [Internet]. 2023 [citado 25 jul 2024]. Disponível em: https://doi.org/10.1037/per0000594

49. Silva RD, Rijo D, Brazão N, Paulo M, Miguel R, Castilho P, Vagos P, Gilbert P, Salekin RT. The efficacy of the PSYCHOPATHY.COMP program in reducing psychopathic traits: a controlled trial with male detained youth. J Consult Clin Psychol [Internet]. Jun 2021 [citado 25 jul 2024];89(6):499-513. Disponível em: https://doi.org/10.1037/ccp0000659

50. Forgatch MS, Patterson GR, DeGarmo DS. Evaluating fidelity: predictive validity for a measure of competent adherence to the oregon model of parent management training. Behav Ther [Internet]. 2005 [citado 25 jul 2024];36(1):3-13. Disponível em: https://doi.org/10.1016/s0005-7894(05)80049-8

51. Kumpfer KL, Alvarado R. Family-strengthening approaches for the prevention of youth problem behaviors. Am Psychol [Internet]. Jun 2003 [citado 25 jul 2024];58(6-7):457-65. Disponível em: https://doi.org/10.1037/0003-066x.58.6-7.457

52. Mulford CF, Redding RE. Training the parents of juvenile offenders: state of the art and recommendations for service delivery. J Child Fam Stud [Internet]. 2008 [citado 25 jul 2024];17(5):629-48. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s10826-007-9178-6

53. Welsh BC, Farrington DP. Effectiveness of family-based programs to prevent delinquency and later offending. Psicothema. 2006;18(3):596-602.

54. Reid MJ, Webster-Stratton C, Baydar N. Halting the development of conduct problems in head start children: the effects of parent training. J Clin Child Amp Adolesc Psychol [Internet]. Maio 2004 [citado 25 jul 2024];33(2):279-91. Disponível em: https://doi.org/10.1207/s15374424jccp3302_10

55. Kiriakidis SP. Child-rearing practices and delinquency in children and adolescents. Int J Spec Educ. 2010;25(1):94105.

56. Savignac J. Families, youth and delinquency: the state of knowledge, and family-based juvenile delinquency prevention programs. [local desconhecido]: National Crime Prevention Centre; 2009.

57. Patterson GR. Performance models for antisocial boys. Am Psychol [Internet]. Abr 1986 [citado 25 jul 2024];41(4):432-44. Disponível em: https://doi.org/10.1037/0003-066x.41.4.432

58. Patterson GR. Coercive family process. [local desconhecido]: Castalia; 1982.

59. Bandura A. Aggression: a social learning analysis. [local desconhecido]: Prentice-Hall; 1973.

60. Bowlby J. Attachment and loss. 2ª ed. [local desconhecido]: Basic Brooks; 1984.

61. Reid JB, Patterson GR, Snyder J, editores. Antisocial behavior in children and adolescents: a developmental analysis and model for intervention. [Internet]. Washington: American Psychological Association; 2002 [citado 26 jul 2024]. Disponível em: https://doi.org/10.1037/10468-000

62. Webster-Stratton C, Gaspar MF, Seabra-Santos MJ. Incredible years® parent, teachers and children's series: transportability to portugal of early intervention programs for preventing conduct problems and promoting social and emotional competence. Psychosoc Interv [Internet]. Ago 2012 [citado 26 jul 2024];21(2):157-69. Disponível em: https://doi.org/10.5093/in2012a15

63. Webster-Stratton C, Reid MJ. The incredible years, parents, and children training series. In: Weiz JR, Kazdin AE, editores. Evidencebased psychotherapies for children and adolescents. [local desconhecido]: The Guilford Press; 2010. p. 194-210.

64. Letarte MJ, Normandeau S, Allard J. Effectiveness of a parent training program “Incredible Years” in a child protection service. Child Abus Amp Negl [Internet]. Abr 2010 [citado 26 jul 2024];34(4):253-61. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2009.06.003

65. Richardson GE, Neiger BL, Jensen S, Kumpfer KL. The resiliency model. Health Educ [Internet]. Dez 1990 [citado 26 jul 2024];21(6):33-9. Disponível em: https://doi.org/10.1080/00970050.1990.10614589

66. Kumpfer K, Molgaard V, Spoth R. Preventing childhood disorders, substance abuse, and delinquency [Internet]. 2455 Teller Road, Thousand Oaks California 91320 United States: SAGE Publications, Inc.; [data desconhecida]. The strengthening families program for the prevention of delinquency and drug use; [citado 26 jul 2024]; p. 241-67. Disponível em: https://doi.org/10.4135/9781483327679.n11

67. Bandura A. Human agency in social cognitive theory. Am Psychol [Internet]. 1989 [citado 26 jul 2024];44(9):1175-84. Disponível em: https://doi.org/10.1037/0003-066x.44.9.1175

68. Kumpfer KL, Brown JL. A parenting behavior intervention (the strengthening families program) for families: noninferiority trial of different program delivery methods. JMIR Pediatr Parent [Internet]. 18 nov 2019 [citado 26 jul 2024];2(2):e14751. Disponível em: https://doi.org/10.2196/14751

69. Stefanek E, Bleis T, Schwab M, Spiel G. Outcomes and mechanisms of change of the strengthening families program in a clinical sample of children and their families in austria. Int J Environ Res Public Health [Internet]. 19 jan 2022 [citado 26 jul 2024];19(3):1074. Disponível em: https://doi.org/10.3390/ijerph19031074

70. Henggeler SW, Borduin CM. Family therapy and beyond: a multisystemic approach to treating the behavior problems of children and adolescents. Pacific Grove, Calif: Brooks/Cole; 1990. 354 p.

71. Henggeler SW, Schoenwald SK, Borduin CM, Rowland MD, Cunningham PB. Multisystemic therapy for antisocial behavior in children and adolescents. 2ª ed. [local desconhecido]: Guilford Press; 2009.

72. Henggeler SW, Schaeffer C. Treating serious antisocial behavior using multisystemic therapy. In: Weisz JR, Kazdin E, editores. Evidence-based psychotherapies for children and adolescents. 2ª ed. [local desconhecido]: The Guilford Press; 2010. p. 259-76.

73. Bronfenbrenner U. The ecology of human development: experiments by nature and design. [local desconhecido]: Harvard University Press; 1979. 348 p.

74. Hefti S, Pérez T, Fürstenau U, Rhiner B, Swenson CC, Schmid M. Multisystemic therapy for child abuse and neglect: do parents show improvement in parental mental health problems and parental stress? J Marital Fam Ther [Internet]. 2020 [citado 26 jul 2024];46(1):95-109. Disponível em: https://doi.org/10.1111/jmft.12367

75. Sheerin KM, Borduin CM, Brown CE, Letourneau EJ. An evaluation of mechanisms of change in multisystemic therapy for juvenile justice-involved youths A decade following treatment. J Marital Fam Ther [Internet]. 2021 [citado 26 jul 2024]. Disponível em: https://doi.org/10.1111/jmft.12446

76. Par – Respostas Sociais. Manual do programa anti-bullying: houses of empathy [Internet]. Lisboa: [editor desconhecido]; 2017. 144 p. Disponível em: http://par.org.pt/wp-content/uploads/2017/03/Manual-Houses-of-Empathy.pdf

77. Leipoldt JD, Harder AT, Kayed NS, Grietens H, Rimehaug T. Determinants and outcomes of social climate in therapeutic residential youth care: a systematic review. Child Youth Serv Rev [Internet]. Abr 2019 [citado 26 jul 2024];99:429-40. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2019.02.010

78. Barone L, Dellagiulia A, Lionetti F. When the primary caregiver is missing: investigating proximal and distal variables involved in institutionalised children's adjustment. Child Abus Rev [Internet]. 2016 [citado 26 jul 2024];25(6):454-68. Disponível em: https://doi.org/10.1002/car.2365

79. Bastiaanssen IL, Delsing MJ, Kroes G, Engels RC, Veerman JW. Group care worker interventions and child problem behavior in residential youth care: course and bidirectional associations. Child Youth Serv Rev [Internet]. Abr 2014 [citado 26 jul 2024];39:48-56. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2014.01.012

80. Del Valle J, Lopez M, Bravo A. Job stress and burnout in residential care workers in Spain. Psicothema. 2007;19(4):610-5.

81. Bürgin D, Kind N, Schröder M, Clemens V, Fegert JM, Eckert A, Buchheim A, O'Donovan A, Boonmann C, Schmid M. The stress of caring—resilience and

hpa-axis activity in hair samples of youth residential caregivers. Front Psychiatry [Internet]. 21 dez 2020 [citado 27 jul 2024];11. Disponível em: https://doi.org/10.3389/fpsyt.2020.556486

82. Barone L, Dellagiulia A, Lionetti F. When the primary caregiver is missing: investigating proximal and distal variables involved in institutionalised children's adjustment. Child Abus Rev [Internet]. 2016 [citado 27 jul 2024];25(6):454-68. Disponível em: https://doi.org/10.1002/car.2365

83. Vashchenko M, Easterbrooks MA, Miller LC. Becoming their mother: Knowledge, attitudes, and practices of orphanage personnel in Ukraine. Infant Ment Health J [Internet]. Set 2010 [citado 26 jul 2024];31(5):570-90. Disponível em: https://doi.org/10.1002/imhj.20272

84. Hawkins-Rodgers Y. Adolescents adjusting to a group home environment: a residential care model of re-organizing attachment behavior and building resiliency. Child Youth Serv Rev [Internet]. Set 2007 [citado 27 jul 2024];29(9):1131-41. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2007.04.007

85. Del Valle JF, Bravo A, Martínez H, Santos IS. Equar: estándares de calidad en acogimiento residencial. Madrid: Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales e Igualdad; 2012.

86. Grupo de Coordenação do Plano de Auditoria Social. Manual de Boas Práticas: um guia para o acolhimento residencial das crianças e jovens [Internet]. [local desconhecido]: Instituto da Segurança Social, I.P.; 2015. Disponível em: https://servicosocial.pt/wp-content/uploads/2015/07/Manual-de-Boas-Práticas-Acolhimento-Residencial-das-Crianças-e-Jovens.pdf

87. Alves SN. Filhos da madrugada - percursos adolescentes em lares de infância e juventude. [local desconhecido]: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas; 2007.

88. Endenburg N, van Lith HA. The influence of animals on the development of children. Vet J [Internet]. Nov 2011 [citado 26 jul 2024];190(2):208-14. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.tvjl.2010.11.020

89. Rollins BC, Thomas DL. Parental support, power, and control techniques in the socialization of children. In: Bur WR, Hill R, Nye FI, Reiss IL, editores. Contemporary theories about the family. [local desconhecido]: Free Press; 1979. p. 317-64.

Anexos

Anexo A - Transcrições das entrevistas gravadas em áudio aos Jovens

(Transcrições desenvolvidas com o auxílio da plataforma online *Reshape*)

Jovem 1 (rapaz), 14 anos

(Casa de Acolhimento “A”)

00:00:01 Investigadora

Então, estás aqui já há três semanas, não é?

00:00:04 Jovem 1

Não, quarta-feira vai fazer três semanas.

00:00:06 Investigadora

Ok, então, porque razão tens mau comportamento? Quais são os motivos? Às vezes portas-te mal, não é? Mas porquê?

00:00:13 Jovem 1

Mas onde? Aqui?

00:00:14 Investigadora

Aqui, lá fora, no geral, em todos os sítios.

00:00:23 Jovem 1

Então, porque, tipo, eu estive numa outra instituição e fui habituado assim, a portar-me mal.

00:00:32 Investigadora

Ou seja, não recebeste regras nem normas, é isso que estás a querer dizer?

00:00:37 Jovem 1

Eu recebi, só que tive más companhias, habituei-me a fazer o que os meus colegas queriam que eu fizesse e eles levaram-me a fazer as porcarias.

00:00:46 Investigadora

Ok, então tu tinhas colegas que se portavam mal?

00:00:50 Jovem 1

Sim.

00:00:51 Investigadora

Ok, e tu, às vezes nem era de ti que te portavas mal, mas como estavas envolvido naquele contexto...

00:00:57 Jovem 1

Naquele grupo.

00:00:58 Investigadora

Naquele grupo, acabavas por te portar mal.

00:01:00 Jovem 1

Sim.

00:01:01 Investigadora

E também tinhas falta de regras e de limites?

00:01:04 Jovem 1

Não, lá na outra instituição eu fazia tudo certinho e portava-me bem, até que os meus outros colegas foram acolhidos na instituição e aí comecei-me a portar muito mal.

00:01:10 Investigadora

E tu portavas-te mal com eles porquê? Para seres aceite?

00:01:15 Jovem 1

Porque eu não ia ficar parado a vê-los a fazer porcarias. Porque mesmo ficando parado a vê-los, ia ser cúmplice.

00:01:23 Investigadora

Então tu fazias com eles as asneiras, não é? Porque achavas que assim fazias parte do grupo, não te sentias excluído.

00:01:33 Jovem 1

Sim. Porque depois também se eu não fizesse as porcarias, eles tiravam-me do grupo. Depois eu não tinha ninguém para andar.

00:01:43 Investigadora

Ok, já percebi. Então mesmo que se portassem mal, pelo menos tu tinhas um grupo de amigos.

00:01:49 Jovem 1

Sim.

00:01:55 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento?

00:02 Jovem 1

Do mal ou do bem?

00:02:13 Investigadora

As duas coisas, tanto do mal como do bem.

00:02:15 Jovem 1

Aqui nesta instituição dão-me educação e na outra não, e estes põem-me na linha. Não consigo fazer porcarias porque eles põem-me sempre a mão. Eles não me batem nem nada, mas avisam-me.

00:02:30 Investigadora

Ou seja, têm uma postura mais autoritária contigo, não é?

00:02:33 Jovem 1

Sim.

00:02:34 Investigadora

E a postura mais autoritária contigo é o quê? Serem assertivos, dizerem aquilo que tu podes e não podes fazer.

00:02:38 Jovem 1

Sim.

00:02:39 Investigadora

Dão-te castigos às vezes?

00:02:40 Jovem 1

Sim, mas até hoje não deram porque eu ainda não fiz porcaria aqui. E por enquanto não quero fazer. E eles são mais justos do que os outros.

00:02:55 Investigadora

Ou seja, tu sentes que aqui te compreendem mais e falam contigo para tentar perceber o porquê que tu agires assim.

00:03:01 Jovem 1

Sim.

00:03:03 Investigadora

E na outra, porquê que tu te portavas mal na outra? Quais eram os teus problemas e necessidades que tu consideras que te levavam a portar mal?

00:03:12 Jovem 1

Reclamavam e ralhavam comigo, toda a hora, e isso revoltava-me.

00:03:22 Investigadora

Achavas que eram extremamente autoritários.

00:03:25 Jovem 1

Sim.

00:03:26 Investigadora

E elas agiam assim contigo quando tu fazias alguma asneira ou sempre?

00:03:30 Jovem 1

Sempre.

00:03:35 Investigadora

Tu sentes que o facto de as pessoas aqui estabelecerem uma relação contigo te ajuda a melhorar o teu comportamento.

00:03:44 Jovem 1

Sim e também as infraestruturas desta casa são melhores. Na outra era quase tudo podre. Não tinha condições boas para estar. Por exemplo, eu estive com dores no músculo, aqui, eles arranjaram-me logo medicação, levaram-me ao centro de saúde. Se fosse na outra instituição ainda estava à espera da medicação.

00:04:22 Investigadora

Mas havia poucos profissionais a trabalhar nessa instituição?

00:04:25 Jovem 1

Não, havia.... Havia várias funcionárias e dois doutores.

00:04:50 Investigadora

Ok. Então tu sentes que aqui os profissionais aproximam-se mais de ti, preocupam-se mais contigo, chamam-te mais a atenção, mas não é para te prejudicar, mas sim para te ajudar.

00:05:01 Jovem 1

Sim, sim.

00:05:03 Investigadora

E na escola, como é o teu comportamento na escola?

00:05:05 Jovem 1

Eu porto-me bem na escola.

00:05:12 Investigadora

Os profissionais ajudam-te aqui com a coisas da escola?

00:05:14 Jovem 1

Sim.

00:05:14 Investigadora

Pelo que entendi, tu sentias como maiores problemas a falta de comunicação e de atenção.

00:05:26 Jovem 1

Sim.

00:05:32 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas, consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa de acolhimento? Ou seja, no dia a dia, que determinadas coisas é que os

profissionais fazem contigo e com os teus colegas que ajudam a melhorar o vosso comportamento?

00:05:55 Jovem 1

A serem simpáticos comigo eu consigo melhorar o comportamento. Eu consigo ser outra pessoa.

00:06:01 Investigadora

Se estabelecerem uma relação contigo?

00:06:03 Jovem 1

Sim.

00:06:05 Investigadora

Mas para isso, eles têm que definir regras, limites, não é?

00:06:09 Jovem 1

Sim, mas que não sejam maus, que sejam simpáticos.

00:06:22 Investigadora

Ou seja, têm que ter uma postura assertiva, de autoridade, mas que não te tratem mal. Que não sejam mal-educados contigo, que te respeitem, que te compreendam.

00:06:36 Jovem 1

Sim.

00:06:37 Investigadora

Imagina, que te portaste mal agora, e os profissionais avisaram-te que não podias fazer aquilo, tu quebraste a regra. E imagina que o profissional vai-te dar um castigo. Se o profissional te der o castigo, tu vais voltar a repetir mais à frente?

00:06:53 Jovem 1

Eu não vou repetir.

00:06:56 Investigadora

A consequência negativa teve algum impacto em ti.

00:06:59 Jovem 1

Sim.

00:07:00 Investigadora

Tu até podes repetir, mas se calhar não é com tanta probabilidade.

00:07:03 Jovem 1

Sim.

00:07:03 Investigadora

E ao nível da autonomia, achas que te ajuda na melhoria do teu comportamento? Por exemplo, fazeres algumas tarefas sozinho, darem-te um pouco mais de liberdade...

00:07:15 Jovem 1

Já me dão, até já me deixaram ir para a escola sozinho.

00:07:19 Investigadora

E isso ajuda-te? Achas que ganhas mais autoestima, mais confiança em ti?

00:07:22 Jovem 1

Sim, ajudou a melhorar a minha confiança.

00:07:24 Investigadora

Até porque estás a provar a ti e aos outros de que és capaz.

00:07:35 Investigadora

Quando a tua família está envolvida no teu processo de melhoria, de mudança, tu sentes-te mais confiante? Ou quando a tua família está um bocado mais distante, tu perdes um bocado aquela vontade de melhorar?

00:07:48 Jovem 1

Quando a minha família está mais longe do processo, tipo, eu fico mais lixado.

00:07:59 Investigadora

Não te sentes tão confiante?

00:08:01 Jovem 1

Não.

00:08:03 Investigadora

Então a tua família, achas que também ajuda muito no processo?

00:08:08 Jovem 1

Eu costumo falar com a minha família, às vezes até falo através do telefone de um amigo e eles apoiam-me na mudança e isso dá-me força para continuar.

00:08:15 Investigadora

Então tu ganhas mais força para mudares, para melhor…

00:00:00 Investigadora

Ao nível das consequências positivas, imagina que tu tens um bom comportamento e o profissional vai-te dar um reforço positivo.

00:00:10 Jovem 1

Vai-me dar tipo alguma coisa?

00:00:14 Investigadora

Não precisa de ser algo material. Pode ser por exemplo, um elogio. Percebes? Por exemplo, tu fizeste a limpeza na casa de acolhimento.

00:00:25 Jovem 1

Sim, sim, eu faço.

00:00:27 Investigadora

E tu fizeste muito bem a limpeza e portaste-te muito bem. E por exemplo, podes ganhar dinheiro fictício para comprar alguma coisa.

00:00:35 Jovem 1

Sim, isso já me aconteceu e ganhei uns fones. Já ganhei elogios.

00:00:41 Investigadora

E isso faz com que tu tenhas um melhor comportamento?

00:00:45 Jovem 1

Sim, sempre.

00:00:48 Investigadora

Porque tu sabes que ao fazeres o bem, o bem retorna a ti novamente.

00:00:5 Jovem 1

Sim.

00:00:55 Investigadora

E tu preferes o quê? Consequência negativa ou positiva? O que é que achas que tem mais impacto em ti?

00:01:02 Jovem 1

Positiva.

00:01:02 Investigadora

E porquê?

00:01:09 Jovem 1

Porque eu acho que mudei muito. Como existe reforço positivo nesta instituição sinto que mudei para melhor comparativamente à outra instituição que não tinha reforço positivo.

00:01:22 Investigadora

Mas tu achas que ao terem uma intervenção mais individualizada contigo... Porque tu falaste que quando estavas na outra eram distantes de ti.

00:01:32 Jovem 1

Sim.

00:01:33 Investigadora

Então tu achas que ao terem uma intervenção mais individualizada, a estarem mais ao teu lado, tu consegues melhorar mais?

00:01:39 Jovem 1

Sim.

00:01:43 Investigadora

Esta intervenção mais positiva, este reforço positivo, também tem um impacto na tua melhoria de comportamento?

00:01:49 Jovem 1

Sim.

00:01:50 Investigadora

Não é só através de castigos nem do reforço negativo...

00:01:52 Jovem 1

Não.

Jovem 2 (rapariga), 17 anos

(Casa de Acolhimento “A”)

00:00:03 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Quais são os motivos que às vezes fazem com que tu te portes mal?

00:00:35 Jovem 2

Às vezes somos enfrentados...

00:00:42 Investigadora

Enfrentados?

00:00:43 Jovem 2

Sim, com alguma coisa... Ou dizem alguma coisa que nós não gostamos.

00:00:52 Investigadora

Quando alguém tem uma postura de maior autoridade, é isso?

00:00:55 Jovem 2

Sim.

00:00:56 Investigadora

Mas em que sentido? Quando são mais agressivos? Ou, por exemplo, estás a fazer alguma coisa errada e eu digo-te, olha, não podes fazer isso... Tu vais reagir mal ou só vais reagir mal se eu for agressiva contigo?

00:01:11 Jovem 2

Se você for agressiva comigo.

00:01:14 Investigadora

Mas chamarem-te a atenção, não?

00:01:16 Jovem 2

Não.

00:01:19 Investigadora

Então tu acabas por achar que tens mau comportamento maioritariamente quando as pessoas são agressivas contigo?

00:01:25 Jovem 2

Sim.

Investigadora
00:01:26

Tu não consegues gerir as tuas emoções quando alguém é agressivo contigo, mais ou menos isso?

00:01:30 Jovem 2

Sim.

00:01:32 Investigadora

E tu acabas por fazer o quê? Explodir?

00:01:34 Jovem 2

Às vezes.

00:01:36 Investigadora

E acabas por explodir porquê? Não consegues...

00:01:43 Jovem 2

Controlar-me.

00:01:45 Investigadora

Tu sentes então dificuldade em gerir as tuas emoções?

Investigadora

00:01:48 Jovem 2

Sim!

00:01:51

E tu achas que devias trabalhar mais isso em ti?

00:01:53 Jovem 2

Sim.

00:01:55 Investigadora

Tipo o quê?

00:01:57 Jovem 2

Tentar controlar-me mais. Ficar mais calma.

00:02:05 Investigadora

E quando tu dizes que tens de ficar mais calma, o que é para ti ficar mais calma? É obedecer a regras, a normas?

00:02:11 Jovem 2

É isso, obedecer às regras...

00:02:22 Investigadora

Investigadora

E tu achas que os teus colegas portam-se mal também por isso, às vezes?

00:02:25 Jovem 2

Sim.

00:02:28

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interfere no teu mau comportamento?

00:03:35 Jovem 2

As pessoas não me ouvem. Às vezes sinto-me, sei lá, um bocadinho mais sozinha.

00:03:44 Investigadora

Mais sozinha?

00:03:45 Jovem 2

Sim.

00:03:46 Investigadora

Mas mais sozinha pelos teus pares ou também pelos adultos?

00:03:52 Jovem 2

Investigadora

Sinto-me mais sozinha quando não tenho o apoio dos adultos.

00:03:57 Investigadora

Querias que te escutassem mais?

00:03:58 Jovem 2

Sim.

00:03:59 Investigadora

E porquê é que te querias que escutassem mais?

00:04:02 Jovem 2

Para me ajudarem.

00:04:03 Investigadora

Mas para te ajudarem em quê?

00:04:10 Jovem 2

Em me sentir bem.

00:04:11 Investigadora

No teu bem-estar?

00:04:12 Jovem 2

Sim.

00:04:15 Investigadora

Achas que no acolhimento residencial há falta de individualidade?

00:04:20 Jovem 2

Um pouco.

00:04:23 Investigadora

Gostavas que tivessem uma intervenção mais individualizada, que te ajudassem mais, que te apoiassem mais? É isso?

00:04:29 Jovem 2

Sim.

00:04:30 Investigadora

E tu achas que isso ia melhorar o teu comportamento?

00:04:32 Jovem 2

Talvez.

00:04:33 Investigadora

Porque tu ias te sentir melhor contigo própria.

00:04:35 Jovem 2

Sim.

00:04:36 Investigadora

Porque tu falaste em bem-estar anteriormente, não foi?

00:04:38 Investigadora

O que é que achas que resulta mais contigo?

Resulta mais contigo castigarem-te? Ou um reforço positivo?

00:04:54 Investigadora

Vamos imaginar, tu fazes uma tarefa muito bem feita. Limpaste a casa, muito bem.

E tu sabes que se tu fizeres o bem, vais receber o bem.

00:05:05 Investigadora

Se te portares mal, vais receber o mal.

Isso acontece na vida, acontece em todo o lado...

00:05:13 Investigadora

O que é que tem maior importância para ti?

Quando tu és repreendida negativamente, ou quando tu és elogiada por algo positivo que tu fizeste?

00:05:26 Jovem 2

Quando sou elogiada por algo que fiz bem...

00:05:34 Investigadora

E tens maior tendência a repetir aquilo bem fizeste de bom...

00:05:35 Investigadora

Imagina, tens um castigo porque te portaste mal. Há uma maior probabilidade de voltares a repetir aquilo que tu fizeste errado ou não, se tiveres um castigo? O castigo ajuda-te a melhorar o comportamento?

00:05:52 Jovem 2

Depende do castigo.

00:05:54 Investigadora

Porque achas que há castigos que sentes mais do que outros?

00:05:58 Jovem 2

Sim.

00:05:58 Investigadora

Há castigos que te são indiferentes?

00:06:00 Jovem 2

Sim.

00:06:01 Investigadora

Que tipo de castigo é que tu achas que resulta melhor contigo?

00:06:07 Jovem 2

Ficar uma semana sem telemóvel, ficar uma semana sem ver televisão, ficar sempre no quarto, uma semana no quarto. Não sair com os amigos...

00:06:20 Investigadora

Ou seja, não é qualquer castigo.

00:06:23 Jovem 2

Não.

00:06:23 Investigadora

Tem que ser um castigo que tu sintas...

Porque às vezes as pessoas podem te dar um castigo qualquer e para ti isso é indiferente.

00:06:28 Jovem 2

Por exemplo, mandarem-me fazer uma tarefa e isso...

00:06:34 Investigadora

E vamos imaginar que tu, pronto, fizeste muito bem uma tarefa. Andas a portarte muito bem ao nível das tarefas, ao nível da autonomia.

00:06:45 Investigadora

E vão-te recompensar positivamente por aquilo que tu fizeste. Por exemplo, vãote dar um dinheiro fictício para comprares alguma coisa.

00:06:52 Investigadora

A tendência de tu continuares com um bom comportamento é maior?

00:06:56 Jovem 2

Sim.

00:06:58 Investigadora

Ou seja, tu valorizas mais o reforço positivo ou o negativo? O que é que resulta melhor no teu comportamento?

00:07:09 Jovem 2

Reforço positivo.

00:07:19 Investigadora

Olha, o que é que tu sentes quando a tua família está envolvida no teu processo de mudança, tu ficas mais feliz e mais confiante? Ou, para ti é indiferente se a família faz ou não faz parte do processo?

00:08:19 Jovem 2

Quando a minha família está presente.

00:08:20 Investigadora

Porquê?

00:08:22 Jovem 2

Porque ela pode-me ajudar.

00:08:37 Investigadora

E tu achas que quando te dão maior liberdade e maior autonomia, tu achas que isso te ajuda?

00:08:44 Jovem 2

Sim.

Jovem 3 (rapaz), 15 anos

(Casa de Acolhimento “A”)

00:00:02 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Ou seja, quais são os motivos que tu achas que te levam a ter mau comportamento?

00:00:11 Jovem 3

É assim, neste momento o meu comportamento não é o pior. Acho que quando me stressam, dizem alguma coisa ou me provocam.

00:00:24 Investigadora

Ok, tens dificuldade em gerir as tuas emoções...

00:00:28 Jovem 3

Sim!

00:00:29 Investigadora

És muito explosivo...

00:00:31 Jovem 3

Sim.

00:00:32 Investigadora

Mas tens dificuldade em pensar numa outra forma de resolver os problemas e fazer as coisas?

00:00:38 Jovem 3

No momento não penso em nada. Faço o que vem à minha cabeça.

00:00:41 Investigadora

És impulsivo?

00:00:44 Jovem 3

Sim!

Não consigo gerir as minhas emoções, no momento, explodo. Se tiver que explodir, explodo.

00:01:07 Investigadora

E tu já pensaste noutras formas de gerir o teu comportamento? Por exemplo, não teres gostado que aquela pessoa te fizesse ou dissesse determinada coisa. Mas tu podes falar com ela, podes resolver os problemas de outra forma... Ou tu não pensas nisso? Ages simplesmente por impulso?

00:01:23 Jovem 3

No momento, ajo por impulso. Mas depois, tomo consciência dos meus atos e vou falar com a pessoa.

00:01:30 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento? Ou seja, coisas que acontecem aqui dentro, que tu consideras que são um problema, uma necessidade e que acabam por interferir no teu mau comportamento.

00:01:44 Jovem 3

Foi o que eu disse há bocado o meu problema é contrariarem-me.

00:02:18 Investigadora

Tu tens dificuldade em ouvir um não?

00:02:21 Jovem 3

Também!

00:02:22 Investigadora

E tu tens dificuldade em aceitar e gerir que te coloquem em alguma adversidade...

00:02:33 Jovem 3

Sim!

00:02:37 Investigadora

Tu basicamente queres ouvir sempre sim e que seja tudo da forma que tu queres...

00:02:42 Jovem 3

Sim.

00:02:42 Investigadora

Então, tens dificuldades em cumprir regras e normas?

00:02:45 Jovem 3

Sim. Depende da situação...

00:02:48 Investigadora

Depende no sentido se for algo que tu não gostas, acabas por recusar fazer e cumprir...

00:02:54 Jovem 3

Sim!

00:02:55 Investigadora

Achas que esta dificuldade em aceitar as regras e normas partiu do quê? Nunca ninguém te impôs regras nem normas? Ou quando te começaram a impor já era tarde demais?

00:03:06 Jovem 3

É isso, mesmo. Quando começaram a impor já era muito tarde.

00:03:11 Investigadora

Porque não foste habituado desde tenra idade?

00:03:15 Jovem 3

Não.

00:03:16 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu comportamento desviante, ou seja, do teu mau comportamento? Ou seja, no dia a dia, quando os profissionais estão a trabalhar contigo, que estratégias achas que resultam na diminuição dos comportamentos desviantes?

00:03:41 Jovem 3

Eu aqui dentro fico muito no meu canto. Quando há atividades falo com as pessoas ao máximo. Agora quando não há fico no meu canto

00:04:01 Investigadora

Mas tu achas que te isolas mais porquê? Porquê que tu te isolas?

00:04:08 Jovem 3

Porque não dou confiança a ninguém. Falo com os meus amigos que são fora daqui.

00:04:14 Investigadora

És tu que te autoexcluis ou sentes-te excluído?

00:04:20 Jovem 3

Sou eu que me fecho.

00:04:24 Investigadora

E por exemplo, quando tens um mau comportamento, qual é a melhor forma do educador chegar a ti e fazer com que tu mudes o teu comportamento? Resultam castigos contigo, reforço negativo, algumas consequências? Isso acaba por resultar?

00:04:42 Jovem 3

Castigos resultam, não é? Mas não gosto de castigos. Para mim a melhor forma é no momento, deixar-me estar como estou, porque se me vierem falar no momento, vou estar nervoso e vou responder como não devo. Portanto, deixar o clima passar e quando estiver mais calmo, virem falar comigo.

00:05:07 Investigadora

Mas então tu sentes que às vezes alguma consequência negativa acaba por ter impacto no teu comportamento?

00:05:12 Jovem 3

Sim.

00:05:12 Investigadora

Porque há uma maior probabilidade de tu não voltares a repetir aquele mau comportamento porque já sabes que alguma coisa de mal te vai acontecer?

00:05:18 Jovem 3

Sim!

00:05:19 Investigadora

Ok, e ao nível do reforço positivo? Por exemplo, tu fazes alguma coisa muito bem feita. Por exemplo, fazes as tarefas domésticas bem feitas. Não sei que tipo de tarefas é que vocês fazem aqui, mas tu percebeste o que eu quis dizer.

00:05:34 Jovem 3

Sim.

00:05:34 Investigadora

Se alguém te elogiar, se alguém te der algum dinheiro, tipo fictício, alguma coisa assim do género, há uma maior probabilidade de tu continuares com o bom comportamento ou para ti é indiferente?

00:05:47 Jovem 3

Claro que se me derem... Normalmente, quando uma pessoa faz alguma coisa e recebe coisas em troca, vai ter mais motivação para fazer essa coisa. E eu sou assim.

00:05:59 Investigadora

Mas tu fazes as coisas em troca de algo? Como assim? Tu fazes as coisas porque sabes que estás a fazer o bem e aquilo é o correto? Ou estás a fazer o bem porque tens algum interesse por trás disso?

00:06:15 Jovem 3

Os dois. Eu faço porque tenho que fazer e faço porque sei que vou ganhar alguma coisa em troca.

00:06:24 Investigadora

Então não é um valor teu... Tu não fazes determinadas coisas porque realmente pensas assim e acreditas naquilo... Tu fazes porque tens algum interesse por trás disso...

00:06:32 Jovem 3

Depende das situações. Por exemplo, aqui dentro nós ganhamos por tudo. Ganhamos por tomar banho, ganhamos por lavar os dentes, ganhamos por ir fazer as tarefas. Há coisas que eu faço por exemplo, tomar banho, lavar os dentes, etc, eu faço por mim. Nessas situações não penso no dinheiro que ganho.

00:06:48 Investigadora

Sim...

00:06:49 Jovem 3

Mas há outras, como fazer as tarefas aqui dentro, de limpar o chão e isso tudo, que não faço por querer, mas sim porque vou ganhar alguma coisa em troca.

00:06:59 Investigadora

E no que concerne à autonomia, tu achas que tarefas de autonomia, quando dão alguma liberdade, tu achas que isso ajuda no teu bom comportamento, que tem um impacto positivo?

00:07:33 Jovem 3

Sim, claro. Porque estão a ir ao encontro dos meus interesses.

00:07:40 Investigadora

Então também sentes que às vezes não escutam os jovens, é isso?

00:07:46 Jovem 3

Sim. Por exemplo, acho que quem trabalha aqui devia também ir ao encontro dos interesses dos jovens. Não é só, ah, tens de fazer isto, tens de fazer aquilo, tens de fazer aquilo. Não! Se fazes isto, vais ganhar alguma coisa em troca.

00:08:13 Investigadora

Tu achas que na casa de acolhimento há falta de escuta e também de ir ao encontro dos teus interesses?

00:08:20 Jovem 3

Depende da pessoa, há monitores que se calhar deixam os jovens serem mais livres, dão mais confiança aos jovens. E há outros que são mais rígidos, não falam.

00:08:34 Investigadora

Mas se calhar isso também tem a ver com o grau de maturidade de cada jovem... Não é?

00:08:38 Jovem 3

Sim.

00:08:39 Investigadora

Porque para tu conseguires conquistar uma determinada confiança, uma determinada autonomia, liberdade, tu também tens de ir provando ao longo do tempo que mereces esse merecimento. E tens de provar maturidade.

00:08:52 Jovem 3

Agora há monitores que nos dão essa confiança mais cedo e há outros que demoram muito tempo para conseguir essa confiança.

00:08:59 Investigadora

Mas se calhar tu também podes ter uma atitude diferente com um monitor e com outros tens outra atitude, não é?

00:09:06 Jovem 3

Claro! Se não gosto de um determinado monitor, não vou ter o mesmo perfil que tenho com o que gosto.

00:09:14 Investigadora

Então tu estás a dizer que o facto de tu respeitares as regras e normas depende também da pessoa que te está a impor essas regras e essas normas?

00:09:23 Jovem 3

Sim.

00:09:24 Investigadora

Porque há pessoas que tu não respeitas.

00:09:26 Jovem 3

Não, não respeito.

00:09:28 Investigadora

Não cumpres, é isso?

00:09:30 Jovem 3

Por exemplo, se calhar não lhes faço todas as vontades. Se eu contrariar, se me recusar a fazer alguma coisa, há um castigo, portanto, tenho de fazer. Mas agora, há coisas que eu vou fazer com um monitor e com outro não vou fazer ou se fizer vou fazer contrariado.

00:09:49 Investigadora

Então tu achas que é importante também os monitores criarem uma relação com vocês?

00:09:53 Jovem 3

Sim.

00:09:55 Investigadora

E criar uma relação com vocês é tipo o quê? Falar com vocês...

00:09:59 Jovem 3

Serem mais abertos connosco. Por exemplo, há monitores aqui que eu brinco mais um bocado com eles e para eles é na boa e há outros que se eu passar um bocado a linha já é o fim do mundo.

00:10:24 Investigadora

Quando tu sentes que a tua família te apoia na melhoria do teu comportamento, tu achas que ajuda-te mais na diminuição dos teus comportamentos desviantes ou para ti é-te indiferente se a família te apoia ou não?

00:10:40 Jovem 3

Claro. A família apoiar-me é sempre bom. Mesmo não sendo família, mesmo sendo outra pessoa, se eu tiver, por exemplo, um objetivo e as pessoas apoiarem-me, sempre vai ser mais fácil chegar lá.

00:11:05 Investigadora

Então tu sentes que se a tua família estiver ao teu lado neste processo, se a tua família te apoiar na diminuição do teu mau comportamento, achas que há mais possibilidades de tu conseguires melhorar?

00:11:17 Jovem 3

Sim.

00:11:18 Investigadora

E tens mais motivação?

00:11:28 Jovem 3

Tenho sempre motivação para melhorar o meu comportamento para sair daqui.

00:11:34 Investigadora

Mas tu não vês que se tiveres um mau comportamento mesmo em sociedade vais acabar por ter determinados problemas?

00:11:42 Jovem 3

Sim.

00:11:43 Investigadora

Porque ninguém quer lidar em sociedade com uma pessoa que trata os outros mal, estou a dar um exemplo, não estou a falar que és tu, atenção.

00:11:51 Investigadora

Portanto, se tu tiveres um bom comportamento, respeitares os outros, tiveres empatia pelos outros, isso vai acabar também por se refletir nas tuas relações interpessoais de uma forma positiva.

00:12:02 Jovem 3

Sim.

00:12:03 Investigadora

Portanto, não podes só pensar na casa de acolhimento, tens que pensar em tudo, em todos os contextos, em toda a sociedade.

00:12:11 Jovem 3

Sim.

00:12:12 Investigadora

Portanto, não penses só assim, não é? Não podes pensar só assim em melhorar o teu comportamento só para sair da casa de acolhimento.

00:12:18 Investigadora

Porque olha, tu, se continuares com um determinado comportamento, mesmo depois de saíres daqui, podes ter determinadas consequências em sociedade. Percebes?

00:12:36 Jovem 3

Se eu sair daqui com um determinado comportamento, acho que se melhorar o meu comportamento aqui, com o objetivo de sair daqui, eu vou continuar com o comportamento bom mesmo depois de sair daqui.

00:12:45 Investigadora

Ok, então o teu objetivo é mesmo melhorar o teu comportamento não só aqui, em todo o lado. Certo?

00:12:51 Jovem 3

Certo.

00:12:53 Investigadora

Pronto, então estás mesmo disposto a gerir melhor as tuas emoções, a mudar alguns dos teus valores, certo?

00:12:59 Jovem 3

Sim.

00:13:00 Investigadora

A forma de agires com os outros, e tu achas que isso é mesmo importante?

00:13:04 Jovem 3

Claro, sim.

Jovem 4 (rapaz), 16 anos

(Casa de Acolhimento “B”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Ou seja, quais são os motivos que tu achas que acabam por fazer com que tu tenhas um comportamento mais inadequado?

00:00:11 Jovem 4

Por exemplo, por aquilo que passei na vida.

Não estou a dar como desculpa, mas sim pelo que passei.

Sinto que preciso de ajuda em questões de psicologia.

Porque foram muitas coisas que foram para a minha cabeça que não deviam e que isso torna-me muito frustrado.

E porque estou neste colégio, não é mau colégio, não.

Muito pelo contrário, é bom, é o melhor dos colégios que já estive. Simplesmente acho que devia estar à beira da minha mãe e é isso que me deixa mais frustrado, não poder estar à beira dela.

Mas pronto, acho que é isso que me leva de vez em quando a ter um comportamento menos adequado.

00:00:54 Investigadora

Então tu achas que o teu comportamento tem muito a ver também com traumas que tu passaste? E por questões familiares?

00:01:02 Jovem 4

Sim! Não vou dizer que é só de um lado, porque havia discussões sempre dos dois, não há discussões só de um lado. Sim, entre ambas as partes, sim...

00:01:16 Investigadora

Quando, por exemplo, a casa de acolhimento acaba por fazer uma intervenção onde chama a tua mãe, tu falaste da tua mãe, a tua mãe é a tua figura principal de vinculação, não sei...

00:01:25 Jovem 4

Sim, é.

00:01:26 Investigadora

A pessoa que tu gostas mais, a pessoa mais importante para ti. Por exemplo, quando os técnicos ou os educadores chamam a tua mãe para, por exemplo, te chamar a atenção sobre um comportamento, tu sentes que há um maior impacto na melhoria do teu comportamento quando esta intervenção familiar é feita?

00:01:42 Jovem 4

Acho, porque eu sei que se falar com a minha mãe, tanto a sós como com gente acompanhada, sei que ela me percebe, que me ouve, por mais que às vezes há um berrozinho ou outro. Sei que é para o meu bem e sei que é para sair daqui mais cedo para ver se se mudo os meus comportamentos.

00:02:01 Jovem 4

Também tenho consciência daquilo que faço e às vezes acabo por me arrepender e sentir-me mal pelas próprias coisas que faço.

00:02:07 Investigadora

Então a tua família para ti é algo muito importante?

00:02:10 Jovem 4

Sim, é uma coisa que me toca bastante mesmo. É uma coisa que para já é uma das coisas que não me consigo controlar de frustração. Se tocam no nome da minha família, é por acaso, uma das coisas que não consigo controlar.

00:02:20 Investigadora

Quando tu falaste que te sentes muito frustrado, às vezes, esta frustração vem também do facto de que tu não consegues gerir as tuas emoções... Não consegues gerir algumas coisas que te vão acontecendo?

00:02:34 Jovem 4

Sim, algumas coisas. É raramente agora, por acaso agora é raro estar mais nervoso, mais frustrado, mas sim, basicamente é mais por causa disso.

00:02:48 Investigadora

E quando tu trabalhas as tuas emoções, quando por exemplo algum educador ou a tua mãe te mostra outra forma de tu reagires às coisas, tu sentes que consegues colocar isso em prática?

00:02:59 Jovem 4

Sim... Eu fico pensativo naquilo que me dizem e sei o que eu consigo fazer e sou capaz de fazer em algumas situações.

00:03:11 Jovem 4

O único mal que eu tenho é quando tocam no nome de pessoas da parte da minha mãe, que a minha mãe também gosta mais, é a única parte onde eu fico logo mais ativo, mais frustrado e mais nervoso.

00:03:26 Investigadora

Então tu sentes que tens de trabalhar a tua impulsividade, a tua frustração, de certa forma. Mas sentes que quando trabalhas as tuas emoções e quando te chamam a atenção e mostram-te outros caminhos que tu podes seguir, consegues melhorar...

00:03:38 Jovem 4

Sim!

00:03:39 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento?

00:03:48 Investigadora

Ou seja, o que é que se passa na casa de acolhimento que tu consideras que é um problema para ti, uma necessidade que não está a ser satisfeita e que acaba por refletir no teu mau comportamento?

00:04:03 Jovem 4

Na casa de acolhimento nada, neste momento...

00:04:08 Investigadora

Não precisas de falar só nesta, podes falar também nas outras casas de acolhimento onde estiveste...

00:04:13 Jovem 4

Nas outras, como era as primeiras vezes, sentia-me muito frustrado porque eu era uma pessoa, digamos, tímida, não gostava de estar muito em convívio com outras pessoas nem nada, e levar-me a sítios diferentes, durante meses e anos, sempre a mudar de sítio, a escolas, sempre a conhecer pessoas novas, acabava também por mexer um pouco comigo e com o meu sistema.

00:04:39 Investigadora

Ou seja, sentes que não tinhas estabilidade nenhuma?

00:04:42 Jovem 4

Sim, não.

00:04:44 Investigadora

Não te sentias seguro?

00:04:46 Jovem 4

Exato! Não me sentia em casa... Nós em casa sentimo-nos bem, fazemos aquilo que fazemos, já nas casas de acolhimento não podemos fazer o mesmo que fazíamos.

00:05:00 Investigadora

Tu sentes que haviam muitas regras?

00:05:02 Jovem 4

Sim.

00:05:04 Investigadora

Estás-te a referir a regras ou, por exemplo, sentias-te um fantoche nas mãos das outras pessoas? Hoje estou aqui, amanhã estou ali, quase que...

00:05:12 Jovem 4

Os dois, é ambos! Tanto como regras, porque, ok, a minha mãe tem regras, tem, não é tantas como do colégio, se calhar dá mais liberdade que os colégios, mas mesmo assim eram regras. Nos colégios as regras são muito rígidas.

00:05:29 Jovem 4

E as pessoas, basta ver uma coisinha de fora, por mais que seja só uma coisinha mínima, eram capazes de berrar e eu já tinha traumas antes de certas coisas

por causa do meu pai. Então sentia-me mal com isso e depois sempre a mudar de sítio, sentia que eu não era de mim próprio que era das pessoas.

00:05:49 Investigadora

Mas tu sentes que, por exemplo, quando discutem contigo as regras, quando te mostram, por exemplo, esta regra serve para isto, porque se tu não cumprires a regra pode interferir no grupo ou podes-te prejudicar, alguma coisa assim do género, tu consegues compreender a regra e cumpri-la?

00:06:05 Jovem 4

Consigo, consigo...

Às vezes posso ficar frustrado e não querer fazer, mas acabo por fazer na mesma, porque eu sei que... Há pouco tempo, cerca de 3, 4 anos, compreendi que o colégio não é só para nós mudarmos, mas sim para ganhar também um pouco de maturidade e para passarmos à frente na vida, para ganharmos mais maturidade, ou seja...

00:06:28 Investigadora

E autonomia, responsabilidade, não é?

00:06:30 Jovem 4

Autonomia, horários a cumprir, tudo.

Para num futuro, termos uma casa, arranjarmos um trabalho...

00:06:34 Investigadora

Há pouco falaste no gritar, no berrar, tu sentes que a intervenção dos profissionais, quando é mais autoritária, vocês acabam por não querer cumprir tanto?

00:06:48 Jovem 4

Não, eu cumpro na mesma. Por mim, por exemplo, neste momento, se me tiverem a berrar, ok, eu sinto-me por dentro um pouco em baixo, mas sou capaz de fazer as coisas direitas na mesma, porque isso nada impede daquilo que eu faço. Ou seja, num trabalho, se o meu patrão me berrar por causa de ter feito alguma coisa mal, eu tenho que consertá-la na mesma.

00:07:15 Investigadora

Sim, mas a questão aqui é que há diferentes formas das pessoas se comunicarem, percebes?

00:07:20 Jovem 4

Exato.

00:07:21 Investigadora

Eu não preciso de chegar à tua beira e começar a berrar contigo.

00:07:23 Jovem 4

Mas isso está bem, depende sim, depende das pessoas, porque há pessoas de maneiras diferentes.

00:07:29 Investigadora

Depende da personalidade das pessoas, não é?

00:07:32 Investigadora

Mas na tua perceção, e eu quero que sejas sincero comigo, qual é o perfil do educador que te faz cumprir mais, que te faz compreender melhor determinadas coisas para tu melhorares?

00:07:46 Jovem 4

Uma pessoa calma, que me chama à parte, que me explica o que devia fazer e o que não devia, e que diga que estou errado e que não estou e para voltar a repetir para fazer melhor.

00:07:57 Investigadora

Ou seja, uma pessoa que é assertiva e diz as coisas na tua cara, certo? Aquilo que tu fizeste errado, aquilo que tu fizeste de bom também, mas que não é uma pessoa extremamente autoritária. Ou seja, consegue criar uma relação contigo, consegue falar contigo normalmente, certo?

00:08:13 Jovem 4

Sim, é mais à base disso.

00:08:16 Investigadora

Como é que tu vês as punições, ou seja, os castigos, as consequências negativas? Tu sentes que aprendes quando uma consequência negativa é-te dada, ou seja, um castigo?

00:08:28 Jovem 4

É assim, se for como...

00:08:30 Investigadora

Quero que sejas sincero, certo?

00:08:32 Jovem 4

Sim, sim, sim.

É assim, se for como nos colégios antigos onde eu estava, isso para mim, as punições, eu ficava completamente maluco, porque já não podíamos fazer o que queríamos e já nos tiravam aquilo que não tínhamos.

00:08:42 Investigadora

Ficavas frustrado.

00:08:44 Jovem 4

Exato, já não podíamos fazer o que não fazíamos e depois ainda pôr punições em cima, pior era.

Agora, por exemplo, agora no colégio que eu estou atualmente, se me disserem, ok, a tua punição é não teres saídas, ou ficares sem telemóvel, compreendo completamente, já nos dão uma liberdade que se calhar em muitos colégios não há, como eu sei, e acho justo isso.

00:09:04 Investigadora

E sentes que acaba por haver uma reflexão da tua parte?

00:09:08 Jovem 4

Sim, começo a refletir no que fiz mal para depois melhorar para não voltar a fazer isso.

00:09:13 Investigadora

Pois e também para depois não seres novamente punido, não é?

00:09:16 Jovem 4

Exato, para não ter outra vez o mesmo castigo.

00:09:18 Investigadora

Sim, então as punições, os castigos fazem-te refletir para não voltares a ter o mesmo comportamento depois.

00:09:23 Jovem 4

Exato...

00:09:24 Investigadora

E a nível de consequências positivas, ou seja, tu fazes algo de bom, certo, e depois és recompensado por isso, isso faz com que tu sintas vontade de continuar a ter o mesmo comportamento?

00:09:41 Jovem 4

Sim! Fico pensativo de querer continuar a fazer o que faço, ou seja, continuar a fazer com que dê orgulho à pessoa, continuar a fazer as coisas bem, continuar ah, ok, olha, faz isto, e eu no meu momento faço, não deixo ficar para depois e depois não faço.

Fico com aquele pensamento, ok, estou a dar orgulho a esta pessoa, sei que depois posso contar com ela mais tarde, e isso é o que me faz motivar a fazer.

00:10:07 Investigadora

Ok, na tua perceção o que é que tem o melhor impacto para ti, as consequências positivas ou negativas?

00:10:14 Jovem 4

Ambas.

Negativas porque é o que me faz pensar naquilo que devo corrigir daquilo que fiz mal, ou seja, estou sempre a melhorar cada vez mais. As boas, epá, uma notícia sempre boa é uma notícia sempre boa, ficamos sempre felizes. Ou seja, além de ficarmos contentes, sabemos que essa pessoa é importante para nós e ficamos orgulhosos disso.

00:10:36 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa de acolhimento?

Ou seja, o que é que tu achas que nós enquanto profissionais, no dia a dia, fazemos que acabam por fazer com que vocês diminuam os vossos comportamentos desviantes, ou seja, o vosso mau comportamento?

00:11:09 Jovem 4

Conviver connosco, além de estarmos ocupados a falar, estamos a pensar nas coisas que nos dizem, arranjar alguma coisa para fazer, nem que seja dar uma volta.

00:11:20 Investigadora

Ocupação dos tempos livres.

00:11:22 Jovem 4

Ocupação, exato. 00:11:24

Investigadora

Ou seja, mostrar-vos outras realidades, outros caminhos, é isso?

00:11:29 Jovem 4

Exato.

00:11:29 Jovem 4

E falar um pouco sobre o nosso futuro.

00:11:33 Investigadora

O projeto de vida!

00:11:35 Jovem 4

Exatamente! Quem, por exemplo, anda num curso, se recebe dinheiro, dão-me conselhos como, por exemplo, poupar o dinheiro para tirar a carta de condução no futuro, algumas coisas deste género.

É uma coisa que eu acho bom e é uma coisa que eu acho que as pessoas ficam a pensar, ok, tenho que começar a fazer as coisas direito, e se quero ver a minha mãe com orgulho de mim e o resto das pessoas que me estão a ajudar.

E isso faz com que as pessoas fiquem motivadas a fazer as coisas certas.

00:12:02 Investigadora

Certo.

Ou seja, criar uma relação com vocês, falar com vocês.

00:12:08 Investigadora

Este diálogo, achas que é importante também ser em grupo ou só individual?

00:12:14 Jovem 4

Os dois.

Individual porquê? Porque há certas coisas que se calhar a pessoa não quer que seja falada em grupo e prefere ser individual. Outras certas coisas, deve-se falar em grupo para toda a gente perceber e ter noção das coisas, para toda a gente, ok, aquela pessoa tem uma opinião, uma outra tem a outra, qual é a mais correta? Podem até estar as duas corretas, mas de certeza que uma para nós está mais correta.

Por exemplo, eu se calhar jogo bem futebol e jogo bem basquete, mas se jogo melhor futebol, claro que vou prosseguir futebol porque é uma coisa que eu sei que vou ter futuro nisso.

Ou seja, seguir sempre o conselho das pessoas e que não nos levem a pontos negativos (maus caminhos).

00:12:58 Investigadora

Alguma coisa queiras dizer que não disseste, que achas que é importante?

00:13:07 Jovem 4

Agora posso dizer que após vários anos de estar em colégios, posso dizer que um colégio não é tão mau como toda a gente pensa, sim faz-nos ganhar maturidade e faz-nos crescer e fazemos sempre novos amigos, podemos sempre ter alguém com quem desabafar, etc.

00:13:26 Investigadora

Ou seja, tu achas que o acolhimento residencial é uma passagem, não é? Mas que as pessoas não têm que ver sempre como algo negativo, mas sim como algo positivo, que vos ajuda a melhorar e a desenvolverem a vossa autonomia, a serem homens e mulheres, não é?

00:13:43 Jovem 4

Sermos alguém na vida.

00:13:45 Investigadora

Alguém na vida vocês já são, certo?

00:13:47 Jovem 4

Sim, sermos alguém na vida, ou seja, sermos uma pessoa com futuro...

00:13:49 Investigadora

A desenvolverem-se e evoluírem mais, não é?

00:13:53 Jovem 4

Sim!

Jovem 5 (rapaz), 17 anos

(Casa de Acolhimento “B”)

00:00:00 Investigadora

Então, porque razão tens mau comportamento? Ou seja, quais são os motivos que tu achas que fazem com que tu tenhas mau comportamento ou um comportamento mais inadequado?

00:00:16 Jovem 5

Pô, eu, tipo, de momento não tenho mau comportamento, não. Mas já tive, óbvio.

É o tal motivo que eu estou aqui.

00:00:24 Investigadora

Ou seja, tu vieste para aqui por mau comportamento?

00:00:27 Jovem 5

Sim, mau comportamento. Eu estava desleixado. Não queria ir para a escola, não queria fazer nada. Então me mandaram para cá.

00:00:33 Investigadora

E porque é que tu estavas com essas atitudes?

00:00:36 Jovem 5

Porque, tipo, sei lá, acho que era revolta mesmo, assim, estava... Tipo, revoltado.

00:00:41 Investigadora

Estavas revoltado... E estavas revoltado porquê?

00:00:45 Jovem 5

Boa pergunta. Isso, tipo, sei lá. Eu queria ter uma coisa e não tinha. Ficava revoltado, sabe? Tipo, imagina, eu quero ter uma coisa ali no momento. Eu não tenho como ter aquela coisa, ninguém pode me dar aquela coisa. O que eu vou fazer? Eu vou atrás.

00:01:01 Investigadora

O que tu querias eram coisas materiais ou não só coisas materiais?

00:01:06 Jovem 5

Materiais, eram coisas materiais.

00:01:08 Investigadora

Ou seja, tu vias os outros a ter determinadas coisas que tu não podias ter. Era isso?

00:01:13 Jovem 5

Era isso.

00:01:14 Investigadora

Mas coisas tipo o que é? Sapatilhas, roupa?

00:01:17 Jovem 5

Tudo! Roupa... Aquela coisa que tu vê e tu brilha logo o olho, sabe? A roupa, coisa que tu não tem, tipo tênis.

00:01:25 Investigadora

E porquê que tu não tinhas? Tu vivias com a tua mãe? A tua mãe não tinha possibilidades financeiras para te dar ou...

00:01:35 Jovem 5

Até tinha, sabe? Só que tipo, não é aquela coisa de me dar sempre, sabe? Tipo, imagina, eu recebo uma coisa de ano em ano, sabe? Imagina, eu recebo essa roupa aqui no Natal. Agora só vou receber outra roupa no outro Natal, sabe? Ou nos meus anos, sabe?

00:01:48 Investigadora

E tu querias sempre...

00:01:49 Jovem 5

Eu queria ter sempre… Porque aqui não é como no Brasil, no Brasil, se eu andar todos os dias com a mesma roupa, ninguém liga, está a ver? Aqui o pessoal está todo dia com a roupa nova. É tipo aquela cena de andar mais bonitinho. Eu queria andar como eles.

00:02:04 Investigadora

Tu querias-te adequar ao grupo? Querias-te sentir que pertencias àquele grupo?

00:02:09 Jovem 5

Nem tanto, nem tanto. Porque tipo, eu sempre tive a brisa de andar sozinho. Nunca gostei de andar com ninguém. Eu andava sempre sozinho.

00:02:15 Investigadora

Sim, mas tu sentias-te inferior por causa das roupas, era isso?

00:02:19 Jovem 5

É isso, está a ver? Imagina, eu não me sentia enquadrado na sociedade, não num grupo, na sociedade, está a ver? Imagina, as pessoas, tipo... Não é que as pessoas olhavam mal, mas tipo...

00:02:28 Investigadora

Sim, se calhar era uma coisa da tua cabeça, certo? Se calhar as pessoas nem reparavam na tua roupa. Eras tu... Tu tinhas um complexo de inferioridade, era isso?

00:02:35 Jovem 5

Sim, era isso!

00:02:37 Investigadora

Por causa das roupas que tu vias os outros a ter e que na tua cabeça... Se calhar na realidade tu não podias ter porque a tua mãe não tinha a capacidade

suficiente a nível financeiro para te dar. E como é que fazias para arranjar essas roupas?

00:02:52 Jovem 5

Eu fazia muito filme.

00:02:54 Investigadora

O que é que tu fazias?

00:02:55 Jovem 5

Eu roubava.

00:02:56 Investigadora

Roubavas?

00:02:58 Jovem 5

Roubava mesmo roupa. Nas lojas...

00:03:00 Investigadora

Tu ias às lojas e roubavas?

00:03:02 Jovem 5

Roubava mesmo.

0:03:06 Investigadora

E nunca foste apanhado?

00:03:07 Jovem 5

Já.

00:03:09 Investigadora

E depois que foste apanhado o que é que aconteceu?

00:03:11 Jovem 5

Eu tive que pagar o que eu roubei. Mas aí eu paguei. Eu tinha dinheiro na hora e eu paguei. Não chamei a minha mãe nem nada. E se ela soubesse era pior...

00:03:19 Investigadora

Isso foi onde?

00:03:20 Jovem 5

Fui aqui no Porto também. Eu nem morava aqui no Porto. Morava em Felgueiras na época. Eu vim para cá, tipo, para andar, estás a ver? Dar uma volta...

Aí a gente foi, teve a belíssima ideia de ir no shopping. Ao outlet de Vila do Conde... A gente foi e roubou foi tudo!

00:03:38 Investigadora

Ou seja, quando tu roubavas não era sozinho? Tu ias sempre acompanhado. E quem eram essas pessoas que te acompanhavam?

00:03:45 Jovem 5

Uns amigos da escola.

00:03:48 Investigadora

E tu tinhas coragem de roubar quando estavas sozinho? Também roubavas quando estavas sozinho?

00:03:53 Jovem 5

Sim. Até porque se roubar em grupo é pior. É mais chance de ser pego.
00:04:01 Investigadora

E quem é que teve a ideia de começar a roubar?

00:04:07 Jovem 5

Boa pergunta. Eu tive a minha ideia, não chamei ninguém. Eu vou fazer isso...

00:04:13 Investigadora

E surgiu na tua cabeça ou tu viste alguém a roubar e inspiraste-te nisso?

00:04:18 Jovem 5

Não tenho, vou fazer o quê? Vou ter que roubar. É uma coisa, se eu não tiver nada para comer eu vou roubar. É mesmo assim.

00:04:26 Investigadora

Sim, mas uma coisa são roupas outra coisa é comida. Roupa não é uma necessidade básica, percebes? A comida é uma necessidade básica. Mas para ti a roupa era uma prioridade, acabou?

00:04:36 Jovem 5

Além de usar a roupa, você pode trocar a roupa, você pode vender a roupa. Nem é comprar, é roubar a roupa com a etiqueta. Uma pessoa que quer comprar a roupa, vende a metade do preço. Tipo, na hora, o dinheiro volta.

00:04:52 Investigadora

Mas no Brasil tu já vias isso a acontecer?

00:04:55 Jovem 5

No Brasil isso é normal!

00:04:57 Investigadora

Ou seja, para ti era uma realidade comum?

00:05:00 Jovem 5

Supostamente, porque tipo, eu sei que tipo, imagina, não é tão comum aqui em Portugal como é no Brasil. Mas tipo, aqui o pessoal já é mais formal, já é mais tipo, educado. Não curto essas coisas, e há poucas pessoas que roubam aqui.

00:05:17 Investigadora

Ou seja, a nível cultural, no Brasil, para ti isso era normal? Fazia parte da tua rotina...

00:05:25 Jovem 5

No Brasil eu não estava sempre roubando assim, não. Aqui também é mais fácil, talvez.

Porque se olhar já não é tão comum....

É por isso. Mas eu também já não faço isso, graças a Deus. Não preciso.

00:05:39 Investigadora

Ok, mas então um dos motivos que te levavam a ter mau comportamento era tu olhares para os outros e sentires que eles tinham algo que tu querias ter e não podias ter... E tu sentiste frustrado, revoltado...

Jovem 5

00:05:54

Eu sentia-me para baixo também, queria ter as coisas, ia atrás e conseguia. E era sempre assim.

00:06:11 Investigadora

E como é que tu te sentias quando eras apanhado?

00:06:13 Jovem 5

Só fui apanhado uma vez.

00:06:17 Investigadora

Mas como é que tu te sentiste quando vieste para uma casa destas, uma casa de acolhimento, devido a esses teus maus comportamentos? Qual foi o teu sentimento? Como é que tu te sentiste? Sentiste que tudo aquilo que fizeste valeu a pena ou não?

00:06:29 Jovem 5

Não, não vale a pena! Até porque são bens materiais. Não, e tipo, em relação a comportamentos, depois que eu vim para esta casa, tipo, eu acho que tipo, não tem porquê ter esse comportamento assim. Um gajo tipo, vai crescendo mesmo, em pessoa.

00:06:46 Jovem 5

E sabe tipo, apanha os valores, sabe, que é mesmo assim. Aprende outro tipo de valores!

00:06:49 Jovem 5

Eu tipo, quando cheguei aqui, eu já era habituado a fazer merda, fazia um monte de merda. Mas depois que eu vi o pessoal tipo, que andava aqui, fui vendo como eles se comportavam... Depois entrou um rapaz aqui…

00:07:04 Jovem 5

Eu via como é que o gajo andava, tipo, ah, não sei o que, tipo, fixe, sabe, tipo, posturado.

00:07:08 Jovem 5

Comecei a andar assim também, e até hoje, tipo, estou fixe, sabe. Tipo, até hoje, sempre mantendo a postura.

00:07:13 Investigadora

Tu começaste a perceber que uma coisa são bens materiais, outra coisa é a personalidade? Porque há muitas pessoas que podem até andar muito bem vestidas, mas que não têm postura, não têm personalidade. Foi isso que tu começaste a perceber? Que o ser, que o ser às vezes é mais importante do que o ter?

00:07:30 Jovem 5

O ser é às vezes mais importante do que o ter, sim! Mas tipo, há pessoas que invejam não aquilo que tu tens material, aquilo que tu és, sabe.

Jovem 5

00:07:39 Investigadora

E tu hoje, consegues perceber que havia outros caminhos que tu podias optar, para teres aquilo que tu querias, certo?

00:07:51

Muito mais, só que...

00:07:53 Investigadora

Se calhar esperar, pelo facto da tua mãe receber, não sei, a tua mãe trabalhava. Se calhar se esperasses a tua mãe receber ao fim do mês, ou então a tua mãe juntar algum dinheiro, tu podias ter na mesma as coisas. Só que tu reagias de uma forma mais impulsiva, tinha que ser naquele momento.

00:08:10 Jovem 5

Se eu queria, tinha que ser na hora, sabe. Mas eu ia buscar, porque se eu dependesse de alguém, eu não ia ter nada.

00:08:17 Investigadora

Mas havia outras formas de tu poderes ter essas coisas, certo?

00:08:23 Jovem 5

Havia... Se eu pedisse à minha mãe, mas não era logo.

00:08:28 Investigadora

Tu ias pelo caminho que tu consideravas mais fácil. Só que depois percebeste que o caminho mais fácil trazia consequências negativas, certo?

00:08:41 Jovem 5

Havia outros caminhos, óbvio, mas eu não optei por outros caminhos.

00:08:45 Investigadora

E estás arrependido ou não?

00:08:47 Jovem 5

Estou... Roubar não é nem era algo que eu queria levar para a vida, foi algo momentâneo. Mas não me sinto super arrependido porque podia ter feito coisas piores.

Ainda bem que eu fiz só isso e estou pagando só por isso.

00:09:12 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento? Ou seja, não precisa ser só na casa de acolhimento, também pode ser na tua família e na tua vida pessoal, percebes? Tu já me tinhas falado na questão de não teres aquilo que tu querias logo no momento, certo?

E mais?

00:10:18 Jovem 5

Jovem 5

Agora nada, mas teve umas épocas que eu vim para cá, não queria estar aqui e estava aqui dentro. E eu ficava puto da vida. Mas também tinha que ser, não é? Também fui colocando isso na cabeça aos poucos, não é?

00:10:35 Investigadora

Então tu sentes que um dos principais motivos que te levam a ter mau comportamento, ou que te levavam a ter, era a impulsividade, a frustração, certo?

E determinados traumas que tu tinhas também na tua vida?

00:10:52

Sim, não tive muitos.

00:10:53 Investigadora

Não tinhas muitos traumas?

00:10:56 Jovem 5

Sim, não. Graças a Deus.

00:11:01 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa de acolhimento? Ou seja, o que é que tu achas que nós, enquanto profissionais, no dia a dia, podemos fazer para que vocês tenham um comportamento mais adequado? Que práticas no dia a dia que nós podemos adotar que vos ajudam?

00:11:27 Jovem 5

Pô, eu vejo muita gente aqui dentro, imagina. Eu gosto de pegar o exemplo do que eu vejo dos outros, sabe? E gosto de pegar o exemplo da hora. Por isso, tipo, eu já vi que muito educador e muita educadora, sabe, tratando mal e tratando bem. E das vezes que trataram bem, todo mundo, levando na boa, levando na desportiva, trataram mal, tipo, sempre foi aquela cena, sabe, e todo mundo ficava puto. Porque, tipo, imagina, eu tô aqui, aí o educador começa a tripar com o puto. O puto, óbvio, vai ficar, tipo, imagina, educadores tripam de uma forma, tipo, dá pra ver quando é mesmo na maldade, sabe? Imagina, eles tripam na maldade, o puto vai ficar revoltado, óbvio, sabe? Mas, tipo, chama atenção na boa, tipo, ah, para com isso, tipo, acho que é mais compreensível.

00:12:12 Jovem 5

As pessoas gostam de ser bem tratadas, sabe? É que é mesmo assim.

Ninguém gosta de ser maltratado, sabe? Não tô a dizer que aqui maltrata, mas...

00:12:18 Investigadora

Sim, sim, sim.

00:12:19 Jovem 5

As pessoas gostam de ser bem tratadas, sabe? Tipo, ah, acho que é, tipo, deviam chegar mais nas calmas, tipo, fazer com que os putos acreditem que têm alguém ali para eles, sabe? Que estão aqui para ajudar... Tiram o teu chão, mas também dão o teu chão para tu cair, sabe?

00:12:34 Investigadora

Jovem 5

Ou seja, chamam a atenção, ok, mas não precisam de ser brutos? É isso que tu estás a querer dizer?

00:12:39 Jovem 5

É tipo, o exemplo que eu pego quando entrei aqui, imagina, tipo, caiu-me tudo, sabe? Caiu-me o chão... Mas eles aqui deram-me um novo chão...

00:12:50 Investigadora

Ou seja, mostraram-te uma nova realidade. Mostraram-te mais caminhos que podias seguir.

00:12:56 Jovem 5

É isso.

00:12:57 Investigadora

E tu achas que é muito importante se nós falarmos com vocês?

00:13:00 Jovem 5

Eu acho que é. Porque tem puto aí que é fixe, sabe? Tem moleque aí que é da hora, tem um brasileiro aí que é fixe. Só que ele, tipo, ele é muito excluído, porque o pessoal goza mesmo com força com ele.

00:13:13 Investigadora

E porquê que eles gozam com ele?

00:13:26 Jovem 5

Ele era igual eu há quatro anos atrás, sabe? Extrovertido, a mesma cena de brasileiro. Aí, tipo, não curtem aqui, os portugueses mal interpretam, tipo, tá vendo? E o puto fica mal interpretado, tipo, né? Chega ali, cortam logo pela raiz, tá vendo? Tipo, isso é mau, isso é ruim, não é o que devia acontecer. E as pessoas se sentem frustradas, é isso que eu estou a dizer (Bullying entre os pares). As pessoas gostam de ser bem tratadas, não gostam de ser maltratadas.

00:13:53 Investigadora

Ou seja, tu achas que a melhor forma de nós podermos trabalhar com vocês é falar com vocês, dialogar, certo? Criarmos uma relação com vocês?

00:14:02 Jovem 5

Não é chegar ali, ah, não sei o quê, tipo, talvez, mas tipo, de boa, suave, postura, tá a ver?

00:14:09 Investigadora

Mas sermos assertivos e agirmos com autoridade, certo? Sim, mas falarmos com vocês com respeito, é isso?

00:14:17 Jovem 5

Eu não desrespeito ninguém na casa, tá a ver? Mas se o educador falar mais alto para mim, da forma que eu não falo para ele, eu vou tripar com ele é óbvio. Não tem nem uma nem duas, é óbvio, tá a ver?

00:14:29 Investigadora

Mas tu achas que ele às vezes fala contigo mais alto, porquê? Tu achas que se calhar ele tentou antes falar contigo de outra forma e tu não respondeste de forma adequada?

00:14:38 Jovem 5

Aqui no colégio varia de cabeças, tá a ver? Este aqui tem esta cabeça, então ele deve se tratar dessa forma.

00:14:44 Investigadora

Ou seja, têm diferentes personalidades as pessoas.

00:14:47 Jovem 5

Isso sabe, tá a ver? Então é, eu tipo, a mim nunca me trataram aqui mal. Porque eu sempre falei, fiz por eles, mas há putos, que esquece...

Não dá.

00:15:10 Investigadora

E tu achas que este diálogo resulta melhor quando é em grupo ou quando é individualizado? Ou as duas?

00:15:21 Jovem 5

Individualizado.

00:15:22 Investigadora

Individualizado?

00:15:23 Jovem 5

Eu acho. Porque consigo falar mais com a pessoa, tá a ver?

00:15:27 Investigadora

Consegues mostrar mais aquilo que tu estás a sentir?

00:15:31 Jovem 5

Em grupo, tipo, um tem uma visão, outro tem outra, tá a ver? E chegar num puto e falar acho melhor, tipo, é mesmo assim.

00:15:42 Investigadora

Tu falaste em castigos... Qual é a tua perceção sobre os castigos? Sentes que quando tens uma atitude negativa, quando tens um mau comportamento, o educador ou o técnico dão-te um castigo... Eu quero que sejas sincero neste aspeto... Tu achas que resulta? Faz com que tu reflitas?

00:16:06 Jovem 5

Resulta!

00:16:05 Investigadora

Resulta?

00:16:04 Jovem 5

Resulta, sabe? Mas depende do castigo... Alguns abusam muito porque entram muito na personagem do educador, tá a ver? Mas, tipo, resulta.

00:16:21 Jovem 5

Imagina o que eles fazem aqui às vezes... Puto não vai à escola, não sei o quê, chega, pau, telemóvel. Tiram-lhe o telemóvel!

00:16:29 Jovem 5

O puto, imagina, o puto gosta do telemóvel dele. O que é que ele vai fazer? Vai às aulas, tá a ver?

00:16:51 Investigadora

Ou seja, se o educador tirar o telemóvel, há uma grande probabilidade dele voltar a ter um bom comportamento e a refletir?

00:16:57 Jovem 5

Há uma probabilidade. Há uma probabilidade dele não querer ficar sem o telemóvel de novo e ir para à escola, tá a ver?

00:17:04 Jovem 5

Até porque aqui nessa instituição eles não tiram o telemóvel de noite, então eles ficam sempre com o telemóvel à noite. Então, tipo, se lhe tirarem o telemóvel, ele vai sentir falta.

00:17:18 Jovem 5

Eles, tipo, se ele ficar sem o telemóvel, esquece, pô, batem mal da cabeça. Depois, óbvio que não vai faltar porque ele não quer ficar sem o telemóvel. Mas isso do telemóvel é fixe.

00:17:31 Investigadora

E ao nível de consequências positivas? Quando tu fazes alguma coisa de positivo, alguma coisa bem, quando tens um bom comportamento, tu achas que uma consequência positiva tem um impacto positivo na melhoria do teu comportamento?

00:17:47 Jovem 5

Sim, porque uma consequência positiva, tipo, parece que te sentes integrado, tipo, sentes-te feliz, eu acho que é fixe.

00:18:01 Investigadora

E tu sentes que a consequência positiva ou consequência negativa, qual delas ou as duas acabam por refletir na melhoria do teu comportamento? O que é que tu achas que tem melhor impacto?

00:18:12 Jovem 5

A consequência positiva...

00:18:16 Jovem 5

Porque, tipo, imagina, a vida é tipo, sei lá, uma escultura, sabe? Aí você vai mudando. Depende se tu mudar certo ou errado, mano.

00:18:26 Jovem 5

Então, tipo, acho que, tipo, eu recebendo, tipo, eu falo por mim, tipo, eu gosto de receber um elogio quando eu faço coisa da hora, sabe? Tipo, todo mundo gosta.

00:18:36 Jovem 5

Então, se a pessoa sentir que ela tá num certo caminho e o pessoal já ajuda e reconhece... Tipo, ah, tá num certo caminho, não sei o quê, acho que é, é tipo isso.

00:18:51 Investigadora

Olha, e ao nível da autonomia? Vocês aprendem aqui a fazer coisas, certo? Tu achas que isso é importante para ti?

00:18:57 Jovem 5

É, é importante, para quando tivermos casa… Principalmente quando não tivermos mãe nem pai, sabermos fazer as coisas sozinhos. Aqui eu aprendo a fazer tudo. Desde arrumar meu quarto, fazer tudo, tá vendo? Por isso, é fixe.

00:19:23 Jovem 5

Há impactos positivos em vir para o colégio... Há gente que tira bom proveito daqui, tá vendo?

00:19:29 Jovem 5

Conheci gente daqui da casa de acolhimento que foi para o exército, tá vendo? Por isso que há impactos positivos. Até há educadores aqui que foram institucionalizados aqui, antigamente. Por isso, há impactos negativos e positivos. Cada um tira aquilo que...

00:19:57 Jovem 5

Tipo, eu quando cheguei cá, tava triste, mó triste. Mas tipo, com o tempo você vê que tipo, há coisas positivas e há coisas negativas, tá vendo? Se eu ficar pensando no negativo, vai ser sempre negativo. Agora se eu for em busca do positivo... Começaste a perceber que...

00:20:13 Investigadora

Há diferentes caminhos que tu podes seguir... Foi isso que tu percebeste? Não precisas de ir sempre pelo mesmo caminho.

00:20:21 Jovem 5

Eu percebi que se eu quiser ficar mal, vou ficar mal. Se eu quiser ficar bem, vou ficar bem.

00:20:25 Investigadora

Tudo depende da tua perspetiva... Da tua mentalidade, certo?

00:20:29 Jovem 5

É isso mesmo...

00:20:31 Investigadora

E ao nível da tua liberdade, tu achas que...Porque tu disseste que esta casa até dá alguma liberdade, certo?

00:20:37 Jovem 5

Dá...

00:20:38 Investigadora

Tu achas que isso tem um impacto positivo no teu comportamento? O facto das pessoas acreditarem e confiarem em ti? E darem-te um pouco mais de liberdade? Tem um impacto positivo no teu comportamento?

00:21:28 Jovem 5

Mas tipo, esse é o propósito, tá a ver?

00:21:30 Jovem 5

É moldar o moço até que possam confiar nele, porque senão a gente daqui vai para muito pior, tá a ver?

00:21:37 Investigadora

Ou seja, vocês vão conquistando também alguma liberdade...

00:21:40 Jovem 5

Conquistando alguma liberdade, alguma confiança da casa, tá a ver?

00:21:43 Investigadora

Exatamente.

00:21:44 Jovem 5

Imagina tipo o doutor Tomé (nome fictício).

O Tomé antes ele era tipo um doutor.

Ele não era o diretor do colégio.

Ele era meu doutor.

Ele tipo, eu cheguei aqui ele nem me conhecia nem nada.

00:21:53 Jovem 5

Ele já me mandou de férias, já fez isso, aquilo, aquilo. Foi o que eu curti do gajo, tá a ver?

00:21:57 Investigadora

E ele confiou em ti.

00:21:58 Jovem 5

Eu falei, fogo, então.... Afinal, nem é tão mau assim. O gajo já me mandou logo de férias.

00:22:01 Investigadora

Mas tu, demonstraste que eras capaz de ter um comportamento adequado, certo?

00:22:09 Jovem 5

Sim, porque ele foi tão simpático comigo, foi uma pessoa tão querida comigo, que tipo, olha, pô, se eu falhar com o gajo também vai ser o mesmo que falhar comigo mesmo.

Jovem 6 (rapaz), 15 anos

(Casa de Acolhimento “B”)

00:00:00 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Quais são os motivos? Ou seja, tens um comportamento inadequado, certo? Sempre ou às vezes?

00:00:10 Jovem 6

Às vezes.

00:00:11 Investigadora

E porquê?

00:00:12 Jovem 6

Às vezes porque... Imagine, o meu irmão mais velho, o Rodrigo (nome fictício), tem 27 anos. Ele esteve preso 10 anos. Então, eu, tipo, ia aprendendo as coisas que ele fazia tudo de mal. E depois o meu irmão do meio ensinava-me a roubar e etc, pronto. E é por isso que eu às vezes sou assim... Foi assim a minha lição de vida...

00:00:44 Investigadora

Então tens mau comportamento por questões familiares...

00:00:48 Jovem 6

É…

00:00:49 Investigadora

Foi aquilo que tu foste vendo e tu acabaste por reproduzir aquilo que tu vias.

00:00:54 Jovem 6

É, mas chegou uma certa altura que, tipo, não dava porque eu quando entrei cá dentro (casa de acolhimento), o meu irmão ainda andava cá, cheguei a andar com ele aqui dois ou três meses. E depois ia roubar com ele e tal. Só que como ele depois, os processos dele foram aumentando e tudo, então ele foi para a pulseira. Para a pulseira, agora em casa. E eu depois disso, eu disse que não quero isto mais para a minha vida e, pá, mudei.

00:01:45 Investigadora

Tens mau comportamento, certo, mas é principalmente porque tu vias isso a acontecer...

00:01:50 Jovem 6

Sim.

00:01:51 Investigadora

Ou seja, o mau comportamento não partiu de ti.

00:01:53 Jovem 6

Não.

00:01:54 Investigadora

Tu vias e simplesmente reproduzias aquilo que tu consideravas normal. Para ti era normal.

00:01:58 Jovem 6

Para mim era normal os comportamentos desviantes porque tanto os meus irmãos como o meu pai tinham, porque o meu pai é alcoólico.

00:02:04 Investigadora

Certo.

00:02:05 Jovem 6

Ele agora até está a tentar deixar de beber e tudo.

00:02:06 Investigadora

Sim.

00:02:07 Jovem 6

Tudo aquilo que fui aprendendo foi com o meu pai e com os meus irmãos. E eu desde pequeno que sempre fiz isso.

00:02:13 Jovem 6

O meu pai dizia para eu faltar à escola, eu faltava...

00:02:16 Investigadora

O teu pai?

00:02:17 Jovem 6

E aí levava-me a beber.

00:02:19 Investigadora

E tu bebias com o teu pai?

00:02:21 Jovem 6

Eu não sabia ainda, era pequenino, eu não sabia.

00:02:23 Investigadora

Pois tu achavas que era normal, não tinhas noção.

00:02:25 Investigadora

E quando tu vieste para aqui, tu começaste a ter consciência que havia outros caminhos para além desses e que aquilo que tu fazias não era normal?

00:02:34 Jovem 6

Mal entrei, não sabia... Mas depois tive que escolher um caminho, o caminho bom ou o caminho mau.

00:02:41 Investigadora

Sim.

00:02:42 Jovem 6

Então eu optei por escolher o caminho bom.

00:02:44 Investigadora

Ok. Às vezes nem há caminho mau nem bom, não é? Às vezes há diferentes caminhos, não é? E tu foste percebendo que haviam outros caminhos para além daquilo que tu estavas a seguir.

00:02:53 Jovem 6

Sim.

00:03:05 Investigadora

Qual é a tua ideia, a tua perceção, o que é que tu consideras daquele caminho que tu estavas a seguir? Que era um bom caminho, que era um mau caminho, que...

00:03:13 Jovem 6

Era mais tipo para o mau. Porque tipo, não queria ser um drogado como o meu irmão, um bêbedo como o meu pai e etc...

00:03:22 Investigadora

Certo. Tu achas que era um caminho destrutivo... Que só te prejudicava...

00:03:27 Jovem 6

Sim.

00:03:28 Investigadora

E tu, nesses comportamentos que tu tinhas, tu sentias que te prejudicavas só a ti ou aos outros também?

00:03:35 Jovem 6

Mais a mim do que aos outros. Porque eu não obrigava nada aos outros. Eu dizia anda e eles vinham, não os obrigava.

00:03:44 Investigadora

Então, o principal motivo pelo qual tu tens assim, mau comportamento, digamos assim, é por questões familiares.

00:03:51 Investigadora

E vieste para aqui e começaste a perceber que havia outros caminhos que tu podias seguir, que eram mais adequados.

00:03:58 Jovem 6

Yah, tipo, o meu pai também já esteve preso em Custóias...

00:04:00 Investigadora

E tu não queres isso para ti...

00:04:02 Jovem 6

Não. Só estar aqui já magoa (casa de acolhimento).

00:04:06 Investigadora

Sim. E porquê que tu consideras que estar aqui magoa?

00:04:10 Jovem 6

Porque estou longe da minha mãe, longe da minha avó, das pessoas que eu mais amo...

00:04:15 Investigadora

Certo.

00:04:16 Jovem 6

E eu gosto de estar perto delas, eu sempre fui muito agarrado à minha mãe desde pequenino.

00:04:21 Investigadora

Então achas que estar aqui também é perder um pouco de liberdade? 00:04:26 Jovem 6

Sim. Mesmo que vá passar os fins de semana e tudo, vou sempre manter aquela saudade... Não é como antes, estava sempre perto da minha mãe.

00:04:33 Investigadora

Então começaste a perceber que, se calhar, se tu continuares a reproduzir aquele mau comportamento que tu tinhas, que foste aprendendo com a tua família, não é? Começaste a perceber que, se calhar, depois, um dia mais tarde, vais acabar por ser preso, por exemplo.

00:04:48 Jovem 6

E aí já não ia ter tanta liberdade como tenho aqui (casa de acolhimento).

00:04:53 Investigadora

Exatamente. E só te prejudicas, não ganhas nada com isso.

00:04:55 Jovem 6

Não vou ganhar nada, não vou ganhar um prémio, nada.

00:04:58 Investigadora

Exatamente.

Olha, quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento? Ou seja, o que é que se passa aqui, na casa de acolhimento, que para ti é um problema e uma necessidade e que acaba por interferir no teu comportamento?

00:05:20 Jovem 6

As más companhias, porque eles fumam ganza e etc. É tipo mais isso, porque eu também já fumei. E às vezes eles chamam e eu digo que não, mas eles

continuam a insistir e tal. Mas são problemas. Por isso é que eu digo isso é que devia mudar.

00:05:41 Investigadora

Tu sentes, certo, mas também achas que os outros sentem uma necessidade de pertença a um grupo... Mesmo que às vezes tenham que optar por um caminho que nem sequer... Que não é o melhor.

00:05:53 Investigadora

E tu achas que, por exemplo, fumar ganza, tu por ti se estivesse sozinho nem fumavas nem tinhas vontade...

00:06:00 Jovem 6

Não, eu já deixei, não tenho!

00:06:01 Investigadora

Certo.

Sentes que se calhar vires um grupo a fumar ganza, tu sentes-te um pouco à parte. Tu vais fumar mesmo assim. Não estou a falar atualmente, também atualmente, mas principalmente antes. Havia necessidade de pertença a um grupo?

00:06:15 Jovem 6

Havia mais antes. Agora já nem vou.

00:06:18 Investigadora

Sim, porque aprendeste.

00:06:19 Jovem 6

Eu vejo-os, eles pedem para eu fumar, só que eu digo que não, digo que já deixei, eles dizem que está certo.

00:06:26 Investigadora

Mas antes não era assim?

00:06:29 Jovem 6

Antes não, eles antes chamavam-me e eu ia.

00:06:31 Investigadora

Mas tu ias porquê?

00:06:33 Jovem 6

Não sei, antes eu era viciado. Eu até fui deixando aos poucos e consegui deixar.

00:06:41 Investigadora

Mas era para sentires que pertencias a um grupo?

00:06:48 Jovem 6

Não, era mais por diversão.

00:06:49 Investigadora

Ou eras influenciado ou tu ias porque tu querias?

00:06:52 Jovem 6

Eu ia porque queria, mais por diversão e para curtir.

00:06:55 Investigadora

Tu achavas que era normal...

00:06:57 Jovem 6

É. E pronto, eu cresci assim infelizmente.

00:07:03 Investigadora

Ok, então os teus problemas, digamos assim, na casa de acolhimento são as más companhias. E tens dificuldade em te afastar dessas pessoas?

00:07:13 Jovem 6

Não, agora já não tenho tantas. Mas antes tinha.

00:07:16 Investigadora

Porquê que tinhas essa dificuldade?

00:07:18 Jovem 6

Porque eu lembrava-me às vezes de quando fumava e gostava.

00:07:25 Investigadora

E isso acabava por ser para ti uma tentação...

00:07:32 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa de acolhimento? Ou seja, o que é que na tua perspetiva ajuda na diminuição do mau comportamento que vocês têm? Ou seja, o que é que nós profissionais fazemos no terreno com vocês, ao trabalhar, no dia-a-dia, que ajuda na diminuição do vosso mau comportamento?

00:07:59 Jovem 6

Porque os educadores dão-nos várias lições de vida. Aos que se portam mal, desculpe-me o termo, fodem-lhes a cabeça. Mas não é foder a cabeça... É mais uma questão de deixar aquela vida... Aquilo não vai levar a lado nenhum... Aquilo só vai gastar a carteira e o pulmão...

00:08:24 Jovem 6

Os educadores estão aqui para fazer o trabalho deles e eu compreendo isso...

00:08:30 Investigadora

Então tu achas que é a falar e à base do diálogo e mostrar outras formas de viver a vida, outros caminhos?

00:08:40 Jovem 6

Eles dizem que aquilo é mais para curtir a vida e isso. Curtir a vida não é bem assim. Porque vão acabar por morrer mais cedo. É o que eu digo sempre.

00:08:55 Investigadora

É assim, não há garantias que acabes por morrer mais cedo, mas não vais ter tanta qualidade de vida.

00:08:57 Jovem 6

Sim. Vai, por exemplo, chegar a velho e tu já estares ali numa cadeira de rodas ou isso. Eu não quero que os meus filhos me vejam assim.

00:09:16 Investigadora

O que é que tu achas que nós, no terreno, fazemos que ajuda vocês a melhorarem o vosso comportamento? Além de nós falarmos com vocês...

00:09:26 Jovem 6

Põe-nos de castigo, tiram-nos a saída e isso. Porque cá dentro não se pode fumar. Se furarem aqui dentro, ficam de castigo ou vão para outro colégio ou algo assim...

00:09:34 Investigadora

Ou seja, consequências negativas, castigos. Tu achas que isso ajuda?

00:09:40 Jovem 6

Para eles deixarem de fumar, acho que sim. Se eles ficarem sem saídas, tipo, para fumarem têm que ir lá fora. Para deixarem de fumar ficavam sem saídas. Não iam lá fora fumar, por exemplo.

00:09:54 Investigadora

E ao nível da autonomia? Porque estávamos a falar que vocês aqui aprendem, certo, várias coisas. E ao nível da autonomia, tu achas isso importante?

00:10:06 Investigadora

Autonomia, ou seja, vocês começarem a aprender determinadas coisas aqui dentro da casa, a cozinhar, percebes? Arrumar as vossas coisas...

Achas isso importante?

00:10:18 Jovem 6

Acho, porque um dia mais tarde, se sair daqui, por exemplo, aos 18 anos eu vou saber fazer as coisas sozinho. Por isso aprendo aqui dentro. Já sei, por exemplo, fazer uma cama, lavar a roupa, cozinhar.

00:10:33 Jovem 6

Depois, até estou num curso de restauração, já vou orientar mais ou menos e até já cozinho aqui (casa de acolhimento).

00:10:39 Investigadora

Estás num curso de restauração?

00:10:42 Jovem 6

Sim.

00:10:42 Investigadora

E tu achas, por falar nisso, achas que é importante para ti e para os teus colegas, a casa de acolhimento, ajudar-vos a delinear e escolher um projeto de vida? Ganharem autonomia, terem qualificações, escolherem uma profissão...

00:11:02 Jovem 6

Eu estou num curso de restauração porque eu quero acabar o 9º ano. Porque eu reprovei duas vezes no 7º ano, porque faltava às aulas. Não pus os pés 2 anos na escola.

Se aparecesse na escola, eu fugia pelas grades.

00:11:18 Investigadora

E fizeram queixa? A escola fez queixa?

00:11:20 Jovem 6

Fez queixa à assistente social e eu depois vim para aqui. E depois fui percebendo que não era para o meu mal...

00:11:28 Jovem 6

E eu agora estou à espera de completar o 9º ano porque quero começar o curso de mecânica que é o curso que eu quero seguir.

00:11:34 Investigadora

Queres trabalhar, tipo, num stand? Arranjar, tipo, carros, motos... Isso é muito bom.

00:11:41 Jovem 6

Foi uma coisa que me chamou a atenção.

00:11:43 Investigadora

É algo que tu gostas?

00:11:45 Jovem 6

Sim. Eu, a partir dos 11, 12 anos, foi quando comecei a estar mais com o meu primo, ele é mecânico e eu ajudava-o na oficina dele.

00:11:54 Investigadora

Boa. E tu tiveste essa ideia de seguir uma profissão que tu gostas já quando estavas aqui?

00:12:03 Jovem 6

Não, foi muito antes.

00:12:05 Investigadora

Foi muito antes?

00:12:06 Jovem 6

Foi quando eu comecei a andar com o meu primo, quando comecei a ir para a oficina dele.

00:12:13 Investigadora

E achas que isso era possível se tu não estivesses na casa de acolhimento?
00:12:18 Jovem 6

Sim e não. Se eu aparecesse à escola, sim.

00:12:21 Investigadora

Pois…

00:12:22 Jovem 6

Se não fossem aquelas más companhias... Pronto. Foi por isso que eu estou aqui.

Porque eles diziam, vamos, falta às aulas e eu ia.

00:12:34 Investigadora

E ao nível das consequências positivas, achas que tem bom impacto?

Ou seja, quando fazes algo bom e tu és recompensado por isso…

00:12:46 Jovem 6

Sim. Tanto como se me portasse mal, também levava com castigos e isso.

00:12:53 Investigadora

E o que tem mais impacto em ti? As consequências negativas ou positivas?

00:13:01 Jovem 6

Positivas.

00:13:04 Investigadora

Porquê?

00:13:06 Jovem 6

Porque dizem que eu sou uma boa pessoa, eu sempre gostei de ajudar as pessoas.

Então yah...

00:13:13 Investigadora

Tu gostas de ser acarinhado pelas pessoas...

00:13:17 Jovem 6

Yah...

00:13:18 Investigadora

Então tu achas que muita coisa que aconteceu na tua vida não foi culpa tua…

00:13:25 Jovem 6

Não. Foi por más influências.

00:13:28 Investigadora

Foi o contexto onde estavas inserido... E achas que se a casa de acolhimento te der mais oportunidades, tu consegues melhorar...

Porque tens essas competências, tens essas capacidades...

00:13:41 Jovem 6

Sim, consigo...

00:13:43 Investigadora

E ao nível da liberdade, achas que se te derem mais liberdade, porque confiam em ti, mas tu também tens que provar que és digno de confiança, não é? Isso acaba por ter um impacto positivo em ti?

00:14:00 Jovem 6 Acho que sim.

00:14:04 Investigadora

Porque assim tens mais liberdade, podes fazer sempre aquilo que tu queres, desde que não seja incorreto, certo?

00:14:10 Jovem 6

Coisas más…

00:14:11 Investigadora

Mas tens sempre mais liberdade...

00:14:16 Investigadora

Ao nível de intervenção familiar, tu falaste-me que a tua família é um pouco disfuncional, certo? Mas quando a casa de acolhimento e outras entidades trabalham com a tua família, também para ajudar a tua família a melhorar, certo? Tu achas que têm um impacto positivo em ti? Eu não sei se estão a acompanhar a tua família, se estão a fazer intervenção com a tua família, não sabes?

00:14:42 Jovem 6

Não sei...

00:14:44 Investigadora

Mas, por exemplo, quando aqui acabam por chamar os teus familiares, percebes? Por exemplo, tens um mau comportamento, a casa de acolhimento conta aos teus pais ou aos teus familiares, e os teus familiares chamam-te à razão. Isso achas que acaba por ter um bom impacto em ti? Acaba por resultar ou nem por isso?

00:15:10 Jovem 6

Da parte da minha mãe, sim, tem um lado positivo. Agora da parte do meu pai, não.

00:15:15 Investigadora Porque não acreditam?

00:15:16 Jovem 6

Não.

00:15:17 Investigadora

Não acreditam que há outra forma de vida…

00:15:20 Jovem 6

Porque o meu pai agora só quer ver o meu irmão, porque o meu irmão quer ser como ele.

Investigadora
00:15:26

Exatamente. Acabam por se identificar mais com aquele estilo de vida.

00:15:30 Jovem 6

E o meu pai, ao longo dos anos, foi cagando em mim. Eu já não falava com o meu pai. Este fim de semana por acaso falei com ele e chateei-me com ele... Mas não falava com o meu pai, há dois, três anos.

00:15:45 Investigadora

Então tu achas que se calhar o estilo de vida que tu estás a ter, que é um estilo de vida que te traz maior qualidade de vida, que te sentes melhor contigo próprio, sentes que fazes bem até mesmo à sociedade, porque tu dizes que gostas de ajudar os outros, tu achas que não é algo bem visto pelo teu pai porque ele escolheu outro rumo...

00:16:05 Jovem 6

Ele escolheu o outro lado...

00:16:08 Investigadora

Exatamente. Então se calhar esta intervenção familiar para ti, tu achas que não faz tanto sentido?

00:16:14 Jovem 6

Investigadora

Não. O meu tio também era assim, como o meu irmão, mas também mudou. Continua a fumar as suas ganzas, mas mudou... Mas sempre trabalhador, a conquistar as suas coisas... Por exemplo, agora vai tirar a carta de condução... 00:16:37

Há mais alguma coisa que me queiras perguntar ou dizer que consideres importante?

00:16:43 Jovem 6

Que é importante trabalhar com os miúdos que estão com outros miúdos que não querem melhorar.

00:17:00 Investigadora

Tu achas que é importante a prevenção da delinquência juvenil? Ou seja, não intervir somente quando a pessoa já está, como tu dizes, a pessoa já é drogada, certo? Tu achas que é importante começar a intervir já em contextos e com miúdos que já estão inseridos nessas realidades para que isso não aconteça?

00:17:24 Jovem 6

Sim.

Jovem 7 (rapaz), 15 anos

(Casa de Acolhimento “B”)

00:00:01 Investigadora

Investigadora
Olha, estavas-me a dizer há pouco que não és português. És inglês.

00:00:06 Jovem 7

Sou.

00:00:06

E que, portanto, há palavras que não consegues pronunciar tão bem.

00:00:11 Jovem 7

Sim.

00:00:12 Investigadora

Não há qualquer problema, ok? Se não perceberes alguma pergunta que eu faça, diz-me e eu volto a reformular a pergunta.

00:00:18 Jovem 7

Ok.

00:00:19 Investigadora

Não precisas ter vergonha...

00:00:21 Jovem 7 Está bem.

Investigadora

00:00:25 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Quais são os motivos?

00:00:37 Jovem 7

Eu antes portava-me mal. Agora porto-me bem como estava a dizer. Agora sou uma boa pessoa, pronto. Ando bem na escola, ando tudo, mas eu portava-

me mal. Devia ser a revolta, de não sei, tipo, estar aqui... Estar aqui fechado, mais ou menos. Estar sem a família. Pronto, não vejo a minha mãe nem o meu pai há muitos anos...

00:00:51 Jovem 7

Tenho muitos irmãos, não estou com nenhum deles e pronto, uma pessoa fica triste e depois comecei a ver que não valia a pena chorar.

Comecei a ganhar raiva... E depois portava-me mal.

00:01:05 Investigadora

Ou seja, tu sentias-te revoltado e frustrado porque estavas longe da tua família.

00:01:10 Jovem 7

Sim, é isso.

Eu fiz tanta cena pela minha família! A minha família fez tanta pouca cena para estar comigo...

Eu andei sempre a esforçar-me para nada, para ficar sem eles... Comecei a perceber que eu esforçava-me e fazia de tudo e mais alguma coisa pela minha família. E eles não faziam nada por mim...

00:01:30 Jovem 7

Depois fiquei triste... E depois, como eu estava a dizer, estava sempre a chorar...

Mas chorar não vai resolver nada, não vai adiantar nada. Só vai estar a gastar a minha energia. Por isso ficava assim com raiva em vez de ficar triste.

00:01:43 Investigadora

Então essa tua revolta e frustração depois acabava por revelar-se no teu comportamento.

00:01:48 Jovem 7

Sim.

00:01:49 Investigadora

E o que é que tu costumavas fazer quando ficavas revoltado?

00:01:53 Jovem 7

Começava a falar torto, começava a bater nas pessoas, depois fugia. Era a bater nas pessoas, era uma pessoa que ninguém gostava de ficar à minha beira e eu não gostava de ficar à beira dos outros.

00:02:08 Investigadora

Tu exteriorizavas essa tua raiva, magoando os outros...

00:02:14 Jovem 7

Sim, sim.

Em vez de magoar a pessoa que eu queria, magoava os outros.

00:02:20 Investigadora

E tu não cumprias regras.

00:02:21 Jovem 7

Não cumpria as regras.

Ficava raivoso, não via nada, não via que ia magoar uma pessoa.

Eu nem pensava que lhe ia fazer mal.

Só pensava em mim próprio.

00:02:33 Investigadora

Mas então estavas a dizer que não pensavas no mal que estavas a fazer à outra pessoa. Tu não tinhas consciência?

00:02:42 Jovem 7

Quando ficava com raiva não tinha consciência, não sabia o que estava a fazer. Só sei que queria fazer aquilo e ia fazer.

00:02:47 Investigadora

Tu não conseguias controlar as tuas emoções?

00:02:50 Jovem 7

Não conseguia controlar, é isso mesmo! Não conseguia controlar as emoções, por causa da revolta.

A revolta era tanta que não conseguia, ficava cego.

Qualquer coisa que se metesse à minha frente, ficava com raiva e pronto.

00:03:10 Investigadora

E tu atualmente já consegues controlar-te melhor?

00:03:13 Jovem 7

Consigo controlar-me bastante melhor.

Eu agora estou a esforçar-me porque quero ter ensino superior...

Estou-me a portar muito melhor, tenho boas notas, aqui sou uma pessoa muito tranquila. Eu gosto deles, eles gostam de mim.

00:03:30 Investigadora

E como é que tu conseguiste passar a controlar melhor a tua raiva?

00:03:37 Jovem 7

Fazia bullying. Eu ficava raivoso por causa da família e também sofria bullying.

00:03:44 Investigadora

Tu sofrias de bullying?

00:03:45 Jovem 7

Sofria bullying também. Por ser estrangeiro, por ser de Inglaterra, não sabia falar nem nada disso.

Sofri bullying e... Pronto, depois fui fazer bullying aos outros.

00:04:01 Jovem 7

Consegui parar porque refleti que não gostava que me fizessem bullying por isso compreendi que não vou estar a fazer aos outros algo que eu também não gosto. Fui burro, por estar a fazer aos outros algo que eu também não gostava...

00:04:11 Jovem 7

E pronto, depois vim parar aqui, deram-me muita ajuda, muito apoio, porque eu precisava, porque nunca tive apoio na vida.

Eu era um daqueles que pensava, não preciso de ajuda de ninguém, vou fazer tudo sozinho e pronto. Mas não, assim tenho ajuda dos outros.

00:04:27 Investigadora

Porque tu não sentias apoio familiar...

00:04:29 Jovem 7

Sim, isso. Sentia-me sozinho...

Pensava que eu é que tinha de cuidar de mim próprio, não era ninguém.

00:04:34 Investigadora

E depois, quando tu começaste a ser cuidado pelas pessoas aqui da casa, tu começaste a melhorar...

00:04:41 Jovem 7

Comecei a melhorar, comecei...

00:04:46 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento, atualmente ou antes que consideras que interferem ou interferiam no teu mau comportamento?

00:04:57 Investigadora

Tu já me tinhas dito que principalmente era a distância familiar, certo? Há mais algum outro problema?

00:05:04 Jovem 7

Antes havia, antigamente. Agora está tudo bem, eu gosto dos monitores, gosto dos técnicos, e espero que eles gostem de mim.

Mas antigamente, os rapazes faziam-me mal, abusavam...

Eu já estava em baixo, depois eles gozavam comigo, ficava ainda mais.

00:05:25 Investigadora

Ou seja, tu estás a querer dizer que os problemas não são só dos educadores para com os meninos nem dos meninos para com os educadores, mas que também há problemas entre o grupo.

00:05:37 Jovem 7

Sim, porque eu não sou o único que está triste!

Ninguém está no colégio porque quer, toda a gente quer ficar com a família, uma boa parte deles.

Por isso, a mesma cena que eu faço aos outros, a gente quer fazer a mim, que depois vou fazer aos outros também.

00:05:49 Investigadora

Exatamente, sim.

00:05:50 Jovem 7

E pronto, aquilo é um ciclo infinito.

Eu vou fazer ao outro...

00:05:54 Investigadora

São conflitos, não é?

00:05:57 Jovem 7

Isto é bullying!

Alguém vai fazer bullying a outra pessoa, aquela pessoa vai ficar farta, vai fazer bullying também.

00:06:02 Investigadora

Então tu achas que um dos problemas também do acolhimento residencial é os conflitos entre os meninos?

00:06:09 Jovem 7

Para mim é a cena mais importante!

Eu acho que se não tivesse isso, o colégio era algo perfeito...

00:06:16 Investigadora

O que é que tu achas que nós, educadores, podemos fazer para pararmos com o bullying entre vocês?

00:06:24 Jovem 7

Eles precisam de apoio...

E eu acho que o que vocês poderiam fazer era mostrar-lhes que se deveriam esforçar mais um bocadinho. Dizer-lhes que compreendem que ele sofreu, é triste, mas tem que se esforçar, tem de ir para a escola, tem de arranjar

emprego... Porque há muita gente que, pronto, vão por uma vida mais incorreta e depois acabam na rua, uma cena assim, e não querem estudar, faltam às aulas...

00:06:59 Jovem 7

Eu acho que é preciso que vocês mostrem que estão sempre lá para eles a segurá-los.

00:07:03 Investigadora

Certo. Ou seja, mostrar outros caminhos? E delinear com vocês um projeto de vida.

00:07:10 Investigadora

Mas imagina que no turno da tarde, vamos imaginar, que é o mais atarefado, não é? Costuma ser o turno da tarde, a partir das quatro até à meia-noite, não é? Costumam haver muitos conflitos entre vocês. Vocês andam à porrada, insultamse, é comum... Provocam-se. Há sempre aqueles conflitos que às vezes acabam por desestabilizar completamente a casa. Tu sabes melhor do que eu porque vives isso diariamente...

00:08:30 Jovem 7

Sim....

00:08:31 Investigadora

O que é que tu achas que nós podemos fazer para que isso... Eu não digo para que isso não acontecesse porque vai sempre acontecer, mas que diminuísse.

00:08:40 Jovem 7

Diminuísse... Aqui no colégio há muita gente diferente, mas há aqueles que querem ser mais do que os outros...

Quer ser o líder, quer mandar...

00:08:56 Jovem 7

Não sei se é possível. Eu duvido que seja possível. Só se cada um ficasse no seu canto sem falar com ninguém, é impossível para mim.

00:09:04 Jovem 7

Há tanta gente diferente neste mundo, tanta gente que se quer aproveitar dos outros, quer fazer bullying, tudo pessoas tristes, com raiva...

00:09:12 Jovem 7

É tipo, como se pedissem a paz no mundo.

É impossível!

Porquê?

Porque há milhões aqui na Terra.

Vai ter sempre uma pessoa que pensa de uma forma diferente e vai fazer bullying.

00:09:23 Investigadora

Sim, mas há sempre alguma coisa que nós podemos fazer... Não digo que para terminar totalmente, percebes? Mas para diminuir...

00:09:33 Investigadora

Por exemplo, quando estes conflitos acontecem, o educador está a supervisionar?

00:09:39 Jovem 7

Está, só que às vezes vai à casa de banho, uma cena assim.

00:09:46 Investigadora

Ok, ok. Agora falaste de uma coisa importante.

00:09:49 Investigadora

Isso normalmente acontece quando há alguma falha do educador, ou seja, quando o educador vai à casa de banho, por exemplo, quando não está presente, é quando isso acontece mais regularmente, certo?

00:10:02 Jovem 7

Certo.

00:10:03 Investigadora

E quando há maior supervisão?

00:10:07 Jovem 7

Não acontece tanto, mas uma hora acontece.

Porque, quando eles estão com raiva, às vezes, não pensam que o educador está aqui a supervisionar nem que os vai por de castigo, agem no momento. Naquele momento, eles só pensam em querer bater, em magoar... Só pensam naquele momento, não pensam no futuro.

00:10:43 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa de acolhimento?

00:10:52 Investigadora

Ou seja, o que é que tu achas que nós, enquanto profissionais do acolhimento residencial, fazemos no terreno, ou seja, no dia a dia com vocês, que vos ajudam a melhorar o vosso comportamento?

00:11:26 Jovem 7

Gosto muito que as pessoas conversem, que eles joguem connosco, que nos façam sentir... Que há tipo uma ligação, e há ligações entre os educadores e as crianças.

Podia acontecer que estivessem aqui só a tomar conta de nós, isso para mim não é nada porque não são amigos, não são nada.

00:11:44 Jovem 7

Mas aqui não. Eles aqui são amigos, somos amigos também, eles mandam em nós, mas também são amigos e sabem nos ajudar.

00:11:52 Investigadora

Ou seja, há a criação de uma relação com vocês.

00:11:55 Jovem 7

Sim.

00:11:56 Investigadora

Vocês são tratados como pessoas e não como objetos.

00:12:00 Jovem 7

Sim.

Se eles quisessem, ficavam aqui sentados a fazer sei lá o quê e ganhavam na mesma o dinheiro.

Mas não, eles aqui esforçam-se porque sabem que é difícil estar aqui. Por exemplo, o educador Micael (nome fictício) traz o Playstation dele para nós conseguirmos jogar aqui.

00:12:20 Investigadora

Ou seja, nós também devemos ocupar-vos.

Ocupação dos tempos livres…

00:12:26 Jovem 7

Acho que sim! Porque a maior parte dos problemas é porque não está ninguém a fazer nada e começam a mandar vir.

00:12:37 Investigadora

E quando vocês estão ocupados com coisas que gostam, coisas que são úteis, vocês acabam por aprender e por melhorar o vosso comportamento.

00:12:45 Jovem 7

Sim, e também melhoramos a ligação entre nós próprios e nós com os outros!

O que eu acho que faz sentido é que se nós estivermos sempre com aquela pessoa e convivermos com ela, podemos sempre ligarmo-nos uma à outra, e assim há menos risco de andarmos à pancada, há menos risco de abuso verbal.

00:13:08 Investigadora

Ou seja, quando vocês estão a fazer uma atividade juntos, vocês acabam por interagir uns com os outros, acabam por se conhecer melhor e criam uma melhor ligação.

00:13:17 Jovem 7

Sim, eu acho que sim!

00:13:20 Investigadora

E o que é que tu achas das tarefas de autonomia?

Achas que é importante?

00:13:25 Jovem 7

Acho bastante importante, porque eles estão aqui para nos ajudar, eles não estão aqui para fazer tudo por nós.

Nós temos que fazer e sabes porquê?

Porque se eles estão sempre a fazer as coisas por nós, nós vamos sair daqui e vamos ser o quê?

Vamos ser nada.

00:13:39 Jovem 7

Se nunca aprendermos a fazer as coisas sozinhos... Autonomia é uma das coisas mais importantes.

Eles têm que saber ajudar, mas tem que haver um limite de ajuda, que eles e nós sabemos... Mas a autonomia é muito importante, bastante importante.

00:14:04 Investigadora

Há mais alguma coisa que tu achas que é importante dizer?

00:14:14 Jovem 7

Acho que a única cena que eu já reparei muito nos colégios é a gente querer mandar um no outro.

00:14:21 Investigadora

Quem? O educador para a criança ou entre os jovens?

00:14:24 Jovem 7

Entre os jovens.

Há sempre aquele, supostamente, que manda em tudo. Há sempre aquele que quer mandar em tudo e pronto.

00:14:34 Jovem 7

Aquela pessoa que não muda mesmo, mas depois sai daqui e não é ninguém na vida.

00:14:38 Investigadora

Que acaba por desestabilizar o grupo, não é?

Às vezes vocês querem melhorar, querem evoluir, e há sempre aquela pessoa que desestabiliza completamente a casa.

00:14:47 Jovem 7

Sim, é como digo, o dono diz uma coisa aos cães e os cães vão fazer isso. Os cães são burros... Porque essa pessoa não vai ficar com as mãos sujas, eles é que vão ficar.

00:15:02 Investigadora

Pois, porque ele manda os outros fazerem aquilo que ele não tem coragem de fazer e depois fica-se a rir.

00:15:07 Jovem 7

Pois, e depois quem leva com as culpas não é ele...

00:15:11 Investigadora

Exatamente.

00:15:11 Jovem 7

Há sempre aquela cena.

00:15:12 Investigadora

São aqueles chamados líderes do mal, certo?

00:15:15 Jovem 7

Há muitos líderes disso.

Eu não sou nenhum líder...

00:15:22 Investigadora

Sim, mas podes ser um líder à tua maneira.

E eu disse o termo líder, mas isso não quer dizer que seja algo positivo, muito pelo contrário.

Seria algo positivo se eles fizessem o bem, e tu sabes perfeitamente que eles acabam por destruir. E fazer mal às pessoas. E também estão a fazer mal a eles próprios...

00:15:34 Jovem 7

Sim…

Jovem 8 (rapaz), 15 anos

(Casa de Acolhimento “B”)

00:00:01 Investigadora

Como tu já me tinhas dito, tu neste momento não te portas assim tão mal, mas tu portavas-te mal antes, certo?

00:00:08 Jovem 8

Certo.

00:00:09 Investigadora

Principalmente em casa?

00:00:10 Jovem 8

Sim.

00:00:11 Investigadora

E cometeste alguns crimes, como tu tinhas dito.

Jovem 8

00:00:13

Sim.

00:00:15 Investigadora

Tu não precisas dizer que tipo de crimes foram se não te sentires à vontade, ok?

00:00:20 Jovem 8

Foi um crime dentro da escola, andei à porrada na escola e fiz algumas fraturas num rapaz.

00:00:26 Investigadora

Sim, fraturas onde?

00:00:28 Jovem 8

Na cabeça e nas costelas.

00:00:30 Investigadora

E como é que ele está agora?

00:00:32 Jovem 8

Jovem 8

Está bem.

00:00:33 Investigadora

Está bem? Ele esteve no hospital, de certeza?

00:00:36

Esteve.

00:00:37 Investigadora

Ele foi operado?

00:00:38 Jovem 8

Não, não. Teve só de receber tratamento.

00:00:42 Investigadora

Mas ele ficou normal? Não ficou deficiente?

00:00:45 Jovem 8

Não, não.

00:00:47 Investigadora

E foi por isso que tu vieste para cá? Por esses comportamentos desviantes?

Jovem 8

00:00:50 Jovem 8

Sim, e também porque faltava às aulas.

00:00:52 Investigadora

E quem é que denunciou? Foi a escola?

00:00:57

Acho que sim.

00:01:13 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento, quais são os motivos?

00:01:15 Jovem 8

Eu antes tinha, mas agora já não tenho mau comportamento.

00:01:19 Investigadora

Sim, porque tu acabaste por melhorar aqui na casa de acolhimento.

00:01:21 Jovem 8

Sim, sim.

Jovem 8

00:01:23 Investigadora

Mas na altura, porque razão tinhas mau comportamento? Quais eram os motivos?

00:01:29 Jovem 8

As influências. Influenciava-me muito.

00:01:31 Investigadora

Pelo grupo de pares, pelos teus colegas?

00:01:36

Sim, sim.

00:01:37 Investigadora

E porquê que tu te deixavas influenciar?

00:01:39 Jovem 8

Oh, para entrar no grupo, gostava de mostrar que era mandão e que fazia as coisas e as coisas aconteciam.

00:01:46 Investigadora

Para sentires que pertencias ao grupo?

Jovem 8

00:01:50 Jovem 8

O rei... Para me sentir o rei.

00:01:51 Investigadora

E mais?

00:01:52 Jovem 8

Mais nada.

00:01:53 Investigadora

Era mesmo por causa de sentimento de pertença?

00:01:55 Jovem 8

Sim, sim.

00:01:57 Investigadora

E tu em tua casa, tu costumavas ter algumas regras ou a tua mãe... Não sei, vivias com a tua mãe?

00:02:04 Jovem 8

Sim, sim.

00:02:04 Investigadora

Ou a tua mãe dava-te muita liberdade e...

00:02:06 Jovem 8

Não, não, não.

Eu tinha regras em casa. Em casa eu cumpria. Fora de casa já não.

00:02:10 Investigadora

Ou seja, o teu problema era mesmo na escola e quando estavas acompanhado pelos teus colegas...

00:02:15 Jovem 8

Sim, sim.

00:02:16 Investigadora

E tu em casa então tinhas um bom comportamento?

00:02:18 Jovem 8

Sim.

00:02:20 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento?

00:03:54 Jovem 8

Não, não tenho.

00:03:55 Investigadora

Neste momento, não tens?

00:03:56 Jovem 8

Não.

00:03:58 Investigadora E nunca tiveste?

00:04:00 Jovem 8

Já!

00:04:01 Investigadora

E qual era esse problema que tu tinhas?

00:04:03 Jovem 8

Não queria ficar aqui. Não queria... Não queria ficar dentro desta instituição. Não queria ir para nenhuma instituição. Então, nos primeiros dias, meses, não estava a acreditar e queria fugir. E depois acabei por habituar-me.

00:04:18 Investigadora

Certo, ou seja, estavas muito frustrado e revoltado.

00:04:22 Jovem 8

Sim, sim.

00:04:23 Investigadora

Mas tu vieste para aqui precisamente porque tinhas mau comportamento, não foi?

00:04:28 Investigadora

E tu, quando estavas sozinho, ou seja, sem os teus colegas, tu tinhas na mesma mau comportamento ou era só quando estavas acompanhado por eles?

00:04:36 Jovem 8

Era só quando estava acompanhado.

00:04:39 Investigadora

Tu fazias aquilo porque realmente querias?

00:04:42 Jovem 8

Sim. Também gostava.

00:04:43 Investigadora

Gostavas?

00:04:44 Jovem 8

Gostava. Gostava, mas também, às vezes, era um pouco influenciável.

00:04:48 Investigadora

Mas, por exemplo, tu andavas à porrada, certo?

00:04:50 Jovem 8

Sim.

00:04:53 Investigadora

Como daquela vez que tu feriste gravemente aquele teu colega na escola, certo?

00:04:56 Investigadora

Tu não conseguias arranjar outra solução para resolver os teus problemas sem andar à porrada?

00:05:07 Jovem 8

Qualquer coisa que me diziam que eu não gostasse principalmente da minha família, eu resolvia tudo à porrada.

00:05:13 Investigadora

Partias logo para a violência...

E atualmente, como é que isso é?

00:05:17 Jovem 8

Atualmente já não. Atualmente já tenho mais cabeça e gosto mais de resolver tudo a falar.

00:05:23 Investigadora

Consegues gerir melhor as tuas emoções?

00:05:25 Jovem 8

Sim.

00:05:28 Investigadora

E conseguiste aprender outras formas que nós podemos resolver os nossos problemas sem ser a andar à porrada?

00:05:33 Jovem 8

A falar.

00:05:35 Investigadora

A falar, certo.

00:05:36 Investigadora

É assim, se te baterem podes sempre defender-te, isso é agir em legitima defesa.

00:05:40 Jovem 8

Sim.

00:05:42 Investigadora

Só que não precisas de ser sempre tu a desencadear a violência, e utilizares isso como forma de resolver todos os problemas...

00:05:47 Jovem 8

Certo.

00:05:48 Investigadora

Então, tinhas dificuldade em gerir as tuas emoções, frustração, revolta, certo?

00:05:51 Jovem 8

Certo.

00:05:52 Investigadora

E não conhecias outras formas de lidar com as situações?

00:05:57 Jovem 8

Não.

00:05:58 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa de acolhimento?

Ou seja, o que é que tu achas que nós, enquanto profissionais, podemos fazer no dia-a-dia com vocês para vos ajudar a ter um melhor comportamento?

00:06:18 Jovem 8

Eu vou responder por mim... Cada um, se quiser obedecer, obedece.

Toda a gente vem para cá para melhorar.

Eu, se fosse pela minha palavra, eu dizia que cada um faz o que quer, vem para aqui para se comportar bem, tem que obedecer com as regras de cada casa. Lá fora faz o quer.

Eu posso-lhe dizer que eu vim para aqui e mudei muito, comparado ao passado, eu agora sou muito diferente.

00:06:45 Investigadora

E porquê que tu mudaste?

00:06:46 Jovem 8

Mudei porque também a idade fez-me abrir um bocado os olhos, isto aqui fezme abrir muito mais os olhos, que agora eu podia não ser uma pessoa normal, podia ser um drogado que anda aí...

00:07:00 Investigadora

Ok, mas o que é que os profissionais fizeram para que tu mudasses a tua forma de pensar?

00:07:06 Jovem 8

Me ajudaram sempre, ajudaram-me sempre que eu precisei, nunca falharam.

E sempre que eu tivesse alguma dúvida, problema, alguma coisa qualquer, eles poderiam virar-se para mim e dizer não te sentes bem com alguma coisa, vens para cá para eu te explicar sempre tudo.

00:07:23 Investigadora

Ou seja, através do diálogo, principalmente.

00:07:26 Jovem 8

Sim.

00:07:28 Investigadora

E como é que tu olhas para as punições, para os castigos? E eu quero que sejas sincero, tu achas que tem um impacto positivo na diminuição do teu mau comportamento?

00:07:38 Jovem 8

Sim. Se eu tenho um castigo, eu sei porque é que eu estou de castigo. E eu gosto disso, faz-me crescer mais e mostrar que não é essa a vida que eu quero.

00:07:49 Investigadora

E ao nível das consequências positivas, tu achas que te ajudam também?

00:07:55 Jovem 8

Sim.

00:08:00 Investigadora

Ocupação dos tempos livres, vocês aqui estão ocupados?

00:08:05 Jovem 8

Eu treino no Rugby, mas agora eu estou parado. Rugby na Trofa.

00:08:21 Investigadora

E ao nível das tarefas de autonomia, tu gostas de fazer as tarefas de autonomia?

Achas que te ajudam?

00:08:26 Jovem 8

Ajuda! Um dia eu posso sair daqui e dizer já sei fazer isto, já sei fazer aquilo, já sei fazer tudo.

00:08:34 Investigadora

Tu tens uma boa relação com os teus familiares?

00:08:37 Jovem 8

Tenho.

00:08:41 Investigadora

Tu achas que é importante a intervenção familiar, ou seja, quando os profissionais chamam os teus familiares para te aconselhar, para trabalhar também contigo, percebes?

Achas isso importante?

00:08:52 Jovem 8

Sim.

00:08:53 Investigadora

E porquê?

00:08:54 Jovem 8

Não sei explicar... Sinto-me bem quando estou com os meus pais, com a minha mãe, neste caso.

00:09:01 Investigadora

E tu achas que esta ligação com os teus familiares ajuda na melhoria do teu comportamento?

00:09:06 Jovem 8

Ajuda!

00:09:08 Investigadora

Mas os teus familiares também são um bom exemplo para ti.

00:09:10 Jovem 8

Sim.

00:09:11 Investigadora

Porque como tu tinhas dito, tu em casa respeitavas os teus pais... E a tua mãe era um bom exemplo para ti.

Tu acabavas por te portar pior, era mais na escola com os teus colegas...

00:09:25 Jovem 8

Sim.

00:09:26 Investigadora

Então tu gostas que a tua mãe e a tua família estejam envolvidos no teu processo de melhoria?

00:09:32 Jovem 8

Sim.

Jovem 9 (rapariga), 15 anos

(Casa de Acolhimento “C”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Tu há pouco disseste-me que atualmente já não tens mau comportamento, ou somente às vezes, mas tu antes de vires para esta casa de acolhimento, tu tinhas mau comportamento, certo?

00:00:15 Jovem 9

Sim.

00:00:16 Investigadora

O que é que te levava a ter mau comportamento? Quais eram os motivos?

00:00:19 Jovem 9

Olha, a situação que eu não podia ir para casa nos inícios, não fui para casa durante um ano, também a minha frustração, controlar a minha cabeça, eu acho que era um bocado isso, e fazia as coisas sem pensar, e falava sem pensar também e isso levava-me a fazer asneiras.

00:00:40 Investigadora

Ou seja, tu estavas muito frustrada pelo afastamento da tua família.

00:00:44 Jovem 9

Também, sim.

00:00:46 Investigadora

E tu não sabias gerir as tuas emoções.

00:00:48 Jovem 9

Sim.

00:00:49 Investigadora

E tu acabavas por fazer o quê com essa revolta? Por explodir?

00:00:52 Jovem 9

Sim.

00:00:54 Investigadora

E tu acabavas por magoar os outros, de certa forma.

00:00:57 Jovem 9

Sim. Magoava as meninas, e mandava-me para as técnicas e para as educadoras, e fugia também.

00:01:06 Investigadora

Fugias.

E depois de tu fazeres essas coisas, muito más, sabes que atualmente são coisas más, que consequências é que tu tinhas?

00:01:15 Jovem 9

Comunicação ao tribunal, à polícia, também podiam-me tirar um fim de semana, podiam-me dar a consequência de limpar a casa, isso tudo.

00:01:28 Investigadora

E tu achas que isso resultava na tua melhoria do comportamento ou não?

00:01:33 Jovem 9

Não, acho que não fazia diferença nenhuma para mim na altura, mas agora eu percebo que faz muito. Porque nós não podemos deitar tudo a perder.

00:01:41 Investigadora

Ou seja, tu percebes que não valia a pena teres aquela atitude que tinhas antes?

00:01:46 Jovem 9

Sim, não valia mesmo nada.

00:01:49 Investigadora

E o quê que tu achas que perdeste com essa tua atitude?

00:01:54 Jovem 9

A consideração das pessoas!

00:01:56 Investigadora

Tu achas que as pessoas já não te respeitavam?

00:01:59 Jovem 9

Sim.

00:02:03 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento, nesta e na outra e que consideras que interferem no teu mau comportamento? Como tu já me tinhas dito antes, era o afastamento dos teus familiares, certo?

00:02:16 Jovem 9

E as minhas emoções.

00:02:18 Investigadora

E não sabias gerir as tuas emoções.

E atualmente, quais são os teus problemas e as tuas necessidades aqui, na casa de acolhimento?

00:02:25 Jovem 9

A falta de comunicação.

00:02:27 Investigadora A falta de comunicação?

00:02:29 Jovem 9

Sim, os comentários desadequados.

00:02:33 Investigadora

Ok, mas os comentários desadequados partindo de quem? Das tuas colegas?

00:02:38 Jovem 9

E também dos educadores e das técnicas.

00:02:41 Investigadora

O que é que tu consideras um comentário desadequado?

00:02:45 Jovem 9

Imagina... Ah, porque esta casa é merda porque não fazem nada. Eu acho que isso é desadequado, sabendo que aqui fazem tudo para me ajudar e para querer o meu bem.

Para ser alguém no futuro.

00:03:03 Investigadora

Certo, mas quem é que diz isso? Que esta casa é uma merda, era isso que tu querias dizer?

00:03:08 Jovem 9

Sim.

00:03:09 Investigadora

Mas quem é que diz isso?

00:03:12 Jovem 9

Muitas meninas aqui.

00:03:12 Investigadora

Sim, mas elas também estão revoltadas, não é?

00:03:14 Jovem 9

Sim, porque eu já tenho fim de semanas, porque já estou numa fase mais avançada.

E as outras meninas ainda estão muito atrás de mim. E elas ficam revoltadas com isso.

00:03:24 Investigadora

Porque veem que as outras estão numa fase mais avançada e elas também queriam estar no mesmo nível.

00:03:29 Jovem 9

Sim, e também queriam ir a casa, não é? Mas vão ter que alcançar isso.

00:03:39 Investigadora

Então tu achas que um problema no acolhimento residencial são os conflitos entre vocês também?

00:03:44 Jovem 9

Sim.

00:03:45 Investigadora

E o que é que tu achas que nós podemos fazer para melhorar isso?

00:03:50 Jovem 9

Olha, nós aqui temos atividades, também ajudam-nos a darmo-nos melhor umas com as outras. Melhorar a união entre nós, porque aqui não temos união quase nenhuma.

Não somos muito unidas.

00:04:07 Investigadora

Tu achas que é cada uma por si?

00:04:09 Jovem 9

Sim, é só conflito por lá e por cá.

00:04:27 Investigadora

Mas tu achas que quando há maior supervisão, maior monitorização, os conflitos não escalam tanto?

00:04:34 Jovem 9

Também, sim!

00:04:38 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na das tuas colegas na casa de acolhimento? Ou seja, o que é que aqui dentro é feito no dia a dia que tu achas que ajuda na melhoria do vosso comportamento?

00:04:52 Jovem 9

As aulas, as atividades.

00:04:55 Investigadora

Ou seja, a ocupação dos tempos livres.

00:04:57 Jovem 9

Sim.

00:04:58 Investigadora

Vocês aqui têm reuniões semanais também, certo?

00:05:00 Jovem 9

Sim, assembleias.

00:05:01 Investigadora

E em quê que isso consiste?

00:05:09 Jovem 9

Nós temos assembleias por causa do nosso comportamento semanal. E dãonos uma nota de 0 a 5. Imagina, se eu tirar 5 dão-me 5 pontos de recuperação. A primeira fase começa com 0 pontos e temos que conquistar os pontos para obter mais privilégios. Tipo, imagina, respeitar as intenções dos profissionais, temos o cumprir, o não cumprir e o cumprir parcialmente.

00:05:50 Investigadora

E tem desafios, certo?

00:05:52 Jovem 9

Sim, temos os pontos fortes que é o que correu melhor esta semana e os pontos a melhorar que são queles que correram menos bem e que temos que melhorar. E depois temos a avaliação. E dão-nos privilégios para as meninas que merecem, consequências para as meninas que portam-se mal. Imagina, eu parto uma mesa, dão-me uma consequência, ou retiram-me pontos ou a comunicação ao tribunal.

00:06:15 Investigadora

Ok, então vocês têm consequências positivas e negativas.

00:06:18 Jovem 9

Sim.

00:06:19 Investigadora

Então, na tua perspetiva, e quero que sejas sincera, o que é que tu achas que é melhor para a mudança do teu comportamento? As consequências negativas ou positivas?

00:06:27 Jovem 9

As positivas.

00:06:28 Investigadora

As positivas, porque reforçam o teu bom comportamento...

00:06:31 Jovem 9

Sim.

00:06:32 Investigadora

Impulsionam-te a continuar nesse caminho.

00:06:35 Jovem 9

Sim.

00:06:35 Investigadora

E voluntariado? Eu ouvi dizer que vocês também fazem voluntariado.

00:06:38 Jovem 9

Sim, eu gosto muito por acaso! Eu vou fazer voluntariado no dia 28 numa creche.

00:06:45 Investigadora

Ótimo. E são vocês que escolhem os contextos ou não?

00:06:49 Jovem 9

Não, são as técnicas daqui e as técnicas lá, chama-se Sonhar Feliz (nome fictício).

00:06:56 Investigadora

Isso é o quê? Um centro de voluntariado?

00:06:59 Jovem 9

Sim, uma associação onde nós podemos fazer voluntariado.

E nós fazemos voluntariado nos cavalos, no gatil...

Nos sem abrigo, nas crianças, nos animais, nos idosos também... É fixe!

00:07:21 Investigadora

Ótimo! E vocês gostam, então?

00:07:22 Jovem 9

Sim!

00:07:23 Investigadora

Vocês acabam também por ajudar as pessoas, não é?

00:07:25 Jovem 9

Sim, nós gostamos! As meninas que participam gostam de ajudar as pessoas.

Fazendo as pessoas sentirem-se melhor, eu acho, ao ajudarmos.

00:07:34 Investigadora

E vocês também acabam por criar um pouco de empatia para com os outros, não é?

00:07:36 Jovem 9

Também.

00:07:39 Investigadora

E qual é assim o contexto que gostas mais? Não sei se já estiveste em todos...

00:07:42 Jovem 9

Estive em todos!

00:07:42 Investigadora

A sério? E qual foi assim o que tu gostaste mais?

00:07:45 Jovem 9

Eu gostei muito do gatil, de cuidar de gatos.

00:07:50 Investigadora

Era um abrigo só de gatos?

00:07:51 Jovem 9

Era... São muito fofinhos...

00:07:57 Investigadora

E, por exemplo, ao nível da autonomia, vocês aqui fazem tarefas?

00:08:03 Jovem 9

Sim.

Eu vou te explicar. Temos um piso de estabilização, que é o piso de cima, é onde estou agora. Que é, temos da primeira fase até à terceira fase. Quando completamos 50 pontos vamos para o piso de autonomia, que é o piso de baixo. O piso de cima é a unidade de Amor (nome fictício) e o piso de baixo é a unidade de Acreditar (nome fictício). E no piso de autonomia temos mais saídas, fazemos mais tarefas, para sermos mais autónomos, para quando sairmos daqui sermos autónomos. Ajudam-nos, marcamos consultas para nós e cozinhamos e passamos a ferro, lavamos a roupa.

00:08:45 Investigadora

Sim, mas vocês têm sempre uma pessoa a ajudar-vos, então.

00:08:47 Jovem 9

Sim.

00:08:48 Investigadora

E vocês aprendem mesmo.

00:08:49 Jovem 9

Sim.

00:08:51 Investigadora

E gostam? E achas que isso ajuda na melhoria do teu comportamento e na tua aprendizagem?

00:08:56 Jovem 9

Também, sim. Já estou quase a ir para o piso de baixo faltam-me 5 pontos.

00:09:04 Investigadora

Ótimo.

E tu disseste-me que tens 15 anos, certo?

00:09:07 Jovem 9

Sim.

00:09:07 Investigadora

Ainda és muito nova, mas já há assim alguma área que tu gostavas de estudar ou de trabalhar futuramente?

00:09:14 Jovem 9

Sim.

00:09:17 Investigadora

E aqui ajudam-te nisso? Tu deves conhecer o termo projeto de vida, de certeza.

00:09:20 Jovem 9

Sim.

00:09:21 Jovem 9

Para já ainda não estou a pensar nisso.

00:09:25 Investigadora Claro, só tens 15 anos.

00:09:26 Jovem 9

Sim, mas quando fizer 16 anos primeiro vou fazer um part-time para ganhar já algum dinheiro.

00:09:34 Investigadora

E eles já sabem disso aqui?

00:09:35 Jovem 9

Sim, sim.

Eles já estão a ajudar-me a tentar fazer isso.

E vou fazer a minha faculdade e vou fazer um curso de auxiliar de saúde.

00:09:44 Investigadora

E o que é que tu achas que te ajudou a acabares por tomar essa decisão?

00:09:50 Jovem 9

Tem um bocadinho a ver com o voluntariado, que é empatia pelos outros, ajudar os outros. Isto faz-me bem, sabe-me bem, a sério. Adoro ajudar os outros. Sou muito empática com os outros.

00:10:06 Investigadora

Sim, e tu conhecias essa tua faceta antes de vires para cá ou não?

00:10:10 Jovem 9

Não!

00:10:11 Investigadora

Não conhecias... Acabaste por descobrir quando viste para cá, através do voluntariado.

Tu atualmente tens contacto com a tua família?

00:10:45 Jovem 9

Sim.

00:10:48 Investigadora

Achas que a casa de acolhimento, trabalhar também com a tua família, acaba por ser importante para ti?

00:10:54 Jovem 9

Também, muito importante para mim!

00:10:56 Investigadora

Porque a tua família para ti é um fator essencial na tua vida.

00:11:00 Jovem 9

Sim, apesar dos meus pais estarem separados, eu acho que fazem bem em ajudar os meus pais.

00:11:06 Investigadora

Tu respondes só se quiseres. Os teus pais têm alguns problemas na vida deles?

00:11:11 Jovem 9

Sim...

00:11:12 Investigadora

E tu achas que o facto da casa de acolhimento e outras entidades ajudarem os teus pais numa melhoria também acaba por ser importante para ti?

00:11:20 Jovem 9

Sim, muito importante. Eu acho que se faz bem em ajudar os meus pais, os meus pais precisam de muita ajuda e muito apoio.

00:11:30 Investigadora

Certo. Ou seja, não vale a pena só ajudar-te a ti, certo, se depois os teus pais também não têm ajuda...

00:11:39 Jovem 9

Sim.

00:11:41 Investigadora

E qual é que achas que é a importância da tua família neste processo de melhoria do teu comportamento? Achas que é muito importante?

00:11:50 Jovem 9

Sim, e também ajuda porque os meus pais ajudam-me muito e dão-me muito apoio também. E querem o meu bem não querem que eu faça asneiras porque sabendo que eu estou por isto para ir para um regime fechado, tenho que aproveitar esta oportunidade que a casa de acolhimento me está a dar e eu não quero ir presa. Apesar de já ter um processo tutelar educativo.

00:12:34 Jovem 9

Estou agora a fazer um curso que equivale ao 7º, 8º e 9º.

00:13:00 Investigadora

Ótimo. E assim já ficas com o 9º ano concluído, não é?

00:13:03 Jovem 9

Sim, e depois posso ir para o 10º ano e tirar o curso que quero que é de auxiliar de saúde.

00:13:12 Investigadora

Achas que há mais alguma coisa importante para dizeres que nos ajuda a melhorarmos as nossas práticas no acolhimento residencial ou não?

00:13:21 Jovem 9

Tudo aquilo que estivemos a falar, mas principalmente haver mais supervisão. E também mais apoio psicológico, de psiquiatria...

00:13:22 Investigadora

Tu achas importante os educadores que vos acompanham no dia a dia falarem mais com vocês?

00:13:51 Jovem 9

Sim, sim, sim! Ajudam-nos também.

00:13:54 Investigadora

E tu achas que há pouco disso?

00:13:56 Jovem 9

Não, não.

00:13:57 Investigadora

Há muito, certo?

Eles falam muito com vocês?

00:13:59 Jovem 9

Sim.

Nós precisamos de ajuda e eles falam connosco. Falam o que têm a falar e ajudam-nos no fundo, não é? Porque há meninas que nem ligam para o que eles dizem, mas eu valorizo muito o que eles nos dizem.

00:14:12 Investigadora

Sim, elas também ainda estão numa outra fase, certo? Pode ser que elas comecem a compreender mais tarde.

00:14:18 Jovem 9

Eu tenho que valorizar porque eles já estão aqui para nos ajudar, para sermos alguém melhor no futuro.

00:14:24 Investigadora

Sim, mas por exemplo, tu antes não pensavas assim, certo?

00:14:28 Jovem 9

Não.

00:14:28 Investigadora

Tu acabaste por ter uma evolução e elas ainda estão naquele processo inicial que também estavas.

00:14:35 Jovem 9

Antes para mim era batatada, era tudo!

00:14:37 Investigadora

Tu resolvias os teus problemas a andar à porrada, de certeza. A insultar... E começaste a descobrir que havia outras possibilidades de resolver os teus problemas.

00:14:49 Jovem 9

Sim! E também ocupar o meu tempo de forma útil e diversificada.

00:15:19 Investigadora

Sim! E que estratégias é que tu acabaste por descobrir que te ajudam a resolver os teus problemas?

00:15:32 Jovem 9

Olha, a falar com as pessoas, a desabafar, que eu também gosto muito de desabafar com as pessoas que mais confio, que são os educadores porque não tenho aqui dentro nenhuma menina em quem eu confie...

Só a minha irmã que também está cá. E também adoro desenhar, também ajudame a resolver os meus problemas. Eu ponho-me num canto e desenho.

00:15:57 Investigadora

Ou seja, a partir dos teus gostos e dos teus interesses, ocupares o teu tempo com aquilo que tu gostas.

00:16:02 Jovem 9

Sim!

Jovem 10 (rapariga), 17 anos

(Casa de Acolhimento “C”)

00:00:02 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Quais são os motivos?

00:00:07 Jovem 10

Porque me sinto muito fechada e gostava de ter mais liberdade. Poder sair com amigos e também ir dar umas voltas sozinha sem estar sempre aqui trancada.

00:00:21 Investigadora

Há pouco, tinhas-me dito que passaste por várias casas de acolhimento.

00:00:23 Jovem 10

Sim.

00:00:26 Investigadora

E tu também me tinhas dito que um dos teus maiores problemas e necessidades era a falta de liberdade que sentias nas casas de acolhimento.

00:00:32 Jovem 10

Sim.

00:00:34 Investigadora

E tu acabavas por fugir.

00:00:36 Jovem 10

Sim.

00:00:38 Investigadora

Então o teu mau comportamento partia essencialmente devido à falta de liberdade?

00:00:44 Jovem 10

Sim, e por a revolta também de não estar com a minha família.

00:00:48 Investigadora

E mantinhas contacto com a tua família?

00:00:54 Jovem 10

Sim, mas só chamadas e às vezes ia à casa, dependendo da instituição, e tinha visitas. Mas para mim não bastava, eu queria estar a viver com a minha família.

00:01:07 Investigadora

E tu te sentias-te frustrada e revoltada?

00:01:08 Jovem 10

Sim.

00:01:09 Investigadora

E tu acabavas por ter mau comportamento, precisamente por não saber gerir a tua emoção nesse sentido.

00:01:18 Jovem 10

Sim.

00:01:21 Investigadora

E achas que se tivesses mantido um bom comportamento, tu conseguias acabar por ganhar a confiança das pessoas e consequentemente acabar por ter mais liberdade?

00:01:31 Jovem 10

Dependendo da instituição. Por exemplo, a de Coimbra, talvez sim, agora as outras não. Porque as outras são mais fechadas e tipo não tenho liberdade. Fico sempre mais afastada do mundo, sempre dentro do mesmo espaço que é a casa de acolhimento.

00:01:54 Investigadora

Em todas as casas de acolhimento onde estiveste, estavas sempre fechada em casa, vocês não tinham ocupação dos tempos livres, não tinham passeios?

00:02:05 Jovem 10

Tínhamos o pátio para irmos apanhar ar. Não tinha mais nada.

00:02:09 Investigadora

E tu achas que era importante as casas de acolhimento acabarem por dinamizar mais atividades?

00:02:14 Jovem 10

Sim!

00:02:16 Investigadora

Tu acabas por ficar sempre fechada na casa?

00:02:17 Jovem 10

Pois.

00:02:18 Investigadora

Principalmente aqui aos fins de semanas?

00:02:20 Jovem 10

Especialmente, sim.

00:02:23 Investigadora

E tu quando fugias, o que é que tu ias fazer, principalmente?

00:02:28 Jovem 10

Consumir.

00:02:29 Investigadora

Consumir droga?

00:02:30 Jovem 10

Sim e ir sair à noite com os meus amigos

00:02:37 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento?

00:02:43 Investigadora

Já tinhas dito, é a falta de liberdade, certo?

00:02:45 Jovem 10

Sim.

00:02:46 Investigadora

E não saberes gerir as tuas emoções.

00:02:47 Jovem 10

Exato.

00:02:48 Investigadora

E também o facto de que tu agora, não sei se atualmente ainda passas por isso, mas na altura tu estavas viciada em droga, digamos assim.

00:02:58 Jovem 10

Sim. Agora já não, porque já me habituei a estar sem droga.

00:03:02 Investigadora

Tu passaste por algum tratamento?

00:03:04 Jovem 10

Sim, estive numa comunidade terapêutica na Guarda (localidade fictícia).

00:03:08 Investigadora

Ok...

00:03:09 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também no das tuas colegas na casa de acolhimento?

00:03:19 Jovem 10

Deviam-nos dar mais atenção! Pelo menos aqui não nos dão muita atenção. Os profissionais estão sempre ou a escrever nos papéis ou a conversar ou no PC dentro da sala educativa e da sala técnica e não nos dão tanta atenção.

00:03:37 Investigadora

Tu achas que o trabalho é sempre mais burocrático do que propriamente de conviver com vocês no dia a dia?

00:03:42 Jovem 10

Sim.

00:03:44 Investigadora

E tu sentes falta de maior atenção no sentido de falarem mais contigo?

00:03:48 Jovem 10

Que falem, que façam atividades connosco. Basicamente, sim.

00:03:52 Investigadora

Ocupação dos tempos livres.... Tu sentes mesmo falta disso, de estar ocupada?

00:03:55 Jovem 10

Sim!

00:03:56 Investigadora

Eu ouvi dizer que vocês aqui fazem voluntariado, é verdade?

00:04:00 Jovem 10

Sim.

00:04:01 Investigadora

E tu já fizeste?

00:04:02 Jovem 10

Mas é só alguns.

Eu não faço, por exemplo.

00:04:04 Investigadora

Mas porquê que tu não fazes?

00:04:06 Jovem 10

Porque não estou inscrita.

00:04:07 Investigadora

Tu não estás inscrita? Mas porquê?

00:04:10 Jovem 10

Porque ainda não me inscreveram porque eu também só estou aqui há quatro meses. E como eu também tinha a escola o dia inteiro, também não dava tempo de ir fazer.

00:04:22 Investigadora

Mas tu sentes falta disso também?

00:04:23 Jovem 10

Sim.

00:04:24 Investigadora

Porque assim era sempre uma oportunidade que tu tinhas para lidar com outras pessoas, para estares ocupada e também para saíres da casa de acolhimento...

00:04:30 Jovem 10

Sim.

00:04:32 Investigadora

E terapia assistida por animais?

00:04:35 Jovem 10

Também já tivemos. Chamava-se Cachorrinhos (nome fictício), acabou há uma semana.

00:04:46 Investigadora

Isso consistia em quê?

00:04:47 Jovem 10

Era terapia com cães. Vinham cá, brincávamos com os cães, falávamos com os profissionais e basicamente sempre estávamos um bocado mais entretidas.

00:05:02 Investigadora

E tu achas que este contacto com os cães ajudava-te em quê? A ti e às tuas colegas?

00:05:05 Jovem 10

Eu, por exemplo, lá no início tinha medo porque eu tinha medo de cães. Mas foram meiguinhos e tipo ajudavam-nos a espairecer um bocado e pensar noutras coisas que não nos problemas.

00:05:19 Investigadora

E tu achas que isso também acaba por estimular a tua empatia?

00:05:22 Jovem 10

Sim.

00:05:31 Investigadora

Qual é a opinião das tuas colegas sobre a terapia com animais?

00:05:41 Jovem 10

Eu acho que é a mesma que a minha porque todas adoravam a terapia com os animais, só que terminou há duas semanas porque chegou a um ponto que já tínhamos feito todas as sessões.

00:05:50 Investigadora

Ótimo. Quantas vezes por semana decorria a terapia com os animais na casa de acolhimento?

00:05:53 Jovem 10

Uma vez por semana. Era às sextas-feiras.

00:06:00 Investigadora

E vocês também têm reuniões aqui na casa de acolhimento, certo?

00:06:02 Jovem 10

Assembleias. Que é tipo para sabermos os pontos e falarmos das nossas melhorias na casa e isso tudo.

00:06:11 Investigadora

O que é que tu achas disso? Achas que é importante?

00:06:14 Jovem 10

É importante, sim. Porque, por exemplo, eu estava na primeira fase, ainda estou, mas esta semana já vou passar para a segunda fase que tenho mais privilégios. Tenho o telemóvel e tenho PC duas horas por dia. Como é férias, é duas horas. Em dia de aulas é uma hora. E sempre também estamos um bocado mais distraídas e falamos com outras pessoas.

00:06:40 Investigadora

Respondes só se quiseres, os teus familiares têm alguns problemas?

00:06:48 Jovem 10

Os meus pais, sim.

00:06:51 Investigadora

E tu achas que o tratamento também deveria ser para eles? Ou seja, tu achas que é importante ajudar os teus familiares?

00:06:57 Jovem 10

Não, porque eu não falo com os meus pais.

00:06:59 Investigadora

Ok, já percebi.

Ou seja, para ti uma intervenção familiar não valia a pena porque tu não tens contacto?

00:07:05 Jovem 10

Só com os meus avós, mesmo.

00:07:07 Investigadora

Já entendi.

00:07:08 Jovem 10

Porque os meus avós foram eles que me criaram, então eu tenho a ligação com os meus avós.

00:07:13 Investigadora

E tu achas que é importante esta ligação com os teus avós? Achas que te ajuda na tua melhoria?

00:07:23 Jovem 10

Sim, porque eu estou quase a fazer 18 anos e aí vou para a casa deles. Tanto que eu estou à espera da resposta do tribunal, que é para eu ir ao tribunal para me meterem numa instituição em Lisboa até fazer os 18 anos.

00:07:37 Investigadora

Se calhar não vai ser possível. Estás quase a fazer os 18, se calhar não vale a pena...

00:07:41 Jovem 10

Mas o tribunal sempre disse que é para eu começar a me habituar mais a estar com a minha família e isso tudo. Por isso eu acho que sim. Até as técnicas aqui dizem que acham que é a resposta que o tribunal vai dar.

00:07:54 Investigadora

Ótimo! É isso que tu queres, ficar com os teus avós...

00:07:58 Jovem 10

Sim.

00:07:59 Investigadora

Até porque vocês quando saem das casas de acolhimento acabam por regressar à família, certo?

00:08:03 Jovem 10

Sim.

00:08:04 Investigadora

Até porque não têm outro sítio para onde ir...

00:08:07 Jovem 10

Há outro lado que podemos ir que é o apartamento de autonomia.

00:08:12 Investigadora

Sim, mas isso é só até aos 25 anos se estudarem.

00:08:16 Jovem 10

Sim, eu sei.

00:08:17 Investigadora

E muitos de vocês acabam por sair muito antes dos 25 anos.

00:08:20 Jovem 10

Sim. Lá para os 18 anos, basicamente.

00:08:24 Investigadora

Então é importante manter este contacto com os familiares, certo?

00:08:27 Jovem 10

Sim.

00:08:29 Investigadora

E se possível, dependendo dos problemas que eles têm, ajudá-los no tratamento.

00:08:35 Jovem 10

Sim.

00:08:36 Investigadora

Ou seja, a intervenção não pode ser só aos jovens, também tem que ser aos seus familiares.

00:08:40 Jovem 10

Sim.

00:08:42 Investigadora

Achas que há mais alguma coisa importante para ser dita que tu achas que nos ajuda a melhorar as nossas práticas no dia a dia ou não?

00:08:50 Jovem 10

É basicamente o que eu já disse. E relembrar da parte de darem mais atenção aos jovens. Porque às vezes os jovens também se sentem um pouco excluídos.

00:09:05 Investigadora

E tu no dia a dia, o que tu achas que nós podemos fazer para... Tu já tinhas dito falar com vocês, mas em que aspeto, em que sentido, como?

00:09:14 Jovem 10

Tipo, falarem. Não como profissionais, mas como amigos. Tipo, darem conselhos e perguntarem sempre como é que nos estamos a sentir e isso tudo.

00:09:26 Investigadora

E tu sentes que isso não existe muitas das vezes?

00:09:30 Jovem 10

Aqui muitas das vezes não.

00:09:32 Investigadora

Mas tu achas que é porque são poucos profissionais a trabalhar?

00:09:36 Jovem 10

E não só, é porque também não têm tempo. Porque estão sempre com o trabalho e as papeladas e isso tudo. E a sair com as meninas para o médico e não têm tempo basicamente.

00:09:49 Investigadora

Então tu achas que a equipa deveria ser constituída por mais profissionais?

00:09:54 Jovem 10

Sim!

00:09:56 Investigadora

E tu sentes falta de uma intervenção mais individualizada...

00:09:59 Jovem 10

Sim.

00:10:00 Investigadora

É isso que tu sentes mais...

00:10:01 Jovem 10

Sim...

Jovem 11 (rapariga), 17 anos

(Casa de Acolhimento “C”)

00:00:02 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Motivos... Ou quais eram os motivos que te levavam a ter mau comportamento?

00:00:13 Jovem 11

A família.

00:00:14 Investigadora

A tua família?

00:00:17 Jovem 11

Sim. Eu vou lhe explicar... A minha família basicamente é rodeada de violência, drogas e pronto. Não me sentia bem e sentia-me revoltada, então também me meti nas drogas à pala disso.

00:00:36 Investigadora

Mas tu vias a tua família a ter outro tipo de comportamento, ou seja, vias a tua família a ter um comportamento desviante e acabavas por reproduzi-lo... Era isso?

00:00:45 Jovem 11

Sim...

00:00:45 Investigadora

E foi isso que te levou às casas de acolhimento?

00:00:48 Jovem 11

Sim.

00:00:49 Investigadora

E depois nas casas de acolhimento, falavas-me há pouco que apesar da tua família ser o que é, tu acabavas por sentir falta dela...

00:00:59 Jovem 11

Claro, sinto falta dela.

00:01:02 Investigadora

E isso acabava ainda por te revoltar mais.

00:01:05 Jovem 11

Claro, estar fechada numa instituição e não estar ao pé da minha mãe é muito revoltante!

00:01:13 Investigadora

Então acabavas por fugir...

00:01:15 Jovem 11

Basicamente sim.

00:01:18 Investigadora

Qual é assim aquele problema maior que tu sentes nas casas de acolhimento? É a falta de liberdade?

00:01:24 Jovem 11

Sim, falta de liberdade e estar com os meus amigos, fazer aquilo que eu quero e não fazer aquilo que os outros querem, que é mandar em mim.

00:01:32 Jovem 11

Basicamente, nas instituições gostam de mandar em nós.

00:01:35 Investigadora

Sim...

00:01:36 Jovem 11

E nós viemos lá de fora, cá para dentro, não gostamos que mandem em nós.

00:01:41 Investigadora

Ou seja, tu sentes que até antes de entrar na casa de acolhimento acabavas por fazer a tua vida um pouco à tua maneira.

00:01:48 Jovem 11

Sim.

00:01:48 Investigadora Sem regras, sem limites...

00:01:49 Jovem 11

Sim, sem regras.

00:01:51 Investigadora

Mas tu achas que as regras e os limites que acabam por impor nas casas de acolhimento são para vosso mal? Ou tu consegues ver algo positivo nisso?

00:01:59 Jovem 11

Consigo ver algo positivo nisso, sim. Eu estou aqui na casa de acolhimento já há dois anos e mudei muito.

Eu antes era uma miúda muito revoltada, eu partia tudo, eu tratava mal os educadores, eu insultava, eu fazia tudo.

Agora sou uma menina que sou mais calma, gosto de cumprir as regras, gosto de respeitar e gosto de brincar com eles.

00:02:24 Investigadora

Ou seja, o teu comportamento acabou por mudar.

00:02:27 Jovem 11

Acabou por mudar, sim.

00:02:28 Investigadora

E tu conseguiste ver que, pronto, as regras que vocês acham que são horríveis é algo normal em sociedade.

00:02:33 Jovem 11

Sim.

00:02:33 Investigadora

Tu começaste a ver que tinha um lado positivo.

00:02:36 Jovem 11

Claro.

00:02:38 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento? Atualmente ou antes, não é?

Como estavas a dizer, acabaste por mudar... Agora tens um comportamento melhor.

00:02:57 Jovem 11

As drogas. Falta de droga.

00:02:59 Investigadora

A falta de droga?

00:03:00 Jovem 11

Hum Hum.

00:03:01 Investigadora

Mas que tipo de drogas?

00:03:03 Jovem 11

Haxixe, branca...

00:03:06 Investigadora

Isso acabou por afetar o teu comportamento?

00:03:09 Jovem 11

Sim, muito!

00:03:11 Investigadora

E tu acabaste por fazer um tratamento?

00:03:13 Jovem 11

Sim. Eu estou agora num centro, numa cena de drogas, numa psicóloga em Gaia (localidade fictícia), para ver se melhoro...

00:03:23 Investigadora

Mas tu fumas aqui?

00:03:25 Jovem 11

Fumo tabaco, sim.

00:03:27 Investigadora

E tu sentes que o tabaco ajuda-te a sentir melhor?

00:03:29 Jovem 11

Ajuda um bocadinho, sim. Ajuda muito.

00:03:33 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa de acolhimento? Ou seja, o que é que tu achas que nós enquanto profissionais no dia a dia fazemos que vos ajudam a diminuir os comportamentos desviantes, o mau comportamento?

00:03:58 Jovem 11

Bem, eu acho que eles aqui gostam de nos manter seguras e gostam de nos manter ocupadas. Quer a fazer jogos, ou desenhos, ou pintar, ou jogar o Uno, ou o que seja, ou passear, ou ir ao pátio e jogar futebol, ou o volleyball. É uma coisa que eu também gosto deles, assim. Porque o facto deles, o facto de nós estarmos fechadas, eles entendem a nossa parte.

00:04:24 Investigadora

Sim.

00:04:25 Jovem 11

Mas só não entendem a parte da gente tipo, rebentar portas, grades, essas coisas assim.

00:04:32 Investigadora

Então tu achas que é muito importante a ocupação dos tempos livres... E que isso vos faz, de certa forma, abrir horizontes e conhecer novas coisas. E também

ajuda no facto de não estarem sempre fechadas aqui dentro. Que é isso que vos angústia mais...

00:04:49 Jovem 11

Sim, basicamente sim.

00:04:52 Investigadora

E ao nível da tua família, tu estavas a falar que a tua família é algo muito importante na tua vida. Não sei até que ponto é que a casa de acolhimento acaba por trabalhar também com a tua família, ou pelo facto de a tua família viver bastante longe é uma dificuldade, a distância?

00:05:08 Jovem 11

Bem, eles aqui já me levaram duas ou três vezes lá abaixo a visitar a minha mãe. A minha família, eu não tenho pai. Quer dizer, tenho pai, só que não me dou bem com o meu pai. E tenho irmãos, dou-me bem com os meus irmãos. Basicamente eles já me levaram três vezes a visitar a minha mãe. E já fui passar este Natal e o ano novo lá abaixo. Eu regressei na terça-feira. E acabei a escola, já acabei o 9º ano... Estou aqui e já não estou a fazer nada.

Agora estou só à espera da operação do pé, vou ser operada ao pé.

00:05:40 Investigadora

Vais ser operada?

00:05:41 Jovem 11

Sim, porque eu parti o pé aqui dentro.

00:05:42 Investigadora

Ai meu Deus, o que é que tu fizeste?

00:05:44 Jovem 11

Estava a andar à porrada e o educador segurou-me e atirou-me ao chão e eu parti o pé.

00:05:48 Investigadora

Ai foi?

00:05:49 Jovem 11

Sim.

00:05:51 Investigadora

E agora?

00:05:51 Jovem 11

Agora vou ser operada, vou tirar os ferros. Dia 18 vou ser operada.

00:05:55 Investigadora

E o educador, como é que ficou?

00:05:57 Jovem 11

Ficou um bocadinho mal.

00:05:59 Investigadora

É? E ele ainda está aqui a trabalhar?

00:06:02 Jovem 11

Sim..

00:06:02 Investigadora

Ok, mas tu sabes que foi uma consequência de uma atitude negativa que tiveste?

00:06:07 Jovem 11

Mas ele não tinha o direito de me agarrar e pôr-me no chão.

00:06:11 Investigadora

Mas fez-te contenção?

00:06:12 Jovem 11

Sim.

00:06:13 Investigadora

Porque se calhar se não tivesse feito contenção, se calhar batias-lhe a ele de uma forma mais grave ou acabavas por destruir as infraestruturas.

00:06:21 Jovem 11

Eu não lhe batia a ele, bati a uma jovem.

00:06:24 Investigadora

Ah foi numa jovem, eu pensei que tinhas batido no educador!

00:06:27 Jovem 11

Não, eu bati numa jovem, ele é que agarrou-me e atirou-me ao chão para me conter.

00:06:32 Investigadora

Ah ok, já percebi.

00:06:33 Jovem 11

E o pé partiu...

00:06:38 Investigadora

Mas partiste que parte do pé?

00:06:39 Jovem 11

Parti esta parte aqui do tornozelo, aqui e aqui.

00:06:44 Investigadora

Poxa, e foste operada?

00:06:45 Jovem 11

E fui operada, sim, e tirei os ferros...

00:06:47 Investigadora

E se não fosses operada o que é que acontecia?

00:06:49 Jovem 11

Ia-me doer sempre muito o pé. Doi muito quando há mudanças de tempo...

00:06:58 Investigadora

E levaste anestesia geral?

00:06:59 Jovem 11

Levei anestesia geral...

00:07:27 Investigadora

Mas já viste, foi uma consequência do teu ato...

00:07:30 Jovem 11

Exatamente, foi uma consequência.

00:07:31 Investigadora

Uma consequência muito má, não é? Um bocado desproporcional àquilo que tu fizeste, não é?

00:07:35 Jovem 11

Sim.

00:07:36 Investigadora

Foi uma consequência pior do que aquilo que tu fizeste. Mas já viste, olha, pelo menos que te sirva lição, não é? Uma lição muito má. Mas já sabes, tu sabes, eu não estou a dar-te novidade nenhuma, se não tivesses feito aquilo nada disto teria acontecido...

00:07:51 Jovem 11

Nada tinha acontecido...

00:07:54 Investigadora

Mas o que é que aconteceu? Ela meteu-se contigo, foi?

00:07:56 Jovem 11

Sim, ela meteu-se comigo, eu passei-me, bati-lhe e pronto, começamos a chamar nomes uma à outra... Um dos educadores separou-nos. Isto foi há um ano...

00:08:17 Jovem 11

Agora há um mês cortei-me no braço... Estava muito irritada porque eu corto-me.

Estava muito irritada, abri o braço e tive que ir ao hospital levar três pontos.

00:08:30 Investigadora

E tu cortaste? Mas tu és borderline?

00:08:32 Jovem 11

O quê?

00:08:34 Investigadora

És borderline?

00:08:34 Jovem 11

O que é isso?

00:08:35 Investigadora

Ou seja, tens alguma perturbação diagnosticada?

00:08:39 Jovem 11

Não.

00:08:40 Investigadora

Ah, ok, ok, pronto. Pessoas que se cortam, há algumas pessoas são borderline, percebes?

00:08:47 Jovem 11

Ah, não, eu não sou isso.

00:08:49 Investigadora

Ah, ok, ok.

Então tu acabas por te cortar para aliviar a dor e o sofrimento…

00:08:52 Jovem 11

Sim, sim.

00:08:55 Investigadora

Mas por exemplo, nesse aspeto de te cortares e no aspeto que tinhas problemas com essa rapariga, tu consegues compreender que havia outra forma de tu resolveres os teus problemas sem ter que...

00:09:07 Jovem 11

Sem ter que andar à porrada?

00:09:08 Investigadora

Sim, por exemplo... E o que é que tu podias fazer nesse caso?

00:09:12 Jovem 11

Podia ter falado com ela como deve de ser.

00:09:15 Investigadora

Podias levantar um bocado a voz, não é? Ser um bocado mais agressiva... Não digo seres malcriada, mas impores-te mais, ser assertiva, mas não teres que andar à porrada.

E se andasses à porrada era em legítima defesa, não era tu partires para cima dela...

00:09:31 Jovem 11

Exato.

00:09:32 Investigadora

E agora olha, tens essa consequência, mas pronto...

00:09:38 Investigadora

Eu sei que vocês fazem tarefas, tu achas que é importante fazer tarefas de autonomia?

00:09:45 Jovem 11

Sim.

00:09:46 Investigadora

E por que é que achas que é importante?

00:09:47 Jovem 11

Para a nossa vida, quando estiver numa casa vou ter que saber o que é que é para fazer lá em casa, não é?

Jovem 12 (rapariga), 16 anos

(Casa de Acolhimento “C”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Quais são os motivos?

00:00:06 Jovem 12

Eu tenho mau comportamento porque eu gosto muito de liberdade. E eles aqui dentro não me dão liberdade. E eu revolto-me muito por causa disso.

00:00:19 Investigadora

Então tu sentes que o problema da casa de acolhimento é a falta de liberdade. E tu querias ter liberdade para fazer o quê?

00:00:26 Jovem 12

Eu gostava de às vezes ir com os meus amigos, ir à escola, que não fosse cá dentro. E ir a casa também, passar fim de semanas.

00:00:37 Investigadora

Sentes saudades da tua família?

00:00:39 Jovem 12

Sim.

00:00:40 Investigadora

Sentes falta de um acompanhamento mais próximo da tua família?

00:00:42 Jovem 12

Sim.

00:00:44 Investigadora

Mas eu soube que tu vieste para aqui por causa de mau comportamento... O que é que tu fazias?

00:00:49 Jovem 12

Eu faltava às aulas, fugia de minha casa...

00:00:54 Investigadora

E tu ias para onde quando faltavas às aulas e fugias de casa?

00:00:58 Jovem 12

chamadas.

00:01:00 Investigadora

las para a casa dos teus amigos? Mas tu não gostavas de andar nas aulas, de estudar?

00:01:05 Jovem 12

Não! Agora eu gosto mais ou menos, não é? Porque eu agora percebo que tem que ser porque é obrigatório, não é? Não posso escolher outra coisa até aos 18 anos.

00:01:16 Investigadora

E não é só isso, não é só por ser obrigatório... Sabes que hoje em dia, se uma pessoa não tiver estudos, não consegue um trabalho.

00:01:24 Jovem 12

Eu sei...

00:01:27 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento?

00:01:34 Jovem 12

É a forma como eles resolvem os problemas. Eles, às vezes, tipo nós só precisamos às vezes falar com o educador e nem sempre eles estão disponíveis.

E também porque aqui dentro não temos nada que fazer. Agora, nós chegamos aqui, não temos nada para fazer, tiram-nos os telemóveis e pronto, isso deixanos um bocado mais aborrecidas e por isso é que nós nos portamos mal.

00:02:09 Investigadora

Ok, então é, de certa forma, algumas atitudes que os educadores acabam por ter com vocês. Mas porquê que tu achas que os educadores têm essa atitude com vocês?

00:02:18 Jovem 12

Porque nem sempre nós somos certas.

00:02:20 Investigadora

Ok, tu achas que eles acabam por ficar um pouco receosos com vocês?

00:02:25 Jovem 12

Hum hum...

00:02:30 Investigadora

Tu sentes falta de uma intervenção mais próxima a ti, mais individualizada?

00:02:35 Jovem 12

Sim!

00:02:36 Investigadora

Que eles falassem mais contigo?

00:02:37 Jovem 12

Sim...

00:02:37 Investigadora

Isso nem sempre acontece?

00:02:40 Jovem 12

Costuma acontecer, só que nem sempre nós temos alguém que... Era mais fácil nós estarmos em casa, porque assim, eu percebo que nós estamos aqui por algum motivo, não é? Mas, sei lá, os educadores não são os nossos pais e às vezes não nos percebem e nem sempre nós podemos confiar neles, porque eles partilham tudo entre eles. E nós não nos sentimos muito bem por isso.

00:03:09 Investigadora

Tu sentes que aquilo que tu vais dizer ao educador, ele não vai guardar para ele próprio, vai acabar por dizer à equipa?

00:03:15 Jovem 12

Sim.

00:03:25 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa de acolhimento? Ou seja, que coisas é que os profissionais fazem no dia a dia que te ajudam a ti e às tuas colegas a diminuir o mau comportamento?

00:04:01 Jovem 12

É, por exemplo, eu esta semana disse, doutora, se eu me portar bem, vocês dãome um chocolate?

00:04:08 Investigadora

Ou seja, recompensas positivas?

00:04:10 Jovem 12

Sim.

00:04:12 Investigadora

Tu achas que aquilo que vos ajuda a melhorar não é só olhar para aquilo que vocês fazem de mal, só os castigos, só as consequências negativas... Mas tu achas que as consequências positivas têm um grande impacto?

00:04:23 Jovem 12

Sim.

00:04:24 Investigadora

Eu soube que vocês fazem voluntariado. O que é que tu achas do voluntariado?

00:04:30 Jovem 12

É fixe, eu gosto. Eu posso ajudar os outros e não estou sempre aqui em casa.

00:04:38 Investigadora

Ou seja, a ocupação dos tempos livres para vocês é muito importante porque dá-vos a possibilidade de maior liberdade.

00:04:42 Jovem 12

Exato.

00:04:45 Investigadora

E ao nível das tarefas?

00:04:48 Jovem 12

As tarefas acho que estão bem. Porque nós limpamos a casa, como móveis, somos nós que lavamos o carro, somos nós que temos que limpar. E pronto, acho que sim, acho que as tarefas estão bem distribuídas.

00:05:01 Investigadora

Como é que tu achas que as tarefas te ajudam? As tarefas ajudam-te a melhorar o teu comportamento, a evoluir?

00:05:20 Jovem 12

Sim. Os educadores sempre nos ensinaram que nós não devemos ter as coisas todas desarrumadas, porque um dia se nós tivermos a nossa casa pode ser desarrumada também. E isso às vezes faz-me sentir bem, porque eu não tenho a casa desarrumada.

00:05:32 Investigadora

Tu achas que acabas por aprender e depois um dia que acabas por sair daqui tu podes sempre reproduzir aquilo que tu aprendeste aqui?

00:05:41 Jovem 12

Exato.

Jovem 13 (rapaz), 17 anos

(Casa de Acolhimento “D”)

Jovem com visível atraso cognitivo ligeiro

00:00:00 Investigadora

Nós há pouquinho estávamos a falar que tu às vezes portas-te mal, certo?

00:00:04 Jovem 13

Sim.

00:00:08 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Ou seja, quais são os motivos que te levam a que tu tenhas o mau comportamento?

00:00:15 Jovem 13

Stress.

00:00:16 Investigadora

Stress?

00:00:17 Jovem 13

E irritação.

00:00:23 Investigadora

E mais?

00:00:25 Jovem 13

Mais nada.

00:00:30 Investigadora

Tu irritas-te facilmente...

00:00:31 Jovem 13

Sim.

00:00:32 Investigadora

E és muito estressado.

00:00:33 Jovem 13

Sim.

00:00:34 Investigadora

E tu não consegues gerir as tuas emoções?

00:00:39 Jovem 13

Não.

00:00:41 Investigadora

E tu sentes necessidade de saber gerir melhor as tuas frustrações, esses sentimentos mais negativos?

00:00:46 Jovem 13

Sim.

00:00:50 Investigadora

E achas que é só por isso?

00:00:52 Jovem 13

Sim.

00:00:54 Investigadora

E quando tu te portas mal, que tipo de mau comportamento é que costuma ser?

00:01:00 Jovem 13

Agressão e verbal.

00:01:02 Investigadora

Agressão física e verbal?

00:01:03 Jovem 13

Sim.

00:01:05 Investigadora

E o que é que acontece quando tu agrides as pessoas dessa forma?

00:01:15 Jovem 13

Contenção.

00:01:16 Investigadora

Contenção física?

00:01:17 Jovem 13

Sim.

00:01:19 Investigadora

E depois tu não tens consequências?

00:01:20 Jovem 13

Sim.

00:01:21 Investigadora

Que tipo de consequências?

00:01:22 Jovem 13

Ficar sem telefone, computador...

00:01:27 Investigadora

E tu sentes que essas consequências que tu tens acabam por ter um impacto positivo na diminuição do teu mau comportamento?

00:01:35 Jovem 13

Não.

00:01:37 Investigadora

Não?

Porquê?

00:01:40 Jovem 13

Não sei...

00:01:43 Investigadora

Ok. Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento? Ou seja, o que é que acontece aqui dentro, na casa de acolhimento, que tu achas que acaba por despoletar o teu mau comportamento?

00:02:02 Jovem 13

Não sei.

00:02:04 Investigadora

Mas o que é que acontece para que tu tenhas mau comportamento aqui?

00:02:19 Jovem 13

Não sei.

00:02:22 Investigadora

Não sabes mesmo?

00:02:23 Jovem 13

Não.

00:02:24 Investigadora

Mas, por exemplo, quando tu te portas mal, o que é que aconteceu para que isso acontecesse? Os teus colegas metem-se contigo, ou é tu que te metes com eles?

00:02:36 Jovem 13

Às vezes eu meto-me com eles e eles metem-se comigo.

00:02:42 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa de acolhimento? Ou seja, o que é que tu achas que os profissionais podem fazer na casa de acolhimento, no dia a dia, para que vocês tenham um melhor comportamento?

00:03:03 Jovem 13

Separar-nos.

00:03:06 Investigadora

Ou seja, achas que é acabar por interferir no grupo?

00:03:12 Jovem 13

Acho que sim.

00:03:16 Investigadora

Ok. E estavas a falar há pouco que havia bullying entre vocês, certo?

00:03:21 Jovem 13

Sim.

00:03:22 Investigadora

Pronto. E tu achas que era importante que os profissionais acabassem por criar um ambiente melhor entre vocês?

00:03:29 Jovem 13

Sim.

00:03:31 Investigadora

E como é que achas que eles poderiam fazer isso?

00:03:35 Jovem 13

Separar os jovens.

00:03:41 Investigadora

Ok. O que é que tu achas sobre a ocupação dos tempos livres, ou seja, sobre as atividades que são feitas? Achas que é importante para vocês ficarem ocupados?

00:03:49 Jovem 13

Sim.

00:03:56 Investigadora

Queres dizer mais alguma coisa que consideras importante?

00:03:58 Jovem 13

Não.

Jovem 14 (rapaz), 14 anos

(Casa de Acolhimento “D”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Quais são os motivos que te levam a ter um mau comportamento?

00:00:12 Jovem 14

Tipo, às vezes quando me dizem um não, eu às vezes fico chateado.

Ou porque às vezes quero uma coisa e não tenho logo e fico chateado.

00:00:28 Investigadora

Ok, basicamente porque às vezes as coisas não decorrem como tu queres. As pessoas não te dão logo aquilo que tu queres ou porque te dizem um não, tu ficas revoltado como isso e frustrado. E como é que tu acabas para reagir quando ficas frustrado?

00:00:47 Jovem 14

Às vezes insulto as pessoas. Tipo, destruo algumas coisas, mas não é assim, tipo, madeiras nem nada disso.

00:01:01 Investigadora

Materiais da casa...

00:01:04 Jovem 14

Não destruo muitos materiais, alguns.

00:01:08 Investigadora

Então tu acabas por ficar revoltado, com raiva, frustrado e acabas por descarregar a tua raiva em destruir algumas coisas que vês pela frente...

00:01:16 Jovem 14

Ou em outras pessoas...

00:01:17 Investigadora

Ah, também bates noutras pessoas?

00:01:20 Jovem 14

Às vezes insulto as pessoas.

00:01:22 Investigadora

Ok, agressão verbal. E agressão física, não costumas fazer isso?

00:01:27 Jovem 14

Não, é mais verbal.

00:01:30 Investigadora

Ou seja, sentes que tens dificuldade em gerir as tuas emoções, é isso?

00:01:36 Jovem 14

Sim...

00:01:37 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento? Ou seja, o que é que tu achas que acontece aqui na casa de acolhimento que achas que acaba por ser um problema e uma necessidade para ti?

00:02:04 Jovem 14

Às vezes, tipo, não poder sair.

00:02:09 Investigadora

Querias ter mais liberdade, é isso? Mas tu querias sair, tipo, quando? Ao fim de semana?

00:02:17 Jovem 14

Quando estivesse livre.

00:02:19 Investigadora

Ou seja, quando não tivesses aulas...

00:02:21 Jovem 14

Sim.

00:02:21 Investigadora

E porquê que não te deixam sair?

00:02:23 Jovem 14

Porque às vezes porto-me mal, ou falto ao respeito e não me deixam.

00:02:36 Investigadora

Então isso acaba por ser uma consequência.

00:02:38 Jovem 14

Sim.

00:02:40 Investigadora

E tu sentes que na casa de acolhimento há pouca liberdade para vocês saírem, certo?

00:02:44 Jovem 14

Não, não há pouca liberdade.

00:02:45 Investigadora Então?

00:02:50 Jovem 14

Os educadores primeiro têm que ter confiança em nós. E podemos sair com autorização.

00:02:57 Investigadora

Ok. Mas primeiro vocês têm que provar que são pessoas de confiança. E tu ainda não conseguiste fazer isso então?

00:03:05 Jovem 14

Sim, eu já consegui, mas às vezes porto-me mal e não saio.

00:03:08 Investigadora

Ah, mas isso é uma consequência negativa devido ao teu mau comportamento.

00:03:12 Jovem 14

Sim.

00:03:14 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa

de acolhimento? Ou seja, o que é que tu achas que os profissionais fazem no dia-a-dia que ajuda a que vocês tenham um melhor comportamento?

00:03:42 Jovem 14

Às vezes estão connosco, a jogar futebol ou a fazer algo para estarmos ocupados.

00:03:49 Investigadora

Ou seja, ocupação de tempos livres, atividades.

00:03:51 Jovem 14

Como eu agora estou num projeto de jovens a aprender (nome fictício), estou mais ocupado.

00:03:56 Investigadora

Num projeto de quê?

00:03:56 Jovem 14

Jovens a aprender (nome fictício).

00:03:59 Investigadora

O que é isso?

00:04:00 Jovem 14

É um novo projeto que abriu em setembro, de eletricidade, fazer casas de eletricidade, manutenção, cozinha, para aprendermos mais algo para o futuro e estarmos ocupados.

00:04:11 Investigadora

Ou seja, desenvolvimento da autonomia, não é? Tarefas de autonomia.

00:04:16 Jovem 14

Para aprendermos algo para o nosso futuro.

00:04:19 Investigadora

Ótimo. E tu estavas a dizer que às vezes é os profissionais estarem com vocês, ou seja, é uma intervenção mais individualizada? Achas que é importante?

00:04:27 Jovem 14

Eles às vezes estão connosco, para quando não temos nada para fazer, quando não temos nada, eles às vezes estão connosco, para ocupar o nosso tempo.

00:04:39 Investigadora

E o que é que tu achas acerca das consequências negativas? Achas que têm um impacto positivo na diminuição do vosso mau comportamento?

00:04:47 Jovem 14

Eu acho que é justo.

00:04:50 Investigadora

Tu achas que te ajuda a refletir? E um bom impacto no teu comportamento?

00:04:59 Jovem 14

Sim.

00:05:01 Investigadora

E ao nível das consequências positivas, por exemplo, quando tu te portas bem, tu achas que isso é importante?

00:05:07 Jovem 14

Sim, os dois são importantes, mas o portar-me bem é mais. Assim eles têm mais confiança em mim, assim já posso sair mais vezes. E posso fazer outras coisas.

00:05:20 Investigadora

Vocês aqui têm animais?

00:05:22 Jovem 14

Já tivemos mais. Mas neste momento, temos gatos e um cão.

00:05:28 Investigadora

E vocês tomam conta dos animais?

00:05:30 Jovem 14

Às vezes, aos fins de semana, o chefe da casa de acolhimento pede-nos para tomar conta do cão, porque ele não está ao fim de semana.

Então nós tomamos conta.

00:06:02 Investigadora

E então vocês ficam em contato com os animais, certo?

00:06:06 Jovem 14

Sim..

.

00:06:08 Investigadora

E achas que o contato com os animais te ajuda?

00:06:12 Jovem 14

Às vezes.

00:06:17 Investigadora

Ok. E a tua família? Tu tens contacto com a tua família?

00:06:21 Jovem 14

Tenho, os meus pais ligam e eu ligo-lhes a eles.

00:06:25 Investigadora

E achas que é importante eles participarem na tua mudança de comportamento?

00:06:31 Jovem 14

Sim, eles às vezes corrigem-me. O meu pai fica triste sobre o meu mau comportamento.

00:06:42 Investigadora

E consideras importante que eles também estejam presentes na tua vida e que te corrijam? Gerando consequentemente, um impacto positivo na melhoria do teu comportamento?

00:06:53 Jovem 14

Sim.

00:06:54 Investigadora

Ou seja, não são só os profissionais aqui. Também a tua família tem um impacto positivo.

00:06:59 Jovem 14

Sim...

Jovem 15 (rapariga), 15 anos

(Casa de Acolhimento “D”)

00:00:01 Investigadora

Estavas-me a dizer há pouco que às vezes portaste mal.

00:00:03 Jovem 15

Sim...

00:00:03 Investigadora

Quais são os motivos que te levam a ter um mau comportamento?

00:00:06 Jovem 15

Tipo, às vezes lembro-me do pai e da mãe, eu fico nervosa e choro.

00:00:16 Investigadora

Ou seja, tu sentes falta dos teus familiares.

00:00:25 Jovem 15

Sim, é isso!

00:00:29 Investigadora

Ficas revoltada por estar na casa de acolhimento e querias estar com os teus familiares e isso leva a que te portes mal, às vezes...

00:00:34 Jovem 15

Sim, é sempre por isso.

00:00:36 Investigadora

Tu sentes falta de liberdade aqui dentro...

00:00:38 Jovem 15

Sim. É o pai, a mãe, os tios, tudo!

00:00:42 Investigadora

Ok, ficas estressada. E quando ficas estressada, como é que tu reages?

00:00:50 Jovem 15

Dou murros no armário, dou murros em tudo... Choro...

00:01:02 Investigadora

Ok, tu acabas por explodir.

00:01:06 Jovem 15

Sim.

00:01:07 Investigadora

E tu costumas bater nas pessoas?

00:01:08 Jovem 15

Não, isso não.

00:01:09 Investigadora

Insultas só?

00:01:10 Jovem 15

Sim, insulto-os...

00:01:13 Investigadora

Insultas e acabas por destruir algumas coisas ou dar murros em objetos.

00:01:18 Jovem 15

Sim.

00:01:20 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento? Já tinhas dito que é a distância dos teus familiares, certo? E a falta de liberdade.

00:01:30 Jovem 15

Sim.

00:01:31 Investigadora

Há mais alguma coisa que tu achas que prejudica no teu mau comportamento aqui dentro?

00:01:36 Jovem 15

Não.

00:01:38 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa de acolhimento?

00:01:46 Investigadora

Ou seja, o que é que os profissionais fazem no dia a dia que achas que ajuda que tu fiques mais calma, que tu tenhas um melhor comportamento?

00:01:57 Jovem 15

Ah, eu não sei...

00:02:01 Investigadora

O que é que tu achas que os profissionais fazem no dia a dia que te ajuda?

00:02:28 Jovem 15

Quando eu estou mal, ligo ou ligam para o pai, para a mãe...

00:02:30 Investigadora

Ou seja, tu achas que é muito importante a tua família estar presente?

00:02:33 Jovem 15

Sim.

00:02:34 Investigadora

E te ajudar na melhoria do teu comportamento?

00:02:37 Jovem 15

Sim.

00:02:38 Investigadora

Ou seja, não são só os profissionais, tu achas que a tua família é importante no teu acompanhamento?

00:02:44 Jovem 15

O pai e a mãe.

00:02:45 Investigadora

Ok, e tu ficas mais calma?

00:02:49 Jovem 15

Sim, fico.

00:02:51 Investigadora

E o que é que eles fazem? Para que tu fiques mais calma, basta falarem contigo?

00:02:54 Jovem 15

Sim, falar comigo, fico melhor.

00:02:57 Investigadora

E tu falas com eles por telemóvel?

00:03:02 Jovem 15

Sim.

00:03:03 Investigadora

Ok, e quando tu te portas mal, tens alguma consequência?

00:03:06 Jovem 15

Sim.

00:03:09 Investigadora

Que tipo de consequências é que tu tens?

00:03:14 Jovem 15

Às vezes tiram-me o telemóvel. Quando eu vou para fora, não vou para fora, tenho que ficar na casa de acolhimento. Fico de castigo.

00:03:24 Investigadora

Ok, ou seja, ficas sem visitas, sem ir passear, sem telemóvel... E tu achas que isso te ajuda?

00:03:32 Jovem 15

Não.

00:03:33 Investigadora

Porquê?

00:03:34 Jovem 15

Não sei.

00:03:35 Investigadora

Porque tu continuas a ter o mesmo comportamento?

00:03:38 Jovem 15

Sim...

00:03:40 Investigadora

Então tu achas que o que mais te ajuda é quando a tua família está próxima de ti?

00:03:44 Jovem 15

Sim.

00:03:47 Investigadora

Ao nível das tarefas, tu fazes tarefas aqui?

00:03:49 Jovem 15

Sim, faço.

00:03:50 Investigadora

E tu achas que te ajudam?

00:03:52 Jovem 15

Sim, isso sim.

00:03:55 Investigadora

E atividades?

00:04:05 Jovem 15

Sim, hoje por exemplo, fui ao shopping com o Mário e o Edgar (nomes fictícios). Fomos comprar arroz massa, frango... E depois fazemos (cozinhamos).

00:04:28 Investigadora

Foram fazer compras?

00:04:29 Jovem 15

Sim.

00:04:31 Investigadora

E tu achas que é importante para ti, no teu dia a dia, aprenderes a fazer tarefas, não é?

00:04:37 Jovem 15

Sim.

00:04:37 Investigadora

Para seres uma pessoa autónoma...

00:04:38 Jovem 15

Sim.

Jovem 16 (rapaz), 18 anos

(Casa de Acolhimento “E”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Motivos? Ou seja, tu às vezes acabas por ter um mau comportamento na casa de acolhimento, certo?

00:00:09 Jovem 16

Sim.

00:00:09 Investigadora

Porque é que tu fazes isso? Quais são os motivos que te levam a fazer isso?

00:00:16 Jovem 16

Os motivos que me levam a fazer isso, às vezes é por os funcionários, às vezes estou stressado com os funcionários, às vezes é com a doutora daqui de casa. Com os funcionários é quando tipo eles estão chateados, quando brigam comigo ou me mandam fazer coisas que eu não gosto. Que eu tipo assim, coisas que não estou habituado a fazer porque também nunca estive numa casa de acolhimento. E tudo, é a primeira vez...

00:00:51 Investigadora

Ou seja, tu achas que as regras são muito rígidas, é isso?

00:00:54 Jovem 16

Sim, algumas.

00:00:56 Investigadora

E o que é que tu achas que nós podemos fazer para melhorar isso?

Falar com vocês sobre as regras e adaptar as regras a vocês também?

00:01:03 Jovem 16

Sim, a doutora tinha que falar connosco das regras e não só com os funcionários.

00:01:10 Investigadora

Ok, já percebi. Achas que as regras não são adaptadas a todos? E que há regras ridículas?

00:01:18 Jovem 16

Sim, é isso.

00:01:19 Investigadora

E tu achas que era importante os profissionais falarem com vocês sobre as regras para chegar a um consenso?

00:01:24 Jovem 16

Sim!

00:01:29 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento? Tu há pouco falaste que eram os funcionários. Tu achas que os funcionários são muito rudes contigo?

00:01:53 Jovem 16

Sim, alguns funcionários.

00:01:55 Investigadora

E o que é que tu achas que eles poderiam mudar nessa forma de ser tão rude?

Como é que achas que eles poderiam falar contigo?

00:02:03 Jovem 16

Nós somos jovens já não somos crianças, tipo, eles podiam conversar comigo, me chamar, sentar num sítio e assim, normalmente. E conversarmos sobre a situação que nós fizemos que não está boa coisa para nós.

00:02:22 Investigadora

Tu achas que eles deveriam chamar-te à parte e falar contigo individualmente...

00:02:26 Jovem 16

Isso, sim.

00:02:27 Investigadora

E vocês, através de um diálogo, chegarem a um consenso?

00:02:29 Jovem 16

Sim, é isso.

00:02:31 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa

de acolhimento? Ou seja, o que é que tu achas que os profissionais podem fazer no terreno que vos ajudam a melhorar o vosso comportamento?

00:02:56 Jovem 16

Falar connosco, conversar. Tipo com todos mesmo da casa.

00:03:31 Investigadora

E ao nível das consequências positivas e negativas, achas que tem um bom impacto? Porque às vezes aqui dão castigos, certo?

00:03:40 Jovem 16

Sim, sim, há castigos.

00:03:42 Investigadora

Tu achas que isso ajuda também a melhorar o comportamento?

00:03:46 Jovem 16

Já os castigos que dão aqui, para eles não lhes importam, não obedecem na mesma.

00:03:56 Investigadora

Tu achas que não é só dar castigos, também têm que falar com as pessoas e os castigos também têm que ser adaptados a cada pessoa? Porque um castigo pode não dar resultado num miúdo, mas pode dar no outro.

00:04:05 Jovem 16

Depende do castigo...

00:04:10 Investigadora

E tu achas que normalmente os miúdos portam-se melhor quando estão ocupados?

00:04:15 Jovem 16

Sim, ou seja, quando eles sabem que vão sair para fazer uma atividade, eles ficam a se comportar bem para irem nessa atividade. Muitas vezes quando não há atividades eles portam-se mal.

00:04:35 Investigadora

Tu achas que eles têm que ter um incentivo, um reforço positivo?

00:04:38 Jovem 16

Sim.

00:04:39 Investigadora

E ao nível das tarefas, achas que é importante fazer tarefas de autonomia, domésticas, para eles aprenderem?

00:04:46 Jovem 16

Muito! Até já conversei com a doutora daqui sobre isso, mas ela disse que vai colocar-nos a fazer e até agora ela não fez nada.

00:04:58 Investigadora

E tu achas que se houvessem aqui animais, achas que era importante também para eles começarem a tomar conta de animais para desenvolverem mais a empatia e o cuidado com os outros? Ou seja, intervenção com animais.

00:05:17 Jovem 16

Sim.

00:05:18 Investigadora

Achas que ia ser interessante?

00:05:19 Jovem 16

Sim, seria fixe. Até gostaria de ter um cão aqui.

00:05:26 Investigadora

Aqui vocês têm sala de estudo, certo?

00:05:27 Jovem 16

Sim.

00:05:29 Investigadora

Achas que é importante os miúdos terem um acompanhamento escolar, achas que isso os ajuda a terem melhores notas na escola, a passar mais de ano?

00:05:37 Jovem 16

Bom, acompanhamento escolar... Sim, têm sala de estudo e tem bons resultados. Apesar de eu preferir estudar no meu quarto do que lá por causa do barulho e da confusão, mas temos sempre lá uma educadora para nos tirar dúvidas e auxiliares de ação educativa.

Jovem 17 (rapaz), 12 anos

(Casa de Acolhimento "E")

00:00:01 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Quais são os motivos?

00:00:08 Jovem 17

Eu às vezes enervo-me, às vezes quero pegar mesmo e às vezes eles picam-me. E depois dá mal.

00:00:20 Investigadora

Ou seja, bullying e conflitos entre os colegas, não é?

00:00:23 Jovem 17

Sim.

00:00:26 Investigadora

E tu reages de uma forma mais bruta, é isso?

00:00:31 Jovem 17

Claro...

00:00:34 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento? Ou seja, o que é que tu achas que acontece aqui dentro que faz com que tu tenhas um mau comportamento?

00:00:47 Jovem 17

Às vezes os miúdos metem-se comigo... Às vezes falar alto.

00:00:52 Investigadora

Mas falar alto quem? Os profissionais?

00:00:54 Jovem 17

Sim. E às vezes respondo também aos profissionais e isso.

00:01:00 Investigadora

Então, primeiro, são os conflitos entre os colegas, não é? Tu achas que há bullying aqui dentro?

00:01:04 Jovem 17

Acho!

00:01:05 Investigadora

E o bullying é entre os miúdos, não é?

00:01:09 Jovem 17

Sim...

00:01:11 Investigadora

E tu disseste também que os profissionais às vezes são um bocado brutos.

00:01:15 Jovem 17

Brutos...

00:01:16 Investigadora

Mas brutos em que aspeto?

00:01:18 Jovem 17

A falar e isso...

00:01:19 Investigadora

A falar? E tu querias que eles falassem contigo como?

00:01:22 Jovem 17

Normal, um bocado mais baixinho e isso.

00:01:29 Investigadora

Então tu achas que às vezes, como são muitos miúdos, eles acabam por falar um bocado mais alto e chamar-te a atenção no grupo, não é? E tu querias que falassem contigo normalmente, individualmente, é isso?

00:01:42 Jovem 17

Sim...

00:01:41 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos tuas colegas na casa de acolhimento? Ou seja, o que é que nós, enquanto profissionais, fazemos no dia a dia, no terreno, que tu sentes que ajuda a que vocês tenham um melhor comportamento?

00:02:01 Jovem 17

Às vezes a chamar a atenção. E como dizia, temos que os respeitar e cumprir aquilo que nos dizem, se nos mandam parar temos que parar e ajuda muito movimentarmo-nos.

00:02:19 Investigadora

Ou seja, fazer tarefas autonomia, é isso?

00:02:20 Jovem 17

Sim.

00:02:38 Investigadora

E tu sentes que, por exemplo, se falarem contigo normalmente através do diálogo individualmente, te chamarem a atenção e te explicarem o porquê de tu não poderes fazer determinadas coisas, te ajuda a que tu evoluas?

00:02:51 Jovem 17

Sim.

00:02:52 Investigadora

E tu falaste também de tarefas de autonomia. Achas que é importante?

00:02:56 Jovem 17

Acho que sim. Às vezes as pessoas voluntariam-se e isso ajuda muito.

00:03:05 Investigadora

Tu falaste-me há pouco que tens problemas na escola.

00:03:09 Jovem 17

Sim.

00:03:11 Investigadora

E tu achas que era importante também a escola participar nesta melhoria do teu comportamento? Ou seja, ter um papel também ativo.

00:03:18 Jovem 17

Sim.

00:03:20 Investigadora

E fazer um trabalho em rede com a casa de acolhimento.

00:03:23 Jovem 17

Sim.

00:03:28 Investigadora

E ao nível das ocupações dos tempos livres, achas que é importante? Tipo, às vezes fazerem atividades...

00:03:33 Jovem 17

Acho que sim, porque assim gastamos a nossa energia em coisas positivas.

00:03:39 Investigadora E aprendem, não é?

00:03:41 Jovem 17

Claro!

00:03:44 Investigadora

Qual era a tua opinião acerca de ter um animal numa casa de acolhimento? Achas que era interessante?

00:03:49 Jovem 17

Acho que sim! Eu gosto muito de animais, então...

00:03:53 Investigadora

Achas que era uma forma de... Pronto, desenvolves mais a tua empatia, não é? Teres algo... Pronto, um animal e acabavas por trocar afeto com ele e carinho, não é?

00:04:02 Jovem 17

Sim!

00:04:03 Investigadora

Achas que era importante?

00:04:04 Jovem 17

Acho que sim, pelo menos. Um animal era fixe, ter aqui.

00:04:12 Investigadora

A sala de estudo, achas que é importante haver uma sala de estudo aqui?

00:04:15 Jovem 17

Acho que sim, para estudar... Para nos ajudar nos exercícios quando nós temos dúvidas.

00:04:26 Investigadora

E a tua família? Achas que é importante a tua família ajudar-te e ter um papel presente na tua vida, na melhoria do teu comportamento?

00:04:32 Jovem 17

Sim.

00:04:34 Investigadora

Porquê?

00:04:37 Jovem 17

Porque eles ajudam muito quando dizem não faças isso, nunca mais faças isso e isso. E então quando eles dizem isso nós ficamos mais pensativos para não fazer isso.

00:04:51 Investigadora

Pois, porque é tua família, não é? E tu gostas deles...

Jovem 18 (rapaz), 17 anos

(Casa de Acolhimento “E”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Quais são os motivos?

00:00:06 Jovem 18

Eu não me porto mal, mas eu acho que muita gente, ou seja, tem tendência, os miúdos mais novos, como veem, exemplos, não só na instituição, mas como amigos de escola, nos Tiktoks, em redes sociais, têm um comportamento de... Hoje em dia as pessoas têm que ser liberais. Os miúdos podem ter tendência a achar que o comportamento liberal é fazer tudo o que querem, desde, por exemplo, furtar, independentemente de ser a pessoas ou em lojas, também, ou seja, as influências, por exemplo, se os amigos fazem e pensam... Os miúdos têm um bom comportamento e pensam assim, ah, eu faço, e como ele também faz, independentemente se ele está a fazer mal, não tenho problema nenhum, porque se ele faz, eu posso fazer.

00:01:01 Investigadora

Achas que acabam por reproduzir o comportamento, para serem aceites, de certa forma?

00:01:05 Jovem 18

Exato, para se sentirem integrados, tanto no grupo de amigos, ou numa sociedade...

00:01:10 Investigadora

Na casa de acolhimento, não é, também?

00:01:12 Jovem 18

Sim, sim, na casa de acolhimento também existe muito isso, porque os miúdos veem outros a fazer e falam dos comportamentos que têm ou do que fizeram. Às vezes podem estar a dizer, ah, eu hoje fui a este supermercado, roubei isto, roubei aquilo, e pronto, não me aconteceu nada. E os miúdos podem ter tendência a querer fazer isso, então, o mercado das drogas é a mesma coisa.

00:01:36 Investigadora

E tu às vezes portas-te mal na casa de acolhimento, fazes coisas que não devias?

00:01:40 Jovem 18

Às vezes, quando não tenho muita paciência falo para os funcionários. Muitas vezes não é faltar ao respeito, mas da forma que eu falo, parece que estou a falar de uma forma...

00:01:49 Investigadora

E porquê é que tu às vezes fazes isso?

00:01:52 Jovem 18

Porque às vezes não tenho paciência para aturar os funcionários... Não estou com paciência, e pronto, os funcionários vêm-me chatear, ou assim.

00:02:02 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento? Ou seja, o que é que se passa aqui na casa de acolhimento que achas que pode interferir no teu comportamento?

Falaste que os funcionários às vezes vêm falar contigo e tu queres mais espaço é isso?

00:02:17 Jovem 18

Não, não acaba por ser muito isso, porque às vezes o que acontece aqui nesta casa é que há funcionários que vêm falar comigo. E não é sempre, mas às vezes, por exemplo, se o funcionário A não gosta do funcionário B, vem falar comigo mal do funcionário B.

00:02:36 Investigadora

Eles falam mal a ti dos funcionários?

00:02:39 Jovem 18

Tipo assim, às vezes não vêm falar com intenção, mas muitas vezes descaem-se e como se descaem querem também que eu fale mal do funcionário B e que diga, ah, o funcionário B faz isto, o funcionário B faz aquilo, como se tentasse apoiar.

00:02:55 Investigadora

Sim, sim, sim.

Então tu achas que a própria equipa tinha que dar o exemplo às crianças?

00:03:01 Jovem 18

Exatamente.

00:03:02 Investigadora

E trabalhar mais em equipa, de forma unida, para trabalhar em prol das crianças?

00:03:06 Jovem 18

Exatamente, porque, por exemplo, muita coisa que acontece é os funcionários, na frente, por exemplo, ah, como é que estás? Está tudo bem? E tal, mas nas costas, falam mal.

E não só os funcionários, porque, por exemplo, depois há funcionários que deixam uma vez os miúdos fazerem uma coisa e depois os miúdos acham que é sempre, ou seja, uma pequena exceção, os miúdos depois querem sempre fazer e depois acabam por dizer, ah, mas deixaste aquela vez, por isso também faço.

E muitas vezes os funcionários acabam por perder a autonomia que têm sobre os miúdos, esse tipo de coisas.

00:03:47 Investigadora

Então tu achas que as regras deveriam ser para todos, ou seja, toda a gente deveria trabalhar da mesma forma com as mesmas regras…

00:03:58 Jovem 18

O que acaba por acontecer é que os funcionários, ou seja, se o funcionário A diz, podem fazer isto, mas o funcionário B diz que não. E muitas vezes a regra pode ter sido inventada pelo funcionário A ou pelo funcionário B.

00:04:14 Investigadora

Ok, ok. Então tu achas que as regras têm que estar muito bem definidas?

00:04:18 Jovem 18

Exato.

00:04:20 Investigadora

E tu sentes que às vezes as regras são inventadas por determinado funcionário ou funcionária naquele momento e que não é uma regra da casa?

00:04:26 Jovem 18

Exato.

00:04:27 Investigadora

Então tu achas que às vezes falta a definição das regras?

00:04:29 Jovem 18

Exato. Eu acho muito isso porque, por exemplo, a diretora da casa pode dizer que não se faz isto e o funcionário, muitas vezes, que é para não... Não quer ser o mau da fita, deixa os miúdos fazerem, sendo que não deveria fazer e viceversa.

00:04:47 Investigadora

Ok, já percebi. E tu o que achas que era importante? Se calhar afixar as regras numa parede para que os miúdos soubessem que aquelas são as regras da casa e que não são inventadas por determinado funcionário? Porque eu vi que vocês têm aqui as regras afixadas na parede, certo?

00:05:01 Jovem 18

Sim, sim, só que essas regras parece que... Ou os funcionários sabem e ignoram, ou os miúdos não sabem porque, como está afixado numa parede, num quadro de cortiça, os miúdos não vão lá e não leem. Não tem interesse nenhum para os miúdos lerem aquilo.

00:05:19 Investigadora

Tu achas que deveria estar num sítio mais visível, não sei...

00:05:24 Jovem 18

Não, está bem visível, só que o problema, na minha opinião, é que nem a doutora, nem nenhum funcionário se deu ao trabalho de falar com eles e reunir, fazer uma assembleia, uma reunião para falar sobre as regras e dizer que, pronto, aquele papel está afixado na parede com as regras e que é preciso cumprir essas regras.

Por exemplo, se as regras é para uns tem que ser para todos e se os miúdos não leem as regras e não sabem, eles vão só fazer o que o funcionário diz, ou seja, o funcionário diz que é assim, independentemente se for a regra ou não, eles como não leram, fazem porque o funcionário manda-o.

00:06:16 Investigadora

Ok, e vocês aqui têm as regras da casa fixadas na parede e depois também têm as regras do funcionamento do telemóvel, certo?

00:06:22 Jovem 18

Certo, certo. Pelo que diz na regra, o telemóvel, em papel diz que é aos 15 anos, mas acho que recentemente atualizaram isso, ou seja, no papel diz que só pode ser usado a partir dos 15, mas agora a regra alterou para os 13, durante o dia, durante a noite, no papel diz que o telemóvel só pode ficar com o miúdo durante a noite a partir dos 18 anos.

00:00:43 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa de acolhimento? Ou seja, o que é que tu achas que os profissionais fazem no dia a dia, na casa de acolhimento, que achas que acabam por melhorar o teu comportamento e o dos teus colegas?

00:01:01 Jovem 18

Uma coisa que agora estão a fazer mais é dar castigos, ou seja, se o miúdo se porta mal dão-lhe um castigo. Uma coisa que antes acontecia, mas só que... Muito raramente. E muitas vezes o castigo que davam era... Um funcionário dava o castigo, chegava o outro funcionário a seguir no turno e dizia não foi comigo, eu não quero saber, esse funcionário que meta o castigo no turno dele.

00:01:28 Investigadora

Ok, não cumpriam os castigos que ficavam estipulados, é isso?

00:01:31 Jovem 18

Exato.

00:01:32 Investigadora

Então tu achas que muitas das vezes os miúdos acabam por se portar mal, mas também tem a ver com a equipa dos profissionais que acaba por não ser uma equipa coesa e que trabalha em equipa?

00:01:42 Jovem 18

Exato, porque por exemplo, tecnicamente os castigos são para dar educação.

00:01:50 Investigadora

Sim, para eles saberem que há consequências, que o comportamento deles tem uma consequência, não é?

00:01:58 Jovem 18

Tanto é que na sociedade, independentemente, por exemplo se for um crime, tem uma consequência, pode ter uma consequência pequena ou grave. E se os miúdos não aprenderem que se fazem uma coisa de mal, isso tem uma consequência, depois quando saem da casa de acolhimento têm tendência a piorar. E se se juntarem a pessoas que são, que têm hábitos terríveis, como por exemplo roubar, agredir, insultar, esse tipo de coisas.

00:02:23 Investigadora

Sim.

00:02:24 Jovem 18

E por isso é que muitos jovens juntam-se em grupos desse tipo e quem sabe no futuro evoluem para uma gangue, uma coisa desse tipo.

00:02:34 Investigadora

Exatamente, ou seja, tu achas que é muito importante travar desde cedo a delinquência juvenil para que não passe para a criminalidade, porque senão isto pode ser uma escalada, não é?

00:02:44 Jovem 18

Exato.

Isso acaba por ser um progresso.

Existem progressos bons e progressos maus e eu acho que isso da delinquência acaba por ser um progresso mau.

00:02:54 Investigadora

Claro, porque achas que estes mesmos têm de ser travados o quanto antes, não é?

Para não progredir para criminosos que poderão até mesmo ser presos, não é?

00:03:02 Jovem 18

Exato, porque por exemplo, se eles não aprendem que o mal que eles fazem tem consequências desde pequenos, no futuro aprendem da pior forma ou vão para a cadeia ou assim.

00:03:14 Investigadora

Exato, tu estavas a falar que às vezes os castigos eram leves também, então tu achas que os castigos têm de ser adaptados a cada miúdo, não é?

00:03:21 Jovem 18

Exatamente, porque por exemplo, o castigo que o miúdo de 8 anos tem não vai ter o mesmo efeito do que o miúdo mais velho. Eles podem ter feito a mesma situação/coisa mas o castigo não vai ter o mesmo impacto para um do que vai ter para outro, eu acho.

00:03:41 Investigadora

E depois também porque se calhar eles não gostam da mesma coisa, da mesma forma, não é?

00:03:46 Jovem 18

Exato.

00:03:47 Investigadora

Se calhar um sente mais o castigo X do que o outro.

00:03:50 Jovem 18

Eu acho que não só os funcionários, mas também com a diretora, podem ver assim um castigo mais certo. Por exemplo, o miúdo portava-se mal com o funcionário, o funcionário dizia hoje vais para a cama mais cedo mas depois reunir com os profissionais para tentar compreender qual o castigo que teria mais impacto no miúdo para ele ter noção que o que ele fez foi errado e que isso tem consequências.

00:04:11 Investigadora

Exato. Ao nível da ocupação dos tempos livres, ou seja, de fazer atividades, achas que é importante

00:04:19 Jovem 18

Atividades de, por exemplo, os miúdos se divertirem ou atividades na casa de por exemplo, limparem?

00:04:23 Investigadora

Não, não, não. Isso são tarefas domésticas. Mas as duas coisas. Achas que é importante fazer atividades, ocupação dos tempos livres de coisas que eles gostam?

00:04:46 Jovem 18

Sim, sim. Eu acho que fazer atividades, ocupar os tempos livres dos miúdos, os tempos dos miúdos, acho que é uma coisa importante porque, por exemplo, se um miúdo gosta muito de jogar futebol, ele se porta bem e merece, e se a instituição o mete num clube a jogar futebol, ele vai se sentir contente porque se é uma coisa que gosta. E também o contrário, porque se o miúdo se portar mal, já tem um ponto meio que para castigá-lo. E também, tarefas de uma casa, eu acho isso uma coisa importante, mas eu nesta casa não vejo que os funcionários, de forma geral, não em um específico, têm assim uma obrigação de, por exemplo, incentivar os miúdos a limparem ou a fazerem determinada tarefa.

00:05:37 Investigadora

Sim.

00:05:38 Jovem 18

Acho isso uma coisa má, deviam incentivar os miúdos a fazer, porque um dia eles vão embora da instituição, morando com familiares, morando sozinhos, eles vão ter uma casa e vão ter que saber limpar, cozinhar, porque não vão ter

ninguém lá se eles morarem sozinhos, não vai haver lá uma pessoa que vai estar lá a fazer as coisas para eles.

00:06:01 Investigadora

Como acontece na casa de acolhimento, não é?

00:06:03 Jovem 18

Exatamente.

00:06:07 Investigadora

Vocês agora têm estado aqui a fazer um projeto, não é?

00:06:11 Jovem 18

Sim, sim, um projeto com o Futebol Clube do Porto.

00:06:15 Investigadora

Sim.

00:06:21 Jovem 18

E isso, eu não sei se tem intenção de estimular os miúdos a portarem-se bem para ganharem esses bónus, que devem ser tipo um bónus extra, porque a maior parte dos miúdos aqui da casa, acho que até todos, são do Porto. E se têm atividades com o clube, à partida vai ser para incentivá-los a portarem-se bem para ter esse benefício.

00:06:49 Investigadora

Qual é a tua opinião acerca de ter um animal presente na casa de acolhimento? Achas que era importante para a melhoria do comportamento deles, para eles desenvolverem a empatia, não sei?

00:06:57 Jovem 18

Eu acho que ter um animal na casa seria fundamental. Mas fundamental a 100%, porque, por exemplo, um miúdo pequeno, muitas vezes, se os pais trabalham ou não têm assim lá grande tempo para dar atenção ao filho, se o miúdo tiver um animal não se vai sentir tão sozinho.

00:07:19 Investigadora

Então tu achas que era importante até mesmo para eles não se sentirem tão sozinhos nas casas de acolhimento, não é? E para desenvolverem empatia também e poderem dar e receber afeito, que às vezes também têm muita dificuldade, não é? E com um animal ia acabar por ser mais fácil.

00:07:33 Jovem 18

Exato, porque por exemplo, um animal pode sempre acrescentar diretamente ou indiretamente. Porque se pensarmos assim, se um animal de estimação for tratado com carinho e assim, ele só vai dar o que recebe, ou seja, isso para os miúdos seria uma coisa fundamental.

00:08:04 Investigadora

Pois, porque eles até podiam acabar por desenvolver mais responsabilidade ao tomar conta do animal, não é?

00:08:09 Jovem 18

Exato.

00:08:11 Investigadora

Por exemplo, um miúdo todos os dias tinha a responsabilidade de tomar conta do animal, de o alimentar, não é?

00:08:16 Jovem 18

E por exemplo, isso também para os mais velhos desenvolve competências, porque a instituição tem quintal, mas se num dia fosse o mais velho A a levá-lo à rua, num dia a seguir o mais velho B, e assim por diante... Acaba por desenvolver competências e ser útil.

00:08:36 Investigadora

Ou seja, tu achas que o quintal está a ser mal aproveitado? Achas que vocês poderiam ter aqui animais, não é?

00:08:42 Jovem 18

Exato. Pelo menos um animal. Não que os animais tenham que ser animais de quinta, mas por exemplo, um cão.

00:08:49 Investigadora

Sim, ou seja, tinha espaço para estar lá fora, não é?

00:08:52 Jovem 18

Exato. E também para os miúdos, eles iam estar muito mais felizes, porque um animal de estimação, inconscientemente, alegra uma casa. E pronto, isso para os miúdos ia fazer com que eles se sentissem mais felizes, mais contentes.

00:09:18 Investigadora

Há mais alguma coisa que tu consideras importante de dizer?

00:09:27 Jovem 18

Eu estou num curso profissional e quem está num e recebe dinheiro do curso deixa de receber semanada mas o dinheiro que eu ganho do curso é muito pouco e até já me chateei com alguns funcionários por causa disso. Eu acho que é uma regra estúpida da casa é que quem está em curso não recebe semanada. E conheço outros colegas que andam noutras casas de acolhimento e continuam a receber semanada. Inclusive, eu tenho um na minha turma, que também está em outra casa de acolhimento, ele recebe semanada e também... Eu acho que o curso não tem nada a ver com a semanada são duas coisas diferentes. Porque eu fui para o curso porque é uma área que eu gosto e não pelo dinheiro.

00:10:27 Investigadora

E tu gostavas de continuar a receber a semanada…

E já falaste com a pessoa que implementou essa regra?

00:10:36 Jovem 18

Eu não cheguei a falar com a pessoa responsável porque dizem que é a regra da casa. A doutora daqui já me disse para eu falar com os superiores só que disse que provavelmente não ia adiantar porque era uma regra.

00:10:49 Investigadora

Sim, mas tu podes sempre tentar falar com essa pessoa, não é? E tenta-la chamar à razão. Até porque é um direito que tu tens, não é? E regras, ok, as regras existem, mas as regras podem ser adaptadas, não é?

00:11:02 Jovem 18

Certo, certo.

00:11:32 Investigadora

Também podes sempre falar com a pessoa e tentar chamar-lhe à razão e dizeres argumentos de forma a que a semanada te seja atribuída...

00:11:45 Jovem 18

Outra coisa que deveria mudar é os funcionários trabalharem mais em equipa entre eles. Porque uma coisa que eu vejo muito na casa é a desconfiança dos funcionários uns com os outros. E isso acaba por criar um mau ambiente para os miúdos.

00:12:08 Investigadora

E tu achas que é muito importante que os profissionais estejam bem com eles próprios para depois dar o melhor às crianças?

00:12:13 Jovem 18

Exato.

Também há situações que eu já vi um funcionário a tirar a autoridade do outro.

00:12:25 Investigadora

A sério?

00:12:26 Jovem 18

Sim, à frente dos miúdos. E, no meu ponto de vista, eu pensei que seria melhor entre os funcionários à parte falarem.

00:12:42 Investigadora

Ou seja, resolverem os seus problemas individualmente à parte, sem ninguém ver.

00:12:45 Jovem 18

Exato.

Por exemplo, o funcionário A chama a atenção do funcionário B. E em vez do funcionário A estar a chamar a atenção à frente dos miúdos, chegava à parte, sem ninguém ver e poder dizer, olha, isto fizeste, não devias ter feito. Que era para o funcionário na próxima vez ter mais atenção. Porque isso, até mesmo entre os miúdos, acabam por não respeitar o funcionário que foi chamado à atenção.

00:13:14 Investigadora

Acaba por perder a autoridade...

00:13:16 Jovem 18

Exatamente.

E depois, se esse funcionário que perdeu a autoridade der um castigo os miúdos não o levam a sério, porque acho que isso também é outra coisa que indiretamente faz com que os miúdos sejam delinquentes. Porque se eles não respeitarem o funcionário, se o funcionário der o castigo, eles não o cumprirem...

00:13:41 Investigadora

Sim, já percebi. Então tu achas que o cerne de tudo é a equipa dos profissionais...

00:13:46 Jovem 18

Exato.

00:13:47 Investigadora

Não é tanto os jovens.

00:13:49 Jovem 18

Exatamente.

00:13:50 Investigadora

Não é tanto os jovens, mas sim os profissionais que têm realmente que criar estratégias e melhorar a sua intervenção. Para depois, posteriormente, implementar isso com os jovens.

00:13:59 Jovem 18

Porque também, se os funcionários não confiam uns nos outros, isso não vai dar um bom ambiente à casa e aos miúdos. Se eles, numa casa de acolhimento, dizem que tem que ser com uma família, e se eles na casa onde estão, num bairro, como se fosse uma família, eles procuram fora de casa. Eles vão procurar lá fora aquilo que não têm na casa de acolhimento.

E, por exemplo, um grupo de jovens delinquentes, se eles se sentem acolhidos aí, eles vão ter tendência a fazer o que o grupo faz porque eles sentem-se acolhidos e o grupo acaba por ser uma família para eles, já que na casa de acolhimento eles não têm isso.

00:14:37 Investigadora

Vão procurar noutros sítios...

00:14:38 Jovem 18

Exato.

Jovem 19 (rapariga), 19 anos

(Casa de Acolhimento “E”)

00:00:03 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Motivos? Ou se tu consideras que neste momento não tens mau comportamento, porque é que achas que os outros miúdos têm mau comportamento?

00:00:16 Jovem 19

Eu acho que pode ser frustração com a situação, porque também não é fácil viver numa casa de acolhimento e viver com outras crianças, porque às vezes as pessoas pensam, ah, estás com outras crianças, ah, isto é, como se fosse a tua casa, mas não é bem assim, não é como se fosse a tua casa. E às vezes parece como se fosse a escola, isto parece uma escola e tem professores a mandar e funcionários a mandar e menos amigos e pais e às vezes isso pode revelar-se no mau comportamento.

00:00:48 Investigadora

Ou seja, tu achas que é tudo muito rígido, achas que às vezes há regras, há demasiado regras muito rígidas que acabam às vezes por não ir ao vosso encontro.

00:00:57 Jovem 19

Sim!

00:00:58 Investigadora

E achas que as regras deveriam ser mais adaptadas à pessoa, não é?

00:01:04 Jovem 19

Sim, e ao grupo... Porque vivemos num grupo...

00:01:07 Investigadora

Então tu achas que as regras deveriam ser também discutidas?

00:01:10 Jovem 19

Sim.

00:01:11 Investigadora

E tu falaste naquela questão de que às vezes são pessoas que estão a mandar e que acabam por não cumprir se calhar a função que uma mãe teria em casa, não é?

00:01:20 Jovem 19

Exatamente.

00:01:21 Investigadora

E nós enquanto profissionais deveríamos ouvir-vos mais e falar mais com vocês?

00:01:26 Jovem 19

Exatamente! Quase como se fossem um amigo, não é? Alguém que se pode confiar, porque às vezes é essa a impressão que dá, que não podemos confiar nas pessoas com quem estamos a lidar no dia a dia.

00:01:36 Investigadora

Exatamente, sim. E qual é que tu achas que deveria ser o perfil então da pessoa, do profissional de uma casa de acolhimento?

00:01:44 Jovem 19

Tem que haver regras, essa pessoa tem que saber impor regras, mas ao mesmo tempo também tem que ter um lado flexível. Um lado em que se dê ao miúdo,

não é? Que mostre o seu lado mais carinhoso, por exemplo. Tem que haver um equilíbrio.

00:02:01 Investigadora

Ou seja, criar uma relação com o miúdo.

00:02:04 Jovem 19

Também, sim.

00:02:05 Investigadora

De forma a poder intervencionar.

00:02:07 Jovem 19

Sim.

00:02:09 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu comportamento? Ou seja, o que é que tu achas que na casa de acolhimento é um problema e uma necessidade para ti e que tu acabas por ver que vai mexer com o teu comportamento de uma forma mais negativa?

00:02:27 Jovem 19

O ambiente da casa. Nós às vezes somos obrigados a lidar com pessoas que se calhar não gostamos tanto ou que têm comportamentos diferentes e

personalidades diferentes e então agem de forma diferente às situações, não é? E às vezes não é muito fácil. Quando nós queremos um bocado de paz, no meu caso, eu não tenho paz. Às vezes o ambiente é péssimo e não é só entre crianças, entre funcionários também. Também é um ambiente péssimo que se eles (funcionários) estiverem mal entre eles passa tudo cá para nós.

00:02:59 Investigadora

Então tu achas que numa casa de acolhimento é difícil haver individualidade e espaço?

00:03:04 Jovem 19

Sim, muito difícil. É muito difícil.

00:03:06 Investigadora

E também achas que para que haja uma boa intervenção por parte dos profissionais eles têm que estar também bem com eles próprios e bem entre eles?

00:03:14 Jovem 19

Exatamente!

00:03:16 Investigadora

E falaste do mau ambiente. O mau ambiente, referes-te a quê? A bullying entre os miúdos, principalmente?

00:03:22 Jovem 19

Discussões, bullying, conflitos.

00:03:28 Investigadora

E que tu achas que não são intervencionados no devido tempo?

00:03:32 Jovem 19

Às vezes. E às vezes são comportamentos recorrentes e parece que nada é feito. E devia haver também um cuidado mais individualizado

. 00:04:05 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa de acolhimento? Ou seja, o que é que tu achas que é feito na casa de acolhimento ou que pelo menos deveria ser feito para que houvesse uma melhoria de comportamento?

00:04:26 Jovem 19

Eu acho que parte tudo de ter um atendimento personalizado, entre aspas, não é? Ter um acompanhamento personalizado. Se cada um tiver bem consigo próprio e for ouvido constantemente, ou conseguir lidar com os seus próprios problemas emocionais e psicológicos, não é? Eu acho que vai ajudar na melhoria do comportamento. Mas não pode ser um acompanhamento assim, de chachada, como se costuma dizer, não é? Ás vezes o psicólogo está cá para fazer joguinhos, às vezes não é bem assim.

00:05:02 Investigadora

Às vezes uma conversa resulta mais do que propriamente uma atividade que é feita só por ser feita.

00:05:09 Jovem 19

Só por ser feita, exatamente. Porque muitas vezes vão a psicólogos, mas vão por obrigação e não percebem a importância que isso tem.

00:05:16 Investigadora

Ou seja, tem que haver uma intencionalidade. As pessoas têm que fazer as coisas com um foco.

E ao nível da ocupação dos tempos livres, achas que é importante?

00:05:27 Jovem 19

Também acho que é muito importante, sim. Às vezes é preciso termos alguma coisa com que nos ocupar e algo fora da escola, não é? Que nos possamos divertir e descontrair um bocado, que isso também é importante. Porque estarmos aqui sempre fechados.

00:05:43 Investigadora

É mau?

00:05:44 Jovem 19

É muito mau, sim.

00:05:47 Investigadora

E ao nível das tarefas de autonomia, achas que é importante? Fazerem tarefas de autonomia?

00:05:51 Jovem 19

Sim, acho que é muito importante. Porque precisamos de ter tarefas também para sabermos que temos obrigações e que não é só receber também, tem que se fazer alguma coisa, não é? Isso também ajuda na melhoria do comportamento. E valorizarmos, talvez, e começarmos a dar valor às coisas.

00:06:11 Investigadora

Ao nível das consequências positivas e negativas, achas que resultam? Ou seja, quando têm um mau comportamento, têm um castigo... Quando fazem alguma coisa bem, alguma coisa positiva, também são recompensados por isso... Achas que isso é importante?

00:06:31 Jovem 19

Acho que é importante, mas os castigos e as recompensas têm que ser muito bem pensadas, não é? E às vezes não é isso que acontece aqui.

00:06:39 Investigadora

Em que aspeto, por exemplo? O que é que tu achas que corre mal nesse sentido?

00:06:44 Jovem 19

Às vezes o esforço não é muito bem valorizado. Claro que quando alguém faz alguma coisa de errado, deve-se chamar a atenção e se persistir o erro, castigar a sério, não é? Mas também quando há coisas boas, quando a pessoa faz coisas

boas, deve ser valorizada. Às vezes nem que seja com palavras, porque às vezes nem isso se faz. O que se diz, isso é a tua obrigação, não fizeste mais do que a tua obrigação e isso desincentiva.

00:07:14 Investigadora

Ou seja, achas que há um foco muito grande das casas de acolhimento para ver aquilo que está mal, para os castigos, para o mau comportamento, mas que depois, quando o miúdo acaba por ter um bom comportamento e fazer algo positivo, não é recompensado, não é valorizado...

00:07:26 Jovem 19

E acaba por não ter uma consequência positiva nesse aspeto.

00:07:31 Investigadora

O que é que tu achas sobre as casas de acolhimento terem um animal?

00:07:34 Jovem 19

Eu acho que os animais são terapêuticos e isso já foi provado e está provado. E seria muito bom também. Eu acho que é muito bom ter um animal e é uma pena não se poder ter cá em casa.

00:07:48 Investigadora

Tu achas que se calhar acabava por responsabilizá-los mais, não é? Por desenvolver mais a empatia e tinham aquela companhia do animal e o animal depois também é muito carinhoso, não é?

00:08:00 Jovem 19

Exatamente.

00:08:01 Investigadora

Acabavam por desenvolver outro tipo de competências e de valores, não sei.

00:08:05 Jovem 19

E de sentimentos...

00:08:08 Investigadora

E de sentimentos que até ao momento se calhar aqui na casa de acolhimento não conseguem desenvolver.

00:08:13 Jovem 19

Sim, sim.

00:08:15 Investigadora

E ao nível da sala de estudo, achas que é importante eles terem um acompanhamento escolar permanente todos os dias?

00:08:21 Jovem 19

Acho que sim, acho que é muito importante, mas também tem que ser organizado. E tem que ser uma coisa benéfica, não é? Quando eu falo que tem que ser organizado, ou seja, tem que haver tempo para tudo. Tem que haver tempo para estudar, mas também tem que haver tempo para descontrair. Não

pode ser só aquilo. Não pode ser só, ah, tens que fazer isto, tens que tirar boas notas, tens que fazer os trabalhos de casa todos, tens que estudar. Não é só isso. Também há outras coisas, não é?

00:08:48 Investigadora

Ou seja, eles não devem ter só foco na escola. Também têm que ter um foco nos tempos livres, em fazer atividades que gostam, em partir dos gostos e dos interesses que eles têm.

00:08:58 Jovem 19

Sim, senão depois gera frustração e talvez o mau comportamento.

Jovem 20 (rapariga), 15 anos

(Casa de Acolhimento “E”)

00:00:05 Investigadora

Porque razão tens mau comportamento? Motivos?

00:00:09 Jovem 20

Não tenho assim tão mau comportamento...

00:00:12 Investigadora

Sim, mas às vezes pode não ser assim tão adequado em algumas situações.

00:00:16 Jovem 20

Sim porque, sei lá, às vezes não dá vontade de cumprir as regras. Dá vontade um pouco de sair fora das regras. Então as pessoas acabam por se portar um pouquinho mal também.

00:00:26 Investigadora

Achas que as regras são um pouco rígidas às vezes?

00:00:31 Jovem 20

Muito!

00:00:32 Investigadora

E tu achas que as regras poderiam ser discutidas com vocês ou adaptadas?

00:00:49 Jovem 20

Isso assim eu não sei, mas tinha que ser uma que toda a gente concordasse e chegasse a uma conclusão...

00:01:00 Investigadora

Quais são os teus problemas e necessidades na casa de acolhimento que consideras que interferem no teu mau comportamento?

00:01:39 Jovem 20

Sabe, são muitas discussões. Muitas, entre aspas. Tem várias discussões. Isso acaba por ser um pouco problemático.

00:01:48 Investigadora

Discussões? Mas discussões entre quem?

00:01:51 Jovem 20

Entre as crianças, jovens, nós...

00:01:54 Investigadora

Tu achas que é o bullying e conflitos principalmente?

00:01:57 Jovem 20

Sim...

00:01:59 Investigadora

Achas que era importante haver uma gestão dos conflitos? Uma intervenção nos conflitos?

00:02:03 Jovem 20

Sim.

00:02:05 Investigadora

E achas que isso acaba por te prejudicar um pouco?

00:02:13 Jovem 20

A mim e às outras pessoas.

00:02:15 Investigadora

O que é que tu achas que o profissional deveria fazer nesses momentos?

00:02:20 Jovem 20

Devia interferir, ter uma conversa com a pessoa e se a pessoa continuar com a mesma coisa e ignorar a conversa que teve, aí devia de ser aplicado algum castigo.

00:02:35 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas consideras que ajudam na diminuição do teu mau comportamento e também na dos teus colegas na casa de acolhimento? Ou seja, o que é que tu sentes que os profissionais fazem no dia a dia com vocês que vos ajudam a melhorar o vosso comportamento?

00:02:57 Jovem 20

Sei lá, imagina... Se tiverem sempre tipo, a elogiar, digamos assim. Nós vamos continuar a fazer as coisas corretas.

00:03:17 Investigadora

Tu achas que falta reforço positivo?

00:03:19 Jovem 20

Sim! Porque se não fizerem isso a pessoa vai ficar meio que desmotivada, então... Nem vai dar vontade de continuar a fazer as coisas certas.

00:03:26 Investigadora

Tu achas que é importante o reforço positivo e as consequências positivas...
00:03:30 Jovem 20

Sim!

00:03:31 Investigadora

E achas que há um foco muito grande naquilo que vocês fazem de mal e nos castigos?

00:03:38 Jovem 20

Sim...

00:03:40 Investigadora

Então há um foco muito grande nas coisas negativas e as coisas positivas acabam por passar despercebidas...

00:03:46 Jovem 20

Exato.

Ignoram às vezes o esforço que a pessoa está a tentar fazer. Só veem o mal, a pessoa está a tentar fazer as coisas certas e parece que ignoram. Depois a pessoa faz alguma coisa de mal, por mínima que seja já caiem logo em cima e eu não acho isso muito bem.

00:04:07 Investigadora

Ok. E achas que devias ser recompensada por isso também?

00:04:11 Jovem 20

Sim! Pelas coisas boas que faço, por mínimas que sejam, porque estou a tentar pelo menos, e acho que as que não forem tão boas tem que haver algum castigo.

00:04:24 Investigadora

Exato. Ao nível da ocupação dos tempos livres, ou seja, das atividades, achas que é importante?

00:04:30 Jovem 20

Muito!

00:04:31 Investigadora

Muito importante?

00:04:33 Jovem 20

Porque assim, tipo, uma pessoa sempre a fazer a mesma rotina e tal, acaba também por ser cansativo e cair no tédio. Se uma pessoa tiver alguma atividade fora da escola, a pessoa vai que esquece também os problemas e assim, e acaba por ficar melhor. E às vezes nem é preciso psicóloga, nem nada disso.

00:04:55 Investigadora

Tu achas que às vezes vocês precisam de ocupar o vosso tempo com coisas que vocês gostam?

00:05:02 Jovem 20

A cabeça... Exato. Ou com coisas que ainda não experimentamos.

00:05:07 Investigadora

Ou seja, não é agradável estar sempre fechada na casa de acolhimento?

00:05:11 Jovem 20

Sim. Acaba por ser frustrante. Uma pessoa acaba por ficar maluca.

00:05:21 Investigadora

E achas que devia haver ocupação de tempos livres principalmente fora da casa de acolhimento, não é?

00:05:25 Jovem 20

Sim.

00:05:26 Investigadora

Até para vocês conhecerem outras coisas, não é?

00:05:28 Jovem 20 Exato.

Outras pessoas também!

00:05:31 Investigadora

Saírem do núcleo da casa de acolhimento e passarem a darem-se com pessoas que não são só da casa de acolhimento.

00:05:36 Jovem 20

Porque uma coisa que falam aqui é... Nós estamos a preparar-vos para uma vida lá fora. Mas nós nem temos contato com as outras pessoas às vezes. Mal temos contato com as outras pessoas. Só temos tipo na escola e quem pratica desportos acabam por ter um pouquinho mais só. Mas quem não pratica, não tem mais. Tipo, só tem com as pessoas da escola mesmo.

00:05:57 Investigadora

Então tu achas que isto é uma mini sociedade aqui dentro?

00:06:00 Jovem 20

Sim!

00:06:01 Investigadora

E vocês estão aqui fechados e acabam por não ter tanto contacto com o mundo lá fora!

00:06:04 Jovem 20

Com as pessoas lá fora, exato! E às vezes nem temos muita noção da vida lá fora. Porque aqui dentro é uma coisa e também já estamos acostumados às

mesmas pessoas e tal. Mas lá fora é totalmente diferente. Só que muita gente não tem noção disso.

00:06:22 Investigadora

Então achas que é importante prepararem-vos para a vida, mas colocarem-vos na vida também lá fora.

00:06:27 Jovem 20

Exato. Não só cá dentro.

00:06:32 Investigadora

O que é que tu achas das casas de acolhimento terem um animal? Achas que era interessante?

00:06:38 Jovem 20

Sim, muito. Era muito bom. Isso ia fazer também desviarem-se um pouco das tecnologias e tal. E darem mais atenção às outras coisas da vida real.

00:06:53 Investigadora

Passarem a conviver mais uns com os outros, não é?

00:06:57 Jovem 20

Mas eu tenho pena do animal...

00:06:59 Investigadora

Sim, mas pronto, a intervenção com o animal ia ser supervisionada pelo profissional, não é? Ia ser sempre tudo supervisionado. Então tu achas que era interessante?

00:07:09 Jovem 20

Sim! Eu sou a favor de que metam cá um animal.

00:07:13 Investigadora

E achas, por exemplo, a tua família para ti é muito importante?

00:07:17 Jovem 20

Sim...

00:07:18 Investigadora

Achas que também era importante, melhor dizendo, quando a tua família está do teu lado e te apoia e acaba por te ajudar na melhoria do teu comportamento, achas que isso é importante para ti?

00:07:30 Jovem 20

Sim!

00:07:31 Investigadora

Tu achas que é importante a tua família estar envolvida no teu processo?

00:07:34 Jovem 20

Claro! Porque se eles não o tiverem, vai ser menos pessoas a apoiarem, digamos assim. Aí eu vou achar que se eles não me apoiarem, porque como são as pessoas mais importantes para mim, eu acho que vou estar nisto sozinha, praticamente. E não vou ter ninguém para contar as coisas e assim e não vou ficar tão motivada. Porque se eles não estão envolvidos no processo, vai ser diferente.

00:08:02 Investigadora

Ou seja, acabas por precisar da aprovação da tua família porque a tua família para ti é importante. Não é só a casa de acolhimento...

00:08:10 Jovem 20

Claro! Até porque se eu estivesse lá fora, eles iam ter acesso a tudo.

00:08:21 Investigadora

E o que é que tu achas da sala de estudo? É importante a sala de estudo aqui?

00:08:26 Jovem 20

Sim, mas devia ter mais controlo. Porque eles fazem muito barulho e às vezes, como eu já estive lá, eu às vezes não conseguia nem ler um texto porque eu estava a ler um texto e aí, como as pessoas fazem muito barulho e tal, eu acabava por me distrair e chegava ao final do texto e não sabia o que estava a ler.

00:08:44 Investigadora

Ou seja, então, apesar de tu na sala de estudo poderes ter um acompanhamento individualizado do profissional que está lá para te ajudar nos trabalhos de casa, nos testes ou a estudar, tu sentes que deveria haver mais trabalho em equipa por parte dos profissionais, de forma a controlar melhor a sala de estudo?

00:09:00 Jovem 20

Sim, e controlar o barulho principalmente...

Anexo B - Transcrições das entrevistas gravadas em áudio aos Profissionais

(Transcrições desenvolvidas com o auxílio da plataforma online *Reshape*)

Profissional 1, (equipa técnica)

(Casa de Acolhimento “A”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:10 Profissional 1

É uma pergunta às vezes um bocadinho complexa, não é? Mas é assim, globalmente os jovens que apresentam comportamentos desviantes já vêm ou são, ou têm origem em famílias que também a elas de alguma forma têm aqui alguns desvios de comportamento.

00:00:30 Profissional 1

A nossa experiência, ou pelo menos a minha experiência, vai-me dizendo que os jovens que apresentam maiores desvios no comportamento são oriundos de famílias tendencialmente maltratantes, e quando eu digo maltratantes também digo negligentes, que nunca supervisionaram o comportamento destes miúdos, que nunca lhes estabeleceram regras, que nunca lhes estabeleceram limites.

00:00:56 Profissional 1

Portanto, às vezes há aqui na perceção deles a ideia de que eles podem fazer tudo, embora saibam o que é que é certo e o que é que é o errado, mas eles na

ideia deles, tudo sempre lhes foi permitido e portanto, embora eles saibam que estão a prejudicar alguém, na primeira instância eles estão a satisfazer uma necessidade deles, uma vontade deles e portanto vão fazê-lo mesmo sabendo que estão a fazer de forma errada, não é?

00:01:27 Investigadora

Ou a prejudicar alguém...

00:01:27 Profissional 1

Ou a prejudicar alguém, por exemplo, aqui há uns anos nós tivemos um grupo de jovens que ia sempre furtar coisas a uma mercearia aqui da zona, eles sabiam que estavam a furtar a uma mercearia pequena, a um negócio pequeno, com uma senhora já de certa idade, e eles sabiam que estavam a prejudicar a senhora, mas eles queriam as coisas e, portanto, a vontade de ter as coisas era mais alta, não é?

00:01:55 Profissional 1

O valor para eles era muito mais alto do que estar a prejudicar a senhora e o seu pequeno negócio e, portanto, faziam e quando nós vamos olhar para aquilo que foi o percurso de vida destes jovens, a educação que eles tiveram, muitas vezes o que encontramos é isto, é ausência de limites, ausência de regras, pais que permitem tudo, pais que nunca supervisionaram, pronto.

00:02:18 Investigadora

Nunca lhes deram educação...

00:02:20 Profissional 1

Sim, basicamente aquilo que a investigação nos diz acaba por bater certo. Claro que depois também temos situações muito excecionais de jovens que têm comportamentos desviantes e cujas famílias nunca tiveram este tipo de negligência ou de maus-tratos, mas aí já estamos a falar de jovens com problemas ao nível da saúde mental, jovens que também já apresentam aqui alguns indicadores de...

00:02:45 Investigadora

Problemas genéticos se calhar, não sei.

00:02:48 Profissional 1

Alguns já começam a manifestar, por exemplo, aqui alguns indicadores de perturbações de personalidade.

00:02:56 Investigadora

Psicopatia se calhar.

00:02:57 Profissional 1

Psicopatia, uma enorme falta de empatia com os outros.

00:03:04 Profissional 1

Só para dar o exemplo, nós aqui até muito recentemente tivemos um jovem que esteve connosco acolhido durante 4 anos. Eu nunca tinha estado com alguém com tanta falta de empatia com os outros como ele. Primeiro estava ele, depois ele, depois ele. E se sobrasse tempo ou se sobrasse alguma coisa, então estavam os outros. Ele estava muito focado nas necessidades deles, nele

próprio. Se precisava de dinheiro, ele arranjava dinheiro de qualquer maneira. Quando era confrontado com... Está comprovado que foste tu que furtaste.

Porque ele mentia, ele mentia até ao fim.

00:03:49 Investigadora

E acreditava-se na própria mentira...

00:03:50 Profissional 1

Acreditava piamente na própria mentira e mesmo quando nós lhe dizíamos pronto, está aqui, sabemos que foste tu que furtaste. Ele dizia, eu precisava, não houve problema, não prejudiquei ninguém, era para mim. Portanto, aquilo que nós percebemos globalmente é muito isto. Ou temos jovens que foram aprendendo com as famílias que os comportamentos desviantes não são puníveis, não causam mossa a ninguém. Depois mercearia

00:04:33 Investigadora

Ou às vezes nem são...

00:04:35 Profissional 1

Não são! Ou há aqui às vezes também, da parte dos serviços de saúde mental, um grande, pronto, um certo incómodo. Não é incómodo, mas tem um certo prurido em diagnosticar para não rotular.

00:04:49 Investigadora

Porque são muito novos.

00:04:51 Profissional 1

Porque são muito novos, porque dá aqui potencial de desenvolvimento e de mudança e de crescimento. Mas o que é certo é que nós temos mesmo jovens aqui com problemas muito sérios de saúde mental. Jovens com questões já de perturbações ligadas ao trauma. Jovens com perturbações de personalidade. Não se pode falar de perturbação de personalidade só a partir dos 18 anos. Mas já aqui indicador, quando nós temos às vezes, raramente temos, mas o diagnóstico de perturbação de comportamento. Nenhum médico nos diz que isto pode ser um indicador de uma perturbação de personalidade antissocial.

00:05:26 Investigadora

Costumam ser diagnosticadas a perturbação de comportamento, a posição de desafio...

00:05:33 Profissional 1

Exatamente, as duas, não é? Mas aquilo que a investigação nos diz é que muitas vezes, jovens com esse tipo de diagnóstico acabam por evoluir para uma perturbação de personalidade antissocial. Mas andamos ali com medicação, isto e aquilo, pronto. Ou seja, é muito complicado, mas há aqui realmente este conjunto muito diversificado de fatores.

00:05:58 Investigadora

Então, são fatores ambientais e genéticos.

00:06:01 Profissional 1

Eu penso que sim.

Mas aquilo que terá mais peso talvez os fatores ambientais, não sei. Na minha perspetiva, a maioria dos jovens que nós temos aqui com comportamentos desviantes, decorrem precisamente de fatores ambientais. Eu acho que ainda é, não digo que seja uma minoria, mas as questões de saúde mental, ou porque ainda não estão tão visíveis, ou porque ainda há aqui um certo preconceito em atribuir diagnósticos. Os fatores genéticos ainda não estão aqui, se calhar, devidamente valorizados como deviam.

Portanto, aponto mais para fatores ambientais, sim.

00:06:41 Investigadora

Quais são as maiores dificuldades sentidas por si ao trabalhar com estes jovens?

Problemas, necessidades? Que emoções e sentimentos sente?

00:06:53 Profissional 1

A maior dificuldade é realmente não percebemos muito bem que intervenção desenvolver com o jovem. Porque eles muitas vezes já nos chegam, eles cada vez chegam mais tarde ao acolhimento. Se antigamente, há coisa de 10 anos, os jovens eram acolhidos muito cedo, se calhar até cedo demais, neste momento, aquilo que nós vamos sentindo é que os jovens já chegam cá com comportamentos muito cristalizados, atitudes muito cristalizadas.

00:07:22 Profissional 1

Eu quando digo mais velhos, é no sentido, nós temos recebido muitos jovens a partir dos 15, já a fazer os 16 anos, ou seja, já há aqui um percurso muito longo, de comportamentos desviantes, de comportamentos antissociais, que quando fazemos a avaliação ou procuramos perceber a história de vida deles, percebemos que estes comportamentos já começaram na escola primária, ou no início da adolescência, portanto, depois dos 12 até aos 15, 16 anos, são 3, 4 anos em que eles mantêm este tipo de condutas, e quando eles chegam,

sentimos que nos estão a pedir milagres, que agora vem para o acolhimento e é suposto o acolhimento fazer milagres.

00:08:06 Profissional 1

E é uma grande frustração, da minha parte e por parte da equipa, por onde é que nós vamos começar? Como é que vamos pegar?

00:08:14 Profissional 1

Pronto, e há sempre uma grande aposta na relação, tentamos realmente estabelecer uma relação segura, de confiança com estes jovens, o que nem sempre é fácil, porque eles tendencialmente são desconfiados, tendencialmente não confiam no adulto, muito menos no adulto que representa o sistema de promoção e proteção, que é um sistema que contraria aquilo que são as vontades deles, uma figura de autoridade, que muitos deles nunca tiveram, e, portanto, às vezes essa própria relação que deveria ser o ponto de partida para a intervenção, é uma relação que demora muito a construir.

00:08:57 Profissional 1

E depois também sentimos que temos um jovem com comportamentos desviantes, já muito consolidados, que já fazem parte até do estilo de vida deles... Eles quase que assumem que os comportamentos são aquilo que eles são, não é? Eles muitas vezes dizem, os jovens com comportamentos desviantes muitas vezes dizem eu sempre fui assim, não é agora que vou mudar. Portanto, depois esbarramos lá está, com esta resistência à mudança por parte deles, porque estes comportamentos fazem parte da identidade. Se nós tentarmos tirar estes comportamentos, quem é que eles passam a ser?

00:09:52 Investigadora

Criminosos, muitas das vezes.

00:09:54 Profissional 1

Mas isso já faz parte da identidade deles, eles não conseguem olhar para eles próprios de outra forma, mesmo que eles tenham o rótulo de criminosos ou delinquentes, é o único rótulo que eles tiveram na vida deles. Então, há alguém que me diz que eu já não vou ser assim, que eu posso ser diferente, então quem é que eu vou ser? Porque eles nunca tiveram esta alternativa, ninguém lhes deu um feedback alternativo. E, portanto, há aqui muito esta resistência da parte deles na mudança.

00:10:23 Profissional 1

E então é que é um processo muito, muito complicado e muitas vezes nós perdemos o norte, porque por um lado temos a pressão das entidades da CPCJ e da EMAT, que eles têm que mudar, e eles não mudam, porque isto é uma questão também, muitas vezes, da identidade deles. Lá está, temos a pressão da parte deles, porque eles têm que mudar, mas eles não querem mudar.

00:10:51 Profissional 1

Mudar para quê? Porque eles até tiram benefício dos comportamentos desviantes, eles conseguem aquilo que querem e nós não sabemos muitas vezes como intervir, o que fazer da parte, lá está, também dos serviços de saúde mental, quando nos vem um diagnóstico de perturbação de comportamento ou perturbação da posição e desafio.

00:11:15 Profissional 1

Ok, temos o diagnóstico, então como é que agora vamos trabalhar? Porque depois também não há estas pistas, nós nunca tivemos um pedopsiquiatra que nos dissesse assim, vocês deviam atuar com ele desta ou daquela maneira.

00:11:33 Investigadora

Porque se calhar também nem ele sabe, não é?

00:11:36 Profissional 1

Não, não, não. Portanto, acabamos por estar aqui um bocadinho com estes jovens numa terra de ninguém, sem saber muito bem o que fazer, por onde ir, o que é que é melhor, vamos tentando muitas vezes, tentativa e erro.

00:11:53 Investigadora

Sim, mas então também é muito importante formar a equipa, não é? Equipas qualificadas, tanto na equipa educativa, que está mais com os jovens e que muitas das vezes não têm formação.

É importante se calhar as instituições darem alguma formação aos trabalhadores, não sei.

00:12:14 Profissional 1

Sim, completamente, e acho que estas formações deviam ser repetidas até anualmente ou de dois em dois anos, porquê? Porque estes tipos de situações causam-nos frustração, ao fim de meio ano, um ano, estamos a trabalhar com um jovem. Mas eu até, que eu sinto isto e há colegas que sentem mais depressa do que eu, estamos com um jovem com comportamentos desviantes, que repete esse padrão de comportamento e faz e continua a fazer e andamos nisto, isto gera-nos frustração, gera-nos desgaste.

00:12:49 Profissional 1

E este desgaste, esta frustração leva-nos muitas vezes também a ter comportamentos lá está, que se calhar não são os mais educativos, porque já começamos a olhar para aquele jovem, efetivamente, como um delinquente, como um criminoso, já não há nada a fazer, já tentamos tudo. Começamos a entrar aqui numa espiral muito negativa de eu vou desistir dele, nunca ninguém verbaliza isto, mas eu acho que internamente todos nós já pensamos isto.

00:13:17 Investigadora

Às vezes podemos verbalizar, mas é àquela pessoa em quem temos mais confiança.

00:13:20 Profissional 1

Exatamente.

00:13:22 Investigadora

Ou que sentimos que nos vai compreender, não é?

00:13:24 Profissional 1

Exatamente, porque nós não podemos dizer que vamos desistir de um jovem.

00:13:28 Investigadora

Claro que não.

00:13:30 Profissional 1

Mas este tipo de pensamento é automático, passa-nos a todos pela cabeça e se o jovem vai mantendo um padrão negativo, um padrão desviante, um padrão desafiante, um padrão oposicionista, ao fim de algum tempo nós estamos desgastados e, portanto, se a equipa não estiver preparada, se lá está, se não houver momentos de formação, até momentos de supervisão, momentos em que a equipa pode falar sobre estas dificuldades e pode ter alguém assim, mas vocês tentem isto ou tentem aquilo, ou façam desta maneira, ou seja, as equipas precisam de alguém que dê esperança e a formação pode dar esperança, a supervisão pode dar esperança.

00:14:15 Profissional 1

Claro que a supervisão e a formação têm aqui funções diferentes, mas eu acho que equipas com mais conhecimento, à partida também se sentem mais preparadas para lidar.

00:14:26 Investigadora

Mais confiantes também.

00:14:27 Profissional 1

E mais confiantes para trabalhar com este tipo de jovens, para lidar com os desafios deles. A formação e a supervisão seriam sim essenciais para as equipas, lá está, terem esperança de que é um trabalho que vale a pena continuar a fazer, mesmo que os resultados sejam às vezes nulos.

00:14:48 Investigadora

Sim, até porque às vezes a nossa atitude acaba por fazer com que aconteçam profecias que se autorrealizam, não é? Se nós já temos aquela ideia que o jovem

não vai dar nada na escola, por exemplo, nós acabamos por não estimular a nível escolar, por exemplo, e isto da escola é são um exemplo há outros, não é?

00:15:07 Profissional 1

É isso, lá estão muitas vezes as equipas porque não têm conhecimento, porque não têm ninguém a acompanhar, porque nem sempre é fácil às vezes haver momentos para reuniões de equipa, não é? Porque a casa está aberta 24 horas, os jovens têm horários diferentes, têm as rotinas deles, ou seja, são muito escassos os momentos em que uma equipa até pode sentar-se e conversar sobre o caso. E, portanto, seria mesmo muito importante que houvesse mais oportunidades de formação e de supervisão também para as nossas equipas.

00:15:47 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes destes jovens?

00:15:56 Profissional 1

Olha, lá está. O ponto de partida, como eu dizia, é mesmo a relação, pronto. Mas cada pessoa, dentro de uma casa de acolhimento, cada profissional tem formas diferentes de estabelecer relação, também depende do perfil de cada um. Da personalidade... E, claro, isto pode fazer com que, não é que eu ache que isto seja negativo, mas os jovens acabam por perceber, não é? Eles são muito rápidos a fazer essa avaliação. Facilmente percebem com quem é que podem estabelecer uma relação que lhes interessa mais ou que lhes interessa menos. Eu acho que a relação é sempre o ponto de partida. Mas ainda a respeito também das características de cada profissional, nós servimos de modelos a estes jovens. E eu acho que nem todos os profissionais estão muito conscientes disto. Eu, quando digo isto, é porque, por exemplo, eu já tive colegas que falam abertamente com os jovens sobre as suas experiências na adolescência. Estava a dar o meu exemplo, porque eu também bebia na adolescência, porque eu

também fumava, fumava os meus charros, mas eu mudei. E olha onde é que eu estou, eu agora até sou educador, não é? Eu questiono se isso é uma boa estratégia.

Porque eu acho que isto dá a ideia aos jovens de que é permitido e até é normativo.

00:17:53 Profissional 1

Se eu tenho aqui um educador que já o fez e resultou tudo bem na vida dele, então eu posso me deixar estar, porque se calhar também as coisas vão resultar na minha vida. Porquê que eu tenho que mudar? Porquê que a doutora me está a dizer que eu tenho que mudar? Se depois eu até tenho um educador que fez a mesma coisa e ele não precisou de doutora nenhuma

00:18:20 Profissional 1

Eu estou a falar naquilo que não resulta, mas acho que nós somos efetivamente modelos e embora nós não tenhamos que ter ali um comportamento rígido com estes jovens, por coisas que não devem ser ditas, há comportamentos que não devem ser tomados à frente dos jovens. Claro que eu digo sempre aos jovens que nós adultos não somos santos nenhuns, também cometemos os nossos erros, mas eu não exponho os meus erros à frente dos jovens.

00:18:54 Profissional 1

Eu tento expor sempre, olha, eu também me esforcei para ir para a faculdade, eu também tive que estudar muito para concretizar os meus objetivos, eu também tive que juntar dinheiro para comprar o meu carro, ou seja, eu acho que dar exemplos pela positiva, não dar aquela ideia que na vida tudo é possível, tudo se conquista de forma imediata.

00:19:19 Investigadora

Trabalhar com os valores, guias orientadores de pensamento e de comportamento. Mas a equipa tem que estar formada para esses valores, porque se houver um elemento que não vai ao encontro destes valores, acaba por desestabilizar completamente o trabalho educativo.

00:19:41 Profissional 1

É isso, é muito isso. Portanto, lá está, é o que eu estava a dizer, a pergunta é feita na positiva e eu estou a responder na negativa, mas é para explicar isso mesmo, que tem de ser feito um trabalho de formação de valores ou de reconstrução dos valores.

00:19:58 Investigadora

De gestão de emoções também.

00:20:00 Profissional 1

Também de gestão de emoções, lá está. E isto, para mim, se calhar é a parte mais difícil, é quando o adulto também percebe que tem de gerir as emoções numa situação complicada e nem toda a gente consegue.

00:20:14 Profissional 1

Nem toda a gente consegue. Aliás, até há colegas que entendem que isso nem é importante, se tiverem de explodir com os jovens, explodem...

00:20:24 Investigadora

Mas não pode ser até porque estão a dar o exemplo de que explodir é uma forma de agir socialmente correta no dia a dia, não é?

00:20:34 Profissional 1

Exatamente, pronto. E lá está, nem todos os colegas, nem todos os profissionais que trabalham na casa têm e partilham exatamente esta forma de pensamento. Que é como eu digo, nós não temos que pensar todos da mesma maneira, não é? E haver às vezes aqui divergências também nos leva a pensar.

00:20:52 Profissional 1

Mas naquilo que diz respeito a padrões de comportamento, eu acho que nós devemos ser muito mais rigorosos do que aquilo que somos. Não os profissionais, sejam técnicos, educadores, profissionais da equipa educativa, ou até os profissionais da equipa de apoio, as senhoras da limpeza, as senhoras da cozinha. Porque nós realmente servimos de exemplo. E quando estes jovens encontram em nós modelos até um bocadinho semelhantes com eles, é aí que eles se vão agarrar. Porque, então este educador fez coisas que validam o meu comportamento.

00:21:31 Investigadora

E acabam às vezes até por gostar mais desses educadores.

00:21:35 Profissional 1

Sempre, sempre. Gostam mais, sim.

00:21:38 Investigadora

E o outro educador que às vezes até pode gostar mais do miúdo do que o outro, porque se esforça, porque é rigoroso com ele, autoritário, não é? Autoritário não no sentido de ser mau, mas de agir com alguma autoridade, também para ele

aprender a ter normas, regras, rotinas, educação, não é? Acaba por ser considerado o mau da fita e até mesmo às vezes posto de lado.

00:21:57 Profissional 1

Completamente, completamente. Não é ouvido, o jovem não quer saber dele... Sim, é o que eu digo. Isto é uma reflexão e uma discussão que eu acho que se deve ter nas casas de acolhimento. Pelo menos aqui na nossa isso não é muito falado.

00:22:19 Investigadora

Em nenhuma. Não é só nesta.

00:22:21 Profissional 1

Falo aqui, eu também vou conversando com os colegas das outras casas, vou sentindo um bocadinho isto, pronto. Mas para não me estar a falar em nome de ninguém, falo na nossa.

Mas isto acaba muito por acontecer e lá está. E é muito isto. O educador que de certa forma, através dos seus exemplos, acaba por validar o comportamento do jovem, é o educador que mais depressa estabelece relação com esses jovens. É o educador que passa a ser o educador de referência desses jovens. Mas é o educador que também menos dá a esses jovens. Menos nesse sentido. Menos do exemplo, menos da supervisão, menos do compromisso, lá está com a mudança.

00:23:10 Investigadora

E isso não ajuda o jovem em nada. Até porque aquilo que eles gostam, os interesses deles, nem sempre vão ao encontro das necessidades deles.

00:23:18 Profissional 1

Completamente. E há muito depois aqui, lá está isto. Ah, são jovens, precisam explorar, mas são jovens que vieram aqui parar porque estão numa situação de perigo. Portanto, nós não podemos dizer, são jovens como os outros que estão lá fora. Não, eles estão numa situação de perigo. Tudo bem, são jovens na mesma, é difícil às vezes valorizar o que é que é um comportamento desenvolvimental e o que não é um comportamento desenvolvimental, mas para mim, um jovem que está numa casa de acolhimento e que começa a fumar haxixe, isto para mim já é um sinal de alarme.

00:23:57 Investigadora

Claro que sim, e devemos estar atentos, até porque pode escalar para outras coisas ainda piores.

00:24:02 Profissional 1

Exatamente, porque ele já tem uma trajetória de vida em que houve e há múltiplos fatores de risco. Então este vai acrescentar mais um. Claro que um jovem lá fora de uma escola, eles muitas vezes dizem, mas eu tenho colegas lá fora que não estão sinalizados, não estão em acolhimento, fumam um charro de vez em quando. Isto para mim já é preocupante. Mas no caso deles ainda se torna muito mais preocupante porque eles já têm outros fatores de risco a associar.

00:24:34 Investigadora

Exatamente.

00:24:36 Profissional 1

É o que eu digo, lá está, trabalhar em equipa, o trabalho muitas vezes com estes jovens tem de primeiro passar por um trabalho muito profundo com as equipas.

00:24:52 Profissional 1

Agora, em termos de estratégias, o que é que nós fazemos muitas vezes aqui? Também na minha perspetiva nem sempre resulta, mas por vezes aplicamos o programa Eu e os Outros, que é um programa universal de desenvolvimento de competências pessoais e sociais, que eles são desafiados a refletir sobre situações do dia a dia deles, situações das personagens que eles vão refletindo. Mas também temos jovens que não têm capacidade de insight, não têm capacidade crítica, que se distanciam muito também desse tipo de trabalho. Mas é um programa que nós costumamos usar com estes jovens. Mas lá está, é um programa universal, não é específico para jovens com comportamentos antissociais.

Atualmente vem cá também uma... Não sei se vocês conhecem o projeto Viver (nome fictício).

00:25:58 Investigadora

Não, não conheço.

00:26:00 Profissional 1

Tem um projeto muito ligado também ao desenvolvimento de competências psicossociais, promoção da autoestima, muito através das artes. Portanto, eles estão em contacto com a fotografia, aprendem a tirar fotografia, aquilo que para eles é mais significativo. Aprendem a colocar música numa mesa de som e misturar som. Portanto, tentamos lhes proporcionar, lá está, através desse projeto, outras experiências que lhes permitam perceber de forma alternativa, que eles podem fazer uma coisa diferente, que podem lá está conquistar uma identidade diferente.

00:26:44 Profissional 1

Incentivamo-los muito a ter atividades extracurriculares, a questão do desporto. A ocupação dos tempos livres. Embora lá está, os jovens com comportamentos desviantes tendem a resistir muito a isso. Porque no fundo eles sentem que não pertencem ao sistema e depois também já fazem questão de vincar que não pertencem. Portanto, o que é clubes de futebol ou desporto escolar, eles não querem estar.

00:27:14 Investigadora

E a nível de passeios, eles aceitam?

00:27:16 Profissional 1

Ah, os passeios aceitam. Mas porque eles veem aí nos passeios formas de escapar para depois fazer as coisas deles. Para fumar. Ou para sair da casa de acolhimento.

Mas nesse tipo de atividades eles estão mais recetivos. Tudo que tem muita estrutura, eles tendem a resistir.

00:27:39 Profissional 1

E depois também há as estratégias básicas, é um encaminhamento para a psicologia, um encaminhamento para a pedopsiquiatria. Mas honestamente acho que isso acaba por ter resultados muito escassos.

00:27:50 Investigadora

E eles aceitam trabalhar a autonomia?

00:27:53 Profissional 1

Sim.

00:27:55 Investigadora

Gera bons resultados trabalhar à autonomia?

00:27:58 Profissional 1

Essa parte sim. Essa parte sim, curiosamente sim. Eles gostam. Gostam de fazer isso. A parte, por exemplo, das limpezas. Já não acham assim muita piada de organizar o quarto. Mas começam a fazê-lo e neste momento na nossa casa de acolhimento temos mesmo este projeto.

00:28:20 Investigadora

Tem uma tabela com os dias para organizar.

00:28:24 Profissional 1

Sim, claro que sim.

Facilmente eles esquecem. Temos uma tabela. Eles ao fim e ao cabo, nós também temos uma tabela que é comportamental, mas foi a única forma que nós também tivemos de os ir reforçando pelos comportamentos adequados que eles vão mostrando.

00:28:41 Investigadora

Consequências positivas também, não só negativas.

00:28:44 Profissional 1

Sim, sim.

Embora lá está, é muito através de faz a cama, recebes 10 cêntimos. Ou seja, é através do dinheiro, não é? Que nós chamamos de dinheiro do bolso. Eu às vezes tenho um bocadinho de dúvidas relativamente à atribuição dessas consequências monetárias.

00:29:07 Investigadora

E já trabalharam com dinheiro fictício?

00:29:10 Profissional 1

Não, não, não, não. Houve uma imposição da parte da segurança social de que os jovens tinham que ter direito a dinheiro. Tinham que de alguma forma aceder a dinheiro.

00:00:34 Investigadora

Mas eles não têm semanada? Na casa de acolhimento onde eu trabalho as crianças e jovens têm uma determinada quantia de dinheiro estipulada por semana, consoante a idade.

00:00:40 Profissional 1 Lá está. Eles têm uma semanada que é atribuída mediante a avaliação que nós fazemos da conduta deles.

00:00:48 Investigadora

Ah, ok. Não está garantido então aquele dinheiro?

00:00:50 Profissional 1

Não está garantido. Portanto, quando falamos em reforço positivo, uma componente do reforço positivo é a avaliação semanal, a tal semanada, que é atribuída com semanada. A avaliação que nós fazemos dos comportamentos deles nessa semana. Nós temos uma tabela que inclui as tarefas domésticas, a agenda pessoal, as atitudes e a relação com os outros, o investimento na escola. Portanto, todos os dias, os educadores que estão com eles verificam se eles cumpriram ou não cumpriram um determinado comportamento.

00:01:32 Investigadora

E é mesmo todos os dias?

00:01:34 Profissional 1

Sim.

00:01:34 Investigadora

Então vocês tiram mesmo esse tempo para fazer essa reflexão?

00:01:38 Profissional 1

Sim. E todos os dias e todos os educadores durante o dia têm que o fazer. Vamos imaginar. O jovem acorda de manhã e não tem tempo para fazer a cama. O educador de amanhã coloca lá um zero, que não significa uma avaliação negativa, significa apenas que o jovem por qualquer motivo não fez a cama. Mas à tarde ele chega e fez a cama. Então o colega da tarde, o educador da tarde, coloca lá visto. Ele fez a cama. Como ele fez a cama, isso depois é revertido num determinado valor monetário. E isto é feito todos os dias da semana. Não sei se me estou a fazer compreender...

00:02:24 Investigadora

Sim, sim, está.

00:02:24 Profissional 1

E no final da semana é feita a contabilização de todos esses comportamentos que valem uma determinada quantia em dinheiro, soma-se tudo e reflete num determinado valor que ele recebe nessa semana.

00:02:40 Investigadora

Certo. E essa reflexão é individual ou grupal? Porque o miúdo depois também é chamado para tentar compreender o comportamento dele...

00:02:49 Profissional 1

Exatamente, sim é.

00:02:51 Investigadora

Ou, por exemplo, o educador faz a sua própria reflexão individual e depois passa aos superiores hierárquicos. Não sei como é que funciona.

00:02:58 Profissional 1

Nós aqui funcionámos por unidades residenciais. Portanto, são uma espécie de apartamentos e cada apartamento tem uma equipa técnico-educativa associada. Portanto, eu sou técnica de um apartamento e juntamente comigo trabalham 3 educadores. O da manhã, o da tarde e o da noite.

00:03:22 Investigadora

Certo.

00:03:24 Profissional 1

Os educadores fazem a avaliação do jovem todos os dias, no respetivo turno e depois eu, no final da semana, vou analisar. Muitas vezes eu até vou fazendo isso a meio da semana para ver como é que as coisas estão. Mas eles também me dizem quando as coisas não estão a correr bem.

00:03:43 Investigadora

Quando é algo mais grave, não é?

00:03:45 Profissional 1

Quando é algo mais grave. Ou me dizem assim doutora, olha, esta semana o Mário (nome fictício) tem tido o quarto muito desarrumado. Vamos ter que insistir com ele. Vamos ter que ter uma medida mais dura, mais rigorosa. Mário, esta semana o quarto está em pantanas. Vamos lá arrumar isto, chamar a atenção sobre o quarto. Ou seja, nós vamos comunicando muito todos os dias, durante o dia, a qualquer momento. De vez em quando eu vou à tabela, vou ver como é que está a situação do Mário e também reforço isso. Mário, o que é que se passa? Esta semana não estás a tomar banho? Porquê? Nem parece teu, não é? Portanto, vamos lá retomar a rotina de tomar banho. Claro, estou a dar um exemplo.

00:04:34 Profissional 1

Depois, normalmente na semana seguinte, reúno individualmente com cada jovem e digo, como é que achas que correu a semana anterior? Tens aqui alguns zeros? O que é que aconteceu? Em que é que tu achas que podes melhorar? Pronto, é feito sempre essa reflexão com eles.

00:04:52 Investigadora

Sim. E vocês já utilizaram animais como forma de intervenção ou ainda não?

00:04:58 Profissional 1

Aqui na casa não é permitido. Houve um jovem aqui há alguns anos que lhe foi permitido comprar um cagado. Porque era um animal pequeno e porque era um jovem lá está a nível de saúde mental com muitas fragilidades e achou-se que através do animal pudesse aqui, mas... Coitadinho, o animal morreu depressa demais. Depois o jovem também, lá está. A questão do compromisso, da responsabilidade para com o outro. Ao início o jovem estava muito entusiasmado, mas depois... Perdeu o interesse no animal.

00:05:53 Profissional 1

Foi muito interessante ao início, mas depois... E, isto é outra característica deles, é empolgarem-se muito, mas depois... Quando começa a dar trabalho, quando começa a ser...

00:06:04 Investigadora

Pois porque têm que limpar o animal, tem que lhe dar comida, água, não é?

00:06:07 Profissional 1

Sim. Quando começa a interferir naquilo que são as rotinas deles, as rotinas internas deles, muitas vezes eles começam a desinvestir das atividades, sim. Pronto, mas depois lá está. A casa em si ou a direção não permite, não permite que eles tenham animais de estimação.

00:06:34 Profissional 1

Era um bocadinho isto, mas aquilo que nós globalmente vamos sentindo com estes jovens em concreto, com estes que têm comportamentos delinquentes, é que realmente pode-se fazer muito, mas isto é uma perceção, não é?

Pode-se fazer muito, mas os resultados são muito poucos. Mas no nosso caso sentimos também muito isto, porque eles também já vêm tarde.

00:06:58 Investigadora

Certo. Já têm ali uma personalidade quase construída...

00:07:02 Profissional 1

Sim, e depois sabemos, se eles vêm aos 16 e no máximo estarão cá até aos 18 anos

00:07:09 Investigadora

Sim, porque eles também não querem continuar a estudar, não querem ir para a faculdade, nem nada.

00:07:13 Profissional 1

Não, não. E portanto, o tempo da nossa intervenção também é relativamente curto e portanto, pronto, são muitos, esses fatores podem parecer, dois anos é muito para trabalhar, um ano é muito para trabalhar, não é? Não é... Porque só a construção da relação com estes jovens pode-nos demorar muito tempo.

00:00:04 Investigadora

E em relação à intervenção com as famílias. Vocês costumam utilizar? Resulta?

00:00:04 Profissional 1

Portanto, a intervenção com as famílias, por exemplo, no nosso caso, é sempre feita, ou pelo menos é tentada. Muitas vezes recorremos à ajuda dos CAFAPs, quando sentimos que é necessário se calhar alguém mais orientado. Mas normalmente vamos nós também próprios trabalhando com as famílias. E passa muito lá está, por esta sensibilização, por esta tomada de consciência do comportamento dos filhos. E quando conseguimos, e os pais se começam a envolver, percebemos que a mudança dos filhos acontece. Quando são os pais finalmente a pontuar o comportamento deles, quando são os pais a chamá-los à atenção, eles muito mais depressa tendem a mudar os comportamentos. Embora inicialmente também reagem, não é? Então nunca me chamaste a atenção e agora estás a reagir? Eles às vezes até dizem, ai é a doutora que te está a mudar a cabeça, não é?

00:01:06 Profissional 1

Mas nós notamos que quando os pais depois são consistentes, começam a ser consistentes, aí sim, aí há mudança. Mas são poucas as famílias, lá está, que estão disponíveis também para estar recetivas ao trabalho de intervenção, para mudarem também a sua dinâmica familiar, a forma como pensam. Mas quando acontece, é o que nós costumamos dizer, o que é que é um processo bem-sucedido no acolhimento? É quando efetivamente a família muda e ajudar o jovem a mudar. Aí sim, aí há resultados muito positivos.

00:01:50 Investigadora

E na escola, intervenção em rede com a escola, por exemplo, existe algum elemento na escola que fale com a casa de acolhimento sobre o comportamento do jovem, sobre o seu rendimento escolar, isso funciona, não existe?

00:02:02 Profissional 1

Sim, normalmente, no nosso caso, são muitos os diretores de turma. Embora as escolas tenham agora equipa de psicologia e de serviço social, a nossa articulação é muito maior com os diretores de turma. E aí também, depois depende de professor para professor, há professores que realmente são sensíveis à situação do jovem, há professores que compreendem, assim, ok, ele tem este comportamento, mas é fruto de uma história de vida, e portanto, são um bocadinho, eu não gosto muito da palavra tolerantes, mas acabam por não reagir de uma forma muito negativa aos comportamentos do jovem. Por exemplo, ano passado, nós tínhamos um jovem que estava constantemente a fazer desenhos na sala de aula.

00:02:56 Investigadora

O professor era passivo...

00:02:58 Profissional 1

E o professor, a diretora de turma, que era a professora de matemática, ela decidiu assim, pronto, pelo menos estás aqui na escola, e eu vou respeitar aquilo que estás a fazer, na esperança de que depois o jovem também gradualmente fosse mudando. Entretanto ele fugiu, está fugido há mais de meio ano.

00:03:27 Investigadora

Ele fugiu?

00:03:28 Profissional 1

Ele fugiu. Nós sabemos onde é que ele está, ele está em casa. Mas não há da parte do tribunal os procedimentos que nós achávamos que seriam necessários.

00:03:39 Investigadora

Mas ele pelo menos vai à escola ou não?

00:03:41 Profissional 1

Não, não, não.

00:03:42 Investigadora

Nem à escola vai?

00:03:43 Profissional 1

Não, porque ele é de Vila do Conde (localidade fictícia) e a escola dele é aqui.

00:03:47 Investigadora

Pois e ainda fica longe...

00:03:49 Profissional 1

Portanto, ele não vai à escola, mas toda a gente sabe que ele está em casa.

00:03:54 Investigadora

E ele tem que idade?

00:03:55 Profissional 1

Ele fez agora 15.

00:03:57 Investigadora

Ainda por cima com essa idade...

00:03:58 Profissional 1

Sim.

Portanto, ele já está ausente há meio ano.

Claro que a polícia chegou lá a ir, chegou a trazer, ele voltou a fugir, pronto. É um caso, é um dos casos de comportamentos desviantes já muito, muito, muito cristalizados. O irmão já era assim, os pais são assim. O irmão mais novo já vai pelo mesmo caminho. Mas lá está, foi uma família já muito intervencionada há 20 anos, mas sem qualquer tipo de mudança. Estamos a falar de uma mãe com défice cognitivo, de um pai que é mais funcional, mas também não se envolve nas questões da parentalidade, acha que o papel dele não passa pela educação dos filhos. Portanto, temos aqui três jovens que toda a vida viveram em autogestão, praticamente. Mas relativamente à escola, sim, esta diretora de turma, em vez de reagir negativamente aos desenhos que o menino fazia constantemente, permitia, pelo menos estás aqui, pelo menos vens.

00:05:09 Investigadora

Uma estratégia que ela considerou que pelo menos fazia com que ele fosse à escola.

00:05:13 Profissional 1

Sim. E ela achava que a partir daí também o poderia conquistar para gradualmente se envolver com as tarefas escolares. Agora, era o que ela me dizia, eu não posso obrigar todos os meus colegas professores a fazerem o mesmo.

00:05:29 Investigadora

Claro que não.

00:05:29 Profissional 1

E claro, havia outros professores que reagiam negativamente, porque nem todos trabalham da mesma forma, se o miúdo se virasse para trás, punham-no logo fora da sala. E ele todo contente vinha para fora da sala. Portanto, mas assim, a nossa experiência tem sido relativamente positiva, pelo menos com os diretores de turma.

Conseguimos junto deles aqui alguma sensibilização para a situação, aqui alguma...

Vamos explicando, não contamos tudo naturalmente, mas...

00:06:10 Profissional 1

Por exemplo, ainda recentemente, houve uma diretora de turma que me ligou, porque nós fizemos admissão num jovem há pouco tempo, disse, olha, é só para me dizer mais ou menos como é que eu devo lidar com ele.

E eu disse, olha, professora, aquilo que nós sabemos que foi logo aquilo que ele nos pediu é que ninguém grite com ele e que ninguém fale da família.

00:06:32 Investigadora

É o normal...

00:06:35 Profissional 1

E ela foi muito engraçada porque ela dizia assim, mas ele está numa turma complicada de vez em quando, tem que os chamar a atenção e tem que lhes

gritar. Eu disse, pronto, professora, mas eu acho que ele também compreende. Agora, dirigirem-se a ele, diretamente, com violência verbal, aí é que eu acho que ele não vai tolerar. Agora, se for devidamente contextualizado, se for uma chamada de atenção coletiva ou para algum colega, pronto, eu acho que isso ele aceita e não vai reagir negativamente. Agora, também já está acontecendo de professores que diziam, ai, achas que eu sou tua mãe, ou achas que estás a falar com a tua mãe, pronto, isso é meio caminho andado para as coisas correrem muito mal.

00:07:20 Investigadora

Claro!

00:07:21 Profissional 1

Mas eu acho que gradualmente, pelo menos nós aqui, eu acho que de uma forma geral as casas de acolhimento também têm tido este papel de desconstruir preconceitos, de desconstruir estigmas que às vezes as escolas ainda têm relativamente aos jovens em acolhimento residencial. E isto só os beneficia a eles também, porque se os jovens se sentirem aceites na escola, se sentirem que são respeitados, pelo menos isso, que é respeitado, lá está. E isto também pode ser uma estratégia, digo eu, porque tenho sentido isso, há um bocadinho não me lembrei, mas acho que o contexto escolar também tem muita importância para diminuir os comportamentos desviantes destes jovens, porque no fundo eu acho que eles só precisam de sentir que são aceites em algum lado.

00:08:09 Investigadora

Sim...

00:08:10 Profissional 1

E a escola é um contexto muito importante, se eles sentirem que são respeitados, que há pelo menos ali alguém, um diretor de turma, um professor, que até fica no final da aula a conversar com eles, eu acho que isso é um bom indicador de uma mudança no comportamento deles.

00:08:28 Investigadora

E aqui na casa, eles têm alguma espécie de sala de estudo, por exemplo, quando saem da escola e vêm para a casa de acolhimento, eles fazem os trabalhos de casa com alguém, existe alguém que esteja lá 100% para os apoiar nas questões escolares ou não?

00:08:43 Profissional 1

Depende, depende dos jovens, nós não temos propriamente uma sala de estudo, nós damos-lhes liberdade para eles estudarem, lá está, as nossas unidades que são uma espécie de apartamentos, não é? Temos realmente a sala, temos uma sala de estudo, mas que eles raramente usam para estudar, muitas vezes eles preferem fazê-lo no quarto. O educador que está de serviço tem também essa função de os apoiar no estudo, pronto. Se o jovem diz que não percebe nada de matemática, pronto, a educadora ou o educador, mediante o conhecimento, também ajuda. Há outros jovens, ou que são mais autónomos, ou que não querem mesmo nada saber do estudo, no caso daqueles que não querem saber do estudo, aí sim vai o educador. Então deixa-me ver o que é que fizeste hoje. Ora deixa-me ver os teus cadernos, ora deixa-me ver a tua caderneta a ver se há algum recado, ora também temos o hábito todos os dias de irmos à plataforma das escolas e ver se eles têm faltas, não é? Para perceber, para acompanhar. E depois temos aqui a sorte de ter um professor que está cá 11 horas por semana e que lhes dá apoio ao estudo a português, pelo programa Casa.

00:10:03 Investigadora

Sim, sim, na minha casa também há esses professores a todas as disciplinas para a casa.

00:10:09 Profissional 1

Que sorte! É que nós aqui só temos mesmo de português, 11 horas, pronto, apesar de precisarmos muito principalmente de professores de matemática e de físico-química, E depois temos uma grande vantagem de haver aqui um centro de explicações que dá explicações aos nossos jovens gratuitamente.

00:10:28 Investigadora

E quando eles têm este acompanhamento escolar, eles têm melhores resultados, aplicam-se mais?

00:10:34 Profissional 1

Completamente, completamente. Porque eles sentem, porque nestas idades eles percebem que a importância da escola às vezes é difícil.

00:10:44 Investigadora

Sim.

00:10:46 Profissional 1

Mas quando eles percebem que depois há expectativas por parte dos outros e que há o cuidado de os colocar num centro de explicações e que há alguém que até os vai buscar à escola e os leva às explicações, eles gradualmente começam a perceber, ok, isto faz sentido, eu até me vou aplicar, eu vou mostrar o meu teste positivo à equipa, à doutora. E isto tem, claro que não é com todos, mas com a maioria isto tem um impacto muito positivo. Mas a escola é sempre um

desafio porque muitas vezes eles vêm já completamente desacreditados no contexto escolar.

00:11:30 Investigadora

Sim, muitas retenções escolares também...

00:11:32 Profissional 1

Quase todos. Quase todos tiveram pelo menos uma retenção escolar, vêm com um autoconceito académico muito negativo, porque eu sou burro, porque não vale a pena estudar, porque os meus resultados vão ser sempre estes. Portanto, há da nossa parte, enquanto casa de acolhimento, também este trabalho muito no sentido de vais para a escola, tens dificuldades, vamos-te colocar no centro de explicações. A professora também no centro de explicações é espetacular porque trata-os como se fosse outro jovem que paga efetivamente.

00:12:15 Investigadora

Isso é importante.

00:12:16 Profissional 1

Não os distingue, de todo, não os distingue. Muito preocupada sempre em saber como é que eles estão, faz articulação connosco também. Eles começam a perceber que pertencem a alguma coisa e que há expectativas positivas em relação a eles. Claro que as nossas expectativas são temperadas também, é o que eu lhes digo sempre, ninguém espera de ti um 4 ou 5, mas um 3, não é?

00:12:45 Investigadora

Para passar de ano...

00:12:47 Profissional 1

Para passar de ano, para depois até fazeres um curso profissional no secundário que tu gostes, para teres a profissão que tu gostas, ou seja, vamos aqui incutindo ideias para que eles comecem a construir projetos da vida. Muitas vezes eles não os trazem para cá.

00:13:08 Investigadora

E acompanhar o jovem também e ajudá-lo neste projeto de vida, não é?

00:13:12 Profissional 1

Sim.

00:13:13 Investigadora

Ajudá-lo a alcançar aquilo que ele idealiza?

00:13:16 Profissional 1

Sim.

Sim, muitas vezes eles não vêm com sonhos nenhuns, ou pelo menos eles não os partilham. Mas quando eles estão assim, lá está, recetivos e percebem que a escola os acolheu bem, que os professores não reagem mal a determinados comportamentos que eles têm, que até conversam com eles, as assistentes operacionais também, que não os rotulam e depois vão para o centro de explicações e depois eles começam a perceber que aquele meu colega também anda aqui no centro de explicações, então afinal eu também não sou assim tão diferente e tenho as mesmas oportunidades.

00:13:55 Profissional 1

Vai havendo um crescente envolvimento deles com a escola, recuperam um bocadinho da motivação escolar e já começam a fazer pequenos projetos de vida, se calhar realmente eu até consigo fazer o 9º ano, até vou para uma escola profissional fazer o secundário e se calhar até vou ter um emprego diferente do que eu imaginava.

00:14:17 Profissional 1

Mas para isso também há uma coisa importante na nossa perspetiva que é, apesar do número de jovens em acolhimento residencial estar a diminuir, nós também encontramos vantagens nisto.

00:14:31 Investigadora

Sim.

00:14:33 Profissional 1

Nós neste momento enquanto equipa podemos dar uma atenção plena a todos os jovens.

00:14:38 Investigadora

E mais individualizada...

00:14:40 Profissional 1

Muito mais individualizada, muito mais próxima, lá está, quando nós tínhamos grupos de 11 ou 12. E numa casa. Num apartamento. Era difícil para a equipa.

00:14:55 Investigadora

Vocês têm quantos agora?

00:14:57 Profissional 1

Neste momento nós temos, um, dois, três, quatro, temos cinco unidades residenciais a funcionar, com uma média de quatro jovens.

00:15:07 Investigadora

É pouco...

00:15:08 Profissional 1

É muito pouco.

Tanto que a nossa capacidade por cada apartamento, ou por cada unidade residencial é de 15. Nós podemos aceitar até 117 jovens. É um número brutal. Nós temos 117 camas.

Nunca na vida vamos ter essa capacidade. Ou vamos voltar a ter esse número de jovens.

Mas neste momento temos muito poucos. Que é algo que nos preocupa.

00:15:35 Investigadora

Claro...

00:15:36 Profissional 1

As questões do financiamento e essas situações todas. Mas por outro lado também vemos muitas vantagens. E as vantagens são sobretudo para os jovens. Termos tempo para nos sentarmos com eles e conversar. Como é que correu o teu dia? O que é que fizeste na escola? Que dificuldades é que tu sentiste? O que é que foi bom para ti hoje? Podermos levá-los à escola. Que às vezes eles não gostam, mas depois até... Como se fosse a minha mãe, como se fosse o meu pai. Tenho alguém, como os outros meninos que os levam. Isto dá-nos uma maior possibilidade de ir trabalhando alguns comportamentos. Quando nós temos grupos de 11, 12 jovens. Quase todos com comportamentos desviantes, aí já se torna muito complicado.

Profissional 2, (equipa educativa)

(Casa de Acolhimento “A”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:09 Profissional 2

É assim, eu acho que primeiramente depende muito também do contexto de onde eles vêm, não é? E muitas vezes eles já trazem traumas de casa e revoltam-se. E acho que muitas vezes é mesmo por aí. Há outros que são chamadas de atenção e há outros que é mesmo só para poder pertencer aos grupos de pares.

00:00:32 Investigadora

Sim, acabam por às vezes não lidar bem com a autoridade, com as chamadas de atenção e respondem de uma forma mais explosiva.

00:00:42 Profissional 2

Sim, isso é óbvio. Acho que uma parte dos miúdos não sabe ouvir um não. E se alguém o confronta com alguma situação, e eles então aí, mandam-se aos arames completamente. Mas de uma forma geral, eu acho que estes dois aspetos são...

00:01:01 Investigadora

Nunca foram confrontados com regras, com limites, nunca tiveram educação.

00:01:06 Profissional 2

Não, zero. É assim, alguns tiveram, não é? Mas a maior parte não. A maior parte chega aqui e pensa que vem para aqui fazer o que faz exatamente em casa.

00:01:18 Investigadora

Sim. Questões ambientais. Pois já há uns que têm ali uma carga genética, mas são menos.

00:01:27 Profissional 2

Muito menos. Muito menos, sim. E depois lá está. Também é muito... Às vezes os comportamentos de risco é porque querem pertencer a um determinado grupo. Então, eu cheguei aqui, sou novo, tenho que mostrar alguma coisa para conseguir chegar àquilo. Aquele patamar, para ter respeito pelos outros. E eu também já encontrei muitas situações dessas aqui dentro.

00:01:53 Investigadora

Isso chama-se até efeito manada, não é? Que eles tentam reproduzir o comportamento dos outros.

00:01:59 Profissional 2

Sim, sim, sim. Exatamente.

00:02:02 Investigadora

Quais são as maiores dificuldades sentidas por si ao trabalhar com estes jovens? Problemas, necessidades, que emoções e sentimentos são associados?

00:02:18 Profissional 2

Eu acho que o maior problema que eu sinto aqui dentro é por ser mulher. Nós trabalhamos só com rapazes aqui dentro e as figuras femininas não são figuras de autoridade, para a maior parte destes miúdos. É muito raro aquele menino que vê a figura feminina como uma autoridade. Porque lá está, e eles vêm de contextos completamente disfuncionais. E muitas vezes mesmo a própria mãe não tem voto na matéria em nada, não é? E a figura feminina, eles têm muita, muita, muita dificuldade em respeitar. E depois também, não é? Nós somos mais fracas, mesmo fisicamente.

00:03:00 Investigadora

Em questões fisiológicas, não é?

00:03:03 Profissional 2

E eles tentam se impor muitas vezes a partir daí. E essa foi a minha maior dificuldade até hoje. Volta e meia ainda encontro um miúdo que, por ser mulher, não é figura de autoridade.

00:03:16 Investigadora

E eles acabam por verbalizar isso ou não? É algo que fica subentendido?

00:03:20 Profissional 2

É, fica só subentendido. A própria postura, a linguagem corporal dos miúdos é totalmente diferente. Basta vir um homem... Basta vir um homem falar só, não estás a ouvir?

00:03:38 Investigadora

E às vezes até fala assim baixinho, não é? E ele obedece logo.

00:03:42 Profissional 2

Logo, é. A maior dificuldade sentida aqui dentro por mim é realmente essa.

00:03:49 Investigadora

E às vezes os homens nem têm assim qualificações nem nada... Não têm assim qualquer tipo de intervenção educativa.

00:03:55 Profissional 2

Nem o saber estar, nem... Não. Basta... Ser homem. Basta ser homem e estar presente.

00:04:02 Investigadora

E, pronto, os seus problemas e as suas necessidades foram mais esses, não é? Ser respeitada enquanto mulher. E que emoções e sentimentos estão associados a isto?

00:04:13 Profissional 2

Frustração e medo. Já tive um grupo aí muito complicado. Muito violento mesmo. E já senti realmente muito medo. Houve aí uma altura que eu só de pensar que vinha trabalhar, parecia que ficava doente.

00:04:31 Investigadora

Nervosa... E a nível de contenções físicas? Não dá para fazer?

00:04:44 Profissional 2

Eu nunca fiz. Já separei vários jovens que realmente quando viam que era eu que estava no meio... Isto agora vai ser um bocadinho um contrassenso, mas... Quando viam que era eu que estava no meio, paravam de bater. Mas contenções físicas nunca...

00:05:04 Investigadora

Até porque eles já são mais velhos, não é? Uma coisa é fazer contenção física a um miúdo de 10 anos. Outra coisa é fazer contenção física a um jovem de 15 e 16 anos.

00:05:14 Profissional 2

Quando tinha o grupo que referi agora, que é realmente muito violento, um miúdo mais novo tinha 14 anos, mas já era enorme. Já tinha força de homem. E os restantes eram todos miúdos já mesmo com cabedal e hábitos de violência física

nas ruas. Por isso era quase impossível um miúdo deste, um adolescente, nós conseguirmos fazer qualquer tipo de contenção.

00:05:45 Investigadora

Claro, impossível mesmo, sim.

00:05:47 Investigadora

E ao nível das regras e das normas, isto acaba por se refletir? Como eles não respeitam tanto a figura feminina como respeitam a masculina, é muito mais provável que eles não cumpram...

00:05:57 Profissional 2

Que quebrem as regras. Que quebrem as regras e as normas. Sim. Não é norma. Isto não é norma. Mas há uma maior probabilidade. Até porque eles acabam por não ter tanto respeito à figura feminina quando estão nos momentos, quando estão nos piques de ansiedade, de revolta e isso tudo. Porque no dia a dia, nas rotinas diárias... Não é algo que se reflete. É só mesmo quando são confrontados com um problema, quando chamam a atenção a alguma coisa. Então aí sim, noto realmente que não existe... Não sou figura de autoridade nenhuma. Porque eles tentam sempre levar a deles. Mas nas rotinas, por norma, não se reflete muito.

00:06:51 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes destes jovens? Ou seja, o que é que utiliza no dia a dia?

00:07:07 Profissional 2

Autoritária não posso ser. Visto que eu não sou figura de autoridade para eles, eles não me veem como tal, eu tento ganhar a empatia deles de outras formas. Por isso não posso chegar à beira deles e ser autoritária, porque senão eles mandam-me logo... Vai dar uma curva... Então, mesmo no meu dia a dia, a minha forma de estar, eu tento lidar com eles de uma outra forma. Tento ganhar a confiança deles, e ganhando a confiança deles, não posso estar a ser autoritária. Não faças isto porque vai-te acontecer aquilo. Não. Estabelecer uma relação de confiança e empatia. Não posso entrar logo a matar porque vai despoletar nos miúdos a mesma reação. Até porque se nós queremos que os jovens não sejam autoritários e agressivos, não tenham este tipo de comportamento, também não podemos dar o exemplo.

00:08:36 Investigadora

Se bem que isso é muito fácil de falar, não é? Mas depois às vezes, naquele momento, nós acabamos às vezes por ter uma atitude mais agressiva.

0:08:44 Profissional 2

Sim. É evitar ao máximo. Eu já percebi que isso não funciona. O que faço muitas vezes é relembrar. Não te esqueças, as consequências são só para uma pessoa. É para ti. As escolhas são feitas por ti e as consequências são para ti. Tem que haver sempre algum tipo de consequências. Mas, sei lá, ficar sem o telemóvel...

00:09:27 Investigadora

Consequências negativas por causa do comportamento. E, por exemplo, consequências positivas, vocês dão?

00:09:32 Profissional 2

É assim... Por norma... Não. Mas mesmo nós, os monitores, vamos conversando, não é? Entre nós e dizemos, olha, ele hoje portou-se bem, fez a

tarefa sem dizer nada... Sei lá, imagina, é ele logo à cozinha, dá-lhe uma mãozinha. Eles percebem. Ei, monitor, está-me a ajudar a arrumar a cozinha, é que hoje mereces. São esses pequenos pormenores, miminhos que uma pessoa às vezes vai... É um reforço positivo. E eles vão entendendo também que... Que há consequências positivas.

00:10:12 Investigadora

E que vale a pena ter um bom comportamento. Porque o bem depois volta para eles.

00:10:18 Profissional 2

E o bem depois volta para eles. Por exemplo, querem gomas, vai pedir à doutora dinheiro, vamos lá fora, comprar.

00:10:30 Investigadora

Trabalhar a autonomia com eles também ajuda a que eles diminuam os comportamentos desviantes?

00:10:35 Profissional 2

Com alguns ajuda. Com alguns ajuda, sim. Outros não. Outros não, até porque lá está. Estas idades são muito complicadas. Não é? Muitos deles nem pensam em autonomia, querem lá saber. Porque têm quem lhes faça tudo.

00:10:56 Investigadora

Mas depois aqui eles também têm que começar a ganhar uma desenvoltura diferente, não é?

00:11:00 Profissional 2

Certo, certo. Mas eles aqui vão fazendo obrigados.

00:11:04 Investigadora

Claro. Mas, por exemplo, a médio e longo prazo, isto depois acaba por dar frutos no comportamento deles?

00:11:11 Profissional 2

Alguns têm. Alguns vemos realmente evolução. Mas há outros que uma coisa tão básica como ir lavar os dentes temos que estar todos os dias a dizer. E quanto mais fazer as tarefas de setor, porque é o que eu lhes digo, temos que fazer todos os dias. Todos os dias entra e sai gente, andamos daqui de um lado para o outro. Todos os dias sujamos, todos os dias temos que fazer alguma coisa, não é? Mas se eles com a higiene pessoal, temos que andar em cima deles mesmo. Por exemplo, arrumar o quarto, arrumar o calçado, pequenos pormenores, não é? Quanto mais na autonomia, trabalhares pela autonomia é muito, muito, muito difícil. Alguns é. Há outros que não é preciso grande coisa. Sim, mas é um esforço que depois vale a pena. Quando vemos alguma coisa assim, sim. Mas isto lá está, como costumo dizer, isto é partir pedra. Porque coisas tão simples como entrar aqui dentro e dizer bom dia, há muitos que não têm este hábito.

00:12:23 Investigadora

Ou seja, vocês também tentam fomentar alguma mudança de valores neles.

00:12:27 Profissional 2

Temos que fomentar tudo, não é? Temos que tentar trabalhar isto tudo.

00:12:37 Investigadora

E quando vocês trabalham é algo mais individualizado ou mais grupal? Ou as duas coisas?

00:12:43 Profissional 2

Tem que ser as duas coisas. Não costumamos fazer tantas reuniões com os miúdos. O que é que nós, pelo menos eu falo por mim, eu aproveito muito a hora das refeições para se aconteceu alguma coisa ou às vezes alguma notícia que tenha dado na televisão que eu acho importante debater com eles. Eu lanço o tema às vezes para a mesa e há sempre alguém que pega no assunto e trabalha um bocadinho com o valor deles. Fazem uma reflexão. Mas sem eles perceberem muito. Porque senão, nem querem.

00:13:21 Profissional 2

Por isso eu aproveito realmente muito as refeições para isto, o almoço, o jantar, para conseguir fazer alguma coisa com eles. Porque reuniões, reuniões. Oh meninos, hoje vamos reunir. Não. Tem que ser uma reunião, mas que não fique subentendido que é uma reunião. E depois vamos também conseguindo trabalhar individualmente. Às vezes um jovem entra e vemos que está alguma coisa errada, ou sabemos que já se passou alguma coisa errada. Quando ele vai ao quarto e está ruim, não dá. O dia correu bem, correu mal, então o que se passou aqui, ali? Tem que ser muito por aí. Ou então, olha, deixaste o quarto desarrumado, já viste. Vai ver o quarto... Às vezes é um bocadinho assim, mas trabalhamos muito tanto individualmente como em grupo. Vai dependendo.

00:14:14 Investigadora

E trabalhar com animais, vocês nunca fizeram isso?

00:14:18 Profissional 2

Não...

00:14:19 Investigadora

Nem sabe se se daria algum fruto? Porque normalmente os animais acabam por ajudar a desenvolver alguma empatia, não é? Que também falta muito nestes minutos.

00:14:35 Profissional 2

Imenso. Não é? Aliás há muitos animais aqui, muitas ninhadas de gatos e mesmo volta e meia aparecem aí dois ou três cães vadios, mas grupos meus anteriores, eles queriam era ver os animais longe, e é muito complicado.

00:15:05 Investigadora

Porque eles têm mesmo falta de empatia, não é?

00:15:07 Profissional 2

Sim. Ao ponto de fazer mal a animais.

00:15:26 Investigadora

Intervenção com as famílias, com a escola, acha importante?

00:15:30 Profissional 2

Lá está, isso é mais que importante, não é? Mas isso é um trabalho feito diretamente pela técnica. Nós não trabalhamos com a família, nem com a escola.

00:15:51 Investigadora

Ah, ia-me esquecendo, vocês fazem apoio aos estudos, ajudam nos trabalhos de casa?

00:15:58 Profissional 2

Sim, os que conseguimos colocar a estudar. Porque a maior parte destes miúdos chega cá com abstinência escolar, não é? E mesmo estando cá, existe uma resistência muito grande para ir à escola, para fazer os trabalhos de casa, mas muitas vezes só vão porque são mesmo obrigados, pronto. E depois, a partir dos 15 anos, os miúdos podem ir para os cursos, cursos não há trabalhos de casa, e o apoio aos estudos fica aqui muito esquecido. Neste momento, eu aqui neste grupo tenho um jovem, que, diante das nossas possibilidades, vamos fazendo o apoio aos estudos.

00:16:48 Investigadora

Sim, mas vê que quando há um acompanhamento individualizado no apoio aos estudos, têm melhores resultados, ou não?

00:16:57 Profissional 2

Vou-lhe ser honesta. Sim. Eu, ano passado, tinha miúdos que andavam realmente aqui na escola, turmas populares, e eu nunca consegui fazer apoio aos estudos a eles, porque eles simplesmente resistiam, e não, e não, e não. Eu não posso obriga-los a fazer nada.

00:17:14 Investigadora

Porque se calhar também não é uma ideologia da própria casa de acolhimento, não é?

00:17:18 Profissional 2

Não, mas existe.

00:17:19 Investigadora

Mas é obrigatório mesmo?

00:17:21 Profissional 2

Nós temos um professor de fora, que vem cá e que tem, por norma é sempre, uma hora com os miúdos. E mesmo para conseguimos mandar os jovens ao apoio aos estudos, era, esquece, às vezes havia conflitos.

00:17:39 Investigadora

Porque têm muita resistência aos estudos.

00:17:42 Profissional 2

Eles têm resistência às escolas, tudo o que envolva a escola.

00:17:45 Investigadora

E figuras de autoridade, não é?

Porque a escola é uma autoridade para eles.

00:17:49 Profissional 2

Sim, sim. Este ano tenho um grupo totalmente diferente, mais calmo, tenho um jovem que é novo cá, e numa semana de aula já o ajudei duas vezes a fazer

trabalhos de casa. Isto depois depende lá está do grupo que temos aqui dentro de casa.

Profissional 3, (equipa educativa)

(Casa de Acolhimento “A”)

00:00:06 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:12 Profissional 3

Então, no meu ponto de vista, cada jovem tem uma história diferente para contar. E a conclusão que eu chego é a falta de apoio em casa. Os pais não querem saber. Os pais, não sei... Eu acho que é a falta de apoio em casa, de acompanhamento em casa.

00:00:33 Investigadora

Falta de supervisão, de imposição de regras, normas...

00:00:37 Profissional 3

Sim, não há, não existe. Não existe. Muitos chegam aqui e não sabem fazer uma cama. Não sabem lavar um prato de louça. Não sabem lavar louça, não sabem fazer nada. Por isso é que eu digo, acho que em casa, é crucial em casa.

00:00:52 Investigadora

Portanto, fatores ambientais...

Quais as maiores dificuldades sentidas por si ao trabalhar com estes jovens? Problemas, necessidades? Que emoções e sentimentos estão associados?

00:01:20 Profissional 3

Para eles, quando eles recebem um bocadinho de amor, um bocadinho de atenção, eles de diabos passam a anjinhos. Acho que é a falta de amor.

00:01:37 Investigadora

Ou seja, às vezes a dificuldade é tentar chegar a eles.

00:01:40 Profissional 3

Exato. E eles são muito fechados. Têm vergonha de vir parar a instituições. Se calhar têm vergonha da vida que tiveram.

00:01:55 Investigadora

Então a sua maior dificuldade é conseguir chegar a eles.

00:02:00 Profissional 3

Sim.

00:02:01 Investigadora

Que estratégias, psicossociais e educativas, considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes destes jovens? Ou seja, quando um profissional está no terreno o que é que ele faz, a nível educativo, que ajuda a reduzir estes comportamentos?

00:02:23 Profissional 3

A minha estratégia é mantendo sempre a distância, como é lógico. Mas eu desço um bocadinho ao nível deles. Eles têm 17 anos, 18, e eu desço ao nível deles. Mas mantendo sempre a distância, fazendo ver que eu é que sou o educador, que estou ali, que eu é que coordeno eu é que decido. E às vezes, ao fazer isso, eu consigo obter muita coisa dos miúdos. Ou seja, consigo criar afinidade, amizade. Consigo a confiança deles. Sendo como eles, basicamente, mas com certas e determinadas regras, eu consigo, não sei se é a opção mais correta para...

00:03:09 Investigadora

Tentar criar uma relação de confiança com o miúdo. E depois tentar trabalhar com ele, mas partindo desta relação de proximidade, mas sempre tentando definir limites e regras, não é?

00:03:28 Profissional 3

Eu, basicamente, não preciso definir os limites e as regras, porque eles sabem quem é o líder, claro. Porque eles acabam por perceber que sou eu que estou ali, sou eu que vou decidir as próximas ações, como as próximas consequências. Eles acabam por saber isso. Mas eu entro no nível deles para eles perceberem que eu estou ali para os ajudar. Não para lhes complicar mais a vida...

00:03:56 Investigadora

Ao nível das consequências negativas, têm um impacto na diminuição? Por exemplo, os castigos, se repreenderem, acabam por ser algo que acaba por ajudar a diminuir os comportamentos desviantes? Ou o reforço positivo, às vezes, dinheiro fictício, elogiar...

00:04:14 Profissional 3

Castigos aplicados nos miúdos, aqui, o que eles mais detestam é ficarem sem a telemóvel. A gente aplicando esse castigo, os miúdos revelam-se que o telemóvel, para eles, é... Eles têm telemóvel hoje em dia e a gente tirando o telemóvel é o pior castigo que a gente lhes pode dar. Sim, resulta. Mas até eles terem o telemóvel, vamos ter um miúdo complicado, vai ficar revoltado. Mas sabe que depois de ser atribuído o telemóvel, ele sabe que se voltar a errar ali, ou outras coisas, a consequência vai ser ficar sem telemóvel. Ou seja, raramente acontece outra vez o mesmo problema.

00:04:57 Investigadora

Sim, sim. Então, resulta. As consequências negativas resultam.

00:05:03 Profissional 3

Sim e não. Cada miúdo é um miúdo.

00:05:05 Investigadora

Sim, sim, temos que nos adaptar a cada miúdo. Mas, de forma geral, acabam por aprender às vezes através de consequências negativas.

00:05:11 Profissional 3

Sim, eles sabem que se pisarem um risco, que a consequência é aquela. E depois têm que pesar bem, se querem ou não, ficar sem o telemóvel, por exemplo.

00:05:19 Investigadora

Sim. E ao nível do reforço positivo, por exemplo, o miúdo faz algo correto. Ele faz as tarefas domésticas, vamos imaginar, muito bem feitas.

00:05:28 Profissional 3

A nível de reforço positivo é bonificado em euros. Ele é bonificado em euros por fazer as coisas que deveria fazer em casa. Coisas básicas na vida, não é? Fazer a cama, lavar os dentes, tomar banho, arrumar o quarto, limpar o quarto, limpar a sala. São coisas básicas que nós, na sociedade, aprendemos. A estes miúdos, falta-lhes isso. Se eles fizerem isso, são bonificados.

00:06:02 Investigadora

Sim, e isso acaba por estimulá-los a continuarem a fazer as tarefas.

00:06:10 Profissional 3

Sim, sim.

Quando os pais não intervêm em lhes dar esse dinheiro, eles dão valor a fazer essas tarefas.

00:06:16 Investigadora

Então, também trabalhar a autonomia com os miúdos, acaba por aumentar-lhes a autoestima?

00:06:22 Profissional 3

Sim.

00:06:25 Investigadora

E ajuda no comportamento?

00:06:26 Profissional 3

Sim.

00:06:27 Investigadora

Partindo daquilo que disse das famílias, as famílias têm um grande impacto na melhoria do comportamento destes miúdos?

00:06:36 Profissional 3

Têm! Nós temos aqui dois casos que o trabalho não tem que ser aqui na instituição. O trabalho tem que ser em casa. Porque o miúdo, aqui na instituição, nem é preciso dizer nada. Ele faz e age normalmente e depois chega a casa e é outra pessoa. Não faz nada do que faz aqui. Quem é que está mal? Somos nós, instituição, ou é em casa?

00:07:02 Investigadora

É também um trabalho em rede com a família e com a própria instituição.

00:07:08 Profissional 3

Muitos, muitos, vá, 60% dos casos, o trabalho tem que ser feito em casa. Porque os miúdos chegam aqui mimados, habituados a ter tudo e mais alguma coisa, e depois levam aqui com regras, para eles, é uma confusão.

00:07:21 Investigadora

Não estavam habituados.

00:07:22 Profissional 3

Regras? São regras básicas. Não é nada. São coisas que nós fazemos no nosso dia a dia, não é?

00:07:29 Investigadora

Sim, sim. Coisas que são normais para a sociedade, mas que eles não estão habituados a cumprir.

00:07:34 Profissional 3

Muitos pais pensam que em dar tudo aos miúdos, que são os melhores pais do mundo, e isso está aprovado aqui. Eu cheguei a essa conclusão. Já sabia, não é? Mas cada vez me capacito mais que isso é erro, completamente erro.

00:07:49 Investigadora

Sim.

00:07:50 Profissional 3

Nós temos aqui um menino. Porque esse menino tem tudo na vida. Se não fizer nada agora, o menino tem dinheiro para sobreviver até o resto da vida dele. E chega aqui, leva com regras, fazia nada em casa. Nada, nada, nada, nada. Por isso é que eu digo que o trabalho em casa é fundamental.

00:08:17 Investigadora

Ou seja, o cerne da questão muitas vezes são os valores das pessoas, os valores que são passados.

00:08:21 Profissional 3

É.

00:08:22 Investigadora

A ética do trabalho, a autonomia, não é?

00:08:24 Profissional 3

Certo.

00:08:25 Investigadora

Respeitar os outros também.

00:08:27 Profissional 3

Este menino nunca tinha andado de transportes públicos. Aqui vai e vem de camioneta. Foi confusão mesmo para ele. Porque aos primeiros dias, lá está, a mãe cedia e ele com o passe ligava para a mãe e a mãe ia buscá-lo.

00:08:53 Investigadora

Mas se ele veio para aqui, por algum motivo foi. E, portanto, a mãe também não se pode intrometer em tudo, não é?

00:09:00 Profissional 3

É complicado. Às vezes o nosso trabalho é um bocadinho complicado. Porque nós aqui fazemos o que tem que ser feito para depois em casa fazerem o oposto. É o oposto.

Profissional 4, (equipa educativa)

(Casa de Acolhimento “B”)

00:00:07 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:13 Profissional 4

Sim, eu penso que seja uma forma deles... Eu noto aqui que, por um bocado, os jovens têm consumo. Nós sabemos que eles têm consumo. Eles próprios também admitem. Aqui dentro não. Lá fora têm consumos. Mas deve ser uma forma também, por exemplo, deles fazerem aquilo porque se sentem bem com aquilo. Eu sinto isso. É uma forma deles fugirem de algum problema que tenham. Deve ser a forma mais fácil para eles, não é? Por exemplo, se consumirem, sentem-se, não sei, mais felizes ou sentem-se mais parte de algum grupo. Acaba por ser um escape.

00:00:51 Investigadora

Sim, um escape da parte deles. Ok, mas esses consumos de droga, que tipos de droga normalmente costumam ser?

00:00:57 Profissional 4

Assim, pelo que nós sabemos, a informação que temos acerca dos jovens, é à base do haxixe. Há outros jovens que pode ser álcool, mas o resto é assim que nós sabemos, temos conhecimento.

00:01:17 Investigadora

Então, basicamente, é a revolta, a frustração. Depois eles acabam por ir por outros caminhos.

00:01:21 Profissional 4

Sim, porque são mais fáceis.

00:01:25 Investigadora

Quais são as suas maiores dificuldades sentidas ao trabalhar com estes jovens? Que problemas e necessidades sente? Que emoções e sentimentos estão associados?

00:01:36 Profissional 4

Assim, eu penso e sinto que muitas vezes nós, eu falo por mim, que tem de ser, tem de chegar a eles da forma como gostava que eles chegassem à altura a mim. Eu estou com eles e quem vir de fora, muitas vezes pensam, olha, é um aluno. Eu tento estar do lado deles sempre, ponho-me sempre do lado deles também, que acho que é isso que nós também precisamos. Mas muitas vezes, há situações que nós tentamos estar do lado deles, mas também temos a nossa posição aqui dentro, como educador, e temos que manter as duas balanças. Mas também sinto que muitas vezes, nós tentamos chegar a eles e não conseguimos. Muitas vezes mesmo. E, por exemplo, no caso de consumos, se tiverem

consumos, muito menos consigo chegar a eles. Porque depois fecham-se, não é?

00:02:32 Investigadora

Ou seja, tentar criar uma relação com os jovens.

00:02:35 Profissional 4

Sim. Quanto mais a relação que nós temos com eles, mais fácil para nós o trabalho no terreno com eles. A confiança que eles têm também connosco é muito melhor. Por exemplo, eu sinto que em relação a estes jovens aqui na nossa casa, eu tenho uma relação com eles boa. E eles vêm falar comigo sobre outros assuntos familiares e tudo. E eu guardo para mim o que tenho a guardar, se tiver que falar com algum técnico falo, sem problema nenhum. Mas sempre tento guardar, porque a confiança deles depois já não é a mesma.

00:03:13 Investigadora

Sim, mas como estava a dizer, o profissional por outro lado também não pode demonstrar que é amigo deles e que é um deles.

00:03:21 Profissional 4

Sim, sim. Tem que ter a postura. E eles sabem que sou educador deles e tenho que manter a minha postura. E há situações em que eu tenho que chamar atenção e tenho que chamar e chamo, sem problema nenhum. Porque eles sabem que eu estou cá a trabalhar e eu também friso bem isso, porque estamos aqui a trabalhar. Mas do que depender de mim, deles se sentirem bem na casa e que se sintam bem aqui connosco, também faço tudo para que eles possam também se sentir bem aqui.

00:03:46 Investigadora

Ou seja, independentemente de ter que cumprir regras, normas e rotinas, também é importante criar uma relação com os jovens.

00:03:53 Profissional 4

Sim, e eles também sentirem que também fazem parte disto. Porque eles podem chegar aqui e dizer, olha, eu falo por mim que já estive institucionalizado, não gostava disto. Cheguei depois há um tempo e comecei a dizer, pá, é a minha casa, a minha segunda casa é aqui. E também quero que eles também se sintam bem aqui, porque eles estão cá connosco. Porque há jovens que vão de fim de semana, mas também se sintam parte da casa.

00:04:18 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes destes jovens? Ou seja, o que é que nós, enquanto profissionais no terreno, podemos fazer que ajude a que estes jovens tenham um melhor comportamento?

00:04:34 Profissional 4

Eu acho que, por exemplo, o caso aqui, atividades que funcionam com os jovens, mas sim, por exemplo, atividades que eles gostam, por exemplo, eles têm aqui a parte da música, têm atividades de música aqui, são pessoas do exterior que vêm cá dar.

00:05:30 Investigadora

Ocupação dos tempos livres.

00:05:31 Profissional 4

Sim. E, por exemplo, há a parte que eles fazem, criam mesmo a própria música, escrevem as músicas, mas há outros jovens que gostam mais, por exemplo, de computadores, a parte mais assim, de desportos.... E acho que eles estiverem mais ocupados com isso, não se vão lembrar tanto do resto.

00:05:47 Investigadora

Sim, ou seja, a partir dos gostos e dos interesses deles...

00:05:50 Profissional 4

Sim, por exemplo, se for uma atividade que eles não gostam, não vão participar, não vão aderir. E nós sabemos isso, por exemplo, temos aí jovens que gostam de música, vão para em 7 ou 8. Se for ser o profissional, por exemplo, um espacinho, por exemplo, eles têm o avançado dos computadores, têm o micro, por exemplo, eles neste momento estão a fazer música lá em baixo. Então, juntaram-se 4 ou 5, que são pessoal da música, e têm o cantinho deles, com o livro da música, estão a escrever, e agora, se nós conseguimos fazer isso, pouco tempo estão lá fora, pouco tempo têm para conseguir fazer asneiras, porque estão entretidos com uma coisa que gostam, não é? E acho que é isso que também tem que haver nestas casas.

00:06:22 Investigadora

E isto depois também acaba por ir ao encontro dos problemas e das necessidades deles, certo?

00:06:27 Profissional 4

Sim, sim.

00:06:28 Investigadora

Porque eles acabam depois também por evoluir, por desenvolverem alguma competência em alguma atividade.

00:06:34 Profissional 4

Sim, nós temos aqui um ex jovem acolhido, que é o Wilson (nome fictício), que cresceu cá também. Na altura teve uma fase da vida mais complicada, porque pronto não queria estar aqui. E neste momento também tem a música dele, tem os videoclipes dele, e também cresceu assim, e foi assim que começou, e ele às vezes vem aqui, fazer visitas à casa e fala com o grupo sobre o seu exemplo. Para ver se pode, por exemplo, criar algum projeto dele mais tarde, criar com eles, ou seja, um estúdio mesmo próprio de música.

00:07:38 Investigadora

Abrir novos caminhos.

00:07:41 Profissional 4

Sim, porque eles também ouviram, por exemplo, olha, ele cresceu numa instituição, conseguiu aquele objetivo, porque é que nós também não conseguimos, nós temos que crescer e conseguir.

00:07:46 Investigadora

Acabam por olhar para essas pessoas como um exemplo a seguir.

E ao nível dos castigos, acha que resulta?

00:07:56 Profissional 4

Penso que não. Há alguns que sim, por exemplo, eu acho que... Sala de computadores, bilhares, Playstation...

00:08:26 Investigadora

Ou seja, o castigo deve ser adaptado ao que o jovem sente mais, e não porque...

00:08:30 Profissional 4

Sim, porque se for um castigo, por exemplo, fica sem computadores, se for um jovem que não utiliza a sala dos computadores, pode ser indiferente para eles.

00:08:36 Investigadora

E ao nível das consequências positivas?

00:08:40 Profissional 4

Penso que sim, e acho que deveria haver mais. Porque se calhar há um grande foco nas consequências negativas. Por exemplo, no final do ano o jovem passou de ano, claro que houve altos e baixos, mas conseguiu passar, dizer ao jovem olha vais almoçar com os teus amigos... É uma boa forma deles olharem para trás e dizerem, olha, valeu a pena.

00:09:06 Investigadora

E de continuarem o bom comportamento, certo?

00:09:08 Profissional 4

Sim, porque acho que deveria haver mais isto assim nestas casas. Reforço positivo.

Porque acho que ainda há muito pouco.

00:09:30 Investigadora

Ao nível da intervenção familiar, ou seja, acabar por aproximar os familiares, destes miúdos, vale a pena ou não?

00:09:39 Profissional 4

Depende do contexto em que eles são retirados à família, porque há vários contextos, mas penso que sim, que é uma forma, por exemplo, eu acho que se eles se desligarem da família mais tarde, porque chegam a uma idade que não podem ficar na casa de acolhimento, e mais tarde vão precisar da família, e acho que o facto de eles, por exemplo, desligarem às vezes, é muito mau para eles mesmos. Porque nós temos aqui jovens que, por exemplo, são retirados à família, mas o facto, por exemplo, de que vai ter uma visita, para eles já é uma alegria tremenda saber que têm aquele carinho da família cá. E acho que é uma forma, acho que sim, que se deve tentar mais com a família... Virem mais vezes à casa e conhecer, porque muitas vezes a família não conhece a rotina da casa, não conhece o trabalho que é feito no terreno.

00:10:25 Investigadora

Ou seja, trabalhar com a família...

00:10:30 Profissional 4

Às vezes sabem que o filho está numa instituição, mas não sabem o que se passa na casa.

00:10:29 Investigadora

Ou seja, não chamar a família por chamar, mas também trabalhar com a família, também até para que a família acabe por desenvolver algum tipo de competências parentais que até ao momento não tinha.

00:10:38 Profissional 4

Sim...

Profissional 5, (equipa técnica)

(Casa de Acolhimento “B”)

00:00:02 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:07 Profissional 5

Eu acho que isto tudo vem um bocadinho da sociedade em que atualmente se vive, não é? Acho que a questão da liberdade, passámos do 8 ao 80, portanto estes miúdos já chegam aqui tardiamente e vêm do meio em que o modelo deles é esse. Maioritariamente com os pais ou do bairro onde estão. Ao contrário de há uns 20 anos atrás que eles vinham mais pequeninos, em que as problemáticas eram mais por questões económicas, atualmente é por comportamentos mesmo muito complicados e que depois eles vão crescendo e vivendo com isso.

00:00:47 Investigadora

Ou seja, não cumprir muito regras, rotinas, normas?

00:00:50 Profissional 5

Não cumprir muito regras, normas, exatamente. Vêm desse meio, estão habituados a isso, crescem com esse modelo. Depois há uma escalada, não é? Porque se aqui não há um travão vão escalando... Já nos chegam cá com 16, 17 às vezes, muitas vezes com 18 anos. Portanto já é mais difícil trabalharmos.

00:01:13 Investigadora

Estão numa escalada para a criminalidade, para a delinquência. E se não forem travados no acolhimento residencial, pode até mesmo ser perigoso para a sociedade.

00:01:23 Profissional 5

Precisamente, isto pode ser um reverso da medalha, não é?

00:01:26 Investigadora

Claro que sim.

00:01:27 Profissional 5

Atualmente aquilo que eu venho a assistir e os anos que estou a trabalhar nesta área, também há aqui... Quer dizer, dá-se muitas... Se por um lado queremos defender o superior interesse da criança, ok, que é esse o principal objetivo, se calhar às vezes tem que haver aqui alguma entidade mais, coisa que traga, de

certa forma, que lhes faça parar, porque eles espetam uma faca uma vez, espetam a segunda, espetam a terceira e continuam inseridos no meio que se calhar não é o mais adequado. Porque depois há todo um outro restante grupo que as problemáticas não são tão complicadas e eles continuam a andar na rua porque há um sentimento de impunidade muito grande. Que eu acho que a própria sociedade, atualmente, lhes passa essa informação.

00:02:13 Investigadora

Ou seja, é importante haver um trabalho em rede, também como com o tribunal.

00:02:17 Profissional 5

Extremamente importante esse trabalho em rede. Aquilo que eu sinto é que é um bocadinho agora o empurra com a barriga, a responsabilidade...

Estas casas de acolhimento acabam por ficar com a responsabilidade quase toda. E é assim ninguém faz milagres com jovens de 16 e 17 anos que já vêm com estes comportamentos bastante complicados, muitas das vezes. É muito difícil. Quem são eles?

Os meus pais não fizeram e agora vêm eles aqui.

00:02:40 Investigadora

Exatamente.

00:02:41 Profissional 5

É um bocadinho difícil. É claro que é importante o trabalho também, muito importante.

00:02:45 Investigadora

Quais são as suas maiores dificuldades ao trabalhar com estes jovens? Que problemas e necessidades estão associados? Que emoções e sentimentos também estão associados?

00:02:59 Profissional 5

Aqui o que fui aprendendo ao longo do tempo, pronto, mais até com a prática do que propriamente com a teoria, é que... Aqui eu faço sempre por ter uma primeira fase quando eles entram, que é natural porque muitos não aceitam. É criar uma relação. Aqui a relação é a base toda, para mim, do início de um trabalho é a relação que se consegue criar com eles. E a partir daí, depois, ele tem que me dar um bocadinho dele. Se não tem logo no início, tenho que procurar, tenho que o conhecer, falar, conversar, para conseguir arranjar aqui. Ver às vezes, se calhar, uma coisa negativa, se calhar eu vou usá-la para chegar a uma positiva, pronto. Agora, trabalhar as emoções deles também é complicado, porque muitas das vezes eles aqui, nota-se que têm ausência de carinho, ou... É isso. Tenho também aqui meninos, e digo que tem um que está cá connosco, que está há 2 ou 3 aninhos.

Nos primeiros dias, ele todos os dias falava comigo à noite, já estou na cama, vou dormir. Porque eles não tiveram uma mãe, não tiveram alguém que lhes desse atenção, pronto. Porque eles têm muito essa necessidade. Porque às vezes parece que não, que são todos rebeldes, mas o outro lado eles têm também. E precisam daquele carinho, muitas das vezes nós mulheres somos, por exemplo, mais sensíveis a essas coisas e sabemos bem onde tocar.

00:04:27 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes destes jovens? Ou seja, o que é que nós podemos fazer no terreno, nas nossas práticas, que ajude a que eles melhorem o seu comportamento? Já tinha dito que era este estabelecer de relação, certo?

00:04:45 Profissional 5

Sim, eu acho que é muito importante aqui estabelecer uma relação. Depois, é muito o dar-lhes a conhecerem o outro lado, porque eles também estão muito... Porque tudo que é atividade, estudo, que possamos arranjar para eles conhecerem uma realidade que não é daquela que vêm habituados, que é do bairro ou dos grupos, daqueles grupos de delinquentes, mostrar-lhes que também podem-se divertir de uma forma diferente. Claro que nunca preenchemos o vazio que eles têm em relação aos pais ou às famílias deles de referência, às vezes é difícil, mas consegue-se compensar. E se também isso não fosse um sucesso, também não estaríamos aqui a fazer nada. Já tinha desistido há muito tempo. E é importante dar-lhes a conhecer outras pessoas, daí nós termos mesmo toda a ajuda. Lá está, a rede é muito importante, desde a escola, desde os voluntários, desde as atividades, as parcerias que temos, tudo isto faz parte. Porque lhes damos a conhecer uma realidade diferente, pessoas diferentes que têm, se calhar, também têm os seus problemas, não a maioria deles, mas fazem-nos perceber que é possível ultrapassar.

00:05:50 Investigadora

Ou seja, mostrar novos caminhos.

00:05:52 Profissional 5

Novos caminhos, novas curiosidades, a conhecer outra coisa, mostrar que também podem ter sucesso, porque para estes miúdos é tudo muito no imediato. Eles querem tudo e é compreensível. Mas é encontrar através de atividades, de saídas, de conhecer novas pessoas, que eles possam conhecer uma realidade e perceber. Claro que isto não é feito de um dia para o outro e às vezes leva o seu tempo e às vezes não temos sucesso, também é certo. Mas dar-lhes a perceber que conseguem, às vezes, alcançar as coisas sem ter necessidade de ir por aqueles caminhos.

00:06:25 Investigadora

E ao nível das consequências negativas, ou seja, das punições, acaba por gerar algum impacto positivo?

00:06:33 Profissional 5

Olha, eu sou mais apologista do reforço positivo. É óbvio que nós vamos tendo aqui aquelas coisinhas, porque eles têm que perceber que sentem que perdem alguma coisa quando também não estão corretos. E pronto, também temos uma grelha de comportamentos, para isso existe uma grelha na área de comportamentos que é avaliada semanalmente, pela equipa da tarde, pela equipa da noite, coisas básicas, o cumprimento da escola, o cumprimento das regras da casa, dos horários, se se adequou o discurso é igual a todos ou não, se se respeita, se faz respeitar, e claro, depois há aquelas penalizações, ou 50 cêntimos da semanada que vai receber a menos e tal, mas também acho que funciona muito bem e na maioria deles com reforço positivo. Eu costumo dizer, dou com uma mão e tiro com a outra.

00:07:29 Investigadora

Ok, há mais alguma coisa que considera importante dizer?

00:07:42 Profissional 5

É importante que a sociedade comece a refletir e a perceber que nem sempre estamos a ajudar dando-lhes total liberdade ou protelando uma situação por tanto tempo que se calhar no invés de os ajudar vamos deixar que caiam na desgraça. Mas isso é a sociedade que estamos atualmente.

00:08:00 Investigadora

E ao nível da intervenção familiar, ou seja, puxar mais os familiares, isso é importante?

00:08:05 Profissional 5

É importante manter sempre este elo de ligação com os familiares. E por isso é que nós aqui também não somos muito apologistas, só mesmo em situações excecionais, de recebermos aqui jovens vindos, oriundos ou das ilhas ou do sul, porque se efetivamente é uma situação que é necessária afastar, ok, mas se não é o caso é muito complicado porque torna tudo muito mais difícil, a família tem que ser trabalhada, aliás, a maior parte das vezes é preciso que a família seja bem trabalhada, e era primeiro a família do que propriamente o jovem.

00:08:43 Investigadora

Desenvolver um conjunto de competências parentais.

00:08:46 Profissional 5

Muito importante, esse trabalho. Acho que é demasiado importante e que não há gente suficiente para fazer, não há meios suficientes para fazer, e é uma pena. Porque isso é muito importante e é que nós fazemos sempre tudo por tudo para eles manterem, não haver esse, tem que se manter essa vinculação. Até porque se o objetivo é para uma reunificação, é para isso que estamos a trabalhar. Se é uma situação já de autonomia ou então de que não pode efetivamente, e já é diferente o trabalho, mas se é para ter família, para manter aqui estes laços.

Profissional 6, (equipa técnica)

(Casa de Acolhimento “B”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão consideram que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:08 Profissional 6

Tendo em conta as informações que estão confrontadas a nível desse consumo, os jovens o que referem mais é fuga à realidade e aos problemas, portanto uma distração, uma tentativa de se abstraírem um bocadinho de realidade deles, e é maioritariamente isso. Contudo, também há aqueles que são mais influenciáveis, quanto mais permeáveis ao grupo de partes, vão pelos outros irem, portanto acabam por enveredar nesse consumo, substâncias nesse sentido, de se tentarem também integrar de certa forma no grupo.

00:00:42 Investigadora

Ou seja, está-se a referir ao consumo de drogas principalmente... E para além do consumo de drogas, porque razão, por exemplo, eles não cumprem regras, não cumprem normas, rotinas?

00:00:58 Profissional 6

Sim... Tendo em conta que o acolhimento, a idade do acolhimento, cada vez é mais tardia, os jovens já normalizaram, em alguma altura da vida deles, determinados comportamentos, portanto o incumprimento de regras, o desafio à autoridade, portanto são coisas que eles já normalizaram.

00:01:15 Investigadora

Certo.

00:01:15 Profissional 6

Portanto é muito difícil depois reverter essa normalização que foi feita.

00:01:21 Investigadora

E eles acabam por normalizar, porquê? Porque viram os familiares sempre a viveram num ambiente assim?

00:01:27 Profissional 6

Exato, as crianças são muitas vezes consideradas, e faço a expressão, como macacos de imitação. Portanto, ao normalizarem esse comportamento e ao terem vivido durante muitos anos, anos importantes no desenvolvimento humano, terem vivido e terem presenciado o seu tipo de comportamentos, vão normalizar e, portanto, vão reproduzir. Aquilo é o normal.

00:01:47 Investigadora

Exatamente.

00:01:47 Profissional 6

A comunicação violenta, a agressão, o consumo, o roubo, o crime… Há sempre exceção à regra, mas se vivenciaram isso, se presenciaram isso em certa altura da vida deles, é perfeitamente normal, não legítimo, mas normal, que reproduzam isso.

00:02:08 Investigadora

Também por questões ambientais, principalmente?

00:02:10 Profissional 6

Também, sim, sim, claro, sem dúvida.

00:02:13 Investigadora

Quais são as maiores dificuldades sentidas por si ao trabalhar com estes jovens?

Que problemas e necessidades estão associados? Emoções, sentimentos também?

00:02:34 Profissional 6

É desafiante no sentido em que, se eles não estiverem, se não adotarem uma postura colaborante à intervenção, é muito difícil chegar a eles, portanto exige muita paciência, muita compreensão, e pelo menos a minha intervenção, isto varia de profissional para profissional, claramente, mas eu sou muito apologista de uma comunicação não violenta, portanto de os tentar chamar à razão sempre com a calma necessária, mas é muito complicado porque eles dizem que sim, e depois naturalmente e impulsivamente até, nas costas, estão a fazer exatamente o oposto.

00:03:13 Profissional 6

Portanto, ao nível dos consumos de estupefacientes, eu não sou clínica, portanto eu não tenho a formação adequada para conseguir dizimar esse consumo, mas consigo tentar-lhes chamar à razão, que no fundo é esse o trabalho, é tentar demonstrar-lhes que, para além daquela realidade que eles normalizaram em alguma altura da vida, e que até lhes traz algum benefício momentâneo, que há mais para além disso, que há outra realidade, há outro caminho, mas deixo sempre a critério deles, porque a intervenção é por eles, mas com eles, e só assim isso faz sentido, portanto eles vão, obrigatoriamente, selecionar o caminho

pelo qual querem seguir, mas acho que devemos marcá-los pela positiva e que vejam em nós uma figura de referência, essencialmente, um exemplo a seguir.

00:04:04 Profissional 6

Acho que é muito por aí, mas é desafiante, sim, é desafiante no sentido em que já chegam a idades de 15, 16, 17, portanto são idades em que já têm uma personalidade muito vincada, já têm vícios muito vincados, portanto é muito difícil controlar isso, se eles não estiverem colaborantes.

00:04:22 Investigadora

Como tinha referido, nós não temos competências porque não somos psiquiatras, para trabalhar com eles aprofundadamente o de consumo de drogas, mas para isso também podemos utilizar o trabalho em rede, certo?

00:04:37 Profissional 6

Que é o que nós fazemos aqui, porque todos os jovens são acompanhados, por norma, e quando têm este tipo de características, por pedopsiquiatria e por psicologia, acumulativamente.

00:04:47 Investigadora

Certo.

00:04:49 Profissional 6

E nas consultas também de cessação de consumos, quando aplicável. E, portanto, é muito importante este trabalho em rede, claramente, não só no que toca aos consumos, mas no que toca a todas as outras problemáticas. Uma desvinculação familiar, por exemplo, que não seja por parte do jovem, é preciso

ser trabalhado a nível psicológico e emocional com o psicólogo, portanto é muito importante haver este trabalho em rede, sem dúvida alguma.

00:05:17 Investigadora

E considera que também é importante haver intervenção familiar com estes jovens?

00:05:22 Profissional 6

Depende.

Depende dos familiares. Exatamente, portanto, se em rede de suporte, se em rede de guarda familiar, forem, por exemplo, duas pessoas toxicodependentes ou com um alto índice de criminalidade. Não sei até que ponto é benéfico eles fazerem parte integrante da intervenção que é feita com o jovem. Com isto, eu em momento algum estou a dizer que a desvinculação familiar é o ideal, porque não é. Ou seja, os familiares também precisam de tratamento, de intervenção, desenvolver competências parentais...

00:06:22 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes destes jovens? Ou seja, que práticas no dia a dia é que nós enquanto profissionais podemos utilizar e que ajuda a que estes jovens tenham um melhor comportamento?

00:06:39 Profissional 6

Isto é a minha intervenção, é a minha estratégia e também tem muito a ver com a minha forma de sair e estar na vida, não só em contexto laboral. Para eu conseguir chegar a eles, só há uma forma, que é estabelecendo uma relação com eles de confiança e de transparência. Portanto, e mesmo ao repreendê-los,

que não seja ao puni-los, ao gritar, ao ameaçar. Ou seja, a sermos assertivos. Assertiva, mas sempre com uma comunicação não violenta e ao estar a repreender, fazê-lo entender o porquê de eu estar a repreender. Vendo exemplos, por exemplo, um exemplo muito prático, tem muito por norma, aqui eles sabem que têm que nos pedir autorização para saírem. E eles muitas vezes não pedem autorização, informam que vão sair. Portanto, dizem assim, vamos sair. Isto não pode acontecer. E o que eu faço é explicar-lhes a diferença entre o vamos sair e o podemos ir sair. Portanto, e esta sensibilidade que eles não têm para perceber, porque na verdade no fundo eles estão a dizer vamos sair, e eles estão quase que a questionar, mas não questionam, informam.

00:07:49 Profissional 6

E portanto, explicar-lhes o porquê de estarem a ser repreendidos, explicar o porquê que a curto, médio ou longo prazo aquilo vai ter consequências na vida deles e portanto perceberem que é importante estabelecerem e terem algumas coisas estandardizadas, comportamentos, que há coisas que não são negociáveis, que é a boa educação, que é o cumprimento de regras, que é a arrumação dos quartos, que é uma panóplia de coisas. A escola não é negociável, portanto sem a escola não vão a lado nenhum. Tudo o resto é negociável. Tudo o resto está em cima da mesa. Há certos aspetos, a educação, a escola, não é negociável. E é muito por aí que eu vou com eles. Portanto, uma relação sólida, de confiança e também tem que ser afetiva e emocional, tem que ser.

00:08:35 Profissional 6

Porque eu gosto que se sintam confortáveis comigo, quer seja para chorar ou quer seja para me virem contar uma anedota que eu até nem acho assim tanta graça, mas em ambas as situações eu quero que partilhem comigo. E tem que haver essa vontade, tem que haver essa relação, tem que me procurar sem eu ter que andar constantemente atrás deles, porque não faz sentido assim.

00:08:56 Investigadora

Ao nível das consequências negativas, das punições, considera que têm um impacto na melhoria de comportamento?

00:09:02 Profissional 6

Na grande generalidade das vezes depende das punições. Mas na grande generalidade acho que têm exatamente o efeito contrário. Ou seja, eles já têm tão pouco. Na verdade, eles não escolheram isto. Não é do agrado deles estarem aqui porque nenhum deles veio aqui inscrever-se. E, portanto, ao estarmos a restringi-los ainda mais, ao estarmos a puni-los de uma forma extrema, portanto eu não sou apologista de extremos, seja em que circunstância for, acho que vai ter exatamente o efeito contrário, que é vai chegar a revolta, não vão saber gerir a frustração, repreender sim, mas com conta, peso e medida, portanto deve haver um equilíbrio.

00:09:44 Investigadora

Ok, ou seja, não dar castigos desproporcionais àquilo que ele fez.

00:09:49 Profissional 6

Exatamente, portanto mediar muito bem o castigo àquilo que efetivamente o jovem fez, também não podemos descurar e menosprezar de facto de que são adolescentes e a adolescência é por si só uma fase desafiante, tanto para os pais como para os encarregados de educação, no caso não serem os pais, tanto para os jovens em si e portanto temos que perceber que há certo tipo de atitudes que são normais, não são legítimas, mas são normais, muito mais quando se trata de jovens com este tipo de características, de problemáticas e de exigências.

00:10:24 Investigadora

E ao nível das consequências positivas, tem um forte impacto?

00:10:27 Profissional 6

Tem, tem, tem, tem as consequências positivas, as recompensas. Sim, sim, de certa forma não precisa de ser somente recompensas a nível material, nem financeiro, pode ser um elogio, por exemplo. Eu uso muito isso. Eu tão depressa os repreendo quando têm alguma postura menos correta, como lhes digo que tenho muito orgulho neles e nos homens que se estão a tornar quando têm alguma atitude positiva e reforço sempre que tudo aquilo que eles fizerem não é por mim que estão a fazer, é por eles. Portanto, é muito importante também a valorização e o reconhecimento de quando efetivamente eles são assertivos e são educados e, portanto, algo que não é expectável, porque eles precisam no fundo perceber que alguém acredita neles e eu acredito plenamente neles, portanto, não desacredito em nenhum dos jovens.

00:11:38 Profissional 6

E é muito por isso também que é muito bom o abraço, o estou aqui, o tenho orgulho em ti, o boa, conseguiste, vai lá, tu consegues, estás a ver que quando queres tu até consegues, tu até fazes as coisas em condições, tu até não és indelicado para as pessoas e isso é muito importante também, é ver esse reforço constante.

00:11:57 Investigadora

E ao nível das tarefas de autonomia?

00:12:02 Profissional 6

Isso também depende um bocadinho da dinâmica de cada casa, de cada instituição. Mas acho importante começar pelos pequenos passos, portanto, o voto de confiança, de gerir o dinheiro, por exemplo, de dizer ok, vou-te disponibilizar X dinheiro no cartão.

00:12:15 Investigadora

Ou seja, eles vão conquistando alguma liberdade, mas também têm que demonstrar que são pessoas dignas de confiança.

00:12:21 Profissional 6

Exatamente, por exemplo, queres comprar os fones, ok, tens sido pontual na escola, o feedback é positivo, vou aceder, certo, disponibilizo X dinheiro no cartão, vais com o teu cartão de forma autónoma, vais comprar os fones e entregas-me o talão.

00:12:38 Profissional 6

E é assim que funciona, portanto, havendo depois aqui uma quebra, voltamos à estaca zero. Isto é como uma escada, vamos subindo degrau a degrau, há um incumprimento, há uma falha, portanto, voltamos à estaca zero e a confiança volta a ter que ser trabalhada. É assim que funciona, só que está um bocadinho na dinâmica. Mas o sentido é prepará-los para a vida, portanto, eu não estou a prepará-los para mim... Eu não estou a prepará-los para mim, estou a preparálos para o mundo, tal como os nossos filhos, nós também não os preparamos para nós, preparamos para o mundo. E, portanto, é importante que eles saiam um bocadinho, passo a expressão, debaixo das nossas saias e que saiam a fazer as coisas, portanto, que tenham a consciência de gerir o dinheiro, portanto, se está disponibilizado esta quantia, eu até quero dois produtos, mas não dá, portanto, vou ter que abdicar. Porque não vou disponibilizar mais dinheiro e isto aconteceu ainda hoje. Um jovem queria dois artigos, mas não tinha dinheiro

suficiente… Ok, então, traz dois mais baratos ou um mais caro, portanto a opção é dele.

00:13:55 Profissional 6

Portanto, é um bocadinho isto, é prepará-los para a vida, saberem que têm que optar e que toda a opção, toda a atitude que eles tenham e que a postura deles em relação à vida também vai guiar muito o sucesso ou não do futuro deles.

00:14:11 Investigadora

Sim, e ao nível da ocupação dos tempos livres?

00:14:14 Profissional 6

Nós temos algumas atividades que desenvolvemos aqui que a casa desenvolve e eles aderem. Às vezes, numa primeira instância não querem aderir e há aquele forcing saudável, porque não dás o benefício da dúvida? Porque é que não experimentas, depois de experimentares, então, decides, não queres, queres sem compromisso, vai, experimenta e depois até acabam por gostar e por se integrarem e por participarem mais assiduamente. Portanto, há sempre esse forcing que é natural, porque numa primeira abordagem a resposta é algo de não, não quero, prefiro estar no telemóvel ou ver tiktoks. Há esse forcing, até vão, gostam e eu acho super saudável, bem como as atividades extracurriculares, o desporto, por exemplo, a atividade física, promover a atividade física e muito no sentido também da prevenção de consumos, é bom a prática de exercício físico. Portanto, nós também vamos muito por esse caminho, temos imensos jovens que fazem atividades extracurriculares nesse sentido.

00:15:12 Investigadora

Ok, há mais alguma coisa que considera que seja importante dizer?

00:15:36 Profissional 6

Acho que é importante haver uma consciencialização mais vincada, perto de todos os profissionais que trabalham nesta área, para a não desacreditação destes jovens. Ou seja, tem consumos, ok, quer dizer, não é ok, mas tem consumos, vamos tratar, não é um caso perdido. Portanto, acho que há muita facilidade por parte dos profissionais em desacreditar deste tipo de jovens e, consequentemente, desinvestir. Portanto, abrir o espectro e mudar um bocadinho esta mentalidade que está mal enraizada acho que é muito importante, porque estes jovens merecem uma oportunidade, sempre, estes jovens, igual a qualquer pessoa, merecem uma oportunidade. Não é um caso perdido e se nós estamos cá, não podemos mudar o mundo, mas podemos melhorar. Se todos pensarmos assim, as coisas correm, claramente.

00:16:28 Investigadora

Para isso é muito importante trabalhar em equipa.

00:16:32 Profissional 6

Aprender a trabalhar em equipa, que quando as coisas correm bem, correm bem para a equipa e não é só para mim, nem só para o meu colega, é para a equipa. E no fundo estamos todos a remar para o mesmo lado, temos que querer o mesmo.

00:16:44 Investigadora

E porque a intervenção só tem efeito se for toda a gente a trabalhar da mesma forma. Se for só uma pessoa a fazer tudo, por tudo e depois os outros não a fazem, não vai ter qualquer tipo de efeito.

00:16:54 Profissional 6

Claramente. Ou então o jovem em si, só vai acreditar, ou só vai estabelecer uma relação com uma pessoa e, portanto, só vai...

00:17:04 Investigadora

Ou então às vezes aquela pessoa vai passar a ser a má fita.

00:17:09 Profissional 6

Porque repreende, porque investe, porque quer saber, porque quem não quer saber não repreende. E eu digo muito isto, se eu te repreendo é porque eu gosto de ti, me importo contigo, porque eu quero que sejas alguém na vida. Porque se eu não o quisesse, se eu não estivesse para aí virada, não ganho nem mais, nem menos, por te repreender. Portanto, eu deixava-te de fazer o que queres e bem te apetece e depois a partir daí acatarias com as consequências naturais das coisas.

00:17:33 Investigadora

Então é muito importante realmente formar uma equipa que trabalhe toda para o mesmo lado.

00:17:40 Profissional 6

Nem faz sentido de outra forma, porque se as pessoas não trabalham todas no mesmo sentido não há uma equipa.

00:17:48 Investigadora

E para isso, para que isso aconteça, o que é que acha que é importante fazer?

Reuniões?

00:17:53 Profissional 6

Formações.

00:17:54 Investigadora

Formar os profissionais... Mas formar porquê? Acha que muitas destas pessoas não têm qualificações suficientes, principalmente quem está na equipa educativa?

00:18:06 Profissional 6

Exatamente. Primeiro, não são devidamente preparados para o que vêm. Porque, sim, são jovens que são desafiantes. E um adolescente é desafiante, um jovem, quando vem para o acolhimento, é um jovem que por si só é em dobro desafiante. É por isso que vai desafiar a autoridade, vai testar os limites, vai saber... Porque se não reconhecia, por exemplo, a autoridade aos pais em casa, não vai chegar aqui no primeiro momento não vai reconhecer a autoridade. E não é à força nem a gritar que vamos conseguir chegar a ele. Ou às vezes a ser demasiado permissivo o que também acontece. Porque então estamos a compactuar, estamos a alimentar com a problemática que o fez chegar até aqui.

00:18:58 Investigadora

Ou seja, tudo bem contratar pessoas sem formação, sem qualificações para a equipa educativa até porque não é obrigatório perante a lei. Mas, por outro lado, dar formação a estas pessoas.

00:19:09 Profissional 6

Claramente, claramente, formar, sim. Prepará-los. Prepará-los mesmo ao nível da gestão das emoções, ao nível desta mediação que é tão importante, é fulcral até diria.

00:19:20 Investigadora

Esta formação deveria ser feita antes de ir para o terreno?

00:19:24 Profissional 6

Eu acho que a formação deve ser contínua. Em conjunto com os outros profissionais. A formação deve ser contínua. Sempre. Mas principalmente antes de começarem a trabalhar com os jovens. Antes de exercer. Até para saberem para aquilo que vêm. Perceber o que é o acolhimento residencial em Portugal. Perceber as várias entidades que estão envolvidas. Até para compreenderem que não vêm trabalhar com crianças supostamente normais. Eu digo muitas vezes que nós não temos aqui meninos do coro porque se fossem eles não estavam aqui. E, portanto, temos que saber e ter a formação necessária para conseguir gerir tudo isto. Para conseguir perceber não legitimando, não compactuando, mas para conseguir ter uma postura correta e imparcial. Porque é muito importante também mantermos a imparcialidade nisto tudo. Porque chega um jovem que tem um histórico de agressões, por exemplo, à família ou aos pais. Eu não posso... Para mim vai ser o jovem X. Não vai ser o jovem que bateu na mãe. Não é? Portanto, a minha postura não pode mudar com relação ao que motivou o jovem.

00:20:35 Investigadora

Ou seja, ver o jovem para além daquilo que ele fez.

00:20:38 Profissional 6

Ver o jovem. E não é solução ocultar isso dos profissionais que estão envolvidos na intervenção. Portanto, tem que haver uma partilha para eles perceberem também algumas atitudes que o jovem poderá ter, um jovem que seja vítima de violência doméstica por exemplo.

00:20:53 Investigadora

Sim, até porque há algumas casas que acabam por ocultar os processos dos jovens e depois o profissional no terreno não percebe o porquê de ele ter aquele comportamento.

00:21:02 Profissional 6

Claramente, no meu ver, eu enquanto técnica faço questão de partilhar com conta, peso e medida. Não precisam de saber de tudo... Partilhar aquilo que é fundamental para que haja uma compreensão clara da outra parte do porquê que motiva aquele jovem às vezes a ter uma reação menos positiva, menos adequada. Portanto, tento muito sensibilizar nesse sentido e acho que isso é fundamental. Haver essa partilha e haver essa preparação do profissional. Portanto, para tentar às vezes quase dizimar algumas faltas de compreensão e falta de sensibilidade, principalmente, acho que é o termo adequado, de lidarem com certos tipos de questões que aparecem pontuais no dia-a-dia e que são normais.

Profissional 7, (equipa educativa)

(Casa de Acolhimento “B”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:08 Profissional 7

Eu acho que isto já vem muito de trás, não é? Isto tem tudo a ver com a falta de tempo dos pais, falta de acompanhamento. É muito mais fácil enveredar por aqueles caminhos que nós sabemos que não são os corretos, não é? Eu acho que é muito mais fácil depois quando não há um acompanhamento em casa, até mesmo às vezes nas escolas, mas lá está, não se pode estar a incutir às escolas essa responsabilidade também, só às escolas. Mas a falta de acompanhamento... Contínuo a achar que passam muito tempo sozinhos, que por parte dos pais nem sempre conseguem. Às vezes não é o não querer, é o não conseguir. E acho que é muito fácil em determinadas idades, ir por aqueles caminhos, não é? Acho que é mais fácil.

00:00:58 Investigadora

Quais são as suas maiores dificuldades ao trabalhar com estes jovens? Problemas, necessidades? Que emoções e sentimentos estão associados?

00:01:07 Profissional 7

Eu acho que o mais difícil para mim é não me deixar envolver psicologicamente, sentimentalmente, embora eu não consiga. Eu não consigo...

00:01:17 Investigadora

Distanciar-se...

00:01:19 Profissional 7

Não consigo. Tento tratar as pessoas da mesma maneira, cada um... Sabemos que alguns deles têm necessidades mais do que outros, não é? Mas para mim o mais difícil é realmente... Eu acho que o mais difícil realmente é conseguir-me

distanciar. Depois é, óbvio, jovens com consumos e coisas do género, é muito mais difícil trabalhar com eles, porque a disponibilidade da parte deles também acho que não é a mesma. Mostram muita resistência. Por exemplo, em atividades, conseguir que eles adiram a alguma atividade, mostram muita resistência. Só o facto de terem de estar aqui, para todos já não é fácil, mas eu acho, para os que têm um historial de consumos, que é muito mais difícil trabalhar com eles. Porque a disponibilidade deles não é a mesma. A abertura deles mesmo para falar connosco também acaba por não ser a mesma.

00:02:32 Investigadora

E acha que é muito importante haver trabalho em rede.

00:02:35 Profissional 7

Ah, óbvio.

00:02:36 Investigadora

Por exemplo, nós não conseguimos trabalhar com questões de drogas, porque não temos formação para isso, mas um médico pode.

00:02:44 Profissional 7

Exatamente, lá está. Acho que tem que haver realmente aí um jogo de cintura entre todos, não é? Porque assim, nós não temos formação para isso, não é? Mas há quem tenha e se nós pudermos ajudar de outra maneira, claro que sim, acho que é essencial.

00:03:04 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes destes jovens?

00:03:12 Profissional 7

Isto, olha, eu acho que o facto de se nós conseguirmos chamar um bocadinho até nós, já é positivo. Isto não é fácil, não é fácil porque a resistência, a disponibilidade, nada ajuda. E acho que se nós conseguirmos, se calhar, chegar a eles, torna-se mais fácil, porque aí já se abre uma porta que se consegue entrar para algum lado. Agora, quando eles não querem...

00:03:44 Investigadora

Ou seja, conseguir criar uma relação com eles.

00:03:47 Profissional 7

Sim, porque quando eles não querem, acabou há ali uma barreira. Se não se conseguir chegar de alguma forma, é muito complicado.

00:03:56 Investigadora

E ao nível das consequências negativas das punições, tem um impacto positivo?

00:04:03 Profissional 7

Isto tem um.. É positivo e é negativo... Porque eles não aceitam a maior parte das coisas que nós lhes dizemos, não é? Não adianta nós estarmos a dizer-lhes, consumir só te faz mal, queres ir embora para casa e isso não vai ajudar. A maior parte deles não quer ouvir. Não ouve nem quer ouvir. Daí eu dizia que se calhar, quando se consegue chegar a eles, seja de que forma for, pelo menos há ali uma ligação com alguém, que se calhar com o colega não funciona tanto porque não tem essa abertura, mas comigo já é capaz de funcionar. E se calhar, se for eu a chamar a atenção, ele é capaz até de ouvir, pode até não cumprir, mas fica a ouvir.

00:04:55 Investigadora

E ao nível das consequências positivas, do reforço positivo?

00:05:00 Profissional 7

É óbvio que se nós fizermos perceber que... Que é assim, nós conseguimos que eles não consumam, eu acho que isso é quase impossível. Não é impossível, mas é difícil, muito difícil. Mas o facto de nós os incentivarmos e mostrarmos que se calhar é mais fácil se ele quer realmente ir para casa, que tem que fazer... Não consumir, ou pelo menos o reduzir e ajudar, os reforços positivos aí funcionam muito. Dar-lhes alguma coisa em troca, ou fazê-los perceber que vão receber alguma coisa em troca, às vezes funciona.

00:05:43 Investigadora

E ao nível das ocupações de tempos livres, funciona?

00:05:46 Profissional 7

Funciona, porque é óbvio que se eles estiverem ocupados, não se conseguem abstrair daquela necessidade que têm, mas estão ocupados, pelo menos durante aquele espaço de tempo, faz-lhes pensar outra coisa. Não é fácil é conseguir que eles adiram e que queiram participar, mas quando se consegue, acho que é muito saudável.

00:06:08 Investigadora

E ao nível da intervenção familiar, acha que resulta? Ou seja, chamar os pais familiares para...

00:06:14 Profissional 7

É óbvio que resulta. Continuo a dizer que se todos ajudarmos, tem que haver lá está médicos, família, se cada um ajudar naquilo que consegue, porque é óbvio que a estrutura familiar também ajuda muito nesse sentido. Temos aqui jovens que não têm em qualquer retaguarda familiar. Aí torna-se mais complicado, mas temos que ser nós a fazer o trabalho. Mas com a ajuda da família, ajuda imenso. Tem que haver ajuda, tem que haver partilha, tem que haver a vontade nossa e também deles. Se não houver...

Profissional 8, (equipa técnica)

(Casa de Acolhimento “C”)

00:00:03 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:09 Profissional 8

Ah, pergunta grande, não é? É muito variado, não é? Eu associo sempre a apresentação de comportamentos desviantes como sintomas. Interpreto sempre como sintomas de algo que não está bem, não é? Ou porque em termos de estruturação e de consolidação de personalidade, de regras, de limites, de como eu devo reagir e posicionar-me socialmente com os outros, algo falhou. Algo falhou porque os modelos eram negativos e também adotavam comportamentos desviantes, portanto é a realidade que eles conhecem. Ou porque de alguma forma foram tão negligenciados que à falta de outra referência encontraram aí uma forma de ter voz e de encontrar a sua voz e depois não tiveram o apoio necessário para amadurecer. Porque fazer birras e ter comportamentos opositores é mais ou menos expectável aos 4 anos de idade, é absolutamente desenvolvimental. Depois é preciso um adulto a dizer assim, o limite está aqui, não se passa desta linha na forma como se fala, como se reage, como se age. E se eles não tiverem esse tipo de retaguarda nessa idade precoce é natural que

depois não saibam onde é que estão os limites e têm muitas dificuldades em aceitar. Os adolescentes, por norma, também andam muito ali na linha de testar onde é que estão os limites, o que é que pode passar, não passar. Faz parte também de um bom processo desenvolvimental para um adolescente testar os limites.

00:01:35 Profissional 8

Quando estas coisas falharam para trás ou quando, devido a abusos e maus tratos e episódios traumáticos precoces, não temos estrutura, não temos resiliência, não temos estabilidade emocional para lidar com, na adolescência, fazendo essa tarefa de testar limites e de encontrar a minha voz e quem eu sou no mundo, é possível e é muito natural, parece-me que seja tudo muito facilmente desorganizado e desorganizável. Eu lido com frustração, nunca me deram suporte para lidar com a frustração. Já nem digo ensinar a lidar com a frustração, porque isso pode ser difícil, mas nunca me deram a segurança de que não ia ser abandonado, que não ia ser maltratado se não fosse esta imagem que eu criei na minha cabeça e, portanto, perante frustração, desorganizo-me facilmente e adoto comportamentos ditos desviantes.

00:02:24 Profissional 8

E outros que não têm autoestima nenhuma e vão sempre atrás do grupo de pares e, portanto, adotam comportamentos desviantes porque são inseridos em grupos de pares desviantes, porque não têm a fortaleza necessária para dizer, isto é aceitável, isto não é aceitável, ele quer isto para mim, eu não quero isto para mim. Portanto, eu entendo sempre como um sintoma de grande sofrimento interno ou de grande incapacidade de lidar com isso.

00:02:49 Investigadora

Quais são as suas maiores dificuldades sentidas ao trabalhar com estes jovens?

Problemas necessidades, que emoções e sentimentos estão associados?

00:02:59 Profissional 8

A frustração é um grande gatilho, não é o problema em si, mas é o grande gatilho dos episódios mais negativos e das coisas mais significativas cá na casa. Quais são as grandes dificuldades de trabalhar com.. Eu acho que é criar uma relação terapêutica segura com eles, é o mais importante, é o que vai fazer a maior diferença, mas também é o mais difícil de conseguir e de construir, porque especialmente nesta casa em que as meninas já estão há muitos anos no sistema, a maior parte delas já vieram de outras casas de acolhimento, já lhes foram feitas muitas promessas que saíram furadas, ou nos tribunais, ou nas famílias, ou até em outras casas de acolhimento, porque já viveram em sítios que lhes disseram que estão aqui para ti, não te vamos abandonar, e depois isto não é um abandono, é uma transferência, sem dúvida nenhuma, pelo contrário, é o reconhecimento de que é preciso algo diferente para trabalhar, mas na perceção de miúdos que têm um histórico de abandono é muito fácil isto ser confundido.

00:04:05 Profissional 8

Por muito que a gente diga que não, que não, que não, mas depois na prática nós sabemos que isto é muito complexo e, portanto, ganhar a confiança delas e construir esta relação positiva é a maior dificuldade. Por exemplo, na sexta-feira entrou uma jovem que faz 18 anos daqui a dois meses, ela não está de todo disponível sequer para criar esta relação, olha para o calendário e pensa, já me vou embora daqui, não estou para isto, e, portanto, está em oposição, está em reação e não está nada disponível. Isto é uma grande dificuldade, mas é essencial.

00:04:43 Investigadora

Então, o ideal seria que as raparigas viessem para cá mais cedo?

00:04:47 Profissional 8

Eu não estou a dizer que não possam vir aos 17 anos, mas a faltar 2 meses para fazer os

18... E quando elas querem abandonar o sistema, porque lá está, na semana antes do Natal entrou uma miúda que faz 18 anos em Abril, mas que não tem retaguarda familiar e o tipo de perfil dela e do problema que ela tem, que leva a sua integração nesta casa especializada, é muito diferente da outra. É uma miúda que tem um projeto de vida e pretende continuar no sistema em autonomização mais tarde, pretende estudar e tal. Portanto, é um perfil completamente diferente. Claro que eu estou a contar o relógio na mesma e não se cria uma relação em 4 meses, isso também não existe, mas a predisposição dela é muito diferente. Claro que era ideal que elas entrassem mais cedo, quanto mais cedo melhor, a gente começa a trabalhar mais depressa, mais a fundo. Mas pronto, há coisas que só emergem numa determinada altura e têm que se esgotar também a outras questões, porque também não vamos andar a passálas como uma bola de pingpong.

00:05:45 Profissional 8

Mas há miúdas que já estão num patamar tão destrutivo, não é o caso desta, mas há miúdas que já estão num patamar tão destrutivo que quando chegam já não querem. E a questão é, se eu tiver tempo, elas vão acabar por tentar, são por ter estes laços, porque apesar de tudo vou ter que vos aturar um ano, 9 meses, 10 meses. Portanto, mais vale entrar neste esquema e dar-me a hipótese a estes adultos. Em 2 meses não me parece de todo que, a não ser que eu achasse que fosse uma opção da miúda e fosse na concordância dela, eu fosse a dizer que é uma disponibilidade que não é o caso.

00:06:25 Investigadora

E que estratégias utilizar para criar esta relação?

00:06:28 Profissional 8

Consistência, estabilidade, previsibilidade. Eu acho que as boas relações terapêuticas constroem-se no quotidiano e nas pequenas coisas. Claro que ter um modelo terapêutico ajuda, ter uma guia orientadora ajuda, ter toda a casa com estes recursos que nós temos de discutir com os profissionais semanalmente, como vamos lidar com esta miúda, o que resulta melhor... Isso tudo ajuda. Mas é no dia-a-dia e nas pequenas coisas que se consegue genuinamente fazer isto. Claro que tudo isto ajuda a que todas essas pequenas coisas sejam intencionais e tenham ganhos. Mas eu compreendo que se eu disser à miúda que cá em casa as regras são assim, se tu quebrares esta regra existe esta consequência, mas se tu conseguires superar esta dificuldade vais ter este privilégio. Depois cumprir com isso e isso ser muito claro e ser muito previsível ajuda muito a quebrar estas barreiras de desconfiança que elas têm no sistema. São crianças muito maltratadas por isso é que estão em casas de acolhimento. Se corresse bem não estavam em casas de acolhimento. É preciso desconstruir isso tudo. E isso faz com adultos muito conscientes, até um bocadinho híper vigilantes do seu papel como modelos e como referências para as miúdas. Portanto, eu a determinada altura tenho que ser consistente comigo própria. Portanto, também tenho que ser um bocado sincera e transparente. Não vale a pena eu criar uma personagem que eu não sou.

00:07:48 Investigadora

Até porque a máscara vai acabar por cair.

00:07:50 Profissional 8

Vai cair, claro. E vou ser apanhada nessa mentira e tudo o que eu disser a partir daí ficará posto em causa. E eu ser transparente e ser sincera poderá obrigar a que eu olhe e pense que este traço meu não é positivo. Então, se calhar vou fazer este trabalho. É um trabalho que nos modifica muito, que nos transforma a

nós adultos. Ou devia transformar a nós adultos profundamente, de uma forma positiva, na minha opinião.

00:08:16 Investigadora

Que estratégias psicossociais educativas consideram que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes destes jovens? Ou seja, que estratégias é que vocês utilizam no dia a dia, ou que coisas fazem no dia a dia para que as raparigas tenham menos comportamentos desviantes?

00:08:33 Profissional 8

Várias. Nós temos o modelo terapêutico. O modelo terapêutico tem essa intencionalidade até de reeducação e de reestruturação, da maneira como elas vivem o mundo e lidam com o mundo. Inserido no modelo terapêutico temos várias estratégias. Uma delas, aquela que mais interfere no quotidiano das meninas, é o sistema progressivo por fases. É um sistema de avaliação, um sistema de economia de fichas, com pontos, que permite dar a tal previsibilidade que eu estava a falar há um bocado e a tal segurança no futuro, que é uma coisa que falha muito. Estes pontos são semanais, é uma ideia avaliada semanalmente, conforme os comportamentos, porque é que correu bem, porque é que correu mal na semana. Tem uma nota no fim da semana, essa nota corresponde a uma série de privilégios conforme a fase e a acumulação das notas permite ir a bastantes fases. Avançado as fases há mais privilégios e mais responsabilidades também. É um trabalho que é preciso fazer com elas.

00:09:33 Profissional 8

Isto faz com que o meu quotidiano possa ser muito previsível e começa-as a obrigar a planear, que é uma coisa que os adolescentes são péssimos, vivem no aqui, no agora e planeiam muito pouco, pensam muito pouco nas consequências e no futuro. Isto obriga-me a planear, porque se eu quero estar no São João em casa, porque curto muito o São João, é uma cena que a gente fala, tenho que

estar na terceira fase e para estar na terceira fase preciso de não sei quantos pontos. Tenho seis semanas e tenho que tirar três e quatro. E elas fazem contas...

00:10:10 Profissional 8

Parece que não, parece que é muito utilitário, superficialmente olha-se para os pontos e pensa-se que os pontos é que é aqui. O transformador não, os pontos são orientadores para elas, justamente para elas. Porque para tirar um três ou um quatro não sei exatamente como é que tenho de me comportar. Isto é uma estratégia boa, funciona muito bem.

00:10:28 Investigadora

Os pontos vão de quanto até quanto?

00:10:30 Profissional 8

De zero a cinco. São fáceis de compreender, nas reações são fáceis de ouvir.

Sim, quem tiver cinco é porque teve um excelente comportamento.

Teve uma semana impecável, não tem nada a apontar. Depois é feita a reflexão também na semana. E elas podem ter zero também. E podem perder pontos. Porque a vida é móvel.

00:10:50 Investigadora

Por exemplo, uma rapariga que esta semana tem cinco e para a próxima tem três, ela vai perder pontos?

00:10:55 Profissional 8

Não, não, não. Perde-se pontos especificamente. Que é agressões físicas, coisas muito físicas. Coisas muito graves. Agressões físicas, perde-se pontos, fugas, normalmente perde-se pontos ou regressão de fase. Se eu estou a fugir numa fase em que tenho muita liberdade, se calhar tenho de dar um passo atrás para poder depois consolidar melhor.

00:11:14 Profissional 8

Cada fase tem objetivos de intervenção específicos. A primeira fase é uma desestabilização, a segunda é de adaptação, a terceira é de consolidação. E depois temos um sistema diferenciado para promoção de autonomia, com dois níveis. Aí já funciona de uma maneira um bocadinho diferente. Os pontos são só guiões muito claros e fáceis. Porque eu tenho miúdas que têm muita dificuldade em compreender essa questão qualitativa. A qualitatividade às vezes parece subjetiva. Perde-se até com as nossas próprias referências e com os nossos valores. E os pontos não, dão-nos um bocadinho mais de... Algum material. E é mais fácil de perceber. O meu objetivo é retirar os pontos. E os níveis e a fase de preparação para a autonomia é qualitativa, já não é quantitativa. Se uma quantitativa funciona muito bem durante X tempo, a longo prazo, nós sabemos que os pontos também desgasta e se transforma em algo não natural. Nós não vivemos a nossa vida com pessoas a dar-nos pontuação para tudo aquilo que fazemos. Isso é uma estratégia. A aplicação do sistema de consequências e de privilégios é muito importante. Especialmente os privilégios. Nós tendemos a focar-nos nas consequências porque o ser humano tende a focar-se nos comportamentos negativos. Mas nós queremos substituir comportamentos desviantes por outro tipo de comportamento.

00:12:32 Profissional 8

Nós não podemos só aniquilar os comportamentos maus sem introduzir, sem acarinhar, sem regar muito bem um comportamento pró-social. É preciso investir muito na criação e na consolidação de comportamentos pró-sociais. E isso faz também com privilégios. Ela fez aquilo uma vez. Pode ser uma coisa básica, mas

para ela foi muito difícil. E foi só uma vez. Vamos dar consolidado. Não interessa. Vamos bater palminhas e dar um... Vamos reforçar isso positivamente. E eu acho que mesmo na nossa casa, que tem isto muito descritivo e muito presente, é muito frequente nós prendermo-nos nas coisas negativas.

00:13:12 Investigadora

Sim...

00:13:13 Profissional 8

E nos comportamentos disruptivos e negativos, que são muitos ainda por cima, com muita frequência cá em casa. E não nos lembrarmos como é importante reforçar os positivos. E reforçar verbalmente é muito importante, mas também é reforçar com alguma ação. E a ação pode ser... Vamos ali tomar um café às piscinas. Nós não temos aqui nada perto, temos ali as piscinas. Tem um barzinho também. Pode ser um passeio, pode ser uma saída extra, pode ser uma chamada extra. É uma série de pequenas coisas que se podem fazer para assinalar positivamente esse comportamento. Nós nunca oferecemos coisas.

Nunca temos um critério... Algo custa dinheiro. Por exemplo, dar um chocolate. Poderia ser um privilégio. Nós nunca usamos essa estratégia. Porque um chocolate é uma coisa que teríamos que adquirir eventualmente. E, portanto, o privilégio passava a ter um valor monetário.

00:14:14 Investigadora

Vocês não recebem doações?

00:14:16 Profissional 8

Recebemos. E poderíamos dar, mas normalmente se tivermos chocolates, damos a todos. Porque é uma coisa especial e distribuímos... Especial não, cá

há sempre... Mas pronto, vamos distribuindo a todas. Imagina que há um chocolate maior que os outros todos. Ok, então se calhar esse chocolate vai para a que teve melhor nota... Isso sim, podemos utilizar como reforço e como privilégio. Em vez de dar coisas, preferimos dar momentos e dar tempo de qualidade.

00:14:48 Investigadora

Sim, até porque às vezes as raparigas podem pensar que vou ter este comportamento porque depois vou receber aquilo.

00:14:54 Profissional 8

Sim, e depois materializam e... Reforçam uma lógica até de algum consumismo, não tem que ser porque se gasta dinheiro, de materialismo. Também não é bem isso que nos importa. Importa que nos casos também se sintam bem com elas próprias e porque tu não recebes sempre um chequezinho extra por fazeres uma coisa bem feita. E, portanto, a vida é assim e é isso que nos interessa reforçar. Normalmente as saídas funcionam muito bem porque vai-se com o profissional da casa e, portanto, é tempo de antena, é tempo de qualidade conversacional.

00:15:23 Investigadora

E ao nível da autonomia, das tarefas de autonomia, considera que isto ajuda também?

00:15:28 Profissional 8

Muito. Nós temos duas unidades residenciais, os dois pisos. O piso de baixo é dedicado ao sistema de intervenção, já não tem as fases como tem cá em cima, ao sistema de intervenção para a preparação para a autonomia. E vem uma série de responsabilidades, uma série de liberdades associadas a isso mesmo. Telemóvel, um computador livre, uma série de coisas que não há em cima e, portanto, há uma grande motivação para elas descerem. A parte das tarefas é o

que menos as agrada, quando pensam nesta questão de querem ir para o piso de baixo. Na prática as tarefas também vêm com um grande sentimento de autossuficiência, que é muito importante nestes meios. Claro que tem uma ou outra que é muito preguiçosa, é muito acomodada e não há nada no mundo que as motive. Mas eventualmente o objetivo seria sempre que a relação fosse interna e a motivação fosse interna.

00:16:23 Profissional 8

As minhas, em particular, têm muito pouca retaguarda familiar, quando têm é muito tóxica, não é particularmente negligente, é negativamente tóxica. E, portanto, estão muito sozinhas no mundo e têm que encontrar esta energia, esta força dentro delas. Então vão ter que se habituar a encontrá-la dentro delas. E nós tentamos fazer esta transição do externo do adulto, do educador, normalmente faz essas tarefas com elas, para elas próprias aprenderem e fazerem depois sozinhas.

00:16:51 Profissional 8

Por exemplo, o piso de baixo, o piso de autonomia, prepara o seu próprio pequeno almoço. E há dias em que não te apetece preparar o pequeno almoço, mas isso também implica que tu podes decidir se comes cereais ou se fazes uma torrada, ou se fazes uma tosta mista. Portanto, vem responsabilidades e vem trabalho, o piso de cima do pequeno almoço aparece feito, mas também vem um poder de controle sobre aquilo que eu faço. E as tarefas dão-nos isso. Eu tenho que arrumar determinada divisão da casa, mas não tenho que fazer quarta-feira às duas da tarde, tenho que fazer até quarta-feira às duas da tarde.

Porque vamos em casa também, definindo um dia, mas vamos indo, vamos gerindo...

Claro que tens de ter um teto, que se não depois nunca é feito.

00:17:32 Profissional 8

Tens de ter um teto, mas dá-lhe uma sensação de controle e de pró-ação nas suas rotinas, que normalmente nas casas de acordo com o ambiente é difícil de ter. Porque as nossas rotinas, pelo menos aqui, são muito controladas, são rígidas para manter a estabilidade e a previsibilidade, e isso é muito securizante e muito terapêutico também, numa fase inicial. Mas a partir de hoje, muito controle e muita ação. E eu estou-te a falar de miúdas que estão quase na maioridade, e vão querer tomar a vida nas suas próprias mãos, e é importante que também sejam confrontadas com as dificuldades, que é não ter sempre alguém que me diz o que é a melhor coisa que eu devo fazer. Tomar decisões sozinha é muito assustador, mas eu só sei isso depois de ouvi-las começar a tomar. O trabalho da autonomia não mantém esse aspeto. É um trabalho muito… não tenho explosões, não tenho agressões e não tenho janelas partidas, mas é muito mais difícil noutros aspetos, especialmente emocionalmente falando.

00:18:29 Investigadora

Há mais alguma coisa que considera importante dizer?

00:18:38 Profissional 8

Acho que… sim, é o meu tema preferido, é a velocidade e a ineficácia com que o sistema judicial trabalha. Eu trabalho numa casa terapêutica há muitos anos, sempre tive esta visão dos comportamentos desviantes e da adoção dos comportamentos até difíceis por parte dos adolescentes. Na minha opinião, ninguém nasce assim, ninguém acorda um dia de manhã a dizer vou partir isto tudo ou vou bater em alguém. Acho que isto se vai consolidando com o tempo e com uma série de fatores muito diferenciados, mas acho que compreender, ter uma visão terapêutica disto é muito importante, mas ter uma visão de consequência civil e social, de educação para o direito, é fundamental. E isso está a falhar drasticamente, falha muito. O sistema judicial, nos casos tutelares educativos, é lento, não acompanha nada os casos de promoção e proteção, é muito ineficaz, é muito aleatório. Eu tenho uma miúda com um determinado

comportamento, vai a uma determinada juíza, despacha-a para o centro educativo, tenho uma miúda com comportamentos muito mais gravoso, a juíza gosta muito dela, acha-lhe é piada, já não há consequência. É assustador.

00:19:46 Investigadora

Eu já ouvi muitas vezes procuradoras dizerem ele comporta-se assim porque falta-lhe muito amor e carinho. Mas não é só isso.

00:19:53 Profissional 8

E falta, e falta. Mas falta também outras coisas. E falta, sem dúvida nenhuma. E eu sou mesmo defensora disso, falta-lhe muito amor e carinho. Mas não é só isso. E é preciso ser consequente, porque crescer sem alguém que me põe um limite, que me trave, é profundamente perturbador. Nós temos uma miúda, que é uma miúda que ainda hoje vive e vai viver a vida toda numa unidade de cuidados continuados para saúde mental. É um caso mesmo grave em termos de saúde mental. Mas ela não foi sempre assim. E nós tivemos aqui uma... Ela foi sempre muito difícil, mas não foi sempre assim. E faltava-lhe muito amor e carinho, foi uma miúda vítima de maus-tratos gravíssimos, gravíssimos na primeira infância. A questão é que na altura a miúda dizia-me assim, eu preciso...

Ela tinha comportamentos muito difíceis. Eu preciso que alguém me trave. A lucidez depois é desarmante. Eu preciso que alguém me trave. Vocês já não me conseguem travar, já não me conseguem impedir de adotar estes comportamentos. Eu preciso que me mandem para o centro educativo. É uma idealização que ela tinha. Se ia fazer milagres ou não, eu não sei, mas era a idealização que ela tinha. É uma miúda que agrediu um polícia aqui em casa que o mandou de baixa de três semanas. Com gravidade muito severa. E a própria miúda tem esta coisa. E na altura nós íamos ao tribunal no âmbito do tutelar educativo. E a técnica disse, pronto, a menina vai estar com a juíza. É uma boa oportunidade para...

00:21:09 Investigadora

Mas ela é considerada inimputável?

00:21:11 Profissional 8

Não, não é. Agora, entretanto, é. Mas na altura não era. Estou a falar de anos. Se fosse inimputável, era inimputável. É outra coisa. Não, não. Com esta compreensão, sempre. Eu preciso que alguém me trave. E nós, durante muito tempo que tivemos este efeito nela, até na altura deixámos de conseguir ter este efeito nela. Não sei se o centro educativo ia fazer milagres, mas era uma idealização que ela tinha... E a técnica disse, amanhã vais ao tribunal. E é no âmbito do tutelar educativo. E a miúda foi ao tribunal e em vez de dar a opinião achou que seria mais eficaz se agredisse toda a gente dentro da sala de audiência da juíza. E agrediu muita gente dentro da sala de audiência da juíza. Menos a própria juíza. Acho que foi pena porque se calhar tinha sido diferente o caso. Agrediu a advogada, o oficial de justiça. Agrediu muita gente. Não nos agrediu a nós, nós púnhamo-nos à frente dela e ela parava porque o objetivo dela era passar uma mensagem. Muito disfuncionalmente. E até na altura essa miúda, hoje é inimputável e hoje não está bem, mas que à frente dos nossos olhos, se calhar agora com lucidez em retrospetiva vejo isto melhor do que vi na altura, mas à frente dos nossos olhos, esta falta de limites, esta falta de travão também não foi nada positiva para a sua saúde mental. Porque era uma miúda com alguns problemas. Não era psicótica, não tinha uma perturbação de personalidade.

Ainda hoje o diagnóstico oficial que tenho é perturbação de vinculação.

00:22:45 Investigadora

Ou seja, nem esquizofrenia.

00:22:47 Profissional 8

Nada disso. Não tinha uma debilidade cognitiva significativa. Era uma miúda que cresceu num ambiente muito abusivo e violento. Em stress era abusiva e violenta. Da mesma maneira que para uma criança de 3 anos e do que ela vem é dizer não, não te dou esse chocolate, escusas de fazer essa birra e não ceder à birra, num adolescente de 16 anos pode ser muito terapêutico e pode ser amor e carinho dizer-lhes não, não vais fazer isto mais.

00:23:25 Profissional 8

E portanto, as juízas dizerem que eles precisam de amor e carinho têm toda a razão, amor e carinho também é dizer já chega! Isto não podes continuar a fazer. Porque no fundo torna... Torna a intervenção muito permissiva. A intervenção muito permissiva, as mensagens muito aleatórias. Até na altura eu acho que porque é que isto é aceitável agora e daqui a uns tempos bati tanto na minha mulher que a matei porque é que agora já não é aceitável? Até agora foi aceitável.

00:23:49 Investigadora

Porque é que te consegues controlar aqui com esta pessoa e não me consegues controlar noutra situação com outra pessoa?

00:23:55 Profissional 8

Eu acho que depois a velocidade aqui é realmente gritante. Porque a pronúncia de proteção anda muito mais depressa um miúdo que faça uma coisa muito grave em casa ou na escola rapidamente vai para uma casa de acolhimento no dia pode ir de emergência no próprio dia e depois em termos de tutelar educativa chegar a uma consequência demora muitos meses, muitos meses, muitos meses. E portanto, muitos meses na vida de uma criança porque eles são crianças é muito tempo. É muito tempo. E, portanto, já foi, já veio água já passou pela ponte 3 ou 4 vezes e então é uma consequência de uma coisa que eles já nem se lembram bem do que é que fizeram.

00:24:30 Profissional 8

Nós sabemos e nós sabemos da investigação, diz-nos isto quanto mais imediata for a consequência quanto mais consequente for a consequência com comportamento negativo, mais eficaz ela será na sua secessão e na sua educação. Um ano depois não é educativo. Os centros educativos fazem, conseguem fazer trabalhos muito interessantes para a educação para o direito. Tem também técnicos tem psiquiatras lá dentro tem uma série de recursos que podem ser profundamente transformadores em alguns miúdos. Já sabemos que outros depois apanham maus vícios, está bem, mas e descobrem colegas novos também difíceis. Também nas casas de acolhimento isso acontece... Há escolas que também têm miúdos mais difíceis. A socialização é assim...

Profissional 9, (equipa técnica)

(Casa de Acolhimento “C”)

00:00:03 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:10 Profissional 9

São muitas coisas englobadas nestes motivos, não é? Portanto, eu acho que a educação que eles tiveram de base, não é? Tudo o que lhes foi transmitido na primeira infância também tem muito valor, mas depois os grupos com quem eles contactam fazem também toda a diferença. E nós costumamos às vezes aqui dizer que parece que estas jovens têm um ímã para ir ao encontro de jovens com comportamentos desviantes e acabam por entrar nos mesmos esquemas e seguir os mesmos caminhos. Muitas vezes por sobrevivência, outras vezes por amizade e por acharem que é o que faz sentido para se englobarem nos grupos de pares.

00:00:51 Investigadora

Ou seja, maioritariamente, pronto, falta de regras, não é, de limites, mas também acabarem por se juntar a pares delinquentes.

00:01:00 Profissional 9

Exatamente, por se identificarem. Claro que é o que eu digo, já numa primeira infância, já em casa eles também contactam com pais que não têm regras, que não lhes opuseram os determinados limites que falou.

00:01:12 Investigadora

Não têm uma educação para o direito.

00:01:13 Profissional 9

Exatamente. Não existe. Há falhas a todos os níveis. Portanto, um bocadinho aqui, um bocadinho ali, acaba por fazer com que este conjunto de falhas não lhes permitam identificar os melhores caminhos.

00:01:25 Investigadora

Maioritariamente fatores ambientais.

00:01:27 Profissional 9

Também, também...

00:01:29 Investigadora

Quais são as maiores dificuldades sentidas por si ao trabalhar com estes jovens?

Problemas, necessidades? Que emoções e sentimentos estão associados?

00:01:38 Profissional 9

As principais dificuldades, muitas vezes, algumas delas, neste momento, é o tempo que temos para trabalhar com estes jovens, que cada vez nos têm chegado mais tarde e, portanto, já estão muitas coisas enraizadas e o tempo que estão aqui não lhes permitem a efetiva mudança. Portanto, podemos tocar em determinados pontos, mas não conseguimos trabalhar como gostaríamos. Outra situação. Mesmo nós trabalhando com as famílias, teria que haver um trabalho muito grande com as famílias também por trás. E o que não acontece é que as jovens voltam para um meio onde está tudo igual de quando elas saíram. Elas até fizeram aqui um esforço fantástico, muitas delas com percursos espetaculares, mas... Mas depois chegam a casa e é aquele ambiente que...

00:02:20 Profissional 9

Ou também como eu digo-lhes muitas vezes, não interessa que estás a fazer aqui um grande esforço, está a haver uma mudança em ti, tu vais procurar os mesmos grupos de pares que te fizeram chegar até aqui, as mesmas pessoas, porque depois é muito mais forte, não é? Os laços que criam...

00:02:36 Investigadora

E que soluções é que nós acabaríamos por dar a estes jovens? Porque, pronto, eles saem daqui e para onde é que eles vão? Eles acabam por ir para onde têm abrigo, que é a casa dos pais. Não é?

00:02:46 Profissional 9

Exatamente, teria que haver um trabalho muito mais efetivo com os pais. Nós vamos fazendo grupos de pais, mas não chega... A maior parte, a grande maioria, são subsídio-dependentes do Estado. Portanto, os trabalhos com os RSIs, haver aqui uma maior envolvência...

00:03:04 Investigadora

Teria que haver um maior trabalho em rede para intervencionar os pais, porque eles também precisam de tratamento, digamos assim.

00:03:10 Profissional 9

Exatamente, nós às vezes a brincar dizemos isso. Elas entram, mas os pais também deveriam entrar aqui. Porque a jovem até conseguimos moldar, até conseguimos ver algumas mudanças, mas do outro lado está tudo igual. E não é um grupo de pais que nós vamos fazendo, não é nas visitas, não chega. Portanto, teria que haver um trabalho...

00:03:29 Investigadora

Mas esse trabalho não é feito pelos CAFAPs ou nem todos estão...?

00:03:32 Profissional 9

Nem todos estão envolvidos nos CAFAPs.

00:03:35 Investigadora

É obrigatório os pais irem para os CAFAPs? Eles vão porque querem?

00:03:38 Profissional 9

Sim, em algumas situações. Às vezes o RSI consegue ter aqui um bocadinho uma margem muito maior. Tem que frequentar. Senão o dinheiro acaba, senão... É um bocadinho por essa pressão. Mas também temos pais que são trabalhadores e que não são seguidos pelo RSI, mas lá está, o que está enraizado já, isto é uma bola de neve, não é? Estas intervenções não são fáceis.

Entrar numa casa e dizer que está tudo mal e que precisam de ser trabalhados não é bem aceite por toda a gente. Portanto, muitos deles demoram muito tempo a perceber o porquê dos filhos estarem aqui, porque eles até nem têm culpa, eles até nem fizeram nada. E portanto, este trabalho todo demora muito tempo e nós não estamos lá para o fazer. Nós estamos aqui a trabalhar com os jovens, mas deveria estar alguém do outro lado a trabalhar com eles.

00:04:23 Investigadora

E quando estes jovens acabam por sair da casa de acolhimento, há uma grande probabilidade então delas voltarem a ter na mesma os mesmos comportamentos porque estão inseridas naquele contexto?

00:04:34 Profissional 9

Eu não acho que seja tão permeável. Se antes tínhamos 100%, agora acreditamos que muito do nosso trabalho também ficaram ali coisas.

00:04:40 Investigadora

Sim, sim, ficou enraizado.

00:04:42 Profissional 9

Exatamente, que se calhar não entram tão rápido para um processo delinquente, mas também não se conseguem pôr totalmente de parte. Portanto, há coisas ali que ficam. O facto de estarem mais escolarizadas também é muito importante, porque...

00:04:55 Investigadora

Até a nível de arranjar o trabalho, não é?

00:04:57 Profissional 9

Exatamente, nós aqui damos muita importância à escola e o facto delas terminarem o nono ano e depois se quererem inscrever a fazer o décimo segundo para ficarem aqui com mais escolaridade. Temos noção, por exemplo, ainda agora tivemos uma jovem que foi embora que tem muito mais competências que a mãe que a está a receber. Portanto, nós sabemos que se calhar por ela própria vai-se conseguir desenrascar muito melhor do que estar à espera que seja a mãe que lhe dê... Ela é que ainda vai ajudar a mãe, de certeza absoluta, em determinadas situações. Portanto, é isso que nós também queremos acreditar, que as competências que lhe estamos a dar vão fazer a diferença em determinados momentos.

00:05:29 Investigadora

E aprender uma profissão também é importante, se calhar?

00:05:31 Profissional 9

Sim, sim. Nós aqui, por exemplo, só temos até o nono ano. Cada vez, as jovens vêm mais com o nono ano e têm que estudar lá fora para fazer o décimo segundo. Portanto, estamos aqui a aumentar a escolarização, o que acaba por também fazer a diferença.

00:05:45 Investigadora

Sim, até porque hoje em dia as qualificações são um trampolim social. Sem qualificações nada feito.

00:05:51 Profissional 9

Ainda estamos um bocadinho há quem delas perceberem isso. Tem que haver aqui um trabalho de bastidores muito grande, porque depois eu faço qualquer

coisa, eu arranjo-me. Perceber que as famílias foram sempre também dependentes de subsídios. E eu não posso meter já o meu, portanto, aqui ainda há muita pedra que é preciso ir varrendo. Faço umas limpezas aqui, eu lá me arranjo.

00:06:19 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes destes jovens? Ou seja, o que é que vocês no dia a dia fazem que considera que acaba por ajudar na diminuição dos comportamentos desviantes?

00:06:34 Profissional 9

Aqui com as nossas jovens, eu acho que a grande diferença é o trabalho relacional que nós temos com elas. Portanto, a empatia, a relação que conseguimos criar com elas, que depois lhes conseguimos transmitir muitas coisas que elas, se calhar, com outras pessoas ou com outras casas, como não conseguiram chegar até elas, não conseguiam ouvir e pôr em prática. Portanto, eu acho que aqui a grande diferença é a relação, o que nós criamos com elas, para depois as estratégias são mil e umas, não é? Portanto, dependendo das áreas, há muitas coisas que são postas em prática, mas o que eu acho que está na base é a relação que se cria, porque se não conseguimos criar relação, não chegamos à jovem. Muitos jovens percebem que isto é um jogo e que, portanto, se estão aqui, e eu se me portar bem, sei que consigo alcançar os pontos. Portanto, com essas jovens que conseguem ter este pensamento, se calhar não conseguimos criar tanta mudança, porque ela percebeu que, ok, eu só tenho que me portar bem para depois sair. As que andam para trás e para a frente, que ficam aqui mais tempo, com quem nós criamos relação, conseguimos fazer com que depois, nas diferentes áreas, na escola, na família, nos amigos, consigam ter uma postura diferente e não só... Porque há jovens que têm a facilidade de se portar bem. As que não têm, que lá estão estas que eu digo que estão cá mais tempo, conseguimos se calhar haver mais mudança do que na que se porta

bem, mas está a conseguir fazer isto para ela, não está a ser difícil. Portar-se bem, ok, faço a cama, digo que sim a tudo, não me meto em alhadas, mas a mudança mesmo lá dentro se calhar não está a acontecer.

00:08:10 Investigadora

Ou seja, acabam por ter um comportamento mais superficial para atingir determinados objetivos.

00:08:14 Profissional 9

Exatamente! Se calhar ela está a fazer uma coisa que não lhe está a dizer nada, nem acha que aquilo está correto, mas como sabe que é o correto, faz por fazer. Porque não é difícil para ela. Enquanto que há uma que eu estou a falar e já não consegue controlar, já me está a mandar para o outro lado, mas é aquilo que ela está a sentir e é nisso que temos que trabalhar, há outra que está ali a abanarme com a cabeça e eu a dizer que ela fez mal e que tem que mudar. E ela sim, sim, sim, sim, sim, mas lá no fundo...

00:08:40 Investigadora

É uma representação que ela está a fazer.

00:08:44 Profissional 9

Exatamente! E há jovens que conseguem fazer isso, entrar nesse jogo muito bem. Há outras que não e eu acho que é com essas que nós conseguimos mais mudança. Porque demora mais tempo, anda para a frente, anda para trás, ganha pontos, perde pontos, mas está aqui mais tempo e consegue verdadeiramente haver uma mudança. Não seja ela muito grande ou pequenina, mas há mudança. Que é isso que nós pretendemos, é que venham cá e que se verifiquem mudanças e que sejam capazes de chegar lá fora e conseguir dizer não. E há

outras jovens, se calhar está aqui, a mim diz-me sim, sim, mas depois com o grupo de pares não tem essa capacidade porque não conseguimos trabalhar isso com ela, porque parecia que estava sempre tudo bem.

Profissional 10, (equipa técnica)

(Casa de Acolhimento “C”)

00:00:02 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:08 Profissional 10

Eu acho que grande parte destes jovens apresentam comportamentos desviantes um bocadinho devido ao seu percurso de vida. Quer muitas vezes por falta de alguma retaguarda, de alguma imposição de limites e regras também. Por outro lado, também se associa muito a esta questão de que são adolescentes. Por si só, os adolescentes gostam de quebrar regras, gostam de testar as pessoas e os limites. Não tendo esta retaguarda, quer de família, quer de adultos que os possam orientar, mais facilmente acabam por ter esta postura de algum comportamento desviante. Eu acho que depois isso também vai acentuando quando começam a sentir que já ninguém acredita neles. Ou seja, começa a ser uma espiral em que eles já não tinham ninguém antes e se agora todos os outros também os veem um bocadinho como tendo algum percurso delinquente ou desviante, acaba por acentuar ainda mais esta postura.

00:01:16 Investigadora

Quais são as maiores dificuldades sentidas por si ao trabalhar com estes jovens?

Problemas, necessidades, que emoções e sentimentos estão associados?

00:01:26 Profissional 10

Eu acho que uma das maiores dificuldades é o facto de os jovens sentirem a casa de acolhimento como um castigo. Quando veem para cá, muitas das vezes a ideia que lhes transmitem é que é muito devido ao seu comportamento, o que não deixa de ser verdade, mas acaba por lhes transmitir aqui uma ideia de que toda a culpa deles estarem aqui é deles. A verdade é que a principal culpa é dos adultos que falharam com eles no passado e acaba por se colocar muita responsabilidade no comportamento dos jovens neles próprios, quando eles são quem têm de ser protegidos. Acho que a maior dificuldade é sobretudo eles verem a casa e os profissionais que cá trabalham como pessoas seguras, que se calhar eles nunca tiveram e se de repente todos os adultos lhes falharam na vida, porque é que estes aqui também não vão falhar?

00:02:30 Profissional 10

Ainda para mais quando eles têm esta ideia de que os adultos que aqui trabalham recebem um ordenado, estão aqui durante as horas de trabalho e depois vão à vida deles. E eles dizem muitas vezes isto, que é para vocês é só o emprego, para nós isto acaba por ser a nossa vida. E é criar esta relação de confiança para que eles percebam que estamos aqui porque acreditamos, porque não é pelo salário que se paga na área social, é sobretudo porque achamos mesmo que podemos ter aqui algum agente de mudança. Acho que a maior dificuldade é sobretudo essa.

00:03:09 Profissional 10

Acho que também uma das grandes dificuldades é o trabalho com as famílias. Isto porque no nosso caso, por exemplo, nós até só temos cinco vagas para fora do distrito, mas a verdade é que não imagino, por exemplo, as casas que têm muitas vagas fora, como é que se faz este trabalho com as famílias. E porque achamos mesmo isto, que é se depois elas voltarem para um meio em que nada mudou, vai ser muito mais difícil elas manterem as mudanças que conseguiram

realizar. E muitas das vezes nós estamos a trabalhar para um lado e a família para o outro. E acho que o principal objetivo tem de ser sempre trabalharmos em conjunto, trabalharmos as famílias, ajudarmos as famílias a perceber o que falhou, o que pode ser alterado. E acho que de facto uma das maiores dificuldades e que muitas das vezes faz com que a intervenção não tenha tanto sucesso é quando as famílias não estão, por exemplo, disponíveis para estar, para visitarem as jovens. É quando elas sentem que já não tenho mesmo ninguém, ou seja, já não posso perder mais nada. Porque enquanto elas têm uma família que investe, elas vão sentindo que há sempre ali um porto seguro. Porque todas as jovens em acolhimento têm ideia de que a passagem pelas casas vai ser exatamente uma passagem, ou seja, vai ser importante ou não, podem achar que não é importante, mas durante um período da vida delas e que depois vai deixar de existir.

00:04:46 Profissional 10

Por muito que tenham consciência que podem ligar, que podem pedir ajuda, que podem ir falando connosco, não vamos ser as pessoas que vamos estar com elas para sempre. E quando têm ideia de que não têm mais nada, é muito mais difícil o trabalho. E isso faz com que muitas vezes os profissionais... Eu acho que a parte dos sentimentos é um bocadinho... É complexa. Porque acho que tanto vamos tendo o melhor dos mundos, que é estamos a ver estas jovens a mudar, estamos a ver o dia a dia delas, a acompanhar sentimentos de grande carinho, de felicidade. Há muitos bons momentos que passamos, mas depois também há outros que também são muito maus. O facto das jovens agredirem, o facto de... E eu acredito que por vezes isso vem acompanhado por sentimentos de medo, de frustração. Porque por muitas vezes estamos a investir muito numa jovem e de repente há recaídas que são normais no processo, mas que para os adultos às vezes acaba por ser uma frustração sentir que fizemos este caminho e agora a jovem voltou para outro posto, não é?

00:05:59 Investigadora

Regrediu...

00:06:00 Profissional 10

E que faz parte mesmo do caminho. O problema é às vezes nós adultos já termos aqui estas expectativas de que as coisas podem... São diferentes e que não existem estas regressões. Quando elas fazem parte e se calhar às vezes até é saudável elas regredirem e poderem às vezes bater com a cabeça na parede, por assim dizer, para depois conseguirem dar um passo maior e resolver coisas que estão no passado. Acho que a grande dificuldade também, do início da pergunta, é sobretudo são jovens que vêm com uma bagagem muito grande.

00:06:36 Profissional 10

E é muito difícil trabalharmos algumas coisas no presente quando coisas do passado não estão resolvidas. E muitas das vezes essas coisas do passado poderão nunca ficar resolvidas, ou seja, cada jovem tem o seu tempo, nem sempre estão disponíveis para falar das coisas que as atormentam. E muitas vezes respeitar esse momento é o que temos de fazer no dia a dia, mas com aquele sentimento de se ela conseguir um dia falar sobre isto vai certamente conseguir dar este passo. Nós temos muitas vezes de respeitar o tempo da jovem e eu acho que isso é uma das grandes dificuldades. Elas trazem bagagens mesmo muito cheias e que há coisas que nós precisamos ajudar, mas há outras que não. Que a verdade é que por muito que se tente não é essa a resposta que elas querem e por isso a bagagem vai estar sempre lá e sempre muito completa.

00:07:34 Investigadora

Há pouco disse que as famílias também necessitam de ser intervencionadas, não só por entidades externas, mas acredita que estas famílias também precisavam de uma intervenção por parte da casa de acolhimento?

00:07:50 Profissional 10

Claro, sobretudo, em maioria dos casos nós sabemos que as entidades externas não vão, ou seja, há uma outra família que tem outros atendimentos, nomeadamente ao nível do CAFAP. Mas a verdade é que a maioria delas não e sem dúvida nenhuma que é muito importante que a casa de acolhimento possa intervir com a família, até porque é importante que as famílias confiem na casa e no trabalho que é desenvolvido para podermos trabalhar todos no mesmo sentido. Sem dúvida nenhuma que tem de se criar esta relação de confiança, que tem de se perceber, porque somos nós que vamos estando no dia a dia e na interação com a jovem. Ou seja, as entidades externas muitas das vezes podem trabalhar outras questões que nós não vamos conseguir chegar de certeza. Por exemplo, aquela questão de como gerir um orçamento. Nós podemos tentar fazer algum trabalho, mas que à partida não será suficiente e que seria proveitoso muitas das vezes terem alguém externo.

00:08:56 Profissional 10

A verdade é que somos nós que estamos, por exemplo, quando eles vêm cá visitar uma jovem, quando percebemos que existe aqui uma interação que não está a ocorrer de uma forma positiva. Então temos de ser nós naquele momento a termos uma relação de confiança com todos e a dizer, se calhar isto não é o mais adequado, poderíamos tentar da próxima vez falar desta forma, ou se calhar é normal a jovem estar a regredir, não tem de achar que está tudo perdido. Sem dúvida nenhuma que a casa tem um grande papel e daí nós na altura termos decidido que só teríamos 5 vagas fora do distrito, porque achamos mesmo que para se fazer aqui um trabalho de qualidade com as famílias, não podemos ter todas as famílias de longe, porque as famílias de longe ainda são mais difíceis de trabalhar.

00:09:46 Profissional 10

E aí assumimos que muitas das vezes a intervenção é mesmo muito pouca. Não é só pela nossa vontade, pela nossa vontade nós gostávamos muito, mas porque

é difícil, os recursos são insuficientes. Se nós estivermos uma vez dois em dois meses com a família, não estamos a criar uma mudança significativa. E de facto sentimos que é mesmo aqui algo que se tem de trabalhar, exatamente por isto. Porque a maioria delas, não todas, mas as que continuam a querer investir nos contactos com a família, por muito que até venham a decidir e que o projeto de vida delas seja uma autonomia, se for para manterem estes contactos é importante que estes contactos lhes façam bem, ou pelo menos que não lhes façam tão mal como anteriormente.

00:10:36 Profissional 10

E nesse sentido temos mesmo de trabalhar com as famílias. E o que acontece aqui muitas vezes é que se as famílias não confiarem em nós, vão estar a incentivar os jovens a fugir, a colocar-se em perigo, cada vez que nós damos uma consequência que faz parte do caminho, não vão perceber e vão ligar para cá a dizer, mas porquê foi isto e não faz sentido nenhum, é injusto.

00:11:01 Profissional 10

É importante nós termos aqui esta relação e explicarmos, porque neste momento era importante, era importante a jovem ter logo uma consequência do ato no imediato e não ser daqui a uns tempos. E eu acho que é mesmo muito importante este trabalho com a família, que acho mesmo que parte da responsabilidade e grande parte da responsabilidade é das casas de acolhimento no geral.

00:11:26 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes por parte destes jovens, ou seja, quais coisas é que vocês fazem no dia a dia que ajuda na diminuição dos comportamentos desviantes, quais as estratégias?

00:11:44 Profissional 10

Uma das coisas que eu acho é exatamente esta questão das consequências e privilégios, ou seja, os reforços positivos ou negativos ao comportamento, porque muitas das vezes o que eu sinto é que elas próprias não têm ideia do que é que é esperado delas numa fase inicial. E se não têm ideia, se ninguém lhes chamar a atenção, se não existir aqui um reforço negativo ou positivo face aos comportamentos, elas vão manter esses comportamentos. Acho que é mesmo uma das estratégias e que aqui vai funcionando muito.

00:12:23 Profissional 10

Acho que é sempre difícil de equilibrar, ou seja, temos de ter muitas das vezes, eu sinto isto, e vamos tendo esta conversa muitas das vezes com a equipa, é que não adianta se eles só estiverem muito focados nas consequências e depois não lhes conseguirem atribuir privilégios e reforçar o positivo.

00:12:43 Profissional 10

Também compreendemos que do outro lado da equipa educativa é ainda mais difícil, porque são eles que estão nos momentos e se calhar foram agredidos ontem ou antes de ontem por esta jovem, se calhar ainda não conseguem naquele momento dar um privilégio.

Mas que muitas das vezes é importante, porque se elas têm uma consequência no imediato, também têm de ter um privilégio por outro tipo de comportamento totalmente diferente também no imediato. E não se estar há espera que ela tenha imensos comportamentos bons para ser atribuído um privilégio.

00:13:16 Profissional 10

E sobretudo, acho que uma das partes importantes é trabalhar no imediato, sem dúvida nenhuma, porque se não, e isto acontece, que é, se a jovem não é

chamada à atenção na altura, nós depois quando vamos a dar a nota semanal, se ela tirar uma má nota ela não vai perceber, porque é que eu tirei uma má nota se durante a semana nenhum adulto me chamou a atenção sobre isto ou aquilo.

00:13:39 Profissional 10

É importante, eu acho que a intervenção seja muito próxima.

00:13:44 Investigadora

E tem de ser honesta, ou seja, de dizer na cara das raparigas aquilo que elas fizeram de mal no momento.

00:13:50 Profissional 10

Sim, por muito que isso seja difícil, não é? Porque depois elas ficam muito chateadas e insultam.

00:13:56 Investigadora

Sim...

00:13:57 Profissional 10

Mas é mesmo isso que temos de trabalhar com elas. Eu acho que uma das coisas que ajuda na diminuição destes comportamentos é o facto de as pessoas estarem com uma intervenção muito próxima. E batemos muito nesta tecla aqui, que é a equipa estar muito próxima delas. Não é simplesmente dizer que tens de ir fazer a cama, é acompanhar a fazer, é ensinar a fazer. E achamos que isso faz muitas das vezes a diferença, o estar lá nos bons e nos maus momentos. É explicar que mesmo depois dos maus, os adultos vão estar sempre com elas na mesma.

00:14:35 Profissional 10

Ok, fui agredido, tudo bem. Mas é uma função da equipa continuar lá presente. Por muito que naquele momento seja difícil, e podem explicar ao jovem que naquele momento estão tristes, que estão magoados. Mas é, ok, fui agredido, mas tenho na mesma de falar com o jovem e não virar as costas. Porque a maioria das pessoas na vida delas virou as costas se calhar à primeira dificuldade. Eu acho que a questão de manter as famílias próximas, às vezes nem as famílias, é as pessoas que para elas são importantes. Também achamos que isso pode diminuir muito os comportamentos desviantes.

00:15:20 Profissional 10

Independentemente de quem sejam as pessoas, ainda há uns tempos falávamos aqui sobre essa questão. Havia uma jovem que tinha conhecido um rapaz e queria namorar com ele. Ele era muito mais velho e obviamente para nós isso era uma situação muito preocupante. Mas se nós proibíssemos o que ia acontecer? Ela ia saltar nos grados para ir ter com ele. Então se calhar a estratégia tem de ser muitas vezes outra. Vamos abrir a porta, vamos conhecer esta pessoa e se calhar essa pessoa nem vai aparecer. E isso já vai mostrar à jovem que se calhar não é uma pessoa tão importante, tão confiável quanto isso. Enquanto que se for ao contrário, ou seja, se formos nós simplesmente a restringir, ela vai achar...

00:16:04 Investigadora

Ela conheceu-o onde? Na internet?

00:16:06 Profissional 10

Sim, isso acontece muitas das vezes. Na maioria das nossas jovens.

00:16:10 Investigadora

Mas ela já tinha estado com ele?

00:16:11 Profissional 10

Não. E é isso mesmo. É nós tentarmos que se ela quer tanto conhecer, que seja um contacto com supervisão, que seja...

00:16:21 Investigadora

E ele apareceu?

00:16:22 Profissional 10

Não.

E é isso que muitas das vezes faz a diferença.

00:16:26 Investigadora

Então ela não podia acusar a casa de ter proibido...

00:16:29 Profissional 10

É isso. Faz toda a diferença. Elas verem, porque elas naturalmente já vão ver a casa como os maus. A casa vai ser sempre péssima no sentido de vocês querem é o nosso mal. Coisas de adolescentes e que se calhar nós enquanto adolescentes também dizíamos aos nossos pais, que era quem estava mais próximo. Elas dizem-nos a nós que somos quem colocamos as regras. Mas é importante que elas percebam que, ok, isso é importante para ti, então vamos tentar que seja importante também para nós.

00:16:59 Investigadora

Como é que ela reagiu quando ele não apareceu?

00:17:01 Profissional 10

Acaba por ser já o dia a dia. E acaba por ser já o dia a dia delas. A maioria delas estabelece aqui contactos com pessoas da internet e que depois não se mostram aqui disponíveis para estar. E é importante esta questão, que é, elas muitas vezes eram capazes de fazerem disparates, de perderem pontos, coisas assim, para irem ter com eles, quando eles poderiam vir cá e nem sequer vêm.

00:17:31 Profissional 10

Então é importante lhes mostrarmos isso e elas terem essa noção. No geral, a maioria das miúdas acontece, ou seja, quando elas chegam têm muito esta questão de querem ter visitas de rapazes do exterior e nós dizemos sempre que estamos disponíveis mediante as regras. Eu acho que é muito importante para a diminuição dos comportamentos a questão de ter um ambiente muito estruturado.

00:17:58 Profissional 10

O facto de existirem regras, delas saberem exatamente o que é que podem contar ou não. Muitas delas diziam isso, que era na anterior casa de acolhimento fazia o que queria, porque nunca me disseram quais eram as regras e eu é que decidia um bocadinho o que é que eu ia fazer ou não.

00:18:16 Investigadora

Se bem que eu não me acredito muito nisso.

00:18:18 Profissional 10

Depende. Não tão literalmente, mas acredito que por vezes aconteça. Eu já trabalhei num outro local que não tinha regras tão definidas e a verdade é que mais do que isso, que era muitas das vezes as regras para uns não eram as regras para outros.

00:18:40 Investigadora

Sim, isso é o que mais acontece. E acaba por desestabilizar totalmente. Basta um profissional não cumprir as regras ou as normas.

00:18:50 Profissional 10

Sim, mas quando não cumpre e elas têm a ideia de que é um não cumprimento, é diferente de as regras para mim são umas e para ti são outras. Se a mim me dão dinheiro para ir almoçar fora e ao meu colega nunca tenho esse acesso, então há aqui alguns sentimentos de injustiça que vão ficando. E que eu acredito que não desta forma literal que as jovens dizem de que não aconteceram as regras, mas acredito que muitas das vezes ninguém se sentou e disse olha, porquê que isto está a acontecer? Isto não faz sentido. Olha para a idade que tu tens, faz sentido andares a dormir fora? Não faz.

00:19:27 Profissional 10

Porque muitas das vezes o que elas dizem é que não existe este cuidado de depois, por exemplo, estarem em fuga e de alguém os contactar. E isto faz toda a diferença. Por muito que a jovem não atenda, é uma responsabilidade da casa e é a casa mostrar que está lá e que não vai desistir. Nós estamos a sair para a rua e ir procurar as jovens? Claro que não. Mas fazer os contactos, seja com a família, seja com a jovem, isto faz com que ela perceba que estes adultos não vão desistir dela. Independentemente da pessoa não sair depois da casa para ir

procurar. Mas acho que é, por exemplo, às vezes pequenas atitudes que vão mostrando que as pessoas vão estar lá sempre.

00:20:14 Profissional 10

Elas regressam, ok, elas têm noção que cometeram um erro, mas se estivermos sempre a bater nesse erro, elas também não vão conseguir progredir. Até porque muitas das vezes as fugas são aqui algumas oportunidades de mudança também. Nós não queremos e evitamos a todo custo que aconteçam, mas quando acontecem podem servir para que algo mude, quer na vida da jovem, quer na forma como ela vê as oportunidades que vai tendo. Há dificuldades que passam lá fora que nunca passariam numa casa de acolhimento e que às vezes podem servir para abrirem horizontes sobre o que é que podem contar no futuro se continuarem, por exemplo, com incumprimentos. Ou às vezes pessoas com quem estão que percebem que afinal não eram assim tão importantes e não lhes queriam tanto bem.

00:21:10 Profissional 10

Claro que o objetivo das casas será sempre que as jovens não fujam e que estejam em segurança. Mas quando isso acontece, se calhar temos de ver também pelo outro lado que é, ok, então para que é que isto serviu? O que é que mudou? Neste momento já te sentes capaz de perceber que isto poderia não ter acontecido, que poderias ter feito as coisas de outra forma. Querias ir ter com um rapaz. Se calhar para a próxima, como é que podes fazer em vez de fugires e te colocares em perigo?

00:21:40 Profissional 10

Muitas das vezes é isto, são oportunidades de mudança. Eu acho que é isso, é ter um ambiente terapêutico. É tudo o que se faz, ter aqui uma intencionalidade. A forma como se diz, a forma como se aproxima dos jovens. Há jovens que se calhar precisam muito de um abraço, há jovens que se calhar precisam de

alguma distância. E é perceber muito bem o que é que aquele jovem está a precisar, quais são as características do jovem.

00:22:11 Investigadora

Adaptar também a intervenção a cada jovem.

00:22:14 Profissional 10

Sim, mantendo sempre a mesma base. Porque é essa questão que eu acho num ambiente de uma casa de acolhimento, tem de existir mesmo regras concretas. Os jovens têm de saber e têm de ser ouvidos sobre tudo isso. Ou seja, se eles não forem ouvidos, não vão conseguir perceber porque é que esta regra é assim e não é de outra forma. É adaptar as regras muitas das vezes. Porque o que faz sentido com o grupo agora, se calhar daqui a cinco meses temos outros jovens. Já entraram outros, umas saíram e pode ser totalmente diferente. É ir conversando muito em grupo também sobre o que está a correr bem, o que está a correr menos bem. E também muito individualmente. Mas sobretudo ter esta flexibilidade de adaptar.

00:23:03 Profissional 10

É ter este ambiente terapêutico em que elas sabem que podem não gostar de estar aqui. E eu digo-lhes muitas vezes que até era estranho se uma jovem da vossa idade quisesse estar aqui para sempre. Obviamente que não. Se se sentisse bem, mal chega aqui também era disparatado. Era sinal que alguma coisa não estava a funcionar bem em todo o sistema. Mas é sobretudo elas não verem isto como um castigo e perceberem que nós temos aqui uma determinada intencionalidade.

00:23:37 Profissional 10

A forma como vai correr o acolhimento vai depender sempre do que elas querem. Ou seja, nós não conseguimos fazer milagres se a jovem não nos permitir chegar a ela. Por outro lado, se ela quiser, nós conseguimos lhes dar todas as ferramentas para que o futuro dela também seja um bocadinho diferente do que está.

00:23:58 Profissional 10

Eu acho que é sobretudo isso. É a intencionalidade com que se faz a intervenção, que tem muito a ver com esta questão de ter um ambiente terapêutico. É ter um ambiente em que existem regras e limites bem definidos e os jovens saberem quais são.

00:24:14 Profissional 10

E é a disponibilidade dos adultos para adaptarem, para transformarem constantemente estas regras e não ficar aqui um sistema estagnado. No caso das nossas jovens, eu acho que vai resultando também muito bem. Mas porque é uma casa especializada, ou seja, se calhar noutro tipo de casa não faz sentido nenhum.

00:24:35 Profissional 10

Mas esta questão, elas têm um sistema de pontos, possivelmente as colegas já falaram. Ou seja, em que elas têm várias fases. Neste caso, estamos com três fases numa das unidades e na outra estamos com uma fase de preparação para a autonomia. E que isto vai lhes dando aqui também privilégios e acessos diferentes. Ou seja, elas quando entram no início têm muito pouco ou quase nada e vão adquirindo aquilo que elas gostam também à medida que se vão esforçando para ter comportamentos diferentes. E parecendo que não, acaba por ser aqui um bocadinho um jogo. Elas muitas vezes dizem isto, mas que se elas quiserem, a verdade é que elas podem jogar e podem, na realidade, não

estar a mudar literalmente lá dentro. Mas ao fim de algum tempo, se elas andarem a jogar e conseguirem jogar, alguma coisa vai ficar.

00:25:38 Profissional 10

E estes jogos também têm regressões, avanços. É estar muito atento a cada uma delas, apesar de serem um grupo. E perceber o que é que é preciso, o que é que aquela jovem está precisando naquele momento. Pronto, na primeira, segunda e terceira fase elas vão tendo aqui estas questões de começar. Na primeira não têm saídas sozinhas, depois vão começando a ter connosco, depois vão começando a ter com a família. E depois sozinhas, a internet é a mesma coisa, vão aumentando o tempo. E terem sempre esta ideia de que mediante os comportamentos podem vir a ter acesso a menos ou a mais tempo daquelas coisas que elas gostam.

00:26:19 Profissional 10

E depois temos a parte da unidade, que trabalha já a parte da autonomia, ou algumas questões relacionadas com a autonomia, que é fundamental para estes jovens, não é? Porque a verdade é que, independentemente de para onde eles vão viver, se é uma reunificação familiar, se é para um apartamento de autonomia ou não, vai fazer aqui muita diferença elas terem esta capacidade de gerirem.

00:26:47 Profissional 10

Elas associam muitas vezes a autonomia às tarefas domésticas. A parte das tarefas muitas das vezes é o que menos me preocupa. Muitas das vezes tem sobretudo a ver com esta questão da autonomia, tanto funcional como organizacional. Ou seja, como é que elas organizam o tempo delas quando não é nenhum adulto organizado por elas. Ou seja, ok, agora para a semana tens estes compromissos. Aponta é que é importante que tu nos dias saibas e que estejas presente neles. Ou para a semana queres sair, então tens de nos dizer

com alguma antecedência. Tens de começar a planear e não ser tudo no imediato. A questão de como é que eu me organizo quando estou sozinha. Porque a verdade é que numa casa de acolhimento há sempre adultos, há sempre pessoas. E que faz com que muitas das vezes elas não tenham aquele tempo. Isto se não quiserem. Se quiserem têm a opção disso. Ter sempre aquele tempo sozinhas, mas muitas das vezes se não quiserem conseguem passar anos nas casas de acolhimento sem terem ali um tempo em que estão verdadeiramente em silêncio e a pensar.

00:27:57 Profissional 10

E o silêncio traz aqui muitas dúvidas, muitas questões, muitos medos e muitos traumas do passado. Será que é importante depois trabalhar essa questão que é quando eu não tenho aqui adultos sempre ao meu lado, se eu já consigo ou se tenho de trabalhar, como é que vou gerir o meu tempo sozinha? Porque eu acho que é sobretudo a maior dificuldade, é que elas não passam tanto tempo sozinhas. E quando eu não tenho nada para fazer, como é que eu sinto isso? Se sinto como positivo, se sinto sempre como negativo, se há vezes em que é mau, outras vezes é bom. Isso é sobretudo algo que elas têm de trabalhar.

00:28:43 Profissional 10

E depois questões muito práticas, como daqui a uns tempos eu vou sair daqui preciso marcar uma consulta. É importante eu já saber marcar uma consulta, é importante eu saber para que é que serve um cartão de crédito, um cartão de débito.

00:00:23 Profissional 10

É importante saber que, ok, os alimentos duram mais no congelador, mas eu não posso pôr tudo no congelador, porque não vou colocar arroz no congelador para durar mais tempo. Não vou colocar tudo que me aparece lá.

00:00:37 Profissional 10

E é sobretudo começarem a gerir estas questões. Claro que as tarefas também acabam por ser aqui um grande passo, que elas em cima também fazem na outra unidade, mas com muito menos frequência. Ou seja, fazem uma vez por semana, neste caso duas. A questão da limpeza dos espaços, da limpeza do próprio quarto delas e da organização da roupa. Mas a verdade é que depois, quando passamos a viver sozinhas, precisamos trabalhar isso muito mais dias por semana.

00:01:10 Profissional 10

Então é começar a preparar esta transição, independentemente de viverem ou não sozinhas no futuro. Porque se os adultos anteriormente lhes falharam, não quer dizer que ao irem para uma reunificação familiar, que ao se juntarem a alguém que eles conhecem e que confiem, que não lhes vai falhar outra vez. E por isso elas precisam de ter estas competências antes de saírem, sobretudo.

Profissional 11, (equipa educativa)

(Casa de Acolhimento “C”)

00:00:08 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:12 Profissional 11

Muitos deles eu acho que é por causa das famílias, mesmo do meio familiar que eles têm, que depois, como eles não sabem lidar com eles e mesmo coisas que eles veem em casa, que depois faz com que eles tenham este tipo de comportamentos no futuro, e mesmo repercussões do que eles veem na

infância. Acho que muito do comportamento dos jovens que temos aqui é derivado dessa situação.

00:00:32 Investigadora

Ou seja, acabam por reproduzir o comportamento que já veem a acontecer em casa. E o comportamento deles advém muito de fatores ambientais.

00:00:41 Profissional 11

Sim. E do contexto social em que eles estão inseridos também. Isso também é muito importante.

00:00:50 Investigadora

Quais as suas maiores dificuldades e necessidades ao trabalhar com estes jovens?

00:01:03 Profissional 11

É mesmo o comportamento. Quando elas têm este tipo de comportamento, às vezes querem fugir, como é que uma pessoa lida, quando são agressivas, como é que nós devemos lidar. Porque às vezes nós tentamos fazer as coisas da melhor maneira. Só que às vezes nós também temos que nos controlar um bocadinho. Porque se fossem em outros ambientes, nós às vezes dizemos, se calhar não reagiríamos assim. Mas aqui nós temos que nos conter muito, não é? E às vezes lidar com isso, quando elas estão num momento de raiva, é um bocadinho complicado. E mesmo há outras meninas que também se cortam a elas próprias, fazem automutilação. Aí também é um bocadinho difícil de controlar às vezes essas situações. Mas mais o que eu destaco é mesmo os momentos de raiva e quando elas querem partir tudo e destruir tudo em casa. Isso são momentos muito complicados e de tensão também para nós.

E neste caso acaba por ser muito importante o profissional gerir as suas próprias emoções e conter os seus impulsos.

00:01:57 Investigadora

Exatamente.

00:01:58 Profissional 11

Porque se fosse lá fora ou num outro sítio... Reagiríamos de outra maneira.

00:02:01 Investigadora

Exatamente.

00:02:02 Profissional 11

E às vezes outra coisa também importante, é tudo o que se passa aqui nós também temos que saber gerir de maneira a não levar para casa. Ou seja, quando aquela porta é fechada, nós temos que deixar tudo aqui dentro. Porque senão, para nós também é muito complicado na nossa vida.

00:02:14 Investigadora

Acaba por nos prejudicar tanto a nível emocional como a nível pessoal... Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes destes jovens? Ou seja, que coisas considera que faz no dia-a-dia e que ajuda a que os jovens acabem por melhorar o seu comportamento?

00:02:38 Profissional 11

Eu acho que muitas vezes é estar próxima delas. Ou seja, estar ali quando elas precisam de muita atenção. Estamos mais com elas porque assim elas não têm tempo de combinar coisas com os outros. Supervisionar e monitorizar. Mais nesse sentido. Porque assim estamos mais em cima delas do acontecimento e elas não têm tanta manobra para estar a combinar fugas e essas coisas assim. Tirar as chaves aos profissionais. É mais nesse sentido.

00:03:08 Investigadora

E ao nível das consequências positivas e negativas?

00:03:13 Profissional 11

O reforço positivo também acho que é muito importante para elas. Não só o negativo, mas também elas às vezes terem a noção que um bom comportamento delas ou alguma coisa que possa dar um privilégio. Uma ida ao cinema, nem que seja com profissional. Acho que isso também realmente é muito importante para elas. E acaba por ter um impacto positivo. E acho que elas ao terem isso às vezes também conseguem controlar mais o comportamento de maneira a pensar. Se calhar se eu me portar bem vou ter aquele privilégio ou vou conseguir ir a casa, ou vou conseguir fazer isto. Realmente eu acho que é muito importante os privilégios.

00:03:43 Investigadora

Acabam por ter noção que determinado comportamento, independentemente do comportamento seja bom ou mau, tem uma consequência.

00:03:50 Profissional 11

Exatamente!

00:03:51 Investigadora

E ao nível das ocupações de tempos livres? Eu tenho estado a fazer entrevistas com vários jovens e eles falam muito desta questão.

00:03:57 Profissional 11

Trabalhos manuais que elas também gostam de fazer.

00:03:59 Investigadora

E eles dizem que esta ocupação dos tempos livres os ajuda a diminuir o mau comportamento.

00:04:06 Profissional 11

Exatamente. Porque às vezes algumas gostam de estar no sofá e a ver filmes e isso lá está. Dá mais para elas estarem a falar de outras coisas e a combinar. Mas se elas se mantiverem ocupadas, mesmo a fazer trabalhos manuais que algumas até gostem, de costura e assim, realmente ocupam mais o tempo e não têm...

00:04:21 Investigadora

E aprendem outras coisas também.

00:04:23 Profissional 11

Exatamente. E temos meninas com muito jeito para várias coisas. É mais elas saberem aproveitar as coisas que têm.

00:04:31 Investigadora

E eu soube que aqui elas fazem voluntariado, é verdade?

00:04:34 Profissional 11

Sim, fazem exatamente. Vêm buscá-las aqui e levam-nas e elas fazem no exterior o voluntariado. Já foi aqui dentro, mas agora é no exterior. Fazem várias coisas, sim.

00:04:48 Investigadora

Ótimo. E quais são os resultados na sua perceção?

00:04:53 Profissional 11

Elas quando estão no exterior portam-se lindamente.

00:04:58 Investigadora

E o voluntariado ao nível de ajudar outras pessoas?

00:05:03 Profissional 11

Ajudam aos animais, que elas gostam muito, cavalos, fazem assim, ajudam os mais necessitados a distribuir alimentação aos sem-abrigo. Fizeram cabazes agora no Natal também para ajudar e elas portam-se lindamente.

00:05:16 Investigadora

E elas gostam?

00:05:17 Profissional 11

Gostam!

00:05:18 Investigadora

Isso ajuda a que elas desenvolvam outro tipo de competências?

00:05:21 Profissional 11

Sim, sim, também ajuda. Se bem que elas depois aqui, quando estão fechadas, não têm muita tendência. Mas acho que sim, que até é bom para elas conhecerem outras realidades e coisas que é para elas também poderem escolher o que é que gostam quando saírem daqui para um futuro, não é? Terem várias experiências.

00:05:35 Investigadora

E acabam também por desenvolver empatia, não é?

00:05:37 Profissional 11

Sim, sim. Que é muito importante, que às vezes não têm muita.

Profissional 12, (equipa educativa)

(Casa de Acolhimento “D”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes?

Motivos? Ou seja, porque razão acha que os jovens hoje em dia têm mau comportamento?

00:00:12 Profissional 12

É assim, sempre houve mau comportamento, só que hoje a liberdade é maior.

É isto que eu penso. Porque noutras alturas havia certas consequências que hoje não se pode fazer.

00:00:30 Investigadora

Acha que antes haviam mais regras, mais normas?

00:00:36 Profissional 12 Sim!

E hoje em dia não se pode.

Não me refiro em bater nas crianças, haviam era certas regras que hoje em dia já não há tanto.

00:00:48 Investigadora

Uma educação para o direito, não é?

00:00:50 Profissional 12

Mais para o direito.

E o jovem abusa quando sabe que nada lhe acontece, que nada lhe acontece, vai subindo.

00:01:03 Investigadora

A escalada, não é?

00:01:04 Profissional 12

A escalada vai subindo, subindo, subindo.

E às vezes chegamos a um ponto de escalada que já não há retorno.

00:01:11 Investigadora

Ou seja, considera que é muito importante as regras, as normas, os limites.

00:01:14 Profissional 12

As normas, as regras são muito, muito importantes.

Mas a sociedade em si está hoje assim.

Quer com os miúdos de instituições, quer com o miúdo de família, muitas das vezes, porque é o próprio sistema que está assim hoje.

00:01:30 Investigadora

Quais são as suas maiores dificuldades ao trabalhar com estes jovens?

Problemas, necessidades?

Que emoções e sentimentos estão associados?

00:01:41 Profissional 12

É assim, às vezes uma pessoa sente-se insegura.

Para jovens do tamanho que eles são, o que fazer?

E é uma dificuldade...

Às vezes, peço ajuda quando não consigo sozinha porque tem que ser. 00:02:03 Investigadora

Ou seja, acha que é muito importante o trabalho em equipa?

00:02:05 Profissional 12

Sim, temos de ter um trabalho em equipa para nos alinharmos e com a equipa decidirmos métodos a utilizar.

00:02:13 Investigadora

Ou seja, não é somente uma pessoa a trabalhar para um determinado lado. Tem que ser toda a gente...

00:02:18 Profissional 12

Temos de trabalhar em equipa e hoje as casas já trabalham em equipa.

Temos que ser todos nós a decidir, temos que ser todos nós a fazer...

Porque não posso tomar uma decisão sem a equipa saber.

Porque até posso tomar uma e a equipa não está de acordo, não é?

E por isto, nós todos juntos temos que arranjar a solução.

00:02:44 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes destes jovens?

Ou seja, o que é que vocês fazem no dia a dia que na sua perceção ajuda a que os jovens tenham um melhor comportamento?

00:02:59 Profissional 12

Isto, às vezes, depende destes jovens.

Sem telemóvel X dias se não te comportas ficas sem telemóvel.

Às vezes é por aí que se tira.

Porque pouco mais há que fazer hoje em dia.

Então, o telemóvel para eles, a internet, isto é, Deus no céu e o telemóvel na Terra.

00:03:18 Investigadora

Ou seja, determinadas consequências negativas...

E há pouco estava a dizer também que era o estar presente, aquela intervenção individualizada...

00:03:27 Profissional 12

Sim, estar muito presente e fazer uma intervenção individualizada, falar com eles, deixar passar o momento, o momento da raiva e depois daquele momento chamá-los à razão e porque não é assim que se faz podias fazer de outra maneira, de cabeça quente não resolves nada... E chamá-los à razão.

00:03:51 Investigadora

E também tinha dito que era muito importante uma intervenção adaptada a cada miúdo.

Até porque eles não são todos iguais.

00:03:57 Profissional 12

Sim, cada miúdo é um miúdo e não podemos falar com eles de toda a maneira. Cada miúdo é um miúdo e nós temos que falar individualmente com cada um. E em grupo é pior.

00:04:09 Investigadora

Em grupo é pior?

00:04:10 Profissional 12

É, acho que é pior falar tudo em grupo porque eles aí não se entendem e começam outra vez a acender.

00:04:16 Investigadora

Ok...

E o que é que acha da ocupação dos tempos livres?

Acha que eles costumam se portar melhor ao estarem ocupados a fazer coisas que gostam?

00:04:25 Profissional 12

Acho a 100%.

A ocupação dos tempos livres é muito bom para eles.

Porque senão o jovem fica livre.

Não gasta energias.

Fica sentado o dia inteiro no telemóvel.

Isso é mau.

Deve ter ocupação!

00:04:43 Investigadora

E que tipo de ocupações é que eles costumam fazer aqui?

00:04:47 Profissional 12

Olhe, neste momento, temos jovens de férias da escola e estamos a ocupá-los, num projeto.

Estão a aprender a fazer alguma coisa e estão a fazer aquilo que gostam, não é? E se calhar até um dia acabam por encontrar a vocação deles naquelas áreas que estão a aprender nas atividades.

00:05:18 Investigadora

E estão a desenvolver-se ao fazerem tarefas de autonomia, não é?

00:05:21 Profissional 12

Sim, sim... Porque estão em eletricidade, carpintaria, cozinha, pastelaria... Muitos deles não gostam da escola, então quem sabe um dia no meio daquelas áreas todas em que estão envolvidos não encontrem uma vocação e sigam até mesmo essa profissão.

00:05:40 Investigadora

E contacto com animais? Eles costumam ter aqui contacto com animais?

00:05:45 Profissional 12

Já tivemos, mas agora só temos gatos

00:05:50 Investigadora

E quando eles tinham animais, antes, acha que os animais tinham um impacto positivo na intervenção com eles? Ou nem por isso? Ou seja, aquela responsabilidade de tomar conta de um animal, o desenvolver empatia?

00:06:04 Profissional 12

Aqui nunca foi preciso muito, porque é uma área muito aberta e os animais vinham para cá e andavam à solta. Quando é no apartamento, é preciso fazer as tarefas e cuidar do animalzinho. Neste momento, a única coisa que eles têm que fazer é colocar comida.

00:06:34 Investigadora

E ao nível das tarefas de autonomia, ou seja, tarefas domésticas eles fazem alguma coisa?

00:06:40 Profissional 12

Já fizeram mais, antes faziam mais... Estão a tentar, e estamos aqui para tentar, que eles venham por exemplo à cozinha ajudar-nos. Estão sempre a dizer, é preciso, vocês um dia vão ser autónomos, vocês precisais saber cozinhar, precisais arrumar. Mas eles estão a vir muito devagarinho.

00:07:04 Investigadora

E acha que isso tem um impacto positivo?

00:07:06 Profissional 12

Também tem impacto positivo, porque eles um dia precisam desses conhecimentos. E acabam também por se desenvolver, não é? E aprender mais

coisas. Porque eles não pensam em futuro. Eles pensam no agora, não é? E se tiverem alguém a fazer as coisas por eles, melhor.

00:08:36 Investigadora

E ao nível das consequências positivas, vocês costumam dar consequências positivas, reforço positivo em relação a um comportamento que eles têm mais adequado?

00:08:45 Profissional 12

O que eu lhes digo é, muito bem, fizeste bem, sim senhora, muito bem, tu conseguiste, fizeste uma coisa bem feita, tu até consegues, é mais por aí o reforço que eu dou... Nada de material...

00:09:01 Investigadora

Sim, sim, já compreendi que são elogios.

00:09:02 Profissional 12

É sempre elogio.

00:09:03 Investigadora

E eles normalmente ficam contentes?

00:09:05 Profissional 12

Sim, ficam! Dizer-lhes que estão de parabéns, que gostamos da sua atitude ou de algo que eles fizeram tem um bom impacto nos jovens.

Profissional 13, (equipa técnica)

(Casa de Acolhimento “D”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:08 Profissional 13

Olha, eu acho que, na minha opinião, os jovens apresentam este tipo de comportamentos, dado também a estrutura na base de crescimento deles, seja familiar, seja nos pares mais próximos, na relação de pares. Estes comportamentos desviantes, com base no nosso crescimento, tínhamos trilhos e opções a tomar e há certos grupos sociais que, se calhar, os jovens têm aqui um sentimento de pertença e se calhar têm aqui uma necessidade de aprovação. E é nesse motivo que eles têm este tipo de comportamento desviante. No caso de alguns jovens que, como já havíamos falado informalmente, a nível de consumos de estupefacientes, se calhar alguns apresentam aqui um traço de emotionless, aquele termo em inglês, de procura de sentir alguma coisa, e estes consumos se calhar são o escape deles. Seja álcool, seja substâncias inaláveis, eles querem sentir alguma coisa e procuram estes efeitos. Seja isto, seja uma questão de ser aprovado pelos amigos.

00:01:20 Investigadora

E considera que também o facto destes miúdos apresentarem comportamentos desviantes também serve ao facto de terem poucas regras, normas, retinas em casa, poucos limites?

00:01:32 Profissional 13

Sim, eu acho que infelizmente muitos dos que vêm cá ter uma casa de acolhimento residencial é derivado precisamente por essa falta de regras, de limites, de estabelecer rotinas, sobretudo de falta de rotina. E claro que o caos, a falta de alicerces no jovem, facilita e promove este tipo de comportamentos desviantes. Ou seja, outro tipo de foco, ao invés de focar na escola, se calhar foca noutra coisa que não importa e acaba por ser uma bola de neve. E nós, pronto, fazendo aqui um bocado de questão, em relação é que nós tentamos de facto que eles tenham estes limites e regras, mas é um trabalho que ao longo do tempo vai sendo feito. Não é imediato, é muito impossível ser imediato. Não vale a pena entrarmos de frente com o jovem e tentar mudar as coisas radicalmente, é preciso muito jogo de cintura. Porque se não os conseguimos agarrar como queremos, acabamos por perdê-los ao forçar as coisas. E não podemos obriga-los a nada, temos que mostrar-lhes o caminho a seguir, a pouco e pouco.

00:02:41 Investigadora

Quais são as maiores dificuldades sentidas por si ao trabalhar com estes jovens?

Problemas, necessidades? Que emoções e sentimentos estão associados?

00:02:50 Profissional 13

Ora, as maiores dificuldades que eu sinto numa fase inicial é o facto de conseguir ganhar a confiança do jovem. Dar-nos a conhecer, a conhecermo-nos como técnicos, como pessoa, como é que eu posso ajudar este jovem, de que forma é que ele precisa de ajuda ou de que forma é que ele pede ajuda, também preciso adaptar. As dificuldades que eu sinto é precisamente por, lá está, temos que ter aquele tal jogo de cintura muito presente, porque o que para nós não é normal, para eles pode ser muito normal. Uma reação violenta, as ofensas verbais constantes, se calhar para nós pode ser chocante, mas para eles foi a realidade que sempre foi vivida, ou que viveram a maior parte do tempo, e a

maior dificuldade será certamente a capacidade de ajuste, e não ter aquela mentalidade de perdido por cem, perdido por mil, ir passo a passo, lentamente, e dia a dia conquistando o jovem e melhorá-lo.

00:03:49 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens?

00:04:08 Profissional 13

Nós funcionamos muito com base nos alicerces deles, ou seja, nós estabelecemos as tais regras, os limites, o ambiente familiar, as condições, todos os tipos, em casa e fora de casa, assegurar que os bens básicos estão em dia, comida, refeições a tempo e horas, dormir as horas necessárias, ter um espaço, uma rotina de estudo, que nós temos aqui num espaço, temos uma professora designada durante a semana que ajuda os jovens a estudar e faz este apoio com eles, não só trabalhos de casa, mas também a calendarização de trabalhos, de testes, de exames que os jovens irão ter, e esta orientadora, que é a professora para eles, estes momentos de estudo entre os jovens são bastante úteis e assim facilitam muito. Outra questão que nós temos à disposição é que temos uma psicóloga também presente diariamente na casa, que faz um trabalho espetacular com os jovens, desde consultas, desde estabelecer um plano de vida, vários exercícios de auto-perceção, de perceber quais são as maiores motivações, interesses e objetivos na vida de cada jovem e tentar traçar com eles aquele plano.

00:05:27 Investigador

Um projeto de vida.

00:05:28 Profissional 13

Exatamente. Na equipa, pois cada um de nós tem a sua individualidade, todos nós temos alguma coisa para dar diferente, ou com uma maneira de estar diferente com o jovem e cada um faz uma peça muito útil para a vida dele.

00:05:46 Investigadora

Ao nível da ocupação dos tempos livres, considera que é importante?

00:05:50 Profissional 13

Sim. Nós temos um espaço muito grande, temos desde piscina, temos desde campo de jogos, temos muito espaço para os jovens caminhar, temos várias bicicletas à disposição e consideramos que o tempo livre não é esquecido. Também temos regras durante a semana, ou seja, há um tempo durante a semana estipulado para o jogo, há um limite máximo para ter telemóvel, há um limite máximo para ter internet e um computador, também para eles não perderem a hora de deitar, a hora de refeição, para estar tudo bem orientado. Portanto, como damos este tempo de jogo e diversão, também põe-se o limite para a diversão e saber quando parar. Aos fins de semana é claro que alarga aqui, alarga bastante o tempo, não é? Em vez de começarmos às 5, se calhar, a hora de salão, começamos às 9h30. Mas sim, temos aqui um espaço só que está ao nosso lado, designado somente para o divertimento dos jovens, seja para ver um filme, seja para ouvir música, seja para dança, para canto, para o que for preciso. Temos várias dinâmicas de grupo também, fazemos pelo menos uma vez por semana com os jovens todos.

00:07:00 Profissional 13

Nós, como somos de educação social, estamos mais do que habituados a isto, desde momentos de reflexão, às dinâmicas, o último foi o jogo do balão e do palito, não sei se lembras desse jogo. Ou seja, nós temos o balão e o nosso balão representa o nosso sonho, as nossas motivações e as nossas esperanças. E temos de proteger o nosso balão. E depois é dado um palito a cada indivíduo

que está a participar. Ninguém, na hora do exercício, disse que era preciso rebentar o balão das outras pessoas, mas damos o palito para as pessoas perceberem que não temos que destruir os sonhos dos outros... Há vários jogos e dinâmicas que fazemos.

00:07:49 Investigadora

Ou seja, vocês fazem também dinâmicas de grupo, trabalham também com o grupo.

00:08:08 Investigadora

Ao nível dos animais, vocês trabalham também, fazem terapia com animais, acabam por utilizar os animais também como meio de intervenção ou não?

00:08:16 Profissional 13

O nosso diretor fez, eu penso por iniciativa dele, fez questão de ter o seu cão cá, está num espaço muito amplo, o cão está livre, tem imenso espaço para andar. E nós temos aqui uma rotina com os jovens de passear o Popi (nome fictício), que é o nosso cão, que é muito bonito por sinal. Temos assim uma rotina de passeá-lo duas ou três vezes por dia, de ser o jovem, neste caso tu entrevistaste o Edgar (nome fictício), a alimentá-lo, a dar a água e a fazer o passeio. Estas tarefas são divididas para os jovens e normalmente é um momento em que se o Edgar vai ou se alguém vai passear o cão, junta-se automaticamente muita gente à volta do Popi, porque é um momento muito divertido para eles, eles estão a ser responsabilizados pelo animal e têm alguma coisa em mãos muito importante.

00:09:05 Investigadora

Ou seja, acabam por desenvolver mais responsabilidade também.

00:09:08 Profissional 13

Sim.

00:09:09 Investigadora

E empatia pelos animais, não é?

00:09:11 Profissional 13

E empatia, precisamente às necessidades do animal e há muitos jovens que tinham medo do Popi, é um cão grande, muitos jovens têm respeito, mas ninguém tem receio do Popi e acho que aqui há um trabalho muito bonito a ser feito com este cão. Porque em momentos de crise o Popi acaba por apaziguar muito estas questões dos traumas, de separação de família, de se sentirem se calhar um pouco mais inseguros com alguma questão sucedida na vida deles e é um momento de redução de tensão.

00:09:43 Investigadora

E trabalhar com as famílias também é importante, ou seja, este trabalho em rede com as famílias tem um impacto positivo?

00:09:51 Profissional 13

Sim, um impacto imprescindível para nós. Temos um caso, casos diminutos que os jovens estão em períodos de dor à família, mas são a grande minoria dos casos. O nosso objetivo é sobretudo que haja uma relação saudável, um trabalho em harmonia com a família, desde visitas à casa, seja de um dia, seja do fim de semana, é conforme a hipótese da família, de disponibilidade. Mas para nós é imprescindível e é muito importante sempre a presença da família e a articulação

com a mesma. De forma a que o jovem não se sinta abandonado pela família e que sinta que há sempre uma presença.

00:10:33 Investigadora

E ao nível das consequências negativas? Castigar os jovens, dar-lhes consequências negativas, acaba por fazê-los refletir e mudar o seu comportamento a médio e longo prazo ou não?

00:10:46 Profissional 13

Eu acho que isto é um bocado caso a caso, sendo que os mais velhos tendem a sentir mais quando tem uma consequência e a repetir menos vezes os erros ou as faltas de responsabilidade, escolares, etc, de regras dentro da casa, quando não têm tantas consequências. Acho que são muito importantes, são cruciais, nós não temos problema nenhum em retirar o telemóvel mais cedo, o jovem não está a cumprir com as suas responsabilidades, como também não temos problema nenhum de deixar que o jovem fique com o telemóvel se realmente cumprir com tudo, desde horários, desde pontualidade, acessibilidade, boa prestação escolar, boa prestação nas atividades extracurriculares, que também praticam muito desporto, desde hockey a futebol, que é a grande religião aqui em Portugal, o futebol da grande maioria, mas temos natação, temos hockey em patins, temos dança, são sempre momentos de grande importância para eles, com impactos muito benéficos. As consequências são usadas quando necessário, se eles têm de conquistar algo para ter o direito de, também têm que perder algo quando falham, se não sentem aqui alguma impunidade.

00:12:00 Investigadora

Também costumam ter consequências positivas?

00:12:03 Profissional 13

Sim, sim, desde mais, se calhar uma meia hora, deitar mais tarde uma meia hora, se assim entenderem, sexta e sábado, um bocadinho mais tarde, domingo já não, porque depois se calhar segunda e é preciso ter a rotina bem estabelecida, mas sexta e sábado se calhar poderão deitar mais tarde, ainda é uma coisa que estamos a estudar, esta questão do telemóvel ficar durante a noite ainda não está implementada, por acaso sugeri, e acho que se o jovem de facto tiver responsabilidade de não utilizar o telemóvel, de ter atenção ao seu sono, de cumprir para as suas responsabilidades, não vemos porque não, já foi falado em equipa, se o merecerem ter essa consequência positiva.

00:12:43 Investigadora

Há mais alguma coisa a considerar importante, dizer?

00:12:47 Profissional 13

Relativamente aos jovens, a questão da harmonia de equipa, a questão da informação constantemente partilhada e rapidamente partilhada entre os adultos para que não falhe nenhuma informação.

00:12:59 Investigadora

Ou seja, trabalhar em equipa e todos de uma forma uniforme.

00:13:03 Profissional 13

Coesa e uniforme, ou seja, é uma só voz, um só comando e as regras serem universais para todos.

00:13:08 Investigadora

Até porque se algum profissional acabar por não cumprir com as regras, acaba por desestabilizar um grupo todo, não é?

00:13:16 Profissional 13

Exatamente, acaba por criar aqui alguma inconsistência no próprio jovem. O jovem tem que sentir que estamos todos unidos e coesos, ou tenta tirar vantagem de alguma maneira disso, ou mesmo não sendo uma questão negativa, para sentir que toda a gente está aqui para o mesmo e estamos todos coesos.

Profissional 14, (equipa técnica)

(Casa de Acolhimento “D”)

00:00:02 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:10 Profissional 14

Eu sinto que existem muitas questões internas derivadas da história de vida de cada jovem, não é? Devido à aquisição de padrões de relacionamento, das dinâmicas disfuncionais que vão assistindo nos anos de vida mais tenros, enquanto são mais novos, e sinto que depois há também muitos fatores ambientais, para além desta questão da história de vida e dos primeiros anos que são muito fundamentais, sinto que depois, aliada a esta necessidade de se identificarem com os padrões que já existiram, que procuram ambientes externos, que continuem a perpetuar, no fundo, estes comportamentos, para, numa necessidade até de se sentirem integrados e de compreenderem o ambiente. E da aprovação também, muitos deles.

00:01:03 Profissional 14

Sinto que principalmente tem muito mesmo a ver com esta questão também do trauma, que muitos dos jovens que temos têm aqui questões de traumas de infância e até quando eram mais adolescentes, que acabam por trazerem-lhes experiências com as quais eles não sabem lidar, e o caminho que se apresenta mais fácil, muitas vezes, são estes comportamentos de consumos ou de agressões, e de comportamentos retro-agressivos, alguns deles até autodirigidos, portanto, acabam por ser aqui jovens que depois não têm um reportório também de respostas adequadas, e que sinto que acabam por manter este tipo de comportamento exatamente por isso.

00:01:42 Investigadora

Quais são as maiores dificuldades sentidas por si ao trabalhar com estes jovens?

Problemas, necessidades, que emoções e sentimentos estão associados?

00:02:00 Profissional 14

Muitas vezes temos um sistema que é muito moroso, não é? Nas respostas que dá perante os comportamentos desviantes, temos jovens que às vezes estão seis meses há espera para um interrogatório no DIAP, ou para uma audição no DIAP, e ao fim de seis meses parece que já... O cariz educativo que tinha já se esvaneceu, não é? Porque é uma coisa que parece que eles não veem as consequências. Infelizmente, para os nossos jovens tem muito a ver com isto, com o comportamento gera uma consequência quase imediata, e quando isso não é assim, eles têm muita dificuldade em perceber isto.

00:02:38 Investigadora

E se calhar às vezes até se esquecem, não é?

00:02:41 Profissional 14

Sim, tem muito a ver com isso. Nós às vezes temos essa experiência de, olha, no dia X temos esta diligência, é sobre isto, e eles às vezes dizem, mas isto eu não lembro, já foi há muito tempo, mas e agora é que vamos falar sobre isto? E muitas vezes, efetivamente, o sistema, sendo tão moroso, acaba por provocar esta inconsciência. A ideia de que os atos são muito inconsequentes. Uma das emoções que surge muito nos jovens é muito esta ideia de ser inconsequentes, de que as ações deles não têm consequências. Portanto, aqui é um sentimento muito de ser autor e de dominar a situação, não é?

00:03:34 Profissional 14

As necessidades, depois, que faltam, têm muito a ver também com a autonomia ou a falta de autonomia que nós também em casas de acolhimento temos depois em ter respostas para estes jovens adequadas. E faltam muitos programas na comunidade com intervenção em tempo útil para estes jovens. Ou seja, nós temos jovens que são acompanhados em psicologia, e que muitas delas as vagas, se não forem no privado, têm pouca consistência porque as consultas são espaçadas, sem previsão de tempo, portanto isto acaba por não trazer um acompanhamento que surta efeitos para o jovem, para haver aqui uma mudança. E depois também um sentimento que temos muito é a pouca disponibilidade dos jovens para esta mudança e para esta intervenção. Exatamente porque o sistema acaba por lhes dar aqui muito espaço para eles estarem à vontade dentro do próprio sistema. Porque eles acabam por serem institucionalizados, as ações acabam por demorar muito a chegar, depois para além de demorarem muito as intervenções são muito espaçadas e muito baseadas até naquilo que eles trazem e não em evidências concretas dos comportamentos ou dos consumos, em particular neste campo, portanto acaba por ser aqui esta dificuldade, o sistema, o próprio jovem e muitas vezes as famílias também, que são um fator essencial para promover outro tipo de comportamentos, porque muitas vezes a família continua com a dinâmica disfuncional e não conseguimos eliminá-la e o sistema continua ali a sofrer do mesmo desafio.

00:05:08 Investigadora

Ou seja, também é importante trabalhar com as famílias.

00:05:11 Profissional 14

Sim, eu considero que a visão sistémica da família que é fundamental para intervir com estes jovens, porque eles vieram de um sistema que foi o que deu a origem. As crianças quando são retiradas em princípio não são elas o foco do problema, o foco está ali no sistema que trouxe uma série de questões muito difíceis para a criança se adaptar e que acabou por levar a criança a assumir uma série de respostas que não são as mais adequadas ou que são aquelas que a colocam mais em risco.

00:05:43 Profissional 14

E mediante isto, se o sistema continuar com o mesmo funcionamento, a criança acaba por não ter oportunidade por também modificar aqui padrões de identidade, padrões de comportamento e crenças, porque se nós tivermos aqui uma crença de uma família em que a violência é uma coisa aceitável, por mais que nós, que não somos os pais diretos ou as pessoas com quem eles se identificam, estivermos aqui a dizer que a violência é algo que não é benéfico para ninguém, nem para a agressora, nem para a vítima, isto acaba por desvanecer e acaba por não ser perpetuado o trabalho que fazemos com eles.

00:06:23 Investigadora

Exato. Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens? Ou seja, o que é que vocês, enquanto equipa, enquanto profissionais, fazem no dia a dia que ajuda os jovens a diminuir este tipo de comportamentos?

00:06:41 Profissional 14

Ora, nós em particular aquilo que eu sinto que fazemos para ajudar a estes comportamentos tem muito que ver com a nossa postura e com a nossa intervenção, porque nós temos que ter uma intervenção com o cariz terapêutico, ainda que não sejamos terapeutas, mas que seja uma relação que possa transformar, que as relações novas que eles tenham que possam de facto contribuir para uma nova perspetiva sobre a vida e uma nova perspetiva sobre as relações.

00:07:10 Profissional 14

E sobre isso sinto que o trabalho que fazemos é muito deste acompanhamento diário, de lhes trazer outra perspetiva sobre os acontecimentos do dia a dia, uma nova forma de gerir frustrações, de gerir desafios, de gerir até as felicidades, porque muitas vezes há comportamentos desviantes de consumos que surgem por jovens até nem saberem lidar com tamanha excitação e felicidade. Portanto, tentamos fazer um trabalho de quotidiano, no fundo, mas que se baseie nesta intervenção terapêutica do dia a dia.

00:07:49 Profissional 14

Ok, é muito importante ir à psicologia, mas as outras 23 horas do dia são muito importantes e essas 23 horas do dia têm que ser terapêuticas para o jovem, no sentido em que ele percebe que as regras são claras, para além das regras, o afeto é uma coisa que ele não precisa estar desconfiado, a confiabilidade dos adultos, para terem uma vinculação diferente daquilo que tiveram até, se calhar, até então, e eles poderem confiar muito no adulto, que o adulto vai dar respostas responsivas às necessidades dele, muitas vezes não aquelas que ele desejava, mas as adaptadas e as que eles necessitam.

00:08:27 Profissional 14

E tem a ver também, depois, uma das grandes necessidades que sentimos, que tem a ver com o acompanhamento que se lhes é dado, porque nós, enquanto casa de acolhimento, podemos ter aqui um acompanhamento psicológico, mas

pela proximidade do técnico, nas rotinas do dia e em outras questões, acaba por não ser o mesmo espaço terapêutico. E é importante que estes jovens também tenham aqui um trabalho de ressignificação das experiências que tiveram, das relações afetivas que têm, e que esse trabalho, efetivamente, pode trazer muitas mudanças.

00:09:02 Profissional 14

Portanto, faz falta apoio neste sentido da intervenção psicológica, faz falta equipas muito preparadas e muito capazes para este acolher do dia a dia, que é essencial, e eu sinto que se efetivamente na comunidade houver mais espaços conscientes do que é que são os jovens acolhidos e este processo de acolhimento, que efetivamente estes jovens podem ter outro tipo de tratamento que os potencie para caminhos mais positivos. Porque temos uma comunidade que acaba por continuar a ser muito alheia a estes jovens que são de todos.

00:09:37 Profissional 14

Eles estão aqui acolhidos, nós somos a entidade responsável por gerir este processo, mas no fundo estes jovens são da comunidade, são da escola onde estão integrados, são da casa onde estão aqui integrados, são do grupo de jovens que frequentam, do clube que frequentam, porque efetivamente são estas as pessoas de retaguarda que têm que trabalhar com eles e que os apanharam no meio das malhas do sistema. Portanto é importante que as entidades e que a comunidade civil tenha consciência do que é que efetivamente é ser um jovem acolhido e as necessidades que temos de respostas para eles, que sejam adequadas, que não sejam vistos como coitadinhos, mas que também não sejam vistos como delinquentes e que sejam simplesmente uma pessoa que tem uma necessidade particular a ser atendida e que nós temos que a atender porque eles são de facto de todos nós, da comunidade.

00:10:27 Profissional 14

Nós somos uma associação que intervém com eles, porque temos esta responsabilidade direta de dinamizar o projeto, mas é uma boa prática pensarmos que todos nós temos um papel muito importante na vida destes jovens.

00:10:41 Investigadora

Sim, e ao nível da ocupação dos tempos livres e das tarefas de autonomia?

00:10:46 Profissional 14

Sim, nós no nosso modelo acabamos por conseguir ter uma visão muitas vezes bastante alargada disto, desta questão de trabalhar autonomia, porque nós aqui temos os jovens divididos por pequenas unidades educativas e essas unidades educativas têm implícitas uma grande participação dos jovens, que os jovens sejam o quanto mais participativos possíveis nas decisões do dia a dia deles, desde o que é a ementa, desde quando é que fazemos as tarefas, de porque é que fazemos as tarefas, porque isto é uma coisa que tem que ser discutida, porque é que é importante limpar, porque eles dizem, mas vamos limpar para quê? Pronto, então vamos conversar sobre o que é que vamos limpar.

00:11:31 Profissional 14

E isto é uma coisa que surge muito do dia a dia, porque como temos uma casa pequenina para cada um dos jovens, nós conseguimos confecionar as refeições com eles, conseguimos adaptar os horários das cuidadoras e dos técnicos para as necessidades de acompanhamento diárias, de ir levar ao treino... Todos os jovens, em princípio, têm a oportunidade de escolher uma atividade extracurricular, seja futebol, seja natação, seja música, portanto, nisto também há este acompanhamento muito direto, de irmos levá-los, de assistirem ao treino, de haver a intencionalidade de alguém que está à minha espera e que me está a ver, e isto é muito importante nesta questão de ser bom o suficiente para eles, para lhes dar outro tipo de experiência e de relação, uma nova relação.

00:12:17 Investigadora

Sim, eu soube que vocês têm aqui um cão, certo? E qual é a sua opinião sobre uma terapia, não sei se é uma terapia, pronto, algo assim do género, ou seja, terapia mais focada em animais?

00:12:30 Profissional 14

Através de animais, pronto. E eu sinto que pode ser uma alternativa, não é?
00:12:36 Investigadora

Principalmente responsabilidade, comprometimento, desenvolvimento de empatia, não sei...

00:12:39 Profissional 14

Pronto, eu sinto que efetivamente quando temos jovens também com comportamentos desviantes, não é? E agressivos e aqui de personalidade, que também tem que haver aqui uma boa avaliação, não é? De qual é a terapia efetivamente mais indicada, não é? Para este jovem. Ou qual é aqui a intervenção que devemos ter mais, não é? Para onde é que devemos ir? Porque cada jovem é um jovem, não é? Nós podemos ter efetivamente um jovem com comportamentos desviantes que seja muito, não é? Que goste muito de animais e podemos ter um outro jovem que... Goste de os maltratar, se calhar. Portanto, isto tem que ser aqui depois... Muito supervisionado, não é? E depois, também há uma resposta que é muito específica, não é? De formação. É uma formação que acaba por ser muito particular. Sinto que efetivamente pode ser uma forma deles se responsabilizarem por algo, mas tem que haver também a capacidade de haver uma relação positiva, não é? Nós temos que perceber que aquele jovem está num momento em que está capaz de ser bem tratante, não é? Porque se efetivamente tivermos um jovem que não indica que tem a capacidade de ser bem tratante com os objetos, com um ser que apesar de não ser uma pessoa é

um ser vivo e que tem sentimentos e que depende... Acho que poderá ser interessante.

00:14:00 Profissional 14

Por exemplo, nós também temos um periquito também numa das casas e temos trabalhado, ou tentado trabalhar, esta questão de cada jovem ser responsável em parte pelo cuidado do periquito. Mas lá está, há jovens muito desligados afetivamente e isto é uma defesa, não é? Nós temos jovens muito amorfos no sentido em que se desligam com proteção, não é? É uma barreira, não sentir nada. É uma defesa para conseguir estar tranquilo. E nesse sentido, pode ser uma forma de potenciar, mas eu creio que tem que ser muito supervisionado.

00:14:34 Investigadora

Sim, claro, até porque o animal depende de nós, não é?

00:14:36 Profissional 14

Exatamente, sim. Mas eu acho que efetivamente é uma boa forma, não é? Tanto a hipoterapia que é através dos cavalos, que funciona muito bem porque são animais muito sensíveis. Os cães e os gatos também acabam por ser muito castiço porque os miúdos acabam por se afeiçoarem em eles e são mais um membro também da casa ou da família. E efetivamente, através daí pode ser também uma forma de eles se responsabilizarem. Mas sinto que há uma outra forma primária de conseguirmos isso até aí e essa ser a forma de depois de interiorizar, de começar a ganhar forma.

Acho que por si só ter um cão ou ter um gato que acaba por não ser a resposta para trabalhar a responsabilidade. Mas que sendo trabalhada pode ser uma forma de os jovens exprimirem a sua responsabilidade. Porque acho que efetivamente é uma forma que eles têm de manifestar, não é? Porque eles têm pouco espaço também para manifestar a sua autonomia e a sua responsabilidade. Porque nós temos que ser também responsáveis com eles. E isto é uma forma de perceber se eles próprios, sem os nossos inputs diretos, se

são responsáveis de ir passear o cão, ou de cuidar, ou de limpar. Ou se percebem ou identificam até sinais de que o cão não está a cheirar bem, eu tenho que o lavar. E higiene, como é que não é? E pronto, conseguimos também perceber aqui outras perspetivas do jovem também através do cuidado que ele exerce. Mas acho que o básico é mesmo isto, é perceber se temos um jovem capaz de cuidar. Porque o cuidar por si só também é uma tarefa que exige muito de quem está a cuidar, não é? Se nós tivermos uma pessoa que não é capaz de cuidar, exigir-lhe isso é muito violento, não é? Nós temos que primeiro se calhar cuidar dela, para ela aprender a cuidar, não é? Para poder estabelecer um padrão de cuidados, o que é que são os cuidados mínimos e o que é que as pessoas precisam e os animais.

00:16:35 Investigadora

Tem mais alguma coisa a dizer que considere importante?

00:16:39 Profissional 14

Sinto que cada vez mais temos jovens com comportamentos desviantes que acabam por ser vistos como mais um comportamento, mais um comportamento apelativo de estar a fumar umas ganzas ou a beber uns copos ou bateu num colega porque estava muito chateado. E aqui sinto que pode haver uma cultura, não é, de compreensão extrema, porque estes comportamentos têm que ser compreendidos e têm que ser refletidos, não é? Porque eles querem dizer alguma coisa, são um sintoma provavelmente muitas vezes de algo e que têm que ser olhados lá está como isso, como as crianças e os jovens têm que ser olhados de uma forma holística, mas sem ser, claro, desvalorizados. Porque muitas vezes há esta questão de pronto, é uma fase em que está mais rebelde.

00:17:26 Profissional 14

Efetivamente estes comportamentos desviantes surgem muitas vezes em fases de rebeldia, mas surgem também como uma chamada de atenção para algo

interno ou algo externo até que está a acontecer e precisam de muitas vezes de ser sanados em tempo útil enquanto temos crianças disponíveis e jovens disponíveis para essa mudança porque podemos correr no risco de termos adultos...

00:17:50 Investigadora

De entrar numa escalada de criminalidade ou delinquência.

00:17:54 Profissional 14

Sim, e é aquilo que tem acontecido, não é? A delinquência juvenil tem aumentado, a criminalidade juvenil tem aumentado e efetivamente nós não olhamos por estes comportamentos apelativos como sendo suficientes para intervir com um jovem, não é? Ter uma criança com consumo, ou um jovem com consumos é ok, é sinal de alarme, mas até que ponto é que é sinal de alarme, não é? Até que ponto é que efetivamente as estruturas estão empenhadas em sanar estes problemas de uma forma comprometida. Pronto, que haja uma resposta comprometida para estas necessidades que são identificadas.

Profissional 15, (equipa educativa)

(Casa de Acolhimento “D”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:08 Profissional 15

Eu penso que, pronto, hoje em dia o que está na moda na idade deles e na cabeça deles, na forma de ver deles, eu acho que o que está na moda para eles é o que está errado. E muitos deles, eu acho, têm um certo tipo de atitudes para se mostrar, para se impor perante o grupo, para, pronto, marcar a posição deles. E acho que hoje em dia, pronto, nós estamos num país que há modas entre os jovens, eles não tendo muita maturidade, não tendo muita noção das coisas, facilmente adotam o tipo de comportamentos que eles não têm noção das consequências que posteriormente podem vir a trazer. E lá está, acho que é só para dar nas vistas, para se reafirmarem, pronto. Chamadas de atenção. Se não tiverem limites nem uma educação adequada, algum tipo de controlo, as coisas acabam, às vezes, por levar a outros rumos que não os tidos normais.

00:01:29 Investigadora

Quais são as maiores dificuldades sentidas por si ao trabalhar com estes jovens?

00:01:46 Profissional 15

Eu não vejo dificuldades, eu sinto mais que é um desafio. Eu digo desafio porque muitos deles não têm educação, e é um desafio tentar-lhes alterar isso. E depois, é assim como são muitos, se todos eles forem mal-educados, ainda mais desafiante é, porque eles são todos uns espelhos uns dos outros, eles convivem todos juntos, vivem todos juntos. Por isso, não digo dificuldades, digo desafios. Eu, por acaso, liguei-me bem aos miúdos aqui da casa. Realmente não tenho grandes problemas. Claro que eles fazem as traquinices deles, eu tenho duas filhas, todos os miúdos fazem as traquinices deles, é normal. Aliás, se não fizessem, não era bom.

00:02:47 Profissional 15

Mas pronto, acho que isso realmente é... São os tais desafios que nos vão aparecendo, a falta de educação, às vezes as coisas que para eles são normais e para nós não, não há hábitos e lá está. Nós é que os estamos a acompanhar, nós é que lhes temos que dar a base para eles alterarem esse tipo de coisa.

00:03:08 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens? Ou seja, o que é que faz no dia a dia com eles que sente que acaba por fazer com que eles tenham um melhor comportamento?

00:03:28 Profissional 15

Eu acho que nós temos muito que falar com as crianças e temos que lhes mostrar a realidade. E ao dizer mostrar a realidade, nós não... Acho que também não nos podemos esconder ou... Proteger demais. Acho que nós temos que ser transparentes para eles, também de certo modo agir normalmente e pronto... Naturalidade, não é? Porque quanto mais nós não mostrarmos as coisas, a eles... Numa idade mais velha não vão estar preparados para na vida serem alguém. Por isso, uma das estratégias, e eu sou sincera, eu conforme sou com eles, sou cá fora. Sou educada... Ou seja, é criar uma relação com eles. Uma relação com eles dita normal. E através do diálogo, acabar por fomentar a mudança. Acho que quanto mais nós nos pusermos com mesquinhices e com coisinhas, isso não...

00:04:34 Investigadora

Ou seja, ser direta com eles, ser honesta com eles.

00:04:37 Profissional 15

Ser direta, prática, pronto. Muitas vezes eles fazem asneiras... É preciso castiga-los, é? É normal isso, para eles aprenderem. É preciso responsabilizá-los e consciencializá-los. Mas acho que nós temos que ser mesmo diretos, práticos, não estar ali com muita coisinha. Porque depois é muita coisa na cabeça deles e eles... E eles são meios que não têm grandes capacidades.

00:05:03 Investigadora

Ou seja, manipular não é sinónimo da intervenção.

00:05:05 Profissional 15

Não. As pessoas têm que ser práticas e diretas.

00:05:14 Investigadora

E ao nível da ocupação dos tempos livres?

00:05:16 Profissional 15

Pronto, a ocupação dos tempos livres, é importante. Eu gosto muito de passear com eles. Muitas vezes peço para eles me ajudarem nas tarefas de casa porque isso também responsabiliza e ajuda-os a crescer.

00:05:28 Investigadora

Ou seja, fazerem tarefas de autonomia, não?

00:05:30 Profissional 15

Comigo. Cozinhar, limpar, fazer os quartos, pronto. Acho que, pronto, desenhar com eles. Ter assim uma atividade lúdica aqui em conjunto também é bom. Se os meninos forem todos da mesma idade ainda vão se divertir mais. Fazer um jogo, ou ver um filme. Pronto, realmente, adotar estratégias. Muitas vezes não dá para fazer outro tipo de atividade e então nós temos que nos adaptar às situações, não é? Então, adaptar esse tipo de atividades em conjunto. Eles também precisam estar em conjunto. Se alguns se sentir assim, se calhar mais

em baixo. Acho que tirar um tempinho, desde que não afete os outros, para darmos um bocadinho mais de atenção àquele que está precisando mais.

00:06:12 Investigadora

Mais acompanhamento, mais individualidade.

00:06:14 Profissional 15

Sim, sim.

Profissional 16, (equipa técnica)

(Casa de Acolhimento “E”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:08 Profissional 16

Pronto, em primeiro lugar, eu acho que isso começa na família. A fraca estrutura da família leva muitas vezes, ou antes, a não ter uma estrutura concreta, tanto de valores como de ética, como de moral, e isso faz com que os miúdos, muitas vezes, entrem por caminhos com comportamentos desviantes.

00:00:36 Investigadora

Ok, e também, principalmente, a falta de regras, normas, não é? É necessária uma educação para o direito…

00:00:39 Profissional 16

Sim, falta de regras, normas, tem tudo a ver com as rotinas, não é? Tem tudo a ver com as rotinas que implementam nas casas deles, que muitas vezes não têm. Muitos miúdos já chegaram aqui, por exemplo, sem saberem o que era um pijama, para que servia, a que horas comer, a que horas dormir, muitas carências alimentares, não comem legumes, não comem o que é necessário para crescer, porque a família não tem uma estrutura coesa e concisa. Por isso é que a última meta será sempre uma instituição. Se os miúdos não tiverem a retaguarda familiar, como padrinho, os tios, avós, portanto, tem que ser nas instituições o começo de um projeto de vida, com direito, claro.

00:01:30 Investigadora

Quais são as maiores dificuldades sentidas por si ao trabalhar com estes jovens?

Problemas, necessidades? Que emoções e sentimentos estão associados?

00:01:41 Profissional 16

Muitas vezes é difícil chegar aos miúdos, primeiro porque eles não confiam em ninguém.

Vêm de tal maneira desestruturados que não conseguem confiar em nenhum profissional. E é preciso chegar, é preciso primeiro fazer uma avaliação e tentar nos aproximar o mais possível para que eles possam falar dos principais problemas que os afligem. E normalmente são coisas muito simples. Saudades dos pais, saudades da vida que tinham, muita dificuldade em fazer um projeto de vida, de ter regras. E muitas vezes existem conflitos aqui e ali porque eles têm muita dificuldade em aceitar as regras que sejam mais assertivas na sociedade.

00:02:29 Investigadora

E falou naquela questão de ter dificuldade a chegar a eles. Então é muito importante criar uma relação com eles primeiro para depois ter uma intervenção?

00:02:37 Profissional 16

Para ter uma intervenção e tem que ser uma intervenção a longo prazo. Não pode ser uma intervenção ligeira. Temos que ser livres de preconceitos, de discriminações, para saber ouvir, para saber entender os principais motivos que os levaram a ser assim.

00:02:54 Investigadora

E a intervenção é feita no dia a dia?

00:02:56 Profissional 16

Tem que ser uma rotina.

E a relação é criada nesse dia a dia. Nesse dia a dia, os miúdos, uns levam menos tempo, outros levam anos, outros levam dias. Depende da abertura que os miúdos têm para connosco.

00:03:10 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens? Ou seja, o que é que faz no dia a dia, no terreno e a equipa, que acredita que faz com que os miúdos tenham um melhor comportamento?

00:03:27 Profissional 16

Eu acredito, essencialmente, quando eles entram para a instituição, apresentar-lhes as regras. As regras são fundamentais. Quer de dormir, quer de brincar, quer de comer, quer de tudo. Isso é parte fundamental. No caso do miúdo que

tenha carências alimentares, que só come comida plástica e bebe chã... Por exemplo, é muito difícil. Nesses casos das carências alimentares, por exemplo, aqui temos um colega que faz e muito bem. Começa a introduzir os alimentos aos poucos para começar a desenvolver o gosto por comida, textura e para aquilo que essencialmente lhes faz bem. Isso é uma coisa básica, mas muito importante nestes grupos. É muito importante que eles saibam comer, que tenham a noção das refeições.

00:04:39 Profissional 16

Acreditando um bocadinho neles, ouvindo-os, que é muito importante, ouvindo os principais problemas que têm, quais são os seus fantasmas, ir percebendo aos poucos o que é que os faz ser mais úteis, mais felizes, quais são, por exemplo, a nível desportivo, quais são os desportos que gostariam de fazer.

00:04:59 Investigadora

Ou seja, a partir dos gostos, dos interesses deles, mas indo ao encontro dos seus problemas e das suas necessidades.

00:05:05 Profissional 16

E ao encontro, por exemplo, se calhar um miúdo que é hiperativo, que se calhar o futebol, que como já tem acontecido, ameniza muito mais, ele fica muito mais até... Mais relaxado. Mais relaxado e até independente da medicação. Já é um passo. E aos poucos implementando neles um projeto de vida digno. Porque muitas vezes estas crianças chegam até nós com muitos vícios, com problemas de toda a natureza. E depois, quando estão aqui connosco, uma temporada de dois, três anos, que eles começam a se afastar, isto é incrível, mas é verdade, gostam da família, mas começam a distinguir o que é que na família está mal.

00:06:00 Investigadora

Eu tenho conhecimento que nesta casa de acolhimento existe sala de estudo, ou seja, um acompanhamento escolar permanente. Onde está uma educadora que os acompanha e auxiliares de ação educativa que fazem o trabalho consigo. Acha que esse trabalho que é feito diariamente na sala de estudo é importante para que eles tenham melhores notas, passem de ano, valorizem a escola?

00:06:28 Profissional 16

Sim, muitos deles descobrem aptidões que até lá nunca tinham conseguido descobrir. Alguns para a leitura, outros para a matemática e com a rotina e com a escola, sem absentismo escolar, porque na instituição vão à escola todos os dias, é bastante importante eles terem essa rotina até cultural, porque nós continuamos a dar apoio ao estudo, mas fazemos outras coisas. Fazemos atividades de acordo com o gosto de cada um, saímos... Para isso é que existe um plano educativo da sala de estudo, das atividades extracurriculares e enquanto técnica do terreno, eu acho que isso é muito importante, se não uma das coisas mais importantes também.

00:07:14 Investigadora

Como é que é a rotina da sala de estudo?

00:07:16 Profissional 16

A sala de estudo funciona assim, funciona como um apoio extra escola, portanto, os jovens chegam aqui e a primeira coisa que fazem é ter um espaço agradável, onde se sintam bem, em primeiro lugar, tento fazer isso, chegarem da escola, boa tarde, bom dia, o que é que fizeste, o que é que não fizeste, e depois começam as tarefas escolares, trabalhos, sempre com o apoio daqui, orientar, da pessoa em questão e dos meus colegas que fazem todo um trabalho de orientação de estudo, têm essa rotina, fazem a pasta, saem daqui, vão lanchar, vão fazer uma atividade, depois vão dormir e pronto, e acho que isso é muito importante. Também para a parte escolar, para eles terem algum apoio e para

terem uma ferramenta mais tarde que se possam servir para ter um emprego, pelo menos para fazer parte do projeto de vida.

00:08:08 Investigadora

Ok, eu sei que vocês também desenvolvem algumas atividades nesta casa de acolhimento, ou seja, ocupação dos tempos livres, acha que é importante na diminuição dos comportamentos desviantes?

00:08:17 Profissional 16

É importante, por exemplo, tenho aqui um caso de três irmãos que chegaram aqui que nunca tinham ido à praia, por exemplo, uma das atividades mais corriqueiras, digamos assim, passo a expressão, de ir à praia, que nunca tinham ido à praia.

00:08:29 Profissional 16

Uns miúdos muito amedrontados, porque tiveram muito tempo sozinhos, sem pais, portanto, a maior parte do tempo estavam sozinhos, absentismo escolar, muito medrosos, com muita dificuldade de se aproximar do mar, hoje já sentem mais confiança, cada vez que vejo que os anos vão aumentando, que já são três, vejo que ao fazerem este tipo de atividades, ao abrirem os horizontes deles, seja para o que for, seja para ir ao museu, seja para ir à praia, seja para ir à piscina, abriu-se-lhes um mundo diferente, que não conheciam e foram capazes de perceber, eu também posso fazer parte disto, eu também consigo estar aqui, eu também consigo ir ao mar, portanto, e esta evolução é sempre a longo prazo, é sempre a longo prazo.

00:09:16 Investigadora

Ou seja, é muito importante também mostrar-lhes novos horizontes.

00:09:20 Profissional 16

Mostrar-lhes novos horizontes para lá daquela realidade que eles tinham, que era uma realidade paralela, e assim, mostrar outras e novas coisas que existem e lhes fazem bem.

00:09:28 Investigadora

Outras realidades, não é?

00:09:28 Profissional 16

Sim à saúde mental, à saúde física, ao emocional, a tudo, e isso é um trabalho que eu e os meus colegas temos tentado fazer e temos nos saído bem. Regra geral, temos nos saído muito bem e eu fico muito contente por ver esse desenvolvimento dos miúdos. Claro que há sempre exceções à regra, não é?

Mas no geral, conseguimos.

00:09:49 Investigadora

Há mais alguma coisa que considere importante dizer para esta proposta de diretrizes para a reabilitação de jovens com comportamentos desviantes no acolhimento residencial?

00:10:08 Profissional 16

Eu gostava mais de poder dinamizar mais com outro tipo de estratégias. Por exemplo, culturais, parcerias, já existem, por exemplo, com o Futebol Clube Porto, não sei se posso dizer. Existe o protocolo Futebol Clube Porto, uma bolsa que os miúdos da casa receberam, têm que corresponder àqueles requisitos, porque se não tiverem por exemplo, boas notas na escola perdem a bolsa, mas pronto. E gostaria que houvesse mais parcerias a nível cultural, quer a nível cultural e não só. Em regra geral, parcerias com hospitais, com isto, com aquilo.

Há, mas gostava que houvesse mais, principalmente no acompanhamento psicológico, que é o que eu acho que faz mais falta!

00:10:45 Investigadora

Ou seja, o trabalho não é só feito nas casas de acolhimento. A sociedade toda tem que trabalhar para que isto funcione.

00:10:51 Profissional 16

Principalmente a nível psicológico, porque estes miúdos precisavam de um acompanhamento mais contínuo. Mas não é a casa que tem culpa, é mesmo o sistema.

00:10:59 Investigadora

Ou seja, é necessário um trabalho em rede.

00:11:01 Profissional 16

É mesmo o sistema, porque até agora nós trabalhávamos em rede, como a educadora sabe, trabalhávamos aqui em rede com diversas parcerias a nível psicológico e essas parcerias foram-nos tiradas. No ano passado, existiam uns psicólogos que vinham até a casa de acolhimento, se bem que não era o ideal, mas já era alguma coisa. E agora não há. Os miúdos deslocam-se às consultas, quando são marcadas e muito espaçadas no tempo.

Profissional 17, (equipa técnica)

(Casa de Acolhimento “E”)

00:00:01 Investigadora

Por que razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:09 Profissional 17

É assim, eu penso que a maior parte dos jovens que estão integrados aqui na casa de acolhimento, vêm de famílias desestruturadas, que lhes proporcionaram uma visão de comportamentos desviantes, já nascem num seio de famílias onde existem comportamentos desviantes, e eles acabam por apreender esses comportamentos. É-lhes incutido isso.

00:00:33 Investigadora

Quais as suas maiores dificuldades ao trabalhar com estes jovens? Que problemas de necessidade estão associados?

00:01:14 Profissional 17

Em nós, acaba por criar aqui uma certa revolta, em nós não, em mim, acaba por criar uma certa revolta, que claro que tentamos combater aqui, mas lidar com eles será primeiro tentá-los acalmar, e isso é uma tarefa difícil, para depois tentar conversar com os mesmos e acalmá-los, compreender essa situação, fazê-los ver que realmente não é o modo de agir certo, e isso é uma dificuldade muito grande ao lidar com estes jovens.

00:01:52 Investigadora

Ou seja, fazer contenção emocional principalmente?

00:01:56 Profissional 17

Sim, sim, sim, porque eles estão muito nervosos, só conseguem ver aquela forma de agir, e nós temos de tentar dar-lhes a entender qual é a forma correta, porque claramente não é aquele comportamento desviante que eles tiveram.

00:02:10 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens? Ou seja, o que é que faz no terreno e vê também os outros profissionais a fazer no terreno, que considera que ajudam na melhoria do comportamento dos jovens?

00:02:28 Profissional 17

Aqui é um trabalho que tem de ser multidisciplinar, não é um trabalho só comigo, mas tem de ser também com uma psicóloga, tem de ser com uma pedopsiquiatra, e é um trabalho em conjunto em que temos de conversar várias vezes para entender aquele comportamento, e cada uma das entidades vai dar o contributo para ajudar na diminuição deste comportamento desviante. Nós aqui na casa tentamos primeiro, é o que eu dizia, a primeira abordagem é conversar com eles, fazer-lhes entender que não está correto aquilo que eles estão a dizer, a fazer, depois, dependendo da reação deles, aplicamos também o castigo, e depois partimos para isso. Para as outras entidades conversamos com a psicóloga, conversamos com a pedopsiquiatra, conversamos com técnicas da EMAT, isto é tudo um trabalho multidisciplinar.

00:03:25 Investigadora

E no que concerne ao terreno, no dia a dia, o que é que acha que os profissionais fazem, e o que faz também que ajude a lidar com estes jovens no dia a dia? Já tinha falado anteriormente das consequências negativas dos castigos, certo? Há mais alguma coisa, alguma estratégia que utilizem para além dos castigos?

00:03:43 Profissional 17

Também o conversar.

00:03:46 Investigadora

E ao nível das consequências positivas, também existe?

00:03:51 Profissional 17

Consequências positivas? Sim, claro que sim, porque é através do reforço positivo que poderemos obter a diminuição dos comportamentos desviantes deles. Nós tentámos, nessa conversa, fazemos entender que realmente nós queremos o melhor para eles, e que eles ao terem esse comportamento desviante, ao diminuírem esse comportamento desviante, existirá uma maior probabilidade de atingirem os seus objetivos, que a maioria dos objetivos destas crianças é sair mesmo desta casa de acolhimento e voltar para a família.

00:04:32 Investigadora

Sim, acha que as famílias são muito importantes também nesta intervenção com eles, na melhoria do comportamento deles? Ou seja, também trabalhar com as famílias de modo a que eles acabem por melhorar o seu comportamento?

00:04:45 Profissional 17

Sim, sem dúvida, são parte fundamental. Nós tentámos aqui realizar um trabalho, como já disse, multidisciplinar, em que as famílias estão envolvidas e elas sabem de todas as situações que acontecem, quer os comportamentos desviantes que eles têm, quer as situações positivas que acontecem no dia a dia deles.

00:05:08 Investigadora

Sim, eu sei que existe aqui uma sala de estudo, qual é a sua opinião sobre a sala de estudo?

00:05:13 Profissional 17

Ah, é fundamental, sem dúvida, não só pela parte do estudo, em que se dá aqui este apoio escolar, mas também é um espaço de convívio, em que eles estão todos juntos, existe aquela figura de referência, em que eles podem sempre ver essa figura de referência, por isso é sem dúvida muito importante.

00:05:32 Investigadora

E acaba por ser também muito importante porque ajuda a que eles passem de ano, não é?

Que tirem melhores notas.

00:05:37 Profissional 17

Sim, sem dúvida, a nível escolar é fundamental, a partir de existir ali um estudo... Diário, não é? Personalizado só com aquela pessoa, em que aquela pessoa ajuda nas dificuldades da criança, é muito importante.

00:05:53 Investigadora

E ao nível da ocupação dos tempos livres? Das atividades que são feitas?

00:05:56 Profissional 17

Obviamente que nos tempos de férias existem muitas mais atividades disponíveis, porque em tempos de escola o tempo deles é muito limitado. Nós tentamos sempre que além do estudo, da sala de estudo, eles também tenham

explicações, têm sempre um hobby que é futebol, e eles é que escolhem um hobby de futebol, de natação... Aqui em casa temos bastantes livros, em casa eles gostam de ler, temos o computador, lá fora temos um campo de futebol, e eles passam bastante tempo lá, quando o tempo propicia isso.

Profissional 18, (equipa educativa)

(Casa de Acolhimento “E”)

00:00:06 Investigadora

Porque razão considera que os jovens têm mau comportamento? Quais os motivos?

00:00:13 Profissional 18

Mas a nível institucional, não é? Os jovens no geral?

00:00:18 Investigadora

Sim, sim, no geral, mas o foco é a nível institucional.

00:00:22 Profissional 18

É, pois é, isso que eu ia dizer. Pronto, a nível geral, eu acho que é mau acompanhamento dos pais. E o próprio sistema escolar também não está a ajudar. Também está muito mau. A nível de instituição, acho que, como eles vêm com falta de regras, têm mais dificuldade em cumprir as regras.

00:00:46 Investigadora

Quais são as suas maiores dificuldades ao trabalhar com estes jovens?

Problemas, necessidades?

00:00:52 Profissional 18

Olha, as minhas maiores dificuldades é chegar a eles.

00:00:55 Investigadora

Criar uma relação com eles?

00:00:56 Profissional 18

Criar uma relação com eles. E eles vêm tão revoltados, e os pais também não ajudam, que nos dificulta chegar a eles e a compreender o que é que eles precisam para se sentirem melhores e tentarem sair daqui o mais rápido possível das instituições para integrar a família. É isso que é a dificuldade. É o fechamento dos jovens.

00:01:16 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes destes jovens? Ou seja, o que é que faz no terreno, e vê também os seus colegas a fazer no terreno, que acha que ajuda a que estes jovens tenham um melhor comportamento?

00:01:31 Profissional 18

Pronto, é assim. A nível de sempre que se puder facultar o desporto, acho que se deve facultar o desporto. A tecnologia um pouco, aliás, moderada. Acho que também é ir e passear com eles o máximo possível, tirar dentro de paredes, arejar o máximo possível por outros sítios que eles queiram conhecer e se sintam bem.

00:01:58 Investigadora

Ou seja, partir dos gostos e dos interesses deles e ocupá-los, mantê-los sempre ocupados.

00:02:03 Profissional 18

Exatamente, tentar sempre mantê-los ocupados.

00:02:03 Investigadora

Ok, e como falou anteriormente, principalmente também tentar trabalhar com a família, certo?

00:02:11 Profissional 18

Sim, sempre que possível tentar trabalhar com a família para que a família depois possa ser estruturada para receber outra vez os jovens. Porque se eles foram tirados é porque houve uma falha na família.

00:02:24 Investigadora

Ok, e criar com eles um projeto de vida, então?

00:02:26 Profissional 18

Sempre, sempre com um objetivo de vida. Seja ele académico, seja ele profissional.

00:02:32 Investigadora

Ok, eu tenho conhecimento que vocês aqui têm uma sala de estudo, certo? O que é que acha da sala de estudo? Acha que é importante?

00:02:38 Profissional 18

Sim, o acompanhamento escolar acho que é importante. E não só a nossa educadora social, como os professores que nos apoiam para que eles possam ter melhores resultados a nível escolar. E que aprendam a estudar, porque muitas vezes é falta saber estudar.

00:02:57 Investigadora

Há mais alguma coisa a considerar importante dizer?

00:03:00 Profissional 18

O nosso sistema. O nosso sistema devia ajudar mais as instituições a terem resultados. A nível dos miúdos que vêm muito revoltados, são mais violentos, a sociedade muito mais violenta, não temos resposta para isso nem ajuda. E é praticamente o sistema. Mudar um bocado o sistema. A nível educativo e a nível corretivo.

00:03:30 Investigadora

Acha que era interessante os miúdos terem um animal? De forma a desenvolverem mais o cuidado, a empatia?

00:03:35 Profissional 18

Acho, acho, porque em tempos, em tempos, que eu já trabalho nisto há mais de 30 anos, em tempos nós tínhamos animais em que nós notávamos que os miúdos se relacionavam mais com os animais, eram mais dóceis e o animal em

si ajuda também a... A desenvolver empatia. A empatia, tanto com o adulto como com o animal. Acho que sim.

00:04:00 Investigadora

E qual a sua opinião sobre as tarefas domésticas e da autonomia? Acha que era importante eles começarem a aprender a cozinhar, a limpar, a fazer tarefas?

00:04:08 Profissional 18

Sim, mas é difícil. Isto era essencial, mas é difícil. Atualmente é difícil. Como está a nossa sociedade é difícil pô-los a trabalhar. Vamos voltar toda vez ao sistema, porque o sistema disse que eles estavam aqui e não era para trabalhar, era para estudarem e para estarem salvaguardados. Nós não podemos obrigá-los a trabalhar, mas isto era o essencial, é que eles saírem daqui uns homens e umas mulheres a saber cozinhar, a saber lidar uma casa, a saber gerir o dinheiro. Educá-los para o direito. Para uma sociedade futura que vai ser deles e vai ser nossa, mas nossa já é um bocado, já passou um bocado, mas vai ser deles, o futuro vai ser deles, para eles serem autónomos e não caírem no erro que os pais fizeram.

Profissional 19, (equipa educativa)

(Casa de Acolhimento “E”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos?

00:00:37 Profissional 19

Olha, os motivos são vários, não é? Muitas vezes também é por causa do comportamento dos pais, falta de limite, educação, não é? Um pai que não sabe dar limite aos seus filhos, não tem como o filho ter um bom comportamento, ou um comportamento adequado, porque os filhos são espelho daquilo que os pais transmitem, não é? Então, a falta ou o déficit desse comportamento, que nós podemos constatar da parte dos pais, afeta os filhos. E por isso é que nós temos muitos miúdos que não tem limite, não tem educação nenhuma, não sabem falar, não é? Então, este é um dos motivos.

00:01:27 Investigadora

Então, a seu ver, os miúdos não precisam só de ter tratamento, certo? Uma educação para o direito, mas os pais também precisavam de receber intervenção?

00:01:35 Profissional 19

Sim, precisam de fazer um acompanhamento, porque nós podemos trabalhar com as crianças que há na instituição, mas encontramos em contrapartida a dificuldade em se relacionar com os pais, por falta dos bons comportamentos, ou porque os pais não querem colaborar. Há pais que são muito agressivos, por simples coisas que os miúdos fazem, eles já vêm praticamente com o comportamento de querer agredir um educador. Portanto, é difícil tu trabalhares só o filho e não o pai também. Os pais também carecem, sim, senhora, ou podem ter um acompanhamento.

00:02:17 Investigadora

E esse acompanhamento tem que ser somente por entidades externas à casa de acolhimento ou considera que a própria casa de acolhimento deveria ter determinados profissionais que também trabalhassem com a família?

00:02:30 Profissional 19

Sim, no meu ponto de vista, estava de acordo que a casa de acolhimento tivesse intervenção também com a família, porque o psicólogo que acompanha o filho, podia também acompanhar os pais, porque por terem...

00:02:42 Investigadora

Ou seja, uma pessoa da equipa técnica, certo?

00:02:44 Profissional 19

Exatamente, um psicólogo, por exemplo, da casa, uma psicóloga ou um psicólogo da casa poderia acompanhar também as famílias. Este seria o meio mais adequado, mas há déficit também de psicólogos, por exemplo, a casa também, não tem psicólogo para todos os miúdos, há sempre um ou outro que está fora e às vezes é o que mais precisa. Então, fica um bocado difícil fazer acompanhamento também com as famílias, mas é uma boa, quer dizer, é um bom começo, né? Se a casa também tivesse possibilidade de ajudar a família e disponibilidade, acompanhamento mesmo, reeducar, que é muito importante.

00:03:33 Investigadora

Reeducação e reinserção social, não é?

00:03:35 Profissional 19

Reeducação e reinserção, porque há pais que também não têm trabalho. Sabese lá como é que essas pessoas vivem, além do rendimento mínimo que eles recebem? Nós não sabemos, precisam de apoio, não só financeiro, social e também psicológico.

00:03:51 Investigadora

Empoderamento, não é?

00:03:52 Profissional 19

Empoderamento, exatamente, é necessário tudo isto, porque há pais que às vezes rejeitam levar os seus filhos por falta de condições. Se não tiver o que dar ao seu filho para comer, como é que vai levar o filho a casa? Não tem como.

00:04:08 Investigadora

Ou seja, não são só as crianças que precisam de ajuda, os familiares também precisam de ajuda.

00:04:12 Profissional 19

Os familiares também precisam de ajuda. A investigadora falou muito bem do empoderamento, é muito importante, não é? Tem que haver empoderamento, a pessoa tem que ter liberdade financeira, tem que pensar no desenvolvimento pessoal e económico, até para a própria família. Então, se a pessoa desenvolver esse lado econômico, pessoal também, desenvolvimento pessoal, que é importante pensar positivo, ter atitudes, consegue ajudar o filho. O filho sai da instituição, deixa de ser institucionalizado e vai para a casa dos pais, e aí terá um bom acompanhamento ou estará num lar, praticamente.

00:04:59 Investigadora

Quais são as maiores dificuldades sentidas por si ao trabalhar com estes jovens?

00:05:04 Profissional 19

Olha, a maior dificuldade muitas vezes é não ser compreendida ou não ter uma equipa coesa, que todos pensem juntos. É difícil pensarmos todos juntos, mas

que todos pelo menos remassem pelo mesmo lado, que é educar, primar pela educação dessas crianças. Por exemplo, a dificuldade que eu vejo mais é a equipa. Se eu fizer uma coisa, há quem pode não aprovar a minha atitude, mas também a atitude não é má. Mas o colega, por ciúmes ou por alguma questão pessoal, pode impedir-me de fazer alguma coisa, uma atividade que possa ajudar essas crianças. Então essa é a dificuldade, a sabotagem, isso existe. Se um colega não tiver competências, que é para ajudar o outro, olha como se aquela pessoa quisesse tirar o lugar. Mas não há lugar, aqui não estamos a competir para ninguém, nós estamos a fazer tudo para ajudar os miúdos.

00:06:25 Investigadora

Então acha que é essencial que a equipa trabalhe em conjunto, que a intervenção seja unificada, ou seja, todos nós somos diferentes, mas todos deveríamos trabalhar da mesma forma?

00:06:36 Profissional 19

Sim, na educação das crianças. Não facilitar, por exemplo, nessas instituições existe muita facilidade por parte de alguns educadores. Se um, por exemplo, a hora de dormir são nove e meia. Se todos cumprirem essa regra, os miúdos portam-se melhor. Agora, suponhamos que uma deita nove e meia e outras às dez, o que vai haver? Vai haver conflitos. Os miúdos vão se revoltar com aquela educadora que quer cumprir as regras. Então essa é a maior dificuldade, trabalhar em equipa todos nós. Uns querem ser mais bonzinhos do que os outros e não ajuda o facto de querer ser bonzinho.

00:07:27 Investigadora

E basta um profissional não cumprir, acaba por desestabilizar completamente.

00:07:30 Profissional 19

Desestabiliza tudo, desestabiliza todo o programa da casa.

00:07:35 Investigadora

Então o alicerce, basicamente, da reabilitação destes jovens, passa muito pelo trabalho em equipa, pelos profissionais?

00:07:41 Profissional 19

Sim, porque se a equipa for coesa, eles não têm como terem um comportamento desadequado. Por exemplo, neste preciso momento, nós estamos a trabalhar quase todos juntos e os miúdos estão bem. Porque eles já deram conta disto. Sabem que se fizeram alguma coisa, estão de castigo. E mesmo se a funcionária não estiver presente, ele vai cumprir aquele castigo, porque a funcionária passa o castigo para outro turno. Os miúdos sentem-se bem. Sentem-se bem quer dizer, como posso dizer, eles sentem segurança, sentem que os funcionários estão unidos. Agora, se não houver isto, é complicado.

00:08:29 Profissional 19

Os miúdos são muito inteligentes, começam a fazer jogos de cintura, até para meter os funcionários uns contra os outros. Porque eles são muito inteligentes, as crianças são muito inteligentes. Portanto, se a equipe não for coesa, então estraga. O bom de tudo é estarmos todos unidos. Mesmo em casa, o pai quando está corrigindo, a mãe não pode reclamar. Todos têm que trabalhar juntos, têm que concordar com o castigo, com os ralhetes que têm que dar nos filhos.

00:09:08 Investigadora

E essas situações deveriam ser discutidas, por exemplo, em reuniões? Deveriam haver mais reuniões entre os profissionais, de forma a chegar a um consenso de intervenção no que concerne às regras, aos castigos, não sei.

00:09:23 Profissional 19

Sim, mensalmente. Eu penso que deveria haver uma reunião mensalmente. Este é o mínimo. Para uma casa funcionar corretamente. E os miúdos também. Porque é na reunião que nós falamos das nossas dificuldades todas, expomos todos os nossos problemas. Então, se houver um feedback positivo, teremos mais estratégias de coping para dar resultado ao comportamento desses miúdos. Vamos ajudar melhor os miúdos.

00:10:01 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes dos jovens? Ou seja, o que é que faz no terreno e que vê também os profissionais a fazerem, que acha que ajuda na melhoria do comportamento dos jovens?

00:10:17 Profissional 19

Olha, uma das estratégias é fazer muitas atividades com os miúdos. Não deixá-los muito nos telemóveis, brincar com eles, ficar mais atento aos estímulos que eles apresentam estranhos, o porquê daqueles comportamentos estranhos. Se calhar na escola teve um dia pesado, difícil. Só o fato de chegarem à casa, só o fato de chegarem na instituição, ter um educador que possa ouvi-lo, ter escuta ativa, ouvir os problemas dele, já é importante. E também trabalhar com eles o comportamento cognitivo, intelectual, psicomotor, fazer desenhos...

00:11:00 Investigadora

Tive conhecimento que vocês desenvolveram aqui na casa de acolhimento duas atividades importantes. Em que é que consiste a primeira atividade?

00:11:09 Profissional 19

Olha, a primeira atividade nós falamos do medo. Os miúdos têm muito problema de medo cá na instituição, outros têm trauma.

00:11:17 Investigadora

Ou seja, partiu de um problema e de uma necessidade que estava assente nos miúdos naquele momento na casa de acolhimento.

00:11:26 Profissional 19

Então nós trabalhamos isso com os miúdos, mas propusemos estímulos. Quem conseguisse vencer aquele medo, aquele trauma, teria um estímulo no fim.

00:11:41 Investigadora

O estímulo era uma consequência positiva, certo?

00:11:43 Profissional 19

É positiva, sim.

00:11:44 Investigadora

E o miúdo era avaliado a médio prazo, certo?

00:11:47 Profissional 19

Sim, sim, por aí três meses. Foi por aí três meses consecutivos e mensalmente, duas vezes por mês. Eu faço isso aos domingos, que tenho mais tempo. Avaliava o comportamento e dava estímulo em termos de elogios. Reforços positivos. Eu reforçava, olha, estás a caminhar bem, conseguiste superar a noite passada, então estás a caminho de receber um estímulo no final desse processo todo.

Então isso ajudou imenso. Ajudou a todos mesmo. A todos. Eles fizeram e receberam estímulo.

00:12:36 Investigadora

Depois a atividade terminou porque ultrapassou os três meses, certo... E qual foi a consequência positiva que os meninos tiveram?

00:12:46 Profissional 19

Olha, foram prémios. Foram prémios daquilo que eles gostavam. Por exemplo, uma camiseta mini, porque é fã da mini. Umas sapatilhas, umas pantufas porque já não tinham pantufas. Coisas que eles gostam. Tem que ser uma coisa que eles dizem vale a pena lutar por aquilo. Então tem que ser um estímulo bom. Não pode ser sempre doces e não sei o quê. Isso faz mal também.

00:13:09 Investigadora

Ou seja, o que tu plantares, colhes.

00:13:10 Profissional 19

Exatamente. Então se tu não plantar, eu, por exemplo, os que não tiveram ficaram sentidos. Os que não quiseram participar, desta vez estão a participar. Então tu sentes que acabaram por... Aderir. Aderir por causa do exemplo que viram dos outros. E muitos diminuíram o comportamento da agressividade, da violência, até ao falar aquele ar prepotente. Já se vê que não se nota muito. Estão a fazer mesmo esforço. Porque é contínuo. É um processo. Eu chamo isso de série comportamental. E neste momento estamos a trabalhar a gratidão, a responsabilidade e o respeito.

00:13:58 Investigadora

Ou seja, estão a trabalhar determinados valores. Que sentem que eles não têm muito.

00:14:03 Profissional 19

Não têm. Por exemplo, no Natal houve uma situação que eu fiquei, não só eu, mas as técnicas também ficaram um bocado envergonhadas por causa dos miúdos. Que não foram gratos. Houve muitas pessoas boas, desconhecidas, que ofereceram presentes aos miúdos. E alguns miúdos não foram gratos. E atiraram no chão e tudo mais. Então eu peguei naquilo que lhes falta. Nós focámo-nos naqueles valores que eles precisam desenvolver.

00:14:37 Profissional 19

E nota-se hoje, por exemplo, no discurso da doutora. Hoje a nossa casa de acolhimento faz anos. A doutora fez um pequeno discurso a dar a conhecer aos miúdos, a importância da instituição e tudo mais. E a fundação dessa instituição. E disse que iam ter um jantar, assim, um bocado diferente. E logo um menino disse, obrigada doutora. Lembraram-se todos, obrigada, obrigada. Isso quer dizer, lembraram-se da atividade, da importância da atividade que eles estão a fazer. De agradecer, porque se não fizessem isso, seriam cobrados no fim de semana, que nós estivéssemos reunidos e tudo mais. Então eles lembraram-se daquilo. E a pessoa que falou primeiro, eu dei-lhe parabéns.

00:15:32 Investigadora

E vocês então lançam um desafio, algo que o miúdo tem que desenvolver, tem que melhorar, evoluir. Caso ele consiga desenvolver isso, acaba por ser recompensado, acaba por ter uma consequência positiva, certo?

00:15:46 Profissional 19

Sim, sim, sim. Acaba por ter uma consequência positiva. Normalmente dura entre 3 a 4 meses.

00:16:06 Investigadora

E eles são avaliados todos os dias?

00:16:11 Profissional 19

Acabamos por reunir todas as semanas com os miúdos, e eles são avaliados todos os dias. Estas reuniões são para dizer, para fazer lembrar os pontos que estamos a trabalhar e dar feedback. É importante isto, que nós façamos lembrálos de tudo que eles estão a trabalhar. A forma como eles falam... Por exemplo, se alguém quiser gritar, eu digo, olha, tenha cuidado com o ponto que tu estás a trabalhar, tu vais bem. Há um estímulo, um elogio para essa pessoa continuar.

00:16:45 Investigadora

Ou seja, não é tudo consequências negativas, tudo castigos.

00:16:48 Profissional 19

Não, não, não.

00:16:49 Investigadora

Também é essencial consequências positivas.

00:16:51 Profissional 19

Positivas, isso é importante. E o elogio, é importante para que essa pessoa continue. É importante elogiá-los quando fazem alguma coisa boa. Se pedir desculpa a um funcionário.

00:17:05 Investigadora

Por exemplo, eles aqui têm um livro vermelho onde é escrito as coisas erradas que eles fizeram. Acha que era importante ter, por exemplo, um livro diferente, outra cor, onde houvesse essa referência de coisas boas que eles sabem e fazem?

00:17:17 Profissional 19

Sim, sim, sim. Eu acho isso importante. Uma das colegas até já sugeriu um desses livros.

Só que nem todos os colegas estão disponíveis para escrever no livro.

00:17:39 Investigadora

Ou seja, era muito importante haver um trabalho de equipa.

00:17:41 Profissional 19

Era muito importante. E uma das dificuldades é essa. Não pode ser só uma funcionária apenas a escrever aquele estímulo todo para todos. Mas outros não escreverem. Então cansa, é cansativo. Era necessário todos fazerem isso.

Poderia ser a regra da casa, por exemplo. Antes de sair, falar quem se portou bem naquele dia, quem não se portou bem e tudo mais. E, por exemplo, uma avaliação do comportamento, sim, que é importante. E esse livro não precisava estar escondido na gaveta. Ficava na mesa e os miúdos teriam acesso de ver os seus comportamentos. Isso estimula mais... Ontem me portei bem, ontem fiz...
Então vou fazer melhor hoje.

Profissional 20, (equipa educativa)

(Casa de Acolhimento “E”)

00:00:01 Investigadora

Porque razão considera que os jovens apresentam comportamentos desviantes? Quais os motivos? Ou seja, os jovens normalmente numa casa de acolhimento portam-se mal, certo?

00:00:12 Profissional 20

Sim. Olha, assim, acho que tem vários fatores, mais um que eu acho mais... Que eu sinto que é a revolta que eles têm. Acho, na minha opinião, que por não estar com a família e tudo, eles querem descontar nos funcionários, nas pessoas. E demonstram isso fazendo malcriação.

00:00:36 Investigadora

A revolta que eles têm de terem sido retirados à família...

00:00:39 Profissional 20

É, penso isso.

00:00:42 Investigadora

Quais são as maiores dificuldades sentidas por si ao trabalhar com estes jovens?

Problemas, necessidades?

00:00:49 Profissional 20

O problema maior que eu acho é quando eles são muito agressivos. E quando a gente, claro que tem que se defender, mas quando eles são muito agressivos é bem complicado. Porque eles não são agressivos só verbalmente, alguns mesmo tendem a nos magoar, a machucar.

00:01:05 Investigadora

Então a sua dificuldade é fazer contenção emocional e contenção física?

00:01:09 Profissional 20

Sim, sim, sim.

00:01:10 Investigadora

E como é que acha que o funcionário deve proceder nesses momentos? Fazêlo sozinho ou trabalhar em equipa?

00:01:18 Profissional 20

Eu acho assim, ter uma equipa preparada para isso e um colaborador ajudar o outro, porque um sozinho não consegue.

00:01:26 Investigadora

Principalmente ao nível da contenção física?

00:01:28 Profissional 20

Sim, sim. Não tem forma alguma de conseguir sozinho.

00:01:31 Investigadora

E que emoções e sentimentos estão associados quando isso acontece?

00:01:38 Profissional 20

Ai, fico muito nervosa. Eu também, assim, eu preciso me capacitar mais nesse modo. Mas assim, eu me sinto nervosa porque não consigo ver um miúdo bater no outro ou bater no funcionário. Eu fico emocionada. Eu tento fazer a contenção e tudo, mas eu fico mais nervosa.

00:01: Investigadora

E com medo, se calhar.

00:01:58 Profissional 20

E com medo de me machucar, alguma coisa assim do género.

00:02:01 Investigadora

Que estratégias psicossociais e educativas considera que são úteis na diminuição dos comportamentos desviantes destes jovens? Ou seja, o que é que faz no terreno no dia-a-dia quando trabalha com estes jovens que acha que ajuda a melhorar o seu comportamento?

00:02:17 Profissional 20

Olha, pelo menos comigo, funciona da forma quando eu vejo que eles estão muito nervosos, muito agressivos. Eu vou no diálogo, tento conversar, chamo, procuro entender e procuro e saber aprofundar na situação de cada um. E dar

uma opinião, dar um aconchego, conversar. Porque não adianta só ter aquela voz de, como se diz... De autoridade. De autoridade, de só obrigar de só impor regras. Também tem que saber entender e tentar conversar com eles para ver o que é que se passa.

00:02:44 Investigadora

E ao nível das atividades, da ocupação dos tempos livres, acha que é importante eles fazerem atividades?

00:02:50 Profissional 20

Muito, acho muito. Porque aí eles não vão ficar pensando em besteiras ou em agressões e tudo. Vão estar ocupados fazendo uma coisa interessante e vão ficar felizes.

00:03:01 Investigadora

E ao nível das tarefas de autonomia, acha que é importante eles...

00:03:03 Profissional 20

Muito importante, muito importante. Muito importante porque daqui vão ser jovens que não vão ficar aqui para sempre. Vão ter a casa própria, vão ter marido ou esposa. Então assim, vão aprender a fazer alguma coisa. E têm que aprender a fazer alguma coisa, na minha opinião, têm.

00:03:18 Investigadora

E o que é que acha do acompanhamento que é feito nesta casa de acolhimento ao nível escolar? Acha que é importante eles terem esse acompanhamento permanente?

00:03:25 Profissional 20

Sim, sim. Muito importante. Escolar, principalmente, porque é um nível assim... Muito importante da vida da pessoa. Hoje em dia é tudo praticamente.

00:03:36 Investigadora

Acha que era interessante e importante estas crianças de casas de acolhimento terem um animal?

00:03:43 Profissional 20

Acho... Depende do local, mas nessa casa aqui que a gente está não acho viável.

00:03:48 Investigadora

Não? Porquê?

00:03:51 Profissional 20

Ai, não sei. Eu não me vejo aqui eles a terem um animal porque...

00:03:59 Investigadora

Acha que se eles tivessem um animal tinha que haver ali uma componente pedagógica?

00:04:06 Profissional 20

É, porque assim, eles gostam de animais.

00:04:09 Investigadora

E eles tinham que ser supervisionados no cuidado que davam a esse animal...

00:04:12 Profissional 20

Sim, eu acho que ia dar um pouco de confusão, conflito entre cuidados, porque um ia querer... Só no início também iam querer todos dar carinho para o animal, mas depois eu não acho que ia ficar...

00:04:22 Investigadora

Então talvez fosse necessário implementar, por exemplo, todos os dias uma pessoa, um miúdo, para cuidar desse animal e acabar por se responsabilizar e desenvolver mais o valor da empatia, cuidado e responsabilidade?

00:04:39 Profissional 20

Agora sim, concordo com você. Mas, ou seja, um miúdo por dia, não é? Ia haver uma tabela de cuidados que cada criança, cada jovem teria que dar àquele animal diariamente... Porque também ia testar o afeto deles pelo animal e saber cuidar. Por esse lado, sim.

00:04:59 Investigadora

Há mais alguma questão que acha que é importante de falar sobre miúdos que tenham comportamentos desviantes?

00:05:08 Profissional 20

Para mim, eu que acho que eles são mais revoltados. Também tem a forma também de, como se diz, o que é a família em casa pode também interferir muito no pensamento dele aqui, em conjunto com as crianças.

00:05:24 Investigadora

Ou seja, também a família precisa de ser tratada, precisava de um acompanhamento, não só o jovem, mas também a família.

00:05:30 Profissional 20

Também, sim, sim. Para poder ajudar. Porque às vezes a família lá fora não tem o acompanhamento correto, e às vezes a casa de acolhimento ensina de uma forma e em casa é outra e acontece que eles vão passear em casa (por exemplo fim de semana). E quando voltam, voltam mesmo transtornados. Não querem obedecer às regras, não querem obedecer aos funcionários e nada disso. Então, assim, acho que seria muito importante a família também ter um acompanhamento.